



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO  
BÁSICA (PPGEEB)

DÉBORA CUNHA FREIRE

**As estórias da casa velha da ponte e a formação de leitores  
literários na educação básica**

GOIÂNIA  
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES  
E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico**

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

**2. Nome completo do autor**

Débora Cunha Freire

**3. Título do trabalho**

AS ESTÓRIAS DA CASA VELHA DA PONTE E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO\*

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por Celia Sebastiana Da Silva, Professor do Magistério Superior, em 26/08/2024, às 14:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por Debora Cunha Freire, Discente, em 10/12/2024, às 14:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 4772818 e o código CRC 251F885A.

DÉBORA CUNHA FREIRE

**As estórias da casa velha da ponte e a formação de leitores  
literários na educação básica**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes.

Orientador (a): Profa. Dra. Célia Sebastiana Silva

GOIÂNIA  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Freire, Débora Cunha

As estórias da casa velha da ponte e a formação de leitores literários na educação básica [manuscrito] / Débora Cunha Freire. - 2025.

CXCV, 195 f.

Orientador: Prof. Célia Sebastiana da Silva.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2025.

Bibliografia.

1. Formação de leitores literários. 2. Ensino. 3. Leitura de Contos Literários. 4. Literatura. I. Silva, Célia Sebastiana da, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO  
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte e dois dias do mês de julho de dois mil e vinte e quatro, às 14 horas, por videoconferência, no CEPAE-UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa da Dissertação intitulada **AS ESTÓRIAS DA CASA VELHA DA PONTE E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA** e do Produto Educacional intitulado **ENTRE PÁGINAS E PONTES: A MAGIA DAS ESTÓRIAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA** pela discente **Débora Cunha Freire** como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados APROVADOS.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

**Profa. Dra. Célia Sebastiana da Silva (PPGEEB/CEPAE/UFG) - presidente,**

**Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria (PPGEEB/CEPAE/UFG) - membro interno,**

**Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva (PPGIL-FL-UFG) - membro externo.**

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Celia Sebastiana Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 26/08/2024, às 14:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vivianne Fleury De Faria, Professor do Magistério Superior**, em 26/08/2024, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leosmar Aparecido Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 17/09/2024, às 09:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4690821** e o código CRC **35210A27**.

Dedico a Deus,  
E dedico à minha mãe, afinal, só consegui estudar por causa de todo seu esforço e determinação.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela saúde e por ter me ajudado a enfrentar todos os desafios durante a realização deste trabalho.

À minha mãe, Leondina Pereira Cunha Naves, minha mais profunda gratidão por todo o apoio, amor e incentivo, por ser a minha fonte inesgotável de força e por sempre acreditar em mim, mesmo nos momentos mais desafiadores. Seu carinho e apoio foram fundamentais para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu irmão Vitor Cunha Naves, minha mais sincera gratidão, por todo o apoio proporcionado durante a jornada da minha dissertação. A sua presença constante e disposição para me ajudar foram fundamentais.

À Vilsiane Pazchenco, pelo companheirismo, motivação, dedicação e compreensão, pela presença constante e o apoio inabalável nos momentos mais desafiadores.

À querida Livia Aparecida da Silva, por sempre acreditar em mim e pelo apoio, inestimável, que me ofereceu durante todo o processo da minha dissertação.

À amiga Rosângela Cândido Rosa, pelas palavras que me impulsionaram e me fizeram perceber que seria possível.

À minha comadre Arlete Maria Nunes, pelas incontáveis traduções realizadas ao longo de todo o processo de mestrado.

À minha orientadora Célia Sebastiana Silva, por estar sempre disposta, mesmo durante as férias, e pelo estímulo que foram essenciais para concretizar e dar continuidade a esta pesquisa.

À Escola Municipal Professora Deushaydes Rodrigues de Oliveira e aos estudantes do 8ºB, pela disponibilidade e interesse, pois sem eles a pesquisa não seria possível.

E a todos que, de uma forma ou de outra, se disponibilizaram em me auxiliar nesta caminhada.

Educação não transforma o mundo.  
Educação muda as pessoas.  
Pessoas transformam o mundo.  
Paulo Freire

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.  
Manoel de Barros

FREIRE, Débora Cunha. **As estórias da casa velha da ponte e a formação de leitores literários na educação básica.** 2025. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

## RESUMO

Esta dissertação aborda a trajetória e os desdobramentos da pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), da Universidade Federal de Goiás (UFG) e integra a linha de pesquisa Concepções Teórico-Metodológicas e Práticas Docentes. O objetivo geral deste trabalho é investigar como os alunos materializam a fruição estética no exercício da leitura literária, por meio de oficinas de leitura de contos da obra “As Estórias da Casa Velha da Ponte” e poemas de Cora Coralina. A partir desse *corpus*, mobilizou-se como referencial teórico, para tecer reflexões sobre o ensino de literatura e a formação de leitores, os seguintes autores: Antonio Candido (2000, 2002, 2004), Rildo Cosson (2006), Tzvetan Todorov (2007), Maria Teresa Andruetto (2017), Teresa Colomer (2014), Regina Zilberman (1991), Paulo Freire (1994, 1996, 1997, 2001), Pierre Bourdieu (1996), Ítalo Calvino (-2016, 2010), Ana Maria Machado (2002), dentre outros. Esta é uma pesquisa-ação e contou com a participação de estudantes do 8º ano de Ensino Fundamental de uma escola municipal do município de Goiânia. Verificou-se como essas leituras poderiam ser experiências estéticas instigantes para desenvolver o gosto pela leitura literária; e se a exploração desses gêneros textuais motivariam a leitura de outros textos dos mesmos gêneros. A colaboração dos sujeitos da pesquisa foi expressiva, gerando resultados em relação à leitura e à escrita de texto literário, visto que as oficinas permitiram que o estudante fosse o protagonista da leitura e desenvolvesse produções criativas e subjetivas como: textos de memórias, poemas e a reescrita do conto. A análise de dados permitiu compreender a eficácia das práticas de leituras realizadas em sala de aula e identificar preferências de leitura e a fruição dos textos literários pelos estudantes. O Produto Educacional é um *e-book* intitulado “Entre Páginas e Pontes: A Magia das Estórias na Formação de Leitores Literários na Educação Básica” cujo objetivo é auxiliar os professores do ensino fundamental a promover a leitura literária entre os alunos dos anos finais, contribuindo para a formação do leitor e oferecer práticas para incentivar a fruição por intermédio da leitura de contos.

**Palavras-Chave:** Formação de leitores literários. Leitura de contos literários. Literatura. Ensino. Fruição.

FREIRE, Débora Cunha. *The Tales of The Old House of the Bridge and Other Proses and the literature readers development in Basic Education*. 2025. 195 f. Dissertation Thesis (Master Degree in Basic Education Teaching) - Postgraduate Program in Basic Education Teaching, Teaching and Research Applied in Education Center, Federal University of Goiás, Goiânia, 2024.

### ABSTRACT

This dissertation addresses the trajectory and developments of the research conducted during the Graduate Program in Teaching in Basic Education at the Center for Teaching and Applied Research in Education (CEPAE) of the Federal University of Goiás (UFG), and is part of the research line Theoretical-Methodological Conceptions and Teaching Practices. The study aimed to investigate the formation of the literary reader and aesthetic enjoyment through the reading of short stories and poems by Cora Coralina. For this purpose, the study corpus includes the short stories from the book *As Estórias da Casa Velha da Ponte* and other prose and verse works by the mentioned author. Based on this corpus, the following theoretical references, among others, were mobilized to reflect on the teaching of literature and the formation of readers: Antonio Candido (2000, 2002, 2004), Rildo Cosson (2006), Tzvetan Todorov (2007), Maria Teresa Andruetto (2017), Teresa Colomer (2014), Regina Zilberman (1991), Paulo Freire (1994, 1996, 1997), Pierre Bourdieu (1996), Italo Calvino (2009), and Ana Maria Machado (2002). The methodology of the work is Action Research, involving 8th-grade students from a municipal school in Goiânia. The general objective of this work is to investigate how students in the final years of elementary school experience aesthetic enjoyment in literary reading through workshops on reading short stories and poems by Cora Coralina. It was observed how these readings could be stimulating aesthetic experiences to develop a taste for literary appreciation, and whether the exploration of these textual genres could motivate students to read other texts of the same genres. The collaboration was significant, generating positive results regarding reading and writing literary texts, as the workshops allowed students to be the protagonists of their reading experiences and to develop creative and subjective productions such as memory texts, poems, and rewritings of short stories. Data analysis allowed for an understanding of the effectiveness of reading practices conducted in the classroom, identifying reading preferences and the enjoyment of literary texts by students. The Educational Product is an eBook titled "Between Pages and Bridges: The Magic of Stories in the Formation of Literary Readers in Basic Education," aimed at helping elementary school teachers promote literary reading among students in the final years, contributing to the formation of readers and offering practices to encourage enjoyment through the reading of short stories.

**Keywords:** Training Literary Readers. Reading literary short stories Literature. Teaching. Fruition

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

<b>Figura 1</b> – Capa do livro Estórias da Casa Velha da ponte .....	70
<b>Figura 2</b> - Capa do livro O Tesoura da Casa Velha.....	70
<b>Figura 3</b> - Capa do livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias a Mais.....	70
<b>Figura 4</b> – Jogral dos Poemas.....	85
<b>Figura 5</b> – Tempestade de Ideias Sobre Cora Coralina.....	91
<b>Figura 6</b> – Momento de Reescrita.....	97
<b>Figura 7</b> – Idade dos alunos em 29 de setembro 2023.....	99
<b>Figura 8</b> – Hábito de frequentar a biblioteca.....	99
<b>Figura 9</b> – Qual seu gênero preferido? .....	100
<b>Figura 10</b> – Acesso a livros literários.....	101
<b>Figura 11</b> – Suporte de leitura.....	101
<b>Figura 12</b> – Conhecimento sobre Cora Coralina.....	103
<b>Figura 13</b> – A experiência leitora dos contos e poemas de Cora Coralina.....	105
<b>Figura 14</b> – A importância de ler as obras.....	106
<b>Figura 15</b> – Os textos lidos enriqueceram sua experiência leitora? .....	108
<b>Figura 16</b> – Como você descreveria a experiência com os textos lidos? .....	109
<b>Quadro 1</b> – Orientação para a produção de texto .....	95

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEPAE	Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação
DCGO	Documento Curricular para Goiás
EB	Educação Básica
EF	Ensino Fundamental
LP	Língua Portuguesa
OCEM	Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido.
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFG	Universidade Federal de Goiás

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1 LITERATURA, EDUCAÇÃO BÁSICA E LEITOR LITERÁRIO.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1. A importância do conto na formação do leitor literário.....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 O papel do professor na mediação da leitura de contos e no incentivo à formação do leitor literário.....</b>	<b>24</b>
<b>1.3 O potencial transformador do conto na vida do leitor e sua capacidade de gerar reflexão sobre questões sociais.....</b>	<b>28</b>
<b>1.4 Eu é um Outro: o processo humanizador da literatura por meio do conto literário.....</b>	<b>30</b>
1.4.1 A função humanizadora da literatura, sob a perspectiva de Candido.....	33
1.4.2 A poética da modernidade, Baudelaire e a narrativa dos oprimidos: ler a escritora Cora Coralina nesse contexto.....	36
1.4.3 O Eu é um Outro Arthur Rimbaud .....	42
1.4.4 A poesia de Drummond e Bandeira em diálogo com os excluídos .....	44
<b>1.5 Fruição literária e o prazer do texto.....</b>	<b>46</b>
1.5.1 Literatura, Fruição Literária e BNCC.....	48
<b>2 CORA CORALINA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTORA E SUA OBRA POÉTICA.....</b>	<b>52</b>
<b>2.1 A poetisa, a contista e a vida.....</b>	<b>52</b>
<b>2.2 Contexto histórico e social em que as obras de Cora foram produzidas.....</b>	<b>54</b>
<b>2.3 Cora em prosa e verso: a obra coralineana em sua dimensão estético-cultural...57</b>	
<b>2.4 Exploração do universo cultural: identidade, sociedade e valores.....</b>	<b>59</b>
<b>2.5 Impacto cultural e estético da obra de Cora Coralina na literatura contemporânea.....</b>	<b>61</b>
<b>2.6 Estórias da Casa Velha da Ponte e outras estórias mais: apontamentos sobre o <i>corpus</i> da pesquisa.....</b>	<b>62</b>
<b>3 CORA CORALINA EM SALA DE AULA: QUEM CONTA UM CONTO FORMA UM LEITOR? .....</b>	<b>69</b>
<b>3.1 Imersão no contexto: explorando o ambiente e os participantes da pesquisa.....</b>	<b>69</b>

<b>3.2 Um olhar comparativo sobre a leitura na escola: análise de dados.....</b>	<b>97</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>114</b>
<b>APÊNDICE A - TERMO DE ASSENTIMENTO E CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>124</b>
<b>APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO INICIAL .....</b>	<b>126</b>
<b>APÊNDICE C - CRONOGRAMA DAS OFICINAS .....</b>	<b>128</b>
<b>APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO INTERMEDIÁRIO .....</b>	<b>130</b>
<b>APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO FINAL .....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE F - PRODUTO EDUCACIONAL .....</b>	<b>132</b>

## INTRODUÇÃO

E se as histórias para crianças passassem  
a ser de leitura obrigatória para os adultos?  
Seriam eles capazes de aprender realmente  
o que há tanto tempo têm andado a ensinar?  
José Saramago

A conexão entre literatura, Educação Básica (EB) e ensino ocupa um espaço de grande relevância na formação do leitor literário, visto que essa vai além da simples decodificação de palavras e dialoga com a compreensão de obras literárias complexas. O ensino da literatura deve ir além da mera ideia de divertimento ou prazer, uma vez que possibilita uma compreensão mais humanizada da sociedade. E ao ser introduzida desde as séries iniciais no currículo educacional, a literatura oportuniza o desenvolvimento de habilidades de compreensão, análise crítica e empatia (Fleck, 2019).

Dessa forma, a literatura não deve se limitar a um caráter pedagógico, pois ela oferece ao leitor ferramentas que vão além da simples compreensão do texto e que alcançam o desenvolvimento humano, conectando o leitor ao ambiente ao seu redor e tornando-o um sujeito mais atuante e crítico em relação às suas experiências. Assim, o leitor é capaz de extrair significados mais profundos, identificar temas subjacentes e conectar as obras literárias com suas próprias experiências e conhecimentos (Pedro *et al.*, 2022), o que contribui para a sua formação literária.

É sabido que nunca se leu tanto quanto no tempo atual. O apelo das redes sociais requer, fundamentalmente, um leitor, seja ele de imagens, de texto rápidos e voláteis, de produtos da sociedade de consumo, de apelo da indústria cultural. O leitor do qual tratamos nesta pesquisa, no entanto, é o leitor literário, que para ser proficiente, precisa aprender a ir além da superfície do texto e a explorar as camadas mais profundas de significado e interpretação. Ao incentivar os alunos a se tornarem leitores literários, estamos capacitando-os a se envolverem mais plenamente com a literatura e a desenvolverem habilidades críticas e analíticas que serão valiosas em todas as áreas de suas vidas (Carmago; Silva, 2020).

A literatura é uma arte poderosa que ao se integrar com a EB oportuniza o contato do estudante com um mundo de culturas diversas e o faz questionar a realidade na qual ele está inserido. Isso desempenha um papel crucial na compreensão da diversidade humana. Para Andrueto (2017), a escola é, quase sempre, o único espaço de

que o jovem dispõe para o contato com a experiência estética, por isso é imprescindível que a literatura seja trabalhada nesse ambiente. Vale ressaltar que a literatura não oferece soluções, mas sugere perguntas, porque problematizar o que nos foi naturalizado é uma das funções da arte, questionar o aceito, receber nossas sombras, os riscos da vida e da sociedade na qual transitamos (Andrueto, 2017).

A diversidade na seleção de textos literários é fundamental e, por isso, ao ter contato com uma variedade de textos, o estudante poderá compreender e ser mais empático sobre a condição humana. Ao integrar a literatura de forma significativa no currículo educacional, capacitamos os alunos a se tornarem pensadores críticos, cidadãos engajados e indivíduos culturalmente conscientes (Do Rosário Abreu *et al.*, 2020).

Neste contexto, explorar como o conto e o poema contribuem para a formação literária torna-se uma jornada importante e necessária. E, para tal, os fundamentos teóricos deste trabalho recorrem a autores como Julio Cortázar, Andruetto e Nádía Gotlib. Além disso, para investigar o processo humanizador da literatura, utilizamos os estudos de Baudelaire, Rimbaud, Candido e Walter Benjamin, que também teorizam como a modernidade literária reflete as realidades sociais.

No âmbito regional, destacamos a figura icônica de Cora Coralina, cuja obra, situada pela crítica literária no modernismo produzido em Goiás, constitui o *corpus* desta pesquisa. Ao explorar a obra coralineana, com foco especial na prosa curta, neste trabalho, não estamos apenas diante de estórias bem contadas, mas sim de um espelho que reflete a identidade cultural e estética de Goiás. As narrativas da escritora revelam as tradições, crenças e valores que moldaram a vida das pessoas da região por gerações (Reimer; Siqueira, 2020). Cora Coralina escreve prosa e poesia com uma linguagem singular, transforma o cotidiano em poesia, elevando o ordinário ao extraordinário com sua sensibilidade e imaginação, e preserva a memória coletiva, ao retratar a cultura e os costumes de um povo e de sua terra (De Almeida, 2023).

Assim, ao nos aprofundarmos na obra coralineana, não apenas enriquecemos nosso entendimento sobre a literatura brasileira, mas também nos conectamos com as raízes profundas de nossa cultura, por meio dessa voz que ecoa no tempo, lembrando-nos da beleza e da complexidade do Brasil rural e da força inigualável das histórias que nos unem como povo.

Ademais, a presença de Cora Coralina em sala de aula apresenta uma oportunidade única para observar a relação entre contar um conto e formar um leitor. Ao descrever o campo e os participantes da pesquisa, bem como ao analisar os questionários

e intervenções realizadas, buscamos desvendar os mecanismos pelos quais a narração de histórias pode enriquecer a experiência educacional e promover o letramento literário.

Embora haja, no estado de Goiás, uma rica e vasta produção literária, os escritores goianos são poucos trabalhados em nossas escolas. Sabemos que esse é o melhor ambiente para os estudantes entrarem em contato com autores goianos e, conseqüentemente, terem acesso ao legado de nossa cultura, isso contribui para a formação deles enquanto leitores críticos e agentes transformadores do espaço onde estão inseridos. A literatura não é inocente, pois é capaz de transformar o leitor e suas práticas diante da sociedade.

A carência de uma literatura goiana deixa os alunos órfãos de conhecer a diversidade da cultura do estado de Goiás. Por essa razão, a problematização desta pesquisa gira em torno dos seguintes questionamentos:

- a) Como a leitura das obras de Cora Coralina pode contribuir para que os estudantes da EB se identifiquem como sujeitos pertencentes ao seu espaço de vivência e sua cultura?
- b) Como trabalhar a leitura literária nas aulas de língua portuguesa para que os aprendizes tenham caminhos mais significativos de aprendizagem e entrosamento com o momento histórico, social e cultural em que as obras de Cora Coralina foram escritas e desenvolvam a compreensão e o prazer de ler?
- c) Como este trabalho, em sala de aula, na EB, pode ser articulado com as vivências atuais e pode permitir que o discente amplie essa leitura para outros textos do mesmo gênero?

A formação literária nos anos finais da EB é primordial, uma vez que a literatura contribui para o desenvolvimento cognitivo e cultural dos estudantes, para que ele compreenda o mundo de uma maneira mais crítica e reflexiva e amplie seu conhecimento cultural e estético. A literatura permite que o jovem leitor crie novos significados sobre o mundo, o que revela seu poder transformador para a compreensão de novas realidades. Assim, investir na formação do leitor literário é uma medida que pode impactar no desenvolvimento do leitor, promovendo inclusão e desenvolvimento social. A capacidade de ler e interpretar textos literários permite que o leitor preencha os vazios dos textos e construa significados, reorganizando sua capacidade de compreender o mundo.

Nesse contexto, a escolha dos contos “Lampião da Rua do Fogo”, “Procissão das Almas”, “Miquita”, “Casa Velha da Ponte”, “As Capas do Diabo” e dos poemas “A Oração do Milho” e “Lavadeira” de Cora Coralina, como *corpus* de trabalho deste estudo, se justifica pela importância cultural, literária e pela possibilidade de diálogo, que esses textos oferecem, com a realidade e a identidade dos estudantes da EB. Dessa maneira, pretendemos averiguar como esses textos podem influenciar na relação leitura e desenvolvimento do leitor literário e como esse processo ajuda na promoção de uma educação mais justa e inclusiva.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho é investigar como os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental (EF) materializam a fruição estética no exercício da leitura literária, por meio de oficinas de leituras de narrativas e poemas de Cora Coralina.

Além disso, os objetivos específicos são:

- a) discutir como a leitura da obra de Cora Coralina contribui para que os estudantes da EB se identifiquem como sujeitos pertencentes ao seu espaço de vivência e aos valores culturais de seu contexto;
- b) verificar se a leitura das narrativas e poemas de Cora Coralina podem ser experiências estéticas instigantes para desenvolver o gosto pela leitura literária;
- c) investigar se a leitura de histórias e poemas de Cora Coralina motivam o aluno para a leitura de outros textos dos mesmos gêneros;
- d) criar um produto educacional, no formato *e-book*, para contribuir com a prática pedagógica dos professores, que atuam do 6º ao 9º ano do EF, no processo de ensino e aprendizagem de leitura literária.

Esta é uma pesquisa-ação, com caráter participante, abordagem qualitativa, e foi realizada, em uma escola municipal da cidade de Goiânia, no estado de Goiás, com estudantes do 8º ano do EF. Apresentei como proposta pedagógica para a turma leituras e discussões de contos literários e poemas da escritora goiana Cora Coralina. A pesquisa de campo foi concluída, no final do segundo semestre de 2023, com a reescrita final dos gêneros memórias literárias, poemas e contos. Com o intuito de gerar os dados do estudo, foram aplicados 3 questionários: o primeiro (ver apêndice B), para conhecer a realidade das práticas leitoras; o segundo (ver apêndice D), durante o desenvolvimento da pesquisa para avaliar a aplicabilidade das oficinas e seus desdobramentos e o terceiro questionário (ver apêndice E) para verificar se as atividades propostas obtiveram o resultado esperado.

As contribuições deste trabalho para a área de ensino e estudos literários são diversas e significativas. Em primeiro lugar, ao explorar a formação do leitor literário nos anos finais da EB, com foco na obra de Cora Coralina, esta dissertação preenche uma lacuna importante na literatura acadêmica, ao fornecer percepções valiosas sobre estratégias eficazes de ensino da leitura literária. Além disso, ao adotar uma abordagem metodológica inovadora, que inclui a realização de oficinas de leitura e a utilização de um produto educacional como recurso didático, este estudo oferece uma nova perspectiva sobre como engajar os alunos com a literatura e promover uma compreensão mais profunda e significativa das obras literárias.

Em relação à originalidade, esta pesquisa dá ênfase à obra da escritora goiana Cora Coralina e sua relação com a formação do leitor literário. Cora se destaca como uma das principais autoras brasileiras, entretanto sua obra ainda é pouco explorada nas escolas da EB. Dessa forma, esta investigação apresenta um efeito positivo na prática educacional, visto que envolve os textos coralineanos como práticas leitoras que podem e devem ser desenvolvidas em sala de aula. É necessário que a literatura goiana ocupe um espaço significativo no contexto escolar, pois ao falar de costumes e realidades de outras épocas, ela permite que o estudante estabeleça um vínculo com as nossas memórias e com a história e identidade cultural da região.

Esta dissertação encontra-se estruturada em três capítulos, que abordam diferentes aspectos relacionados à formação do leitor literário, nos anos finais da EB. No primeiro capítulo, exploramos o papel do conto na formação do leitor literário e no segundo, situamos Cora Coralina no contexto da literatura modernista produzida em Goiás, analisando sua obra poética e prosaica em termos estético-culturais. O terceiro capítulo se dedica a evidenciar a presença e o impacto da leitura de Cora Coralina em sala de aula e destaca a importância da narração de contos como recurso para a formação do leitor na sala de aula. Por fim, apresentamos as considerações finais do estudo e o Produto Educacional.

# 1 LITERATURA, EDUCAÇÃO BÁSICA E LEITOR LITERÁRIO

## 1.1. O conto na formação do leitor literário

A narrativa é uma manifestação cultural dos povos através do tempo e ao longo da História, uma vez que permite a interação, o compartilhamento de experiências e a construção de significados em diferentes culturas, épocas e sociedades. O hábito de contar histórias sempre fascinou e não se sabe ao certo quando surgiu, mas de acordo com Gotlib (1998), os contos mais antigos, que são chamados de “contos mágicos”, provavelmente, apareceram 4000 anos antes de Cristo.

Nossos ancestrais já contavam suas histórias, seja por meio de desenhos que ficaram registrados em cavernas ou narrativas como as fábulas, os mitos e os contos, com seus heróis. E a narrativa curta é uma forma de despertar o interesse pela leitura desde a infância, pois funciona como uma porta de entrada para o mundo da literatura, permitindo que os leitores explorem gêneros mais complexos à medida que vão expandindo suas experiências e expectativas.

Para Julio Cortázar (1974) e Nádía Gotlib (2004), o conto tem elementos fundamentais que chamam a atenção do leitor literário e isso se deve ao seu caráter conciso. Segundo Júnior (2024, p.46), “em suas variadas formas, o conto costuma ser definido como uma narrativa de ficção curta que pode ser lida de uma só assentada, visto que gira em torno de uma única trama ou conflito, inserida em um certo espaço com poucos personagens e a presença de um narrador”.

O conto, por sua essência, é conciso e objetivo, o que o diferencia de formas mais extensas de narrativas como o romance. O conto, por ser uma narrativa condensada, apresenta poucos personagens, um narrador que conduz a história e que pode assumir um caráter subjetivo e outras vezes, objetivo. Cortázar (1974) diz que a brevidade do conto faz com que ele seja diferente do romance, haja vista que mesmo conciso, traz uma leitura intensa. Como o autor coloca,

[o] romance e o conto se deixam comparar analogicamente com o cinema e a fotografia, na medida em que um é em princípio uma 'ordem aberta', romanesca, enquanto uma fotografia bem realizada pressupõe uma limitação prévia, imposta em parte pelo reduzido campo que a câmara abrange e pela forma com que o fotógrafo utiliza esteticamente essa limitação. Não sei se os senhores terão ouvido um fotógrafo profissional falar da sua própria arte; sempre me surpreendeu que se expressasse tal como poderia fazê-lo um contista (Cortázar, 1974, 151).

Já para Nádía Gotlib (2004), o conto é um gênero literário que evoluiu ao longo da História, desde suas raízes na tradição oral até sua consolidação como forma escrita, e embora tenha ganhado destaque na era moderna com autores como Edgar Allan Poe e Julio Cortázar, sua essência permanece ligada à narrativa concisa e à capacidade de provocar uma resposta imediata no leitor. Júnior (2024), citando Gotlib afirma que

Gotlib (2004) admite como angustioso problema a tentativa de responder à pergunta o que é o conto? Destaca que a história do conto pode se esboçar a partir do critério de invenção, que se inicia com a sua criação e transmissão oral. Depois, seu registro escrito. Por fim, a criação por escrito em que o narrador assume múltiplas funções como contador – criador – escritor de contos, afirmando, então, seu caráter literário. Portanto, são os recursos criativos associados à voz de quem fala ou escreve uma narrativa, conferindo a essa um resultado estético, que diferenciam um contista de um contador de estórias (Júnior, 2024, p. 47).

Por sua vez, Gotlib (2004) explica que o conto é um gênero que não apenas entretém, mas também provoca reflexões profundas sobre a condição humana e os dilemas universais. Ao longo dos séculos, o conto tem servido como um meio privilegiado para explorar temas complexos e universais de maneira acessível e envolvente. A autora (2004) explica que

[e]mbora o início do contar estória seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos modos de se contarem estórias. Para alguns, os contos egípcios – os contos dos mágicos – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo. Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam (Gotlib, 2004, p.6).

Portanto, tanto Cortázar quanto Gotlib concordam que o conto é uma forma literária multifacetada que desafia categorizações simplistas, sua verdadeira arte reside na capacidade do escritor de criar uma narrativa que seja ao mesmo tempo compacta e profunda, capaz de estimular a imaginação e provocar reflexões sobre a natureza humana. O conto continua a ser um campo fértil para a experimentação e inovação literária, mantendo-se relevante e impactante ao longo do tempo.

Por conseguinte, narrar faz parte de nossa constituição como sociedade e, por esse motivo, esse ato deve estar presente na escola, na sala de aula. A literatura “ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana” (Colomer, 2014, p. 27), pois nos faz refletir e questionar o que vivemos. E é nesse espaço de reconfiguração, a escola, que

entra o leitor de contos literários, ou seja, aquele que viverá as práticas sociais da leitura absorvendo toda a função da literatura em seu desenvolvimento educativo e humano.

Dessa forma, é importante destacar que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (Candido, 2004, p. 174). Então, o ser humano, por meio da literatura, pode explorar um mundo com mais significado, conhecer diferentes culturas e experiências humanas.

Outrossim, é imprescindível reforçar a importância da formação de leitores literários na sala de aula, já que a escola é um espaço para desenvolver habilidades de leitura, compreensão, apreciação da literatura e produção de conhecimento. A literatura faz com que o ser humano desperte a capacidade de fabular, de imaginar, ela não apresenta respostas prontas para os problemas que o leitor enfrenta, mas pode fazê-lo questionar e refletir sobre o que é considerado naturalizado, porque a arte tem como função fundamental problematizar o mundo (Andruetto, 2017, p. 79).

Nesse sentido, “formar os alunos como cidadãos da cultura escrita é um dos principais objetivos da escola. Dentro desse propósito geral, a finalidade da educação literária, de acordo com a autora, ‘pode resumir-se à formação do leitor competente’” (Colomer, 2014, p.30). Assim, pode-se dizer que a prática leitora na escola tem como objetivo desenvolver habilidades de compreensão, interpretação, criatividade e também ampliar o repertório cultural dos discentes com a leitura literária, já que contribui para desenvolver o vocabulário e ajuda o estudante a refletir de uma forma mais crítica e consciente. Para Colomer (2014, p. 31), o

objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos [...] Em segundo lugar, o confronto entre textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade social e cultural [...]. (Colomer, 2014, p. 31, grifos do autor).

Dessa maneira, a leitura literária permite que o indivíduo, que tem o hábito da leitura, esteja sempre em evolução com as reflexões que o texto lhe apresenta, construindo assim seu conhecimento sobre o mundo e suas nuances. A leitura literária contribui para que o estudante compreenda o contexto histórico de produção da obra e se familiarize com costumes e ideologias que o leva a enriquecer sua percepção do mundo. O texto

literário precisa nos trazer perguntas, despertar dúvidas e nos apresentar questões. A literatura pode nos fazer questionar nossa existência e nosso papel no mundo, nela

não está a palavra infalível nem a palavra uniforme que suprime a indecisão e a dúvida; muito pelo contrário, em seu mundo vivem a dúvida, as indecisões, as dificuldades de compreensão, que são todas estratégias necessárias para pensar por nós mesmos, coisa sempre tão difícil. Enfim, a literatura não nos leva à simplificação da vida e, sim à sua complexidade, evitando o pensamento global, uniforme, para ir em busca da construção de um pensamento próprio (Andruetto, 2017, p. 79-80).

Portanto, conforme a estudiosa argentina (2017), a literatura é uma forma de nos fazer refletir sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. Isso acontece porque a leitura nos transporta para um mundo de novas histórias, com personagens interessantes e situações que nos permitem observar diferentes vivências, nos leva a refletir sobre nosso próprio mundo e o que nos cerca.

Nesse sentido, o trabalho com o texto literário, em sala de aula, é primordial para o desenvolvimento de habilidades de leitura e formação de leitores competentes e críticos. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de Língua Portuguesa (LP)

assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 67).

Como se vê, o texto, segundo o documento oficial, é o elemento central no processo ensino-aprendizagem, não apenas por sua estrutura e conteúdo, mas também pelas circunstâncias em que foi produzido com o objetivo de desenvolver habilidades de leitura, entre outras. O gênero textual conto, por ser mais conciso, permite uma experiência literária diferenciada no sentido de que pode ser lido “em uma única sentada”, como diria Edgar Allan Poe, em comparação com gêneros mais extensos. Além disso, o conto proporciona o contato com narrativas curtas que abordam uma variedade de temas universais. Todorov (2007) afirma que o significado de uma obra vai além da opinião pessoal, envolve um esforço de compreensão e conhecimento. Logo, a leitura de contos vai além dos elementos constituintes, já que ela deve proporcionar uma experiência única para o leitor, uma experiência emocional e também intelectual para estimular-lhe a imaginação. Diante disso,

[o] leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça a sua existência (Todorov 2007, p. 32-33).

Nessa perspectiva, a inserção do estudante no universo do conto é um meio para colocá-lo no exercício da leitura, atraindo-o com uma linguagem que apresenta o gênero como “incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases” (Cortázar, 1974, p. 152). Esse gênero textual pode ser impactante e prender a atenção do leitor logo no início do texto e isso na escola tem um papel de suma importância, pois estimula o interesse pela leitura, desenvolvendo a imaginação e a criatividade. Por isso, o trabalho com o conto deve ser realizado de forma constante, instigando o educando a perceber “os elementos invariáveis que dão ao conto a atmosfera peculiar e a qualidade de obra de arte” (Cortázar, 1974, p. 149) e transmitem significado e emoção ao leitor. Um desses elementos é a concisão que permite o desenvolvimento de competências leitoras que o jovem leitor levará ao longo da vida.

Em consonância com isso, o professor deve levar em conta que o trabalho com o gênero conto exige o conhecimento das especificidades do mesmo, por meio das vivências da leitura, para que possa entender o ofício do contista e apreciar o estilo dele. De acordo com Cortázar (1974, p. 150-151)

se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como o tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência (Cortázar, 1974, p. 150 -151).

Com essa afirmação, complementa-se a ideia de que o conto é uma intersecção entre a vida e a escrita e que elas se ligam de maneira profunda e única. Daí a importância do trabalho com o conto em sala de aula, para trazer uma compreensão significativa do mundo e dos homens, estimular a imaginação, promover o desenvolvimento da linguagem e proporcionar reflexões sobre temas diversos de forma concisa e envolvente. Dessa forma, o professor deve ser o elo para conectar o texto literário aos alunos, a prática leitora necessita levar o estudante a ler, conhecer e interpretar o assunto do livro. É responsabilidade do professor organizar o material, esclarecer dúvidas, criar discussões e atividades que envolvam a turma, oportunizando uma aprendizagem mais significativa. Nesse sentido, requer-se que o professor seja, a priori, um leitor (Cosson, 2006).

Para despertar o gosto pela leitura, é necessário trazer o jovem para perto do conto e criar uma certa intimidade com o gênero. Assim, o aprendiz terá um contato com a narrativa curta para explorar a estrutura, o estilo e a temática, e poderá compreender o texto de forma mais profunda. Quando as histórias são bem escritas, elas conseguem envolver os alunos e torna a literatura presente no dia a dia. Esse fato faz com que o leitor, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dê um sentido mais ou menos singular, mais ou menos compartilhado, aos textos de que se apropria (Chartier, 1996).

O papel do professor na mediação da leitura de contos é essencial, pois apresentar os contos aos estudantes é uma oportunidade de despertar emoções e sentimentos em relação à história e aos personagens. Isso cria uma conexão entre os alunos e o conto e estimula a curiosidade pelo gênero literário.

Tendo em vista essas considerações, na próxima seção, discuto a importância do professor na mediação entre educando e literatura.

## **1.2 O papel do professor na mediação da leitura de contos e no incentivo à formação do leitor literário.**

"Os rios não bebem sua própria água; as árvores não comem seus próprios frutos. O sol não brilha para si mesmo; e as flores não espalham sua fragrância para si. Viver para os outros é uma regra da natureza.

Papa Francisco

É importante ressaltar que o nascimento e evolução do leitor nem sempre ocorre espontaneamente. É indispensável e necessária a ajuda de um leitor mais experiente para auxiliar o leitor principiante e, ainda assim, criar o hábito de ler não é um processo fácil, porquanto requer tempo, esforço e interesse pessoal. Ler, hoje em dia, passou a ser um costume veloz e superficial devido ao uso da tecnologia, uma vez que a “mente linear, calma, focada, sem distrações, está sendo expulsa por um novo tipo de mente que quer e precisa tomar e aquinhoar informação em surtos curtos, desconexos, frequentemente superpostos — quanto mais rapidamente, melhor” (Carr, 2011, p.17). E essas mudanças, além de afastarem os estudantes do livro literário, podem ter consequências negativas, na

forma em que absorvemos informações, como falta de concentração e pouco entendimento.

E nesse contexto o papel da escola é primordial, porque, muitas vezes, ela é o único e mais democrático espaço para a formação leitora. É nesse ambiente que o aluno terá contato com o mundo de leituras literárias e com discussões e reflexões sobre o texto lido.

A escola tem conhecimento que a prática de leitura literária traz benefícios à sala de aula, já que aprendizes que leem têm maiores possibilidades de desenvolver atividades linguísticas, e por terem contato mais específico com a língua escrita, tornam-se leitores com maior autonomia. Entretanto, o trabalho para desenvolver a formação leitora, em muitos casos, ainda é insuficiente ou não atende à demanda da sala de aula. Há ainda professores não leitores ou para os quais a leitura não é constante em seu dia a dia. Ora, para formação de sujeitos leitores é indispensável que o professor seja de fato um leitor, com seu exemplo ele poderá inspirar e contribuir de forma significativa. Dessa maneira, a prática de leitura seria uma experiência compartilhada e também valorizada, posto que

[o] professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que mando e não o que eu faço”. Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras, a falta de corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo (Freire, 1996, p.19).

Diante disso, percebe-se que a formação leitora exige que o estudante tenha um ambiente propício e que haja modelos de leitores na escola, pois, muitas vezes, em casa ou no ambiente em que eles vivem, não há uma formação leitora. A escola deve, como diz Freire (1997), conectar o aprendizado à realidade e ao contexto dos alunos, evitando dicotomias entre teoria e prática.

Dessa forma, para uma efetiva formação de leitores em sala de aula, o professor deve conhecer tanto os autores como as obras e, também, desenvolver um trabalho em que transmita seu conhecimento com entusiasmo e clareza, caso contrário teremos, ainda, o que se vê na escola em relação ao trabalho com a literatura, o estudo da biografia dos autores e dos estilos de época, em detrimento da abordagem principal que é o texto.

Além disso, o texto literário tem sido utilizado como pretexto para trabalhar conteúdos gramaticais, sob a justificativa de contribuir para melhorar a escrita, “a leitura está, em muitos casos, atrelada ao ensino 'da gramática, pois o texto lido motiva a redação e, segundo os projetos, ajuda a escrever melhor” (Zilberman, 1991, p. 80). Essas práticas

não valorizam a formação de leitores, portanto a leitura em sala de aula deve ser uma prática democrática que permita a participação e o compartilhamento das aprendizagens e expectativas. Assim, o texto literário

[...] ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria-se um espaço específico no qual se constroem e negociam valores e o sistema estético de uma cultura. Esta ideia básica contribui para a nova argumentação sobre a importância da leitura no processo educativo (Colomer, 2014, p. 27).

Nessa perspectiva, compreender a importância da leitura no processo educativo é reconhecer que os textos literários têm o poder de reconfigurar a atividade humana, como diz Colomer, transformando a forma como agimos e nos ajudando a compreender a realidade. Ao se tornar leitor, o estudante tem consciência de que o ato de ler em si não vai modificar a situação do mundo em que vivemos (Bloom, 2001), mas fará com que ele questione e busque respostas para lidar com essas questões e, quem sabe, trazer mudanças para seu espaço.

Outro aspecto importante do trabalho da formação leitora na escola é que ainda há uma função educativa da literatura em sala de aula, ou seja, o texto é utilizado em sua função utilitária, como o exemplo citado anteriormente, para trabalhar conteúdos gramaticais e não como um processo para instigar a criatividade e ampliar o repertório cultural dos alunos. De acordo com Barthes (2004, p. 10), “a segunda força da literatura é sua força de representação. Desde os tempos antigos até as tentativas da vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real” .

A literatura tem poder de representar o real, pois sempre se dedicou a representar algo (Barthes, 2004), ela tem o poder de conectar o leitor ao mundo real, uma vez que o leva a refletir, a buscar alguma coisa e faz com que ele coloque o pensamento em ação, permitindo transformações pessoais. Com a leitura, o aprendiz amplia seu conhecimento, desenvolve habilidades de compreensão e interpretação e pode desenvolver a empatia pelo estudo. Cabe à escola propiciar um ambiente de fácil acesso à leitura e incentivar a prática leitora de forma abrangente e constante. E o professor desempenha um papel de suma importância, porquanto ele é o mediador da leitura, é ele quem coloca o aluno em contato com o texto literário. Não se desconsidera, por óbvio, que há toda uma gama de outros mediadores que podem exercer papel igualmente importante para a formação leitora do jovem.

Dessa forma, para que ocorra a formação do jovem leitor literário, é importante incentivar visitas às bibliotecas e criar um espaço acolhedor de trocas de experiências

sobre os livros, “é sobretudo o entusiasmo, o comprometimento demonstrado por meio da leitura conjunta, do diálogo sobre os assuntos lidos, das trocas de livros, dos relatos de experiências leitoras que mobilizam o novo leitor” (Aguiar, 2011, p.110). Com isso, é fundamental “ampliar as rotinas de construção compartilhada e da relação entre leitura e escrita nas atividades escolares e de estímulo à leitura” (Colomer 2014, p. 109), essas práticas são extremamente relevantes para incentivar a leitura e para que o estudante compartilhe suas percepções sobre o que está lendo, que pode ser realizada também com a produção textual. Nessa perspectiva, o leitor literário desempenha um papel fundamental em sua experiência leitora, cabe a ele relacionar o texto com suas expectativas e vivências, dando significado à obra.

Por conseguinte, a leitura nos permite explorar vários temas e textos, oferecendo novas visões de vida, entrar em contato com muitas culturas, épocas históricas, além de nos oportunizar conhecer realidades diversas. Sob esse viés, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante” (Candido, 2004, p. 180).

Diante desse cenário, a seleção cuidadosa dos livros de literatura e a forma como os apresentamos aos educandos são fundamentais para despertar o interesse e criar um vínculo duradouro com a leitura. Um trabalho voltado para os textos que chamem a atenção do aprendiz é essencial para despertar o interesse e o envolvimento com a leitura, pois haverá razões que os levarão a escolher obras pertinentes e a desenvolver a vontade de ler. Nesse sentido, é válido enfatizar que “[I]emos, intensamente [...] porque, na vida real, não temos condições de “conhecer” tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida” (Bloom, 2001, p. 20).

Os livros levam as pessoas a desenvolverem habilidades de leitura crítica, interpretação de textos, pensamento reflexivo e capacidade de análise crítica. O leitor sai do papel passivo e passa a ser agente juntamente com o autor e o texto, transformando conhecimentos já adquiridos em outros novos, esse protagonismo propicia um entendimento e uma compreensão mais significativos.

Nesse contexto, Freire (1996) diz que criar possibilidades de produção e/ou construção do conhecimento é o saber ensinar. E isso está diretamente ligado ao ato de possibilitar ao estudante ser protagonista em seu aprendizado e construir conhecimento, nesse processo o professor não é o transmissor de conhecimento, mas o facilitador da aprendizagem. Por isso, a leitura de contos se torna relevante e deve fazer parte desde

cedo da vida das pessoas, uma vez que o conto tem um papel transformador quando explora temas como miséria, preconceitos, injustiça, levando o leitor a ter uma postura crítica e reflexiva sobre o mundo em que vive.

Na próxima seção, abordamos a capacidade do conto de promover reflexões sobre questões sociais, bem como seu poder transformador e os impactos gerados na vida do leitor.

### **1.3 O potencial transformador do conto na vida do leitor e sua capacidade de gerar reflexão sobre questões sociais**

A literatura tem um papel fundamental na formação e na vida do leitor, visto que ele pode se identificar com os temas abordados nas obras lidas e com os personagens.

Destarte, segundo Calvino, a literatura como função existencial proporciona a leveza em relação ao peso que pode ser a vida (Calvino, 2010), ela é uma forma de encontrar equilíbrio e escapar da realidade que nos circunda. Por isso, é muito importante que a leitura literária esteja presente em sala de aula.

O conto, por sua vez, ao ser explorado nas aulas de LP, pode ser uma experiência enriquecedora para o estudante do EF, visto que além da compreensão de elementos literários, ele estimula o desenvolvimento de uma postura mais reflexiva e analítica sobre o que foi lido. O conto, também, desenvolve a empatia, ao oportunizar que o leitor se coloque no lugar do personagem e dedique um olhar mais humano e solidário para as questões abordadas nas obras. Em “Miquita”, por exemplo, um conto de Cora Coralina, a descrição detalhada das características físicas da personagem e da sua vida cotidiana revela um retrato complexo e humano, o que pode gerar empatia e a sensibilização do leitor

Miquita foi moça como toda moça.

Contou seus 15 anos como toda jovem. Era parda. Nem preta, nem morena, nem mulata; de pele manchada. Seca, sem ancas; de pernas compridas, canela fina e jeito de boneca de pano malfeita – sem sal e desajeitada.

Nem por tantos negativos da natureza, deixou de achar quem a quisesse. Casou-se mesmo, de palma e capela, que a mãe era lavadeira e caprichava com a filha.

Tempos depois, o marido a largava sem dizer nada, abria pé no mundo e nunca mais deu ligação.

Miquita, nova, sozinha, da beira do rio, onde passara a morar com a mãe, que aquela vida de bater roupa nas pedras não era de gente moça, resvalou para o beco onde abriu a porta.

Sempre de pele sarapintada, corpo andrógino de boneca de pano, sem sal e sem jeito, resvalou ainda mais – que o ofício não dava a ela nem para o aluguel do quarto sujo.

Jogou fora os sapatos cambados. Vestiu uns por cima dos outros, os três vestidos repuxados que possuía. Ajeitou rodinha. Botou pote na cabeça e passou a carregar água, da Carioca para a casa de uns e de outros. Trabalho mal pago, embora sempre lhe dava sobra de almoço e de jantar, canto para dormir e um ou outro cruzeiro para cigarro e pinga – seu maior prazer. (Coralina, 2008, p.49).

Ao descrever as dificuldades enfrentadas por Miquita, a autora do conto aborda questões como a desigualdade social, a falta de empatia e o sofrimento enfrentados por pessoas marginalizadas. O texto desperta reflexões sobre as condições socioeconômicas vivenciadas por Miquita, as injustiças sociais, além de provocar discussões sobre solidariedade e meios de vida mais igualitários.

De acordo com Cortázar (1974), um conto pode ser escrito sobre temas corriqueiros da vida e é papel do contista apresentar situações significativas nos momentos simples vivência humana. Dessa forma, o leitor terá uma experiência envolvente que lhe desperta o interesse na leitura, “[...] o tema do qual sairá um bom conto é sempre excepcional, mas não quero dizer com isso que um tema deva ser extraordinário, fora do comum, misterioso ou insólito. Muito pelo contrário, pode tratar-se de uma história perfeitamente trivial e cotidiana”. Assim, uma boa narrativa não precisa abordar nada fora do normal, mas necessita envolver e despertar o interesse do leitor para que ele tenha uma boa experiência e a escolha da linguagem é essencial para isso. Um conto com uma linguagem bem elaborada transmite algo significativo e profundo ao leitor e oferece respostas para questões existenciais. Dessa forma, evidencia-se a leveza na literatura (Calvino, 2010) que inspira e permite um mergulho na história, que desperta sentimentos e emoções até então desconhecidos dos leitores. Partindo desse pressuposto, podemos dizer que o conto nos ajuda no enfrentamento da vida.

Cortázar (1974) diz que é necessário envolver o leitor desde o início da história, mantendo-o preso à narrativa e desconectando-o do mundo real, mas que, ao terminar sua experiência, ele, o leitor, volte com uma nova visão e que olhe a si e ao mundo de uma forma mais intensificada.

Para que isso aconteça, o conto muitas vezes foge das narrativas tradicionais ao explorar temas diversos e, por isso, equilibra realismo e fantasia. Com isso, Bosi postula que

[o] conto cumpre ao seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo

verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase um documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem (Bosi, 1978, p. 7).

Bosi destaca a versatilidade do conto, capaz de transitar entre diferentes estilos e perspectivas, ao explorar a diversidade humana, as diferentes vozes e visões de mundo. Outro fator importante é o uso de uma linguagem cuidadosamente escolhida que faz com que o leitor reflita sobre sua própria existência, volte seu olhar para assuntos relevantes e para as questões sociais da sociedade em que vive.

Sob esse viés, a leitura de contos na escola possibilita ao indivíduo se tornar mais aberto e compreensível à realidade, desperta sua capacidade de se identificar com outra pessoa, de se colocar no lugar do outro, sentindo o que ela sente, vendo o mundo com um olhar de aprendizagem sobre os sentimentos humanos. No texto literário, a alegria e a dor do outro passam a ganhar um novo contorno, os conflitos existenciais do homem são desnudados. Isso ocorre porque os autores podem explorar diferentes pontos de vista, posto que o texto literário, de acordo com Colomer (2014), é capaz de reconstruir a atividade humana e oferecer ferramentas para sua compreensão, ao criar espaços específicos de construção e negociação dos valores e dos sistemas estéticos de uma cultura.

Portanto, é fundamental valorizar o conto na sala de aula, para que se exerça o direito dos estudantes à literatura (Candido, 2004) e que se cumpra seu papel humanizador de despertar emoções e possibilitar a compreensão da complexidade da vida humana.

Na próxima seção, continuamos a discussão sobre a leitura literária. Para tanto, problematizamos o papel da literatura no processo humanizador.

#### **1.4 Eu é um outro: o processo humanizador da literatura por meio da leitura literária.**

Compreender como a interação entre o leitor e a obra literária acontece é um passo primordial para que a prática leitora seja desenvolvida, uma vez que essa interação influencia na compreensão e interpretação da obra. Esse processo ocorre, primeiramente, quando o leitor tem interesse no texto, ou seja, ele tem que ler para se informar, para se divertir. Já a segunda parte é a leitura como parte de um processo educacional com fins específicos, como compreensão, análise crítica ou discussão em grupo (Rezende, 2013).

Portanto, é válido ressaltar que é necessário desenvolver abordagens significativas para a formação do leitor ao mesmo tempo em que se reconhece a importância da leitura em todos os âmbitos da vida.

Todavia, uma obra pode ser interpretada de diversas maneiras por pessoas diferentes, visto que cada leitor possui vivências, perspectivas e ideais que o conecta com o modo pessoal de lidar com a obra. É por isso que a compreensão da leitura é subjetiva.

Segundo Candido (2012), “[...] longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, - com altos e baixos, luzes e sombras” (Candido, 2012, p. 84). Assim como a vida, a literatura é uma sucessão de experiências, incluindo momentos de desafios e triunfos. Ela não tem somente um papel educativo, haja vista que oferece possibilidades de explorar o rico conteúdo do texto literário. Ao invés de simplesmente transmitir lições, a literatura chama os leitores para refletir e vivenciar as nuances da vida e os conscientiza sobre as questões sociais, como a pobreza e a invisibilidade dos mais vulneráveis – excluídos e desprezados.

Karl Marx e Friederich Engels, na obra “A Ideologia Alemã”, criaram um termo que designa todos que vivem à margem da sociedade, o *lumpemproletariado*, em tradução literal, o trapo humano - aquele que está abaixo do proletariado. Nesse sentido, o lumpemproletariado se refere a uma classe de pessoas que não tem um papel significativo na sociedade e não contribuem para a revolução e transformação do mundo. Essas pessoas são os excluídos e ignorados, como os mendigos, prostitutas, criminosos e quem se envolve em atividades ilegais ou precárias para sobreviver.

Nesse sentido, a literatura tem um papel relevante quando, ao atender nossa vontade de conhecer os sentimentos humanos, a sociedade, nos ajuda a compreender questões complexas da vida. Os personagens têm papéis essenciais que nos permitem explorar diversas realidades e nos oportunizam conhecer o outro e seus sentimentos, estimulando o processo de humanização mencionado por Candido, “[e]la não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (Candido, 2002, p. 20). Sendo assim, na visão desse autor, a literatura satisfaz a necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles e é aí que se situa a literatura social.

Outrossim, a literatura passa a ter um papel social, principalmente, em meados do século XIX, com as obras de escritores como Baudelaire, Rimbaud, Zola, entre outros, que abordavam temas como a pobreza, desigualdade, a exploração do trabalho e as

dificuldades enfrentadas pelos menos favorecidos, expondo a distância entre eles e a aristocracia e mostrando a condição miserável do ser humano que é tratado como objeto descartável pela classe dominante. Enfim, são autores que tratam do “trapo social”, ou seja, aqueles que evocam a ideia de buscar nas margens da sociedade, nos espaços negligenciados e nos estratos mais desfavorecidos, elementos para a criação literária.

Do mesmo modo que Baudelaire começa, na França, a dar valor a esse outro eu que é diferente do poeta, mas é um pouco ele também, quando esse se apropria desta outridade e lhe dá voz. No Brasil, alguns poetas, principalmente, no século XX, assumem esse “eu é o outro”, de Rimbaud, ao retratarem figuras representativas do “trapo social” como a prostituta em Manuel Bandeira, o leiteiro em Drummond e o mendigo em Manoel de Barros. E, como não poderia ser diferente, Cora Coralina, representante da poesia modernista em Goiás, uma mulher, gênero considerado inferior, em um contexto conservador e patriarcal, apresenta em sua obra figuras marginalizadas socialmente, como a benzedeira, a cozinheira, a lavadeira, a roceira e a mulher da vida, como podemos observar no poema “Todas as vidas”, do livro “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” e no conto “Miquita”.

## **TODAS AS VIDAS**

### **Cora Coralina**

Vive dentro de mim  
 uma cabocla velha  
 de mau-olhado,  
 acorçada ao pé do borralho,  
 olhando pra o fogo.  
 Benze quebranto.  
 Bota feitiço...  
 Ogum. Orixá.  
 Macumba, terreiro.  
 Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim  
 a lavadeira do Rio Vermelho,  
 Seu cheiro gostoso  
 d'água e sabão.  
 Rodilha de pano.  
 Trouxa de roupa,  
 pedra de anil.  
 Sua coroa verde de São-Caetano.

Vive dentro de mim  
 a mulher cozinheira.  
 Pimenta e cebola.  
 Quitute bem feito.  
 Panela de barro.  
 Taipa de lenha.  
 Cozinha antiga

toda pretinha.  
 Bem cacheada de picumã.  
 Pedra pontuda.  
 Cumbuco de coco.  
 Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim  
 a mulher do povo.  
 Bem proletária.  
 Bem linguaruda,  
 desabusada, sem preconceitos,  
 de casca-grossa,  
 de chinelinha,  
 filharada.

Vive dentro de mim  
 a mulher roceira.  
 – Enxerto da terra,  
 meio casmurra.  
 Trabalhadeira.  
 Madrugadeira.  
 Analfabeta.  
 De pé no chão.  
 Bem parideira.  
 Bem criadeira.  
 Seus doze filhos.  
 Seus vinte netos.

Vive dentro de mim  
 a mulher da vida.  
 Minha irmãzinha...

tão desprezada,  
tão murmurada...  
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:  
Na minha vida –  
a vida mera das obscuras  
(Coralina, 2012, p.18)

Nesse sentido, a literatura desempenha um papel humanizador ao dar visibilidade às pessoas marginalizadas e invisíveis, por meio do encontro entre o leitor e a obra literária. Os autores e escritores que serão abordados nas próximas subseções trazem questões sociais persistentes que, assim como na obra de Cora Coralina, exploram as condições de vida das diversas facetas humanas.

#### 1.4.1 A função humanizadora da literatura, sob a perspectiva de Candido

Há uma definição bem apropriada para a literatura, na concepção de Antonio Candido, ela é entendida como arte “um sistema simbólico de comunicação inter-humana” (Candido, 2000, p.21). Desta maneira, a literatura é considerada uma forma de arte que vai além da mera transmissão de informação ou de histórias, sendo um meio pelo qual o ser humano compartilha ideias e emoções de uma forma simbólica. Os autores expressam conceitos universais, enquanto os leitores podem interpretar esses símbolos de maneira mais profunda. Assim, a literatura vai bem além do entendimento das palavras, ela possibilita uma troca de significados e sentimentos entre as pessoas de acordo com seu conhecimento de mundo.

A literatura, na visão de Antônio Candido, é um direito fundamental tão imprescindível à satisfação do homem como a saúde, a educação, moradia, “[a] produção e fruição [é uma] necessidade universal de ficção e de fantasia, que decerto é coextensiva ao homem, pois aparece invariavelmente em sua vida, como indivíduo e como grupo, ao lado da satisfação das necessidades mais elementares (Candido, 2002, p. 80)”.

A leitura de obras literárias permite um bom entendimento sobre a condição do ser humano na sociedade, o que possibilita um importante exercício de compreensão de si e do outro. Candido (2002) explica que, apesar da superação de alguns obstáculos, ainda não conseguimos eliminar a barbárie presente na sociedade. Há questões mais profundas que precisam ser discutidas e que devem abordar a cultura e a sociedade. É aí que entra a literatura que tem a capacidade de nos humanizar, de nos fazer olhar a dor do outro e de nos sensibilizar.

Para Zilberman (2009), a literatura não deve ser ensinada apenas como a transmissão de um patrimônio já consagrado, mas sim como uma ferramenta para a

formação do leitor. Por isso, é preciso conceber “a leitura não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de experiência única com o texto literário” (Zilberman, 2009, p. 16). Daí a importância de ver a leitura literária como algo que vai além da decodificação das palavras, como elemento fundamental para a formação do leitor por meio da obra. A literatura entendida dessa forma se revela como uma ferramenta para humanizar, ao permitir que as pessoas se sensibilizem frente às questões essenciais que permeiam a sociedade.

A leitura do texto literário é uma prática que reúne informações e elementos diversos, é “[...] uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial. Essas têm seu sentido aumentado, quando contrapostas às vivências transmitidas pelo texto, de modo que o leitor tende a se enriquecer graças ao seu consumo” (Zilberman, 2009, p. 17). A leitura literária possibilita ao leitor explorar, compreender perspectivas e experiências diferentes das suas, sem deixar de lado a subjetividade e a estória, “[o] leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto” (Zilberman, 2009, p. 17).

A leitura é um meio positivo para expandir a visão de mundo do leitor, uma vez que suas experiências são enriquecidas quando confrontadas com as vivências transmitidas pela obra, o que contribui para o seu desenvolvimento pessoal e intelectual. Por conseguinte, a literatura faz o leitor mergulhar nas experiências dos personagens, lidando com suas dores, lutas, êxitos, desafiando-o a explorar novas ideias e considerar suas próprias emoções e valores. Isso pode promover reflexões, autoconhecimento e até inspirar mudanças em sua vida. Para (Candido, 2002, p. 6), “o processo de humanizar requer o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo”.

O ato de ler não enriquece apenas a compreensão individual, mas é responsável por um desenvolvimento de uma consciência humana mais ampla, fundamental para uma participação ativa e consciente do sujeito na sociedade, contribuindo com relações mais inclusivas. Por isso, a literatura é humanizadora, posto que “pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (Candido, 2004, p. 172), o outro é detentor do direito à literatura, já que as necessidades humanas necessitam do desenvolvimento da fantasia e da imaginação.

Nesse contexto, a literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (Candido, 2004, p. 175). De acordo com o autor, a literatura reconhece diferentes facetas da vida presentes nas obras que o leitor lê e, isso possibilita ao leitor uma melhor compreensão do mundo diante de realidades criadas na ficção, mas que tem significado em sua vida no mundo real.

Embora a literatura produzida em Goiás seja muito rica e variada, ela é pouco lida, sobretudo, nas salas de aula das escolas goianas, de tal modo que, muitos goianos sequer têm conhecimento do acervo cultural do próprio estado. Esse fato denota a importância de que haja políticas pedagógicas voltadas para a ampliação de trabalhos com a produção literária local, sem que isso soe como bairrismo ou localismo, como parte da formação da identidade cultural e artística necessária a qualquer cidadão.

Nas próximas linhas, apresentamos exemplos de pesquisadores que desenvolveram estudos sobre o trabalho com a poesia, na sala de aula, produzida em Goiás. Nesse sentido, vale ressaltar as contribuições da Rede Goiana de Pesquisa em Leitura e Ensino de Poesia e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* do CEPAE/UFG.

Na dissertação “Leitura de poesia e formação do leitor literário na educação básica: a produção poética de Cora Coralina em sala de aula” e no produto educacional – um documentário – intitulado “Cora Coralina: Entre poemas e memórias”, Edina Faria de Almeida aborda a necessidade do trabalho com a poesia, uma vez que os adolescentes “demonstram o interesse pelo percurso traçado pelo texto poético, confrontando-o com situações inéditas que poderão modificar seu olhar sobre coisas e lugares (Almeida, 2022, p. 14).

A pesquisadora se propõe a ler a obra “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais” com alunos de oitavo ano, da rede pública estadual, com enfoque na memória e identidade, e apresenta possibilidades metodológicas da leitura de poemas que instiguem a relação leitor-poesia, analisa, ainda, como a leitura literária é capaz de despertar reflexões sobre a condição humana e ampliar a visão de mundo, tornando o ser humano mais empático e mais estimulado a novas formas de pensar e sentir. Ao falar sobre o processo humanizador da poesia, a autora afirma que “o texto poético não deve servir de pretexto moralizante” (Almeida, 2022, p.33), pelo contrário, deve estimular a sensibilidade do estudante e contribuir para seu crescimento humano e para a afirmação de sua memória e sua identidade cultural.

No trabalho, “Poesia Moderna e Contemporânea e Formação do Leitor: a produção poética de Heleno Godoy em sala de aula” e no produto educacional –um documentário – intitulado “Heleno por Heleno”, que tem como *corpus* de pesquisa um conjunto de obras do poeta goiano Heleno Godoy, Renata Magalhães Vaz Assis, traz um panorama da obra de Heleno Godoy e diz que o escritor amplia a realidade por meio de suas palavras. A poesia para Godoy é um canal de interação com o mundo, um espaço para explorar o cotidiano, atrelando a poesia à vida. O poeta aborda diferentes assuntos e demonstra um olhar sensível para a condição humana e para a sociedade atual, “[n]essa linha, Godoy, ao longo de seus livros, transita entre temas sociais, políticos, econômicos a perdas, família e lar” (Assis, 2018, p.41).

Para a estudiosa, a literatura tem um papel de fazer “sentir o outro em si” (Assis, 2018, p. 15), ela possibilita que o leitor se abra às novas emoções, levando em consideração as perspectivas do próximo de uma maneira mais humana. E esse “sentir o outro em nós” promove uma identificação com realidades e sentimentos diversos. A literatura, às vezes é associada a certas esferas que a colocam distante da população, mas ela precisa ser adicionada aos currículos escolares como “um poderoso instrumento de instrução e educação” (Assis, 2018, p.23), visto que “ela humaniza, ela educa, ela forma”. A função da literatura é justamente fazer com que o ser se torne livre, mais sensível e humano, com um papel ativo no mundo.

Ao analisar o conceito de humanização proposto por Candido, é possível identificar uma ligação entre o pensamento do estudioso e a poesia de Baudelaire - que aborda as condições humanas na sociedade moderna. Isso se deve ao fato de que tanto Candido quanto Baudelaire compartilham uma preocupação profunda com as complexidades da experiência humana em meio às transformações da vida urbana e da modernidade. Considerando essa importante questão, tecemos algumas considerações sobre Baudelaire na subseção a seguir.

#### 1.4.2 A poética da modernidade, Baudelaire e a narrativa dos oprimidos: ler a escritora Cora Coralina nesse contexto

Durante o século XVIII, as cidades passaram por um intenso processo de crescimento e transformação, com o surgimento de atividades humanas cada vez mais diversificadas. Esse período é o mais próximo das cidades modernas que conhecemos hoje. As mudanças incluíam o desenvolvimento de indústrias, comércio e a crescente

concentração de pessoas nas cidades e isso traria consequências. Nesse sentido, Pechman (1997, s/p) afirma que “[...] a cidade se torna foco de observação, análise e discurso. Basicamente, porque a cidade passa a representar a própria civilização na medida em que a vida urbana é vista como destino inexorável”.

Esse processo, pelo qual as cidades passam a se ver como um novo mundo da civilização, busca compreender seu sistema de funcionamento e, assim, inicia-se uma jornada de investigação para conhecer a si mesma e seu contexto. Partindo-se dessa concepção, com o escritor francês Charles Baudelaire – considerado o pai da modernidade –, houve uma mudança na forma como as pessoas passaram a apreciar as cidades, o que resultou na criação de um novo conceito artístico: a 'paisagem das grandes cidades'.

Baudelaire explorou, por meio de sua poesia, a contraposição de Paris, mostrando como a grandiosidade de uma cidade convive com a decadência e a fragilidade do ser humano. Em sua obra poética “Flores do Mal”, Baudelaire retrata a condição humana na sociedade moderna, mostra as contradições, os conflitos da vida urbana, a marginalização e a exclusão presentes na sociedade de sua época. O francês explora tanto a grandiosidade quanto a brutalidade da cidade, descreve multidões anônimas, espaços urbanos sombrios e a desolação que permeava a vida urbana. Além disso, atento a esta nova visão da representação da cidade e da apreciação dos espaços urbanos, o poeta dá destaque a um novo personagem, o homem na multidão.

Essa figura se tornou um ícone importante para o poeta francês, embora tenha sido criada pelo escritor norte-americano Edgar Allan Poe no conto “O homem na multidão”. Tanto o conto de Poe quanto a poesia de Baudelaire oferecem um panorama sobre a marginalização social ao retratar o indivíduo em meio à agitação e à indiferença da vida urbana, Poe se vale de metáforas, ao mencionar “duas densas e contínuas marés de povo que passavam apressadas diante da porta” ou “daquele tumultuoso mar de cabeças humanas” (Poe, 1965, p. 392). A obra “O homem da multidão”, escrita em 1840, de acordo com Cordeiro Gomes, é um dos “textos basilares que tematiza o problema da legibilidade da cidade moderna, através da complexa vida urbana em sua constante mobilidade, cenarizada nos labirintos das ruas e da multidão” (Gomes, 1994, p. 71). Nesse sentido, o homem anda pelas ruas da cidade desorientado, desenraizado e desintegrado de sua própria identidade, e se sente excluído e impossibilitado de se conectar com as pessoas.

Para corroborar com essa concepção de homem na multidão, Baudelaire (2002, p. 35) afirma que, em relação a esse,

jamais contou com maior magia as exceções da vida humana e da natureza (...) a histeria usurpando o lugar da vontade, a contradição estabelecida entre os nervos e o espírito, e o homem descontrolado, a ponto de exprimir a dor por meio do riso. Analisa o que há de mais fugitivo, sopesa o imponderável e descreve, com essa maneira minuciosa e científica, cujos efeitos são terríveis, todo esse imaginário que flutua em torno do homem nervoso e o impele para a ruína.

Esse homem, descontrolado e capaz de exprimir dor através do riso, revela a complexidade das emoções humanas e faz com que os abismos internos levem à perdição, ou seja, o homem se sente perdido no meio da massa urbana, onde as interações superficiais e a falta de conexões significativas levam à sensação de isolamento e despersonalização.

E, para completar, Baudelaire é um anticartesiano, pois rejeitava o pensamento cartesiano, racional, lógico e preferia os sentimentos, as emoções e as experiências humanas. Assim, o mundo do trabalho não é importante para ele, mas as complexidades que os seres humanos apresentam. Em “Flores do Mal”, ele retrata de forma poética a condição de vida dos excluídos, dos que vivem à margem da sociedade, isto é, dos trapos humanos: prostitutas, mendigos, viciados, como se observa no trecho do poema:

#### **Ao leitor**

A tolice, o pecado, o logro, a mesquinhez  
 Habitam nosso espírito e o corpo viciam,  
 E adoráveis remorsos sempre nos saciam,  
 Como o mendigo exhibe a sua sordidez.  
 Fiéis ao pecado, a contrição nos amordaça;  
 Impomos alto preço à infâmia confessada,  
 E alegres retornamos à lodosa estrada,  
 Na ilusão de que o pranto as nódoas nos desfaça.  
 Na almofada do mal é Satã Trismegisto  
 Quem docemente nosso espírito consola,  
 E o metal puro da vontade então se evola  
 Por obra deste sábio que age sem ser visto  
 É o Diabo que nos move e até nos manuseia!  
 Em tudo o que repugna uma joia encontramos;  
 Dia após dia, para o Inferno caminhamos,  
 Sem medo algum, dentro da treva que nauseia.  
 Assim como um voraz devasso beija e suga  
 O seio murcho que lhe oferta uma vadia,  
 Furtamos ao acaso uma carícia esguia  
 Para espremê-la qual laranja que se enrugia.  
 Espesso, a fervilhar, qual um milhão de helmintos,  
 Em nosso crânio um povo de demônios cresce,  
 E, ao respirarmos, aos pulmões a morte desce,  
 Rio invisível, com lamentos indistintos.  
 Se o veneno, a paixão, o estupro, a punhalada  
 Não bordaram ainda com desenhos finos  
 A trama vã de nossos míseros destinos,

É que nossa alma arriscou pouco ou quase nada.  
 Em meio às hienas, às serpentes, aos chacais,  
 Aos símios, escorpiões, abutres e panteras,  
 Aos monstros ululantes e às viscosas feras,  
 No lodaçal de nossos vícios imortais,  
 Um há mais feio, mais iníquo, mais imundo!  
 Sem grandes gestos ou sequer lançar um grito,  
 Da Terra, por prazer, faria um só detrito  
 E num bocejo imenso engoliria o mundo;  
 É o Tédio! — O olhar esquivo à mínima emoção,  
 Com patíbulos sonha, ao cachimbo agarrado.  
 Tu conheces, leitor, o monstro delicado  
 — Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão. (Baudelaire, 2002).

O poema apresenta uma visão sombria da condição humana, ao abordar os prazeres efêmeros e o destino miserável da humanidade que caminha rumo à destruição. E assim, os indivíduos que passam a transitar pelas ruas tornam-se um dos temas recorrentes da produção literária.

Sobre a obra “Flores do Mal”, Benjamin diz que

[a] ambiguidade é a representação figurativa da dialética, a lei da dialética em repouso. Esse repouso é utopia, e a imagem dialética, portanto, imagem onírica. Semelhante imagem representa integralmente mercadoria: como fetiche. As passagens, que são ao mesmo tempo casa e rua, forma uma imagem dessas. Uma imagem dessas é a prostituta, que une numa só a vendedora e a mercadoria (Benjamin, 2022, p. 147).

Benjamin explora, ao comentar a poesia de Baudelaire, a relação entre a modernidade e a alienação do indivíduo na sociedade capitalista, que o explora e não o enxerga como um cidadão, como uma pessoa. O poeta francês consegue mostrar a experiência urbana e as contradições da vida moderna em sua poesia e revela, ainda, a decadência, a angústia e o isolamento do ser humano na cidade cada vez mais industrializada.

Deste modo, a autenticidade e a qualidade da poesia estão intrinsecamente ligadas à capacidade do poeta de se conectar com a realidade cotidiana, com as experiências compartilhadas pela maioria das pessoas e com os desafios da vida urbana. A verdadeira arte surge, portanto, não apenas da observação do mundo ao redor, mas também da interpretação subjetiva e única que cada artista é capaz de oferecer. Walter Benjamin, em 1940, publicou a obra “Sobre o conceito de história”, um dos grandes escritos políticos do século XX, que retratou, no espaço urbano, a revolta dos oprimidos no século XIX, uma luta de classes sob o enfoque das camadas subalternas. Partindo-se dessa visão, ele destaca que

[o] materialista histórico aproxima-se de um objeto histórico somente quando ele o confronta enquanto mônada. Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade de luta revolucionária na luta pelo passado oprimido (Benjamin, 2012, p.251).

Benjamin (2012) argumenta que a opressão não se restringe apenas aos operários, mas abrange todas as pessoas que foram subjugadas por forças de poder ao longo dos tempos. E ainda acrescenta “o sujeito do conhecimento histórico é a própria classe oprimida, a classe combatente” (Benjamin, 2012, p. 228). Nesse sentido, a memória coletiva é o elemento crucial de seus escritos.

Benjamin (2012) destaca a importância de considerar as perspectivas das pessoas menos favorecidas e suas narrativas sobre mudança, em oposição à simples crença no avanço linear da sociedade. Dessa forma, o autor ressalta a importância de se reconhecer as vivências compartilhadas e isso envolve compreender as lutas, os sofrimentos, as resistências e as conquistas desse grupo como parte integrante da história e da identidade coletiva. O escritor (2005) faz uma crítica ao sistema de seu tempo: os dominantes do presente são os herdeiros de todos os que, algum dia, venceram. [...] Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje a marcharem por cima dos que, hoje, jazem por terra” (Benjamin, 2005, p.70).

Dessa maneira, Benjamin (2005) destaca a importância de compreender as relações de poder em um contexto histórico mais amplo, reconhecendo como as vitórias do passado moldaram as dinâmicas sociais e políticas presentes. Ao fazer essa análise, o autor (2005) busca evidenciar a complexidade das relações de poder e como as conquistas passadas influenciam as condições atuais de dominação e subjugação.

Ao se tratar da condição local para os seus escritos, Benjamin se apoia na grande Paris, “capital do século XIX”, como possibilidade de retratar a condição melancólica do sujeito moderno, representado pelo poeta *flâneur*, palavra cuja origem provém do verbo francês *flâner*, que significa aquele que caminha ao acaso, sem rumo preciso, que perde seu tempo (Cf. LE Robert, 2006, v. *flâner*). O conceito de *flâneur* está ligado à capacidade do observador urbano de perceber a essência da vida nas cidades, revelando aspectos sociais, culturais e políticos por meio de seu olhar atento. O sujeito perambula refletindo sobre a cidade e os marginalizados ou privados de participar plenamente da vida urbana. O *flâneur* percebe que a forma como a cidade é organizada para atender aos interesses do capitalismo exclui muitas pessoas, como os trabalhadores pobres, prostitutas, imigrantes, mendigos, bêbados, idosos e mulheres. Isso acontece porque a cidade é planejada de uma

maneira que não considera as necessidades e direitos desses grupos, deixando-os em desvantagem.

Para o autor, o *flâneur* é caracterizado por sua atitude de contemplação e curiosidade em relação ao ambiente urbano. Baudelaire (1998) explica que

[a] multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente (Baudelaire, 1998, p. 170).

A linguagem poética utilizada por Baudelaire para descrever o *flâneur* reflete a admiração e o encantamento por essa figura singular, que busca encontrar significado e beleza no caos e na diversidade da cidade.

Entretanto, para Benjamin, o excesso de modernização do espaço urbano, as transformações intensas e aceleradas que as cidades passam, pode levar à desumanização. Assim, esse escritor confere destaque aos oprimidos em suas narrativas,

[a]li, na grade, onde os operários do asfalto penduram o paletó, é o vestíbulo; e o corredor que conduz dos pátios para o portão e para o ar livre, esse longo corredor que assusta o burguês é, para eles, o acesso aos aposentos da cidade. A passagem era o aposento que servia de salão. Na passagem, mais do que em qualquer outro lugar, a rua se apresenta como o *intérieur* mobiliado e habitado pelas massas (Benjamin, 2006, p. 468).

Benjamin mostra a importância de considerar as diferentes perspectivas dos diversos grupos sociais no ambiente urbano e questiona as hierarquias espaciais e culturais estabelecidas pela sociedade burguesa. Segundo o autor (2000), a cidade representa a concretização do ancestral desejo humano pelo labirinto e, por isso, a vida urbana se torna perigosa para os personagens marginalizados socialmente. Ele busca entender e interpretar a História a partir da visão e das experiências da classe oprimida, não focando apenas nos registros históricos, pois ele procura dar voz aos oprimidos, reconhecendo sua importância na construção das cidades.

É, então, nesse contexto de modernidade, levada a contornos mais definidos por Baudelaire, na França, que a poesia brasileira herda a figura do marginalizado, do oprimido na poesia, do insignificante, do trapo social na lírica do século XX. E é ainda nesse contexto (considerado o devido anacronismo com que as novidades estéticas

chegavam na produção literária em Goiás) que a obra coralineana se insere, marcada por uma identificação da escritora com os oprimidos, os pequenos, os marginalizados e com as pessoas simples de seu entorno.

Importante destacar que, embora Cora Coralina dialogue com esses princípios estéticos da modernidade literária, ela também apresenta uma voz bastante singular e específica de uma mulher que nasceu e cresceu em uma cidade do interior do Brasil, em um estado distante da efervescência cultural, na época, centrada no Rio de Janeiro e em São Paulo.

#### 1.4.3 O Eu é um Outro Arthur Rimbaud

Arthur Rimbaud viveu durante um período marcado pela expansão colonial da França, especialmente na África. Na época de Rimbaud, a presença da África na França era vista como uma chance de explorar novas ideias artísticas e de questionar como o colonialismo afetava as relações de poder. Dessa forma, os excluídos começam a serem percebidos na literatura. Loriga (1998, p. 225) ressalta que “[a] redescoberta da biografia remete principalmente a experiências no campo da história atentas ao “cotidiano”, “subjetividades outras”: por exemplo, a história oral, os estudos sobre a cultura popular e a história das mulheres.

Assim, há um maior interesse sobre as experiências que se fundamentam na vida e nos indivíduos comuns. Essa redescoberta visa ampliar a compreensão do passado, e traz um novo olhar para narrativas que antes não eram exploradas, o que contribuiu para uma abordagem mais inclusiva. Essa perspectiva mostra o objetivo da História, permitindo a inclusão de narrativas diferentes e a compreensão mais completa das sociedades e culturas. Para Barbosa (2011) foi o desejo dos historiadores e sociólogos em estender o olhar sobre os excluídos da memória, ou os renegados da história, que fez com que se reabrisse o debate acerca do valor e do método biográfico, logo,

[o] reconhecimento de que as classes populares podiam ser objetos da história, não apenas de uma abordagem quantitativa, mas sim enquanto sujeitos da história (pensamento reforçado com a crítica neomarxista) começa a ser disseminado, criando visibilidade para a subjetividade (o vivido), não apenas para a atividade econômica e política (Barbosa, 2011, p. 23).

Rimbaud não romantiza a condição dos excluídos e mostra a complexidade dos personagens, revelando as lutas e questionando as estruturas sociais e as injustiças que eles sofrem. No poema “Cidades”, por exemplo, Rimbaud apresenta uma visão

melancólica do indivíduo frente à cidade onde vive, figuras sombrias caminham por ela em uma atmosfera cinzenta, o que revela um ambiente de desolação e desesperança.

#### Cidade

Sou em efêmero e não muito descontente cidadão de  
 uma metrópole que se supõe moderna porque  
 todo gosto conhecido foi subtraído  
     tanto dos mobiliários e do exterior das casas  
 quanto do traçado da cidade.  
 Aqui não poderíeis assinalar os vestígios  
 de nenhum monumento de superstição.  
 A moral e a língua estão reduzidas à sua  
 mais simples expressão, enfim!  
 Estes milhões de pessoas que não  
 têm necessidade de se conhecer sobrelevam  
     de maneira tão semelhante a educação,  
 a profissão e a velhice, que a duração da vida  
 deve ser várias vezes menos longa daquela  
     que uma estatística insana encontra para  
 os povos do continente. Assim como, de minha janela,  
 vejo espectros novos circulando através da  
     e eterna fumaça de carvão,  
 — nossa sombra dos bosques, nossa noite de verão!  
 — Erínias novas, diante da choupana que é minha  
 pátria e todo meu coração, pois tudo aqui se assemelha a isto,  
 — a Morte sem prantos, nossa ativa filha e serva,  
 um Amor desesperado, e um belo Crime  
 choramingando na lama da rua (Rimbaud, 2012).

Na poesia de Rimbaud, a representação dos excluídos se relaciona com o conceito do "eu é um outro". Essa expressão mostra que o poeta quer ir além das ideias normais sobre quem ele é, e estar aberto a ser e entender o mundo de maneiras diferentes. Ele mesmo diz: "Eu é um outro. Azar da madeira que se descobre violino, e danem-se os inconscientes que discutem sobre o que ignoram completamente!" (Rimbaud, 1994). Logo, cada pessoa está sempre mudando, podendo se descobrir de novas maneiras e entender pontos de vista e experiências diferentes, ou seja, a descoberta de algo novo pode trazer desafios e ser dolorosa.

Dessa forma, quando Rimbaud afirma que o "eu" é um outro, ele está dizendo que podemos entender melhor e incluir as experiências das pessoas que são excluídas, o que mostra que é importante ouvir o que elas têm a dizer e reconhecer sua humanidade, bem como identificar-se com elas, a ponto de lhes dar voz na poesia. Nesse sentido, ao romper com regras e expectativas sobre como escrever e como agir em sociedade, o poeta abriu espaço para mostrar coisas sobre as quais as pessoas não costumavam falar ou que eram escondidas na época em que ele vivia. Além disso, Rimbaud se importava com as

peessoas que tinham menos oportunidades e queria que suas histórias fossem retratadas por meio de sua poesia.

Rimbaud explorava temas e criava uma espécie de "fissura" na linguagem que permitia aos leitores ir ao encontro do desconhecido. Sua poesia se transformava em algo novo, que tentava compreender o mundo de outra maneira. Andruetto diz que a "literatura é memória e, como tal, necessita construir com palavras um *plus*, uma distorção ou um deslocamento de sentido, uma fissura que nos permitirá ir em busca do que ainda desconhecemos" (Andruetto, 2017, p.33). Isso mostra que a literatura é uma ferramenta poderosa para ampliar nossa visão de mundo, pois abre espaços para novas interpretações. A poesia de Rimbaud está relacionada a essa ideia, já que desafiou as convenções literárias de sua época.

Dessa maneira, assim como em Baudelaire, em Rimbaud há a identificação com o trapo social, com os socialmente desvalidos. A aproximação da produção coralínea com a de Rimbaud está nessa identificação com o outro, sejam os oprimidos ("Todas as vidas"), os vegetais ("Oração do milho") ou os vultos do passado ("Procissão das almas").

Nesse sentido, ao nos referirmos ao potencial humanizador da literatura (Candido, 2004) é possível afirmar que a leitura de contos e de poemas da poeta vilaboense, em sala de aula, pode ser ainda mais eficaz não só pela elaboração estética de seus textos, mas também por essas peculiaridades histórico-culturais de sua produção, uma vez que enseja ao aluno a capacidade de experimentar a outridade, de se colocar no lugar de seus pares à medida que lê os textos.

#### 1.4.4 A poesia de Drummond e Bandeira em diálogo com os excluídos

No Brasil, o movimento modernista, que teve seu ápice na década de 1920, buscava romper com as tradições vigentes. Nessa época, os escritores tinham um olhar crítico em relação às desigualdades sociais presentes na época em que viveram e, com isso, trouxeram luz às discussões sobre os excluídos e marginalizados socialmente.

Dentro desse contexto, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira foram exímios observadores das ruas, dos ambientes populares e das transformações que as cidades, especialmente, os grandes centros urbanos, passavam ao longo do tempo. Os poemas desses autores revelam uma relação de crise e amor ao darem visibilidade aos excluídos e marginalizados da sociedade brasileira como o José, o leiteiro de Drummond

e o carvoeirinho, o entregador de feira livre (João Gostoso), as prostitutas de Manuel Bandeira.

Em “A morte do leiteiro”, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade revela as angústias e medos de uma sociedade que, na medida em que a população cresce, aumenta a criminalidade, muitas vezes, advinda da desigualdade de oportunidades. Nesse poema, o poeta retrata a indiferença e a brutalidade da sociedade, indicando a invisibilidade dos menos privilegiados, “[e]ntão o moço que é leiteiro, de madrugada com sua lata, sai correndo e distribuindo leite bom pra gente ruim [...], mas, este acordou em pânico (ladrões infestam o bairro), não quis saber de mais nada. O revólver da gaveta saltou para sua mão. Ladrão? Se pega com tiro”. [2012, p. 84].

Drummond foi um observador da desigualdade social e da miséria urbana, sua obra vai além do pitoresco e anedótico para explorar a vida cotidiana, a existência humana e os dramas individuais presentes na sociedade moderna,

o que há de pitoresco e por vezes anedótico na fixação da vida de todo o dia, ele aguçou a capacidade de apreender o destino individual navalha dos circos e, deste modo, deu lugar a uma forma peculiar de poesia social, não mais no sentido político, mas como discernimento da condição humana em certos dramas corriqueiros da sociedade moderna (Candido, 1977, p. 109).

Isso também é perceptível no poema José:

“E agora José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora José?  
Você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
E agora, José?”  
(...) “Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua para se encostar,  
sem cavalo preto que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?” (Andrade, Carlos Drummond de. *José*. 2003, p. 106-107).

Manuel Bandeira escreve uma poesia que também aborda os excluídos e marginalizados da sociedade, ou seja, aqueles que vivenciam a solidão do não ser notado, não ser compreendido, não ser ouvido, que não tem um rumo certo para seguir. Em seu

poema “O Bicho”, escrito no ano de 1945, o poeta aborda de modo sensível a realidade social brasileira que, durante aquele período, vivia imersa em uma miséria preocupante. Embora o poema pareça simplório, revela o abismo social que existe em um grande centro urbano e seu final surpreende o leitor ao denunciar uma sociedade bastante desigual, “[v]i, ontem um bicho na imundície do pátio. Catando comida entre os detritos. (...) O bicho não era um cão, não era um gato, não era um rato. O bicho, meu Deus, era um homem” (Bandeira, 1993, p.201).

Percebe-se, portanto, que essa tematização do indivíduo marginalizado socialmente ou o trapo social faz parte do projeto moderno e modernista da poesia. Cora Coralina, em diálogo com a sua época, mantém a coerência do projeto estético modernista brasileiro e, em comunhão com a sua realidade e com a proposta literária de seu tempo, empresta voz aos excluídos da sociedade tanto na poesia quanto no conto.

### 1.5 Fruição literária e o prazer do texto

A fruição literária é a experiência de desfrutar e de se envolver com um texto de uma forma que traga prazer e significado. Quando o leitor se envolve com o texto, desenvolve uma série de mecanismos como a compaixão, a empatia, a criatividade e o conhecimento de mundo. Dessa forma, a fruição literária desempenha um papel crucial no desenvolvimento pessoal e intelectual daqueles que se entregam à leitura.

Uma das definições da palavra “fruição” no dicionário *online* é “[u]tilização prazerosa de algo; gozo. [...] Do latim *fruitio.onis*”, desfrute e prazer. O termo “fruição” se relaciona a sentidos que invocam o prazer em seu mais notório significado, ou seja, seu ápice, tanto fisicamente como psicologicamente. De acordo com o mesmo dicionário, o prazer é a “[s]ensação agradável de contentamento ou de alegria, normalmente relacionada à satisfação de um desejo, vontade ou necessidade; divertimento, diversão.” O prazer está ligado àquilo que nos satisfaz, que nos causa deleite.

E assim, a fruição estética ligada ao ato da leitura se refere ao prazer, estético e cultural, do ato de ler, que é o momento de desfrutar plenamente a leitura. A fruição ocorre quando há entrega ao texto de forma reflexiva, crítica, apreciativa da linguagem que permite adensar com profundidade na produção de sentido do que está sendo transmitido e das emoções que o texto provoca. Esse conceito de prazer precisa ficar bastante claro, posto que, comumente, o termo é distorcido para referir-se ao que é de fácil consumo, degustável, via de regra, ligado à indústria cultural.

Barthes (2008) explica que a diferença entre fruição e prazer se relaciona à experiência leitora. O prazer é a satisfação imediata gerada no momento. Já a fruição envolve um prazer mais profundo, consiste na imersão e no envolvimento com o texto, ela deixa marcas duradouras no leitor. Entretanto, o autor (2008) diz que há dificuldade de estabelecer definições rígidas para o prazer e a fruição na leitura, haja vista que são complexos e subjetivos tais conceitos,

[p]razer/fruição: terminologicamente isso ainda vacila, tropeço, confundo-me. De toda maneira, haverá sempre uma margem de indecisão; a distinção não será de origem de classificações seguras, o paradigma rangerá, o sentido será precário, revogável, reversível, o discurso será incompleto (Barthes, 2008, p.8).

Nesse contexto, é possível pensar no papel da escola frente a essa discussão sobre fruição e prazer, visto que muitas vezes é lá que o estudante terá contato pela primeira vez com o texto literário. Portanto, este espaço, por apresentar uma diversidade de gêneros, de temas e fazer uma mediação em que haja discussões e reflexões sobre as obras lidas, ter uma biblioteca escolar e também criar projetos de incentivo à leitura, contribui com o desenvolvimento da fruição leitora quando se estimula a leitura de uma maneira saudável. Para Barthes (2008, p.9), é preciso “dragar” o leitor, “[e]sse, leitor é mister que eu o procure (“que eu o drague”), sem saber onde ele está. Um espaço de fruição fica então criado”, criar um espaço de fruição no ato da leitura, ou seja, um local em que haja um engajamento tanto emocional como intelectual do leitor com o texto lido.

O contato direto com o texto literário, o diálogo entre o texto, o leitor e o autor estão intimamente relacionados à fruição leitora. Portanto, quando os estudantes têm a possibilidade de se envolver com o texto literário, refletir sobre seu conteúdo, entender os sentidos do texto, construir seu conhecimento e formar sua própria opinião, eles se tornam agentes ativos no processo de leitura e, conseqüentemente, desfrutam da fruição leitora. E esse processo só é possível porque a obra de arte é aberta, “[...] isto é, passível de mil interpretações diferentes, sem que isto redunde em alteração de sua irreproduzível singularidade. Cada fruição é assim, uma interpretação e uma execução, pois em cada fruição a obra revive numa perspectiva original [...]” (Eco, 1976, p. 40).

A compreensão e fruição literária são influenciadas pela subjetividade e pela diversidade de experiências individuais de cada leitor. A leitura vai muito além de apenas ler as palavras, o entendimento do texto inclui o contexto cultural, as expectativas pessoais e a complexidade das obras literárias. Portanto, para Eco (1976), a fruição

literária é uma experiência completa de interação com o texto, que vai além da simples compreensão, ele reconhece que cada leitor traz visões que influenciam sua forma de apreciar e entender as obras que lê.

Segundo Teresa Colomer (2014), a fruição literária é um elemento primordial no desenvolvimento de habilidades de leitura e no estímulo da criatividade e imaginação do leitor. Para que os leitores se envolvam de forma significativa com o texto é importante que a escola proporcione experiências leitoras que despertem o prazer estético e emocional (Colomer, 2014). A literatura, neste caso, tem o papel de oferecer suporte emocional e também estímulo intelectual para desenvolver o lado humano de jovens leitores,

[n]osso mundo se encontra cada vez mais globalizado e mais desigual ao mesmo tempo, no entanto, muitas crianças que vivem à margem do sistema social necessitam da palavra e das histórias para poder sobreviver. E as crianças que vivem instaladas na maior passividade consumista necessitam da palavra e das histórias para poder resgatar-se (Colomer, 2014, p. 141).

Deste modo, a ideia de que as crianças necessitam de literatura, independente do contexto social em que vivem, para sobreviver no mundo globalizado está diretamente ligada à necessidade da escola proporcionar experiências de fruição leitora. A leitura e a fruição de histórias influenciam, proporcionam conhecimento, ampliam horizontes e colocam o leitor numa postura mais reflexiva, crítica e ativa sobre o mundo ao redor. Assumindo esta conduta, o leitor torna-se ativo no processo de leitura, fruindo aquilo que lê e estabelece um fidedigno diálogo com a obra escrita. O leitor proficiente tem condições de em um texto de ficção, por exemplo, completar as brechas, com sua percepção de mundo, que o escritor deixa para ele preencher.

Observamos até aqui, como Barthes, Eco e outros autores entendem a fruição e o prazer do texto. Na próxima subseção, discutimos a questão da literatura e da fruição leitora em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

#### 1.5.1 Literatura, Fruição Literária e BNCC

A literatura, na BNCC (Brasil, 2018), está inserida na área de Linguagens e suas Tecnologias que abrange diversas disciplinas, como Arte, Educação Física, Língua Inglesa e Língua Portuguesa (LP). A literatura é parte integrante do campo de estudo da LP que deve ser ensinada por meio de gêneros do discurso que circulam em cinco campos

de atuação, vida pessoal, artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa, jornalístico midiático e atuação na vida pública. Esses campos são os catalisadores de ações subsequentes e refletem uma inovação na concepção e na aplicação das diretrizes educacionais.

De certa maneira, a BNCC tenta reinterpretar a função da literatura, porém, a deixa em segundo plano, por não considerar suas características como forma artística da linguagem verbal. Em vez disso, o documento encara a literatura apenas como uma ferramenta para os professores trabalharem uma variedade de conteúdos, sem explorar a linguagem literária de forma mais profunda e concentrada (Marques, 2023).

A literatura na BNCC aparece de forma discreta com o “Eixo Leitura”

[...] compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (Brasil, 2018, p. 75).

Na introdução ao campo artístico-literário, onde se insere o ensino da literatura, a Base adota uma abordagem ampla sobre o objetivo do mesmo “[...] buscando ampliar o contato e promover uma análise mais aprofundada das expressões culturais e artísticas em geral (Brasil, 2018, p. 495). Com essa abertura, o documento destaca que a literatura é apenas uma forma de arte entre muitas, e, portanto, deve ser estudada em interação com outras práticas linguísticas, das quais não pode ser separada. Essa postura reflete uma mudança significativa na percepção do literário, agora considerado como parte integrante de um discurso social 'moderno', que valoriza a leitura democratizada, sem restrições formativas, aplicável a todos os tipos de textos (Colomer, 2014, p. 23). Dessa forma, há uma equiparação entre os diferentes tipos de texto e a literatura é apenas uma das expressões possíveis.

A BNCC, depois de explicar que a literatura é algo que faz parte da sociedade, começa a estabelecer uma lista de objetivos, que, por vezes, não se conectam de maneira coerente. Parece haver uma tentativa de abranger todas as abordagens possíveis sem tomar decisões específicas e direcionadas. O foco permanece, como já aparecia nas Orientações Nacionais Curriculares (OCM) (Brasil, 2006), na continuidade da formação do leitor literário e na promoção da fruição literária.

No contexto das expectativas em relação aos comportamentos e reações frente à literatura, a BNCC delinea competências específicas nas áreas de Linguagens e LP como podemos observar a seguir:

Competência 5: Cultivar a apreciação estética para reconhecer, desfrutar e respeitar uma variedade de expressões artísticas e culturais, desde as locais até as globais, incluindo aquelas que são parte do patrimônio cultural da humanidade, e participar ativamente em práticas artísticas diversas, tanto individualmente quanto em grupo. Isso implica promover a apreciação da literatura de forma inclusiva na escola e na comunidade, valorizando a diversidade de conhecimentos, identidades e culturas.

Competência 9: Engajar-se em práticas de leitura literária que permitam o desenvolvimento de uma apreciação estética para o prazer estético, reconhecendo a literatura e outras formas de expressão artística e cultural como meios de acesso aos aspectos lúdicos, imaginativos e encantadores, reconhecendo o potencial de transformação e humanização da experiência com a literatura (Brasil, 2018, p. 87).

A Base define competência como a capacidade de mobilizar conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas da vida cotidiana, do trabalho e da cidadania. A partir das competências citadas, anteriormente, notamos que há uma valorização da "diversidade de conhecimentos, identidades e culturas" (Brasil, 2018, p. 65), tanto locais quanto globais, no documento.

A quinta competência da área de Linguagens apresenta uma literatura plural e significativa que deve ser ensinada na escola, além de ressaltar que a presença de práticas leitoras de textos literários não é simplesmente a transmissão de conhecimentos, uma vez que ela é um instrumento de formação e um meio para enriquecer o repertório cultural dos estudantes. Nesse sentido, a introdução da literatura na BNCC representa não apenas um reconhecimento de sua importância, mas também uma oportunidade para fortalecer a fruição literária e promover uma educação mais significativa e inclusiva (De Lemos, 2021).

De acordo com a Base, a fruição refere-se ao

deleite, ao prazer, ao estranhamento e à abertura para se sensibilizar durante a participação em práticas artísticas e culturais. Essa dimensão implica disponibilidade dos sujeitos para a relação continuada com produções artísticas e culturais oriundas das mais diversas épocas, lugares e grupos sociais (Brasil, 2018, p. 195).

Para Soares (2023), nessa descrição, destaca-se principalmente a dimensão emocional da fruição, deixando em segundo plano o aspecto racional e reflexivo da

apreciação estética, resultante de uma leitura atenta. Todavia, ao longo do documento, essa definição muda e, em certos casos, chega a ser redundante: alguns termos usados para definir fruição possuem o mesmo significado.

Eco (2005) explica que as interpretações dos textos são diversas, pois dependem das experiências pessoais do leitor e das conexões que ele estabelece com outros textos na fruição literária. Isso porque os textos literários são intertextuais, estão sempre em diálogo, seja por meio das referências, alusões, paráfrases ou citações de outros textos. O autor (2005) afirma também que a literatura é uma prática que proporciona ao leitor vivenciar outras realidades, outros mundos diversos do seu e, por conseguinte, construir significados próprios com figuras de linguagem e símbolos. Assim, existem espaços que oportunizam ao leitor criar sua própria interpretação e experiência (Paulino, 2010).

Por outro lado, é importante reconhecer os desafios que os professores enfrentam na implementação, na sala de aula, das propostas de trabalho da BNCC com a literatura (Soares, 2023), seja pela escassez de cursos de formação de professores ou pela dificuldade da escola em lidar com a prática de leitura. Cada vez mais, programas governamentais ocupam os momentos cruciais nas aulas e a literatura fica relegada a um segundo plano. Entretanto, uma educação voltada para superar tais dificuldades ainda é esperança no contexto escolar e para isso deve-se ocorrer investimentos em formação continuada, oferta de materiais didáticos diversos e a participação da comunidade escolar no planejamento e execução das atividades. Dessa forma, a literatura desempenhará seu papel transformador, promoverá uma educação mais igualitária, inclusiva e focada na formação de leitores mais conscientes de seu papel na sociedade.

A relação entre literatura, fruição literária e BNCC é uma aliança indispensável para a promoção de uma educação de qualidade e para o desenvolvimento integral dos alunos, conforme consta no documento. Ao reconhecer a importância da literatura, mais que isso, a leitura literária como um componente central do currículo escolar, a Base oferece uma oportunidade importante para fortalecer o vínculo entre os estudantes e os textos literários, estimulando não apenas o desenvolvimento de habilidades linguísticas, mas também o enriquecimento do repertório cultural, emocional e ético dos indivíduos.

## 2 CORA CORALINA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A AUTORA E SUA OBRA POÉTICA.

### 2.1 A poetisa, a contista e a vida

Vivemos atualmente em uma sociedade tecnológica e a leitura literária em sala de aula é muitas vezes um momento desafiador para o professor, uma vez que “[a] escola não percebe que a literatura exige do leitor uma mudança, uma transferência movida pela emoção. Não importa o que o autor diz, mas o que o leitor ultrapassa. E a literatura é feita de palavras” (Queirós, 2012, p. 160). Por isso, é necessário um projeto de educação capaz de despertar o sujeito para o encanto das palavras.

Nesse sentido, trabalhar a produção literária de Cora Coralina, principal nome artístico do estado, na escola, com ênfase na relação leitor-texto-autor, destacando-se, principalmente o leitor, que é o indivíduo em formação, é uma forma de dar relevância à leitura em uma sociedade educativa que está em constante transformação.

Entre poemas, memórias, contos e crônicas, a leitura da produção literária de Cora se configura como uma forma de realçar as vivências dela e os espaços poetizados na cidade de Goiás, lugar onde ela residiu a maior parte de sua vida. Tudo isso sem desconsiderar que a poeta esteve atenta ao projeto estético de sua época. Isso reforça a importância de se levar a produção dos escritos de Cora para a sala de aula.

Sobre a autora é importante ressaltar que ela foi uma constante leitora. Por isso, transformou-se em uma observadora perspicaz, com um punho lírico sensível para dar continuidade ou mesmo fazer evoluir as características da vida interiorana do Brasil. Cora era apaixonada pelo dicionário,

[o] grande livro de amor de quem como eu só teve uma escola primária: o dicionário. Dicionário é um livro de amor, o meu livro de amor. Eu fazia doce, mas meu dicionário estava na mesa da cozinha: cheio de melado, de dedada de manteiga, de melado, de gema de ovo. E me valeu. Hoje, jovem não abre dicionário, jovem não abre dicionário (Cora Coralina, 1981).

Assim, Cora pôde começar o extenso processo de encontro com a poesia, de amadurecimento intelectual-afetivo, de gestação de suas primeiras escritas. Nesse sentido, são apresentados a seguir alguns aspectos referentes a sua produção tão rica e produtiva.

Cora Coralina (1889 – 1985), cujo nome verdadeiro é Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas foi uma poetisa e contista brasileira que nasceu, em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás, às margens do Rio Vermelho, no Estado de Goiás, onde viveu por vários anos, em uma casa com muitas janelas perto de um rio e de uma ponte. Filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador, nomeado por Dom Pedro II, e de Jacinta Luísa do Couto Brandão. Descendente direta do bandeirante Anhanguera, nasceu pouco depois da libertação dos escravos. O pai da menina faleceu quando ela tinha apenas um mês de vida. A família dependia da mão de obra escrava, por isso, enfrentou dificuldades financeiras e acumulou dívidas, o que tornou sua infância um período desafiador.

Aos 11 anos, Cora mudou-se com a família para a fazenda de seu avô na cidade de Mossâmedes e “lá entrou em contato com a vida na gleba e com uma prática que a acompanharia por toda a vida: a contação de histórias” (Britto; Seda, 2009, p. 51). Com uma vida simples e difícil desde criança, Aninha, como era chamada, era tida pela família como uma menina izoneira, como descreve “menina izoneira, buliçosa, malina” (Coralina, 1987, p. 114). Foi a bisavó de Ana, Antônia (mãe Yayá), quem a introduziu no mundo das estórias e das lembranças que se tornariam seus contos e poesias. Muito do que a autora escreveu não veio apenas de seu próprio conhecimento, mas das palavras e memórias transmitidas por sua bisavó.

Cora Coralina estudou por pouco tempo na escola da mestra Silvina – onde aprendeu a ler e a escrever, mas não se sabe ao certo quantos anos ela frequentou a instituição. No entanto, a escola trouxe um novo mundo para a menina, pois aprender a ler abriu as portas para a palavra escrita e os livros, com isso, ela desenvolveu o gosto pela leitura, um hábito que carregou consigo ao longo da vida. Anna Lins era uma leitora voraz, sempre com um caderno ao lado da cama para registrar seus pensamentos. Ainda adolescente, a jovem começou a escrever e, em parceria com Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana, criou um jornal de poemas femininos.

Em 1911, aos 22 anos, Cora partiu para São Paulo, com o advogado divorciado Cantídio Tolentino Bretas, com quem foi casada de 1925 a 1934, e gerou 6 filhos, Vicência Bretas, Paraguaçu Bretas, Eneas Bretas, Ísis Bretas, Jacyntha Bretas e Cantídio Bretas. Ficou viúva em 1934 e passou a fazer doces para sustentar os filhos. Também vendia livros para a Editora José Olympio e, mesmo sem apoio familiar, continuava escrevendo, não deixando a escrita cair no esquecimento. Em 1936, foi viver no interior, na cidade de Penápolis, mudando-se para Andradina e ali abriu uma loja de tecidos e

escrevia para o jornal da cidade. Ademais, candidatou-se a vereadora em 1951. E em 1956, 45 anos depois de sua partida para São Paulo, Cora retornou a Goiás, às suas origens, às suas pedras e à velha casa da ponte, “vestida, de cabelos brancos, voltei sozinha à velha casa, deserta” (Coralina, 1987, p. 247).

Ana estudou até as primeiras séries iniciais, entretanto isso não impediu de ser uma das maiores escritoras brasileiras. Com quase 76 anos, teve seu primeiro livro publicado em 1965, apesar de escrever desde a adolescência. Todavia, o tempo de Cora exigiu a espera até a publicação de seu primeiro livro e até quando o poeta Carlos Drummond de Andrade a descortinou para o Brasil em 1980 em uma crônica no *Jornal do Brasil*,

[e]ste nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina. Cora Coralina, tão gostoso pronunciar este nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de dona Janaína moderna. Cora Coralina, para mim, a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do estado. Entretanto, uma velhinha sem posse, rica apenas de sua poesia, de sua invenção e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada (Drummond, 1980, p. 7).

Cora Coralina, a poetisa, escreveu “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” (1965 / 2006), “Meu livro de cordel” (1976/ 2001) e “Vintém de cobre – Meias confissões de Aninha” (1983/2007); a escritora de contos, “Estórias da casa velha da ponte” (1985/2008), “Meninos verdes” (1986), “Tesouros da casa velha da ponte” (1989), “A moeda que o pato engoliu” (1997), “Villa Boa de Goyaz” (2001) e “O prato azul pombinho” (2002).

Cora faleceu, em 1985, no dia 10 de abril, com uma pneumonia. Hoje, a casa na cidade de Goiás, onde a poetisa nasceu e viveu quando voltou de São Paulo, é o Museu Cora Coralina. Em 2011, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconheceu a casa na cidade de Goiás como patrimônio histórico da humanidade.

## **2.2 Contexto histórico e social em que as obras de Cora foram produzidas**

No século XX, a obra coralineana é uma das que se torna emblemática e influencia a percepção coletiva sobre determinada cultura ou período. Por sua vez, a autora não menciona os eventos de cunho histórico tradicional, muito menos revela verdades de forma sistematizada, isso porque, “seu assunto é o dia a dia, os costumes,

crenças, ‘casos’, cenas valores e tradições das pessoas simples de sua cidadezinha no estado de Goiás, temas que dificilmente comporiam um estudo histórico, mesmo nos dias de hoje” (Tosta, 2006, p. 20).

Cora viveu quase um século de vida e, por isso, presenciou os desafios e as mudanças sociais do seu tempo, inclusive as desigualdades sociais comuns em sua época. Os temas abordados pela escritora, em suas obras, são reflexos do ambiente em que ela viveu e de suas memórias. Cora retrata as relações humanas e sociais ao invés de abordar acontecimentos históricos de seu tempo, muito embora o particular esteja muito apoiado no universal, uma vez que não vivemos desconectados de um contexto histórico mais amplo. As obras “Estórias da casa velha da ponte” (2008) e “O tesouro da casa velha” (2002), por exemplo, exploram as experiências cotidianas, as memórias, as tradições e as emoções humanas. Os escritos da autora são marcados por uma imensa conexão entre a vida comum, as pessoas comuns e sobre a própria vida, do nascimento à velhice.

Cora se baseia na memória para escrever o que pode pôr em dúvida a fidelidade e a autenticidade de seus relatos, já que o discurso feito a partir da memória é construído (Tosta, 2006). Mas, segundo Barbosa (1986), o conceito de historicidade menciona a articulação entre a história circunstancial, as experiências históricas e pessoais, bem como a literária. A poesia de Cora permite entrever, de forma implícita, suas experiências de leituras. Todavia, seus escritos podem ser lidos a partir do conceito de historicidade indicado por Barbosa (1986).

Cora Coralina sempre esteve envolvida em um processo de busca por legitimação e visibilidade no campo literário, ao mesmo tempo em que procurava criar uma conexão entre seus escritos e as realidades sociais. Para Candido (2000), as influências socioculturais múltiplas estão atreladas à estrutura social, aos valores e às ideologias e refere-se aos fatores socioculturais na obra de arte como algo que só está acabada no momento em que repercute e atua, por ser um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Nesse sentido, o escritor afirma que os fatores socioculturais marcam, “[...] os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio (Candido, 2000. p. 30).

Apesar da obra coralineana ser marcada pelas experiências pessoais de Cora, ela também é construída sob as influências socioculturais, haja vista que seu contexto de produção representa a sociedade brasileira entre os séculos XIX e XX. Dessa forma, o estudo da História da sociedade da época e a leitura da obra permitem a compreensão

sobre como esses elementos influenciaram seus escritos e se refletem em sua visão de mundo e nas questões sociais que ela aborda.

E em 1956, Cora retorna a Goiás, às suas origens, às suas pedras e à velha casa da Ponte e inicia a organização cuidadosa de todos os seus registros. Essa volta permitiu um compartilhamento profundo de experiências e visões de mundo da poeta que se materializou em sua construção poética. A criação literária da escritora tem parte de suas raízes na vivência rural e na vida interiorana, tornando-se um elemento essencial em sua obra,

o rural aparece como estrutura de sentimento do vivenciado, como resgate de um *habitus* compreensível no seio da experiência histórica da autora, a qual, sem hierarquias simbólicas, substancia suas criações, vinculadas à experiência da terra e do rural, à experiência de mulher engajada no ofício poético, num espaço masculinizado como o campo literário, reportando-se a um espaço social de dominação masculina, como o rural (Britto; Santos, 2009, p. 7).

Nesse lugar, as pessoas se aproximam da natureza de forma equilibrada, buscando harmonia entre a vida em comunidade e o ambiente ao redor, nele há fartura, vista como a manutenção da vida: “o forno de barro estava sempre aceso / e a copa e a mesa das refeições transbordavam da fartura / e da abundância da casa grande” (Coralina, 2007, p. 64). No meio rural percebe-se a existência de alimento abundante, além do espaço de convivência e purificação da saúde, bem oposto ao da vida urbana. Assim, podemos entrelaçar obra e história de vida da poetisa para atribuir a ela o conceito de artesã e guardiã da memória, pois conseguiu testemunhar e eternizar o passado.

Cora Coralina rompe com as formas tradicionais da escrita ao utilizar uma linguagem próxima da oralidade, ao dar voz às suas experiências de forma mais autêntica e apresentar a identidade de um povo. Por meio das narrativas, conectadas com a sociedade e a cultura, a autora reflete sobre as diferenças, transformações sociais e preocupação com a preservação da natureza, como mostra o poema: “A terra dura contaminada./ Os trigais perdidos.? (...) A erva está envenenada. / As fontes poluídas./ Não há mais verdes,/ nem herói, nem nada./ (...) Um estrondo abala a terra./ A última bomba?/ Não, a explosão demográfica” (Coralina, 2004, p.269).

Os poemas e contos de Cora Coralina falam de um Goiás que não existe mais, cujos costumes e tradições estão no passado, muitas palavras e expressões utilizadas na escrita não fazem mais parte do nosso dia a dia, mas representam a cultura de um povo, e trazem à tona a importância da memória e da preservação das raízes culturais. Deste modo, emergem as vozes dos sujeitos marginalizados, dos párias da sociedade, dos

invisíveis. Além disso, há a valorização da identidade regional e da representação da voz feminina na literatura brasileira.

Isso nos mostra que os livros são “pontes entre as condições de humanidade de uma cultura e as formas estéticas geradas a partir delas, entre o mundo íntimo de quem escreve e a sociedade à qual pertence” (Andruetto 2017, p. 28). Percebe-se que a obra coralínea conecta a experiência humana com a cultura de uma determinada época, mas que se mostra atual, e a leitura dela permite ao leitor conhecer a realidade local de Goiás, os valores e as tradições.

### 2.3 Cora em prosa e verso: a obra coralínea em sua dimensão estético-cultural

Mulher da terra  
Ao pé da serra  
Velha menina  
Voa e me ensina a ser passarinho  
Que bebe da fonte e volta pro ninho

Cora, da casa da ponte  
Dos versos, do tempo  
Do rio que leva  
Segredos de Ana  
Pra algum lugar

Coralina coragem  
Coralina coração  
Flor do tempo  
Força e vontade  
Pedra por pedra  
Ana por Ana

Cora senhora  
No espelho de agora  
A ponte, o rio  
Os sonhos de outrora  
Mulher passarinho  
Que bebe da água  
E volta pro ninho

Coralina coragem  
Coralina coração  
Flor do tempo  
Força e vontade  
Pedra por pedra  
Ana por Ana  
Marcelo Barra / Rinaldo Barra

Estudar as obras de Cora Coralina em sua dimensão estético-cultural significa perceber a criação literária em sua totalidade, considerando não apenas o valor estético, mas também a relevância dentro do contexto cultural em que foram produzidas.

Embora tenha escrito os primeiros textos literários aos 14 anos, a poetisa publicou seu primeiro conto — “Tragédia na roça” — em 1910, no Anuário Histórico,

Geográfico e Descritivo de Goiás. O primeiro livro literário de Cora “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” foi publicado em 1965 pela editora José Olympio, quando ela tinha 76 anos. A vida de Coralina foi marcada pela luta pelo seu reconhecimento enquanto escritora, pois mesmo sendo conhecida em sua cidade, não recebeu a devida valorização por sua obra,

[a] figura de uma senhora de cabelos brancos não era vista com seriedade. Se não bastasse ser mulher, velha e sem posses, as escolhas estéticas feitas por Cora não agradavam aos críticos, entre os motivos, por optar por um vocabulário popular e personagens marginalizados (Mollo; Malta, 2017, p.356).

Cora Coralina trabalha com os acontecimentos cotidianos e usa uma linguagem coloquial, com o verso livre, que aproxima sua poesia da prosa, por isso, ela pode ser considerada uma autora modernista, “[n]a estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade vária. (...) Assim é Cora Coralina, repito: mulher extraordinária, diamante goiano cintilando na solidão (Drummond, 1980, p.7)”.

Mesmo que a sociedade em que Cora Coralina viveu não exista mais, os problemas abordados nos livros, como as vozes dos menos favorecidos, ainda estão presentes nos dias atuais. Assim, o estilo de escrita e a temática da obra coralínea dialogam com os poetas modernistas Baudelaire, Rimbaud, Drummond e Bandeira, como já abordado neste trabalho.

Cora foi a escritora dos becos e escolheu esse espaço para tecer suas narrativas. E isso significa que considerava a importância de lugares menos visíveis ou menos explorados para se falar sobre a dinâmica social de sua época. Para Bourdieu, essa ideia fortalece o campo literário,

[...] o campo é uma rede de relações objetivas (de dominação ou de subordinação, de complementaridade ou de antagonismo etc) entre posições – por exemplo, a que corresponde a um gênero como o romance ou a uma subcategoria tal como o romance mundano [...] Cada posição é objetivamente definida por sua relação objetiva com outras posições (Bourdieu, 1996, p. 261).

A escolha da linguagem utilizada na produção de Cora reflete a autenticidade e a rusticidade presente em sua escrita. Mesmo que a poesia perpassasse limites de tempo e local, faz uso de uma fala mais direta, as imagens usadas são como incrustações no meio dos versos. Já, na prosa, conta de forma mais animada tudo que o mundo contém de bom “numa linguagem fácil, harmoniosa, ao mesmo tempo elegante” (Azevedo, 1987, p. 120).

A forma como Cora Coralina escrevia seus textos era única, ela destacava-se por sua originalidade e por se distanciar das convenções estabelecidas. Cora foi precursora da narrativa em Goiás, e sua prosa, sintoma do regionalismo goiano, “apesar da estrutura numa mesma pauta e ritmo, não se pode negar-lhe a movimentação dramática, a concisão expressiva, a fina sensibilidade da pincelada rápida e sugestiva” (Teles, 1969, p. 42).

O estilo literário da produção coralineana aborda elementos da tradição modernista, pois o cotidiano da cidade de Goiás, os becos, as pessoas, os marginalizados e os costumes da velha cidade se incorporam em sua poesia e em seus textos em prosa e se tornam matéria-prima dos escritos, “[e]la ousou poetizar o até então não poetizável, centralizar o então marginal” (Brito, 2011, p. 96). Coralina tinha consciência da importância de incluir em seus textos, temas e questões que eram negligenciados pela história, ela sabia que era necessário dar voz e visibilidade aos excluídos e a aspectos da vida que não eram tratados de forma equalitária. A obra “Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais”, por exemplo, marca o estilo literário, que é poetizar a vida nos becos: “[...] é a partir dos usos e representações deste elemento que Cora elaborou um ‘retrato’ das relações sociais de seu tempo e espaço” (Brito, 2011, p. 147).

#### **2.4 Exploração do universo cultural: identidade, sociedade e valores.**

Ao estudar a vida e obra de Cora Coralina, percebe-se a presença de valiosos *insights* sobre como as tradições culturais influenciam a produção e a recepção da arte e da literatura. Uma das características dessa produção é retrato autêntico dos aspectos culturais e regionais da cidade de Goiás e isso contribui de maneira especial para a apreciação da identidade local, “[m]uitos de seus poemas, confessadamente autobiográficos, têm como temática principal a relação entre as construções subjetivas e a Cidade de Goiás, antiga Villa Boa de Goyaz, capital do estado de Goiás até meados do século XX” (Khalil, 2011, p. 7).

Ao representar a sociedade, o sentido crítico produzido pelos curtos poemas de Cora Coralina é construído com sutileza: o indivíduo diz aproximar-se da cidade, visto que dialoga com ela na intimidade: “Pedras sagradas da minha cidade, / nossa íntima comunicação” (Coralina, 2001, p. 95).

De acordo com Mollo e Matta (2016), na “expressão ‘a velhinha de Goiás’ fica perceptível a importância dos valores sociais para o estabelecimento do controle, pois, segundo Lima, “[...] as sociedades supõem, no campo das artes, a distinção entre atitudes,

costumes, usos dos códigos verbal e pictórico, considerados legítimos, recomendáveis ou não, aceitáveis ou não, até aos absolutamente impróprios” (Lima, 2013, p. 149). Nesse sentido, a expressão “Velhinha de Goiás” não apenas descreve uma figura de respeito, mas também a influência de valores sociais na manutenção de normas dentro de uma comunidade. Ao desafiar convenções e expectativas sociais em sua própria trajetória como mulher e escritora, Cora Coralina contribuiu para questionar e redefinir certos padrões estabelecidos.

Outro aspecto importante da produção coralínea é o contraste entre o urbano e o rural. Há ainda o registro das desigualdades sociais, a cidade e os espaços, com ruas, largos, igrejas e monumentos civis, onde residiam os mais abastados e os becos, espaço recorrente em seus escritos, lugares menosprezados, onde ficavam muitos personagens.

Cora Coralina consegue transmitir significados profundos e provocar reflexões sobre aspectos da sociedade goiana utilizando uma linguagem simples. Os personagens não desempenham apenas um papel, carregam simbolismo e representações que mostram a realidade cultural e social em que estão inseridos. Cora

[o]ptou por cantar não apenas as belezas de sua terra natal. Descreveu o cheiro nojento das baratas, a galinha morta nos becos, a vida mera das mulheres pobres. Efetuou um canto solitário com os excluídos ao ponto de dizer que todas essas vidas viviam dentro de si (Britto; Seda, 2009, p. 268).

Mesmo sem adotar um discurso explicitamente feminista, Cora oferece uma significativa contribuição para enfrentar os desafios de uma sociedade marcada pelo machismo e preconceito, ao destacar as lutas diárias e as experiências muitas vezes silenciadas. As personagens femininas, como, por exemplo, Miquita (lavadeira) e Roxa (escravizada), marcadas por um contexto de miséria e opressão, trazem consigo a dor de ser mulher.

Em sua obra “Becos de Goiás”, Coralina retrata fielmente a presença feminina,

Conto a estória dos becos, / dos becos da minha terra, /suspeitos... mal afamados/ onde família de conceito não passava. / “Lugar de gentinha” – diziam, virando a cara. /De gente do pote d’água. /De gente de pé no chão. /Becos de mulher perdida. /Becos de mulheres da vida. Renegadas, confinadas /na sombra triste do beco. /Quarto de porta e janela. / Prostituta anemiada, /solitária, hética, engalicada, /tossindo, escarrando sangue/ na umidade suja do beco (Coralina, 2001, p. 93-94).

Na produção corealiana nos é mostrado o beco como lugar de história e de marginalização, pois nesse espaço conviviam os marginais e, dessa forma, deveria ser evitado. Ali, aliavam-se ao cenário pobre, periférico e antiestético, personagens dotados de hábitos, valores e costumes inconcebíveis. Dessa maneira, não era adequado às “famílias de conceito” vagar nesses espaços estigmatizados. Ao retratar estória que ocorrem nos becos – “lugar de gentinha” – a poetisa encontra um foco de observação distinto da sociedade de seu tempo que retratava a elite, identifica-se com os pobres, com os doentes, com a mulher da vida, enfim, com os seres reles para a sociedade. O obscuro permeia também a sua obra de uma forma humana, mostrando os desejos, angústias, complexidades e sofrimentos.

## **2.5 Impacto cultural e estético da obra de Cora Coralina na literatura contemporânea.**

Cora Coralina contribuiu para a preservação da cultura popular ao valorizar e resgatar os costumes e estórias de um povo, muitas vezes marginalizado, do interior de Goiás. A obra poética da autora (narrativa e poemas) aborda a vida cotidiana, a simplicidade, a força feminina e apresenta uma conexão profunda com a natureza, todos esses elementos estão presentes na literatura da atualidade. Por meio de uma linguagem com um estilo ideológico, intertextual e polissêmica, a escritora consegue transmitir profundidade em seus escritos ao retratar a vivência de personagens. De acordo com Ramon (1987), “[a] obra de Cora se lê com facilidade, como se toma um copo na água na fonte da “Carioca” – nome da fonte mais formosa de Goiás Velho – mas seu efeito é penetrante, duradouro como o bom vinho envelhecido” (Ramon,1987, p.35). Nesse sentido, Cora desenvolve um estilo próprio em seus escritos, permitindo que trabalhadores e pessoas excluídas se tornem vivíveis em seus textos e sensibilizem os leitores.

Os livros de Coralina apresentam uma referência linguística, histórica e cultural, marcada pela forma como as pessoas falavam na época e na região de Goiás, como comprova o trecho do conto “Lampião da Rua do Fogo: “- Vem ver, Maricota... vem ver, Joaquinha. Óia o defunto que evém voltando...” (Coralina, 2008, p. 68). Assim, Cora adequa a linguagem de acordo com seu *lôcus*, o que torna suas palavras mais próximas de quem compartilha o mesmo contexto linguístico.

Cora foi uma verdadeira pioneira ao desafiar as noções preconcebidas sobre idade e criatividade. Por ter iniciado sua carreira literária, de forma mais expressiva, aos 76 anos de idade, a escritora enfrentou preconceito e dificuldade em ser reconhecida, mas sua determinação em continuar escrevendo e compartilhando sua arte, independentemente das expectativas relacionadas à idade, é um exemplo de que o talento supera obstáculos.

## **2.6 Estórias da casa velha da ponte e outras estórias mais: apontamentos sobre o *corpus* da pesquisa**

O ato de ler é uma atividade fundamental na formação humana e vai muito além da decodificação de palavras, pois para se compreender um texto é preciso considerar o contexto de produção do mesmo (Chartier, 2001). A leitura nos permite viver em lugares nunca visitados e ampliar nosso conhecimento, ela nos torna mais criativos, mais empáticos e amplia nossa capacidade de reflexão. Por isso, é importante ler os livros da premiada poeta, cronista e contista goiana, Cora Coralina, que conquistou a crítica do público leitor ao tecer imagens, em estilo único, retratando o cotidiano em seus contos e poemas. A trajetória de vida e a produção poética de Cora dão o testemunho do poder da escrita que transcende as limitações e resgata as memórias do passado e representa a figura feminina na literatura, em um país que ainda ecoa poucas vozes de escritoras.

O *corpus* de estudo desta pesquisa é o livro “As Estórias da Casa Velha da Ponte” e outras produções, em prosa e verso, da poeta Cora Coralina. Essa escolha ocorreu devido: ao valor estético da obra; a riqueza poética; a diversidade de temas relevantes e atuais (como a dos sujeitos que vivem à sombra da sociedade); que podem contribuir para que os estudantes, das séries finais do EF, desenvolvam um olhar mais subjetivo e humanizado para o semelhante, ampliando sua compreensão do mundo ao seu redor.

Em relação à estrutura do livro escolhido, ele é constituído por dezessete contos que são: Casa Velha da Ponte, Minga, Zóio de Prata, Campos Sales, Procissão das Almas, O Caso de Mana, A Pedrinha de “Briante”, Quadrinhos da Vida, O Boi de Guia, Cortar e Riba do Rasto, Miquita, O Casamento e a Cegonha, Quadros do Nordeste, O Lampião da Rua do Fogo, “Correio Oficial de Goiás”, Papéis de Circunstância, O Cangaceiro e O Prematuro. Tais contos apresentam uma linguagem bem próxima à oralidade e suas histórias, geralmente, têm sequência linear, sem muitas complexidades ou estruturas muito elaboradas, o que aproxima o leitor do texto, entretanto, os contos apresentam

profundidade temática que valoriza a cultura e as experiências de um povo. A escritora usa tempos verbais variados para contar suas histórias, além de construções frasais que apresentam uma linguagem coloquial, como podemos observar no trecho do conto “Campos Sales”, “Óia, Dona, diz ele, vim aqui pro via da carça que vancê me deu. Hoje fui vesti ela, passei a mão no bolso e achei dentro esse manajo de dinheiro que decerto vancê ou seu marido guardou e se esqueceu...” (Coralina, 2008, p. 19).

Outro elemento presente na obra de Cora é a pontuação que é usada, de forma criativa, para dar ritmo e entonação às suas narrativas. No conto “O Lampião da Rua do Fogo”, o efeito de sentido criado pela pontuação na fala final da personagem Dona Placidina dá a ideia de uma hesitação, mostra marcas da oralidade e contribui para criar um suspense, como se a personagem estivesse escolhendo cuidadosamente suas palavras para sugerir que a situação não voltasse a repetir, “[c]ompadre Mendanha... Escuta, compadre, cuidado com o lampião da rua do fogo, viu... Não vá acontecer como dá outra vez...” (Coralina, 2008, p. 71).

Uma das características marcantes dos contos de Coralina é a autenticidade, que se manifesta na representação fiel de pessoas simples que compõem o tecido social de uma cidade do interior do Brasil. Vejamos um trecho do conto “A Procissão das Almas”

Minha bisavó, entre outras, contava a história da procissão das almas, que ela ouviu da própria mesma, com quem o caso se deu e que era pessoa do seu conhecimento. O fato, com todos os menores ouvidos de minha bisavó, inclusive o nome da pessoa, foi aqui passado com Dona Minguta Reginata de Assis Regente, mais conhecida por Dona Minguta e que morava na Rua da Abadia.

À noite era para ficar na rótula, com a casa fechada e às escuras e ela, ali, invisível no seu observatório doméstico, assuntando algum vizinho que entrasse tarde, mulher casada que abrisse a porta, moça donzela que pusesse a cabeça de fora ou mesmo vulto embaçado que, passando, enfiasse bilhete pelas tabuletas ou anônimos debaixo das portas.

Era uma vitória e uma sensação de prazer catalogar qualquer um desses passos.

Cada rua tinha sua observadora devotada à tarefa, tecendo sua teia laboriosa de conclusões e que, fora da rótula, era moralista feroz e impiedosa com os pecados do próximo, vizinho ou não.

Se não havia reuniões e clube, era que o tempo não ajudava, mas o grupo era conhecido, ligado e com fervoroso espírito de classe.

Trocavam-se informes desta para aquela rua, dava-se ampliação e relevo a pequenos incidentes, e a vida noturna da cidade era depurada num filtro minucioso de alto rigor, controlado pelas tais.

As tabuletas também tinham seus préstimos inegáveis. Era assim que, muito antes de o fato se dar e do caso acontecer, a cidade já murmurava por antecipação. Muitas vezes até advertências anônimas se fizeram, na base dessa fiscalização maliciosa.

Dona Minguta era certa na tabuleta da noite, e o dia era para as conclusões maledicentes do que anotara nas horas mortas (Cora Coralina, 2008, p. 23-24).

O conto faz parte da obra “Estórias da Casa Velha da Ponte”, um dos livros que apresenta a vida e os costumes de uma longínqua Cidade de Goiás. A narrativa gira em torno de Dona Minguta, uma mulher que tinha, assim como outras mulheres da cidade, o mau hábito de bisbilhotar a vida alheia atrás das janelas de rótulas. Ao mesmo tempo em que conta de modo cômico os fatos, Cora denuncia um desajuste entre o comportamento da mulher e a satisfação de viver a vida de outrem.

A autora frequentemente apresentava a vida cotidiana, a força feminina e sempre dava voz aos trabalhadores, artistas populares, mulheres e idosos, reconhecendo a importância de cada um na construção da identidade nacional. A escrita da poetisa é um testemunho vivo da diversidade cultural do país, capturando a essência das experiências humanas em suas mais variadas formas. Para Ramon (1987, p.30) Cora Coralina tem o “[c]ompromisso com o cotidiano, vivido, sem subterfúgios nem hesitações, reveste seu pensamento poético de força transformadora e fazem-na uma genuína “filósofa” e não uma “intelectual” diletante e vaidosa.” Dessa forma, Cora não se distancia da realidade, mas busca nela a matéria-prima para suas criações, seu texto não é abstrato, mas fincado na vida das pessoas comuns e suas experiências reais.

Outro aspecto notável é a capacidade de Coralina em explorar temas universais, como amor, dor, perda e esperança, de forma profundamente comovente. As narrativas são permeadas por uma carga emocional intensa, que ressoa com o leitor em um nível visceral, elas transitam entre a nostalgia, melancolia, esperança e a perseverança, ecoando na memória do leitor muito tempo após a leitura.

Em “Casa Velha da Ponte”, por exemplo, presente no livro “Estórias da Casa Velha da Ponte”, Cora traz as lembranças e marcas do tempo que se traduzem em sua volta para casa, já idosa. Nessa obra, Coralina cria uma conversa entre diferentes épocas e traz a reflexão sobre a passagem do tempo, valorizando a memória, ou seja, as recordações, as memórias pessoais e coletivas são resgatadas na narrativa. A Casa Velha da Ponte representa a resistência e suas paredes guardam os segredos e as lembranças de uma época que não existe mais. Cora Coralina desafiou as ideias preconcebidas, estimulou a reflexão sobre valores e a preservação de nossas raízes, não deixando de considerar a importância e o respeito por aqueles que vieram antes de nós.

No livro “Estórias da Casa Velha da Ponte”, assim como em outras estórias, encontramos narrativas que mostram as circunstâncias e vivências reais do cotidiano. Para Cora (2008, p. 8), a casa velha da ponte é “[v]elho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e lendas”, ela é o celeiro onde os livros da autora são tecidos, é

uma testemunha silenciosa das estórias que ali se desenrolaram ao longo dos séculos. Trata-se de algo mais do que apenas uma coletânea de contos, é uma jornada pela alma brasileira, uma imersão na riqueza cultural e na complexidade humana.

Os textos de Cora, por tudo que já foi dito até aqui, são singulares e fundamentais para a formação do leitor literário. De acordo com Britto e Seda (2009, p. 269), Cora fez sua obra “[p]autando-se em livros de histórias, matérias de jornais, “causos” e lendas ou nos fatos que presenciou em sua infância, acumulou um tesouro, enterrado sobre linhas e entre as margens de seus cadernos.” Os escritos de Coralina nos levam a um passeio pelas vielas de sua cidade natal, Goiás Velho, e as estórias não são apenas relatos do passado, são reflexos vivos da alma do povo brasileiro, marcadas pela simplicidade, pela luta e pela esperança, como é possível observar neste trecho do poema “A Lavadeira”.

Sonha calada.  
Enquanto a filharada cresce  
trabalham suas mãos pesadas.

Seu mundo se resume  
na vasca, no gramado.  
No arame e prendedores.  
Na tina d’água.  
De noite – o ferro de engomar.

A produção coralineana transcende os limites entre os gêneros literários. Os textos em prosa são repletos de elementos poéticos que permitem vislumbrar as técnicas narrativas. As personagens representam o ser humano com seus anseios, sonhos, tristezas e alegrias que formam o tecido da história coletiva de um povo, são o retrato da complexidade humana e sua condição: indivíduos que são considerados páreas, os excluídos como a prostituta, o escravo, a lavadeira - que habitam em um universo real e ganham forma e identidade dentro da literatura.

Os livros de Cora Coralina instigam a reflexão e proporciona ao leitor um olhar mais profundo e crítico sobre o passado, uma vez que as estórias são um verdadeiro arsenal de referências culturais e históricas e isso faz com que a formação do leitor literário se volte para uma educação mais empática, capaz de formar leitores mais compreensivos sobre a complexidade da condição humana. Ao explorar as nuances da cultura popular brasileira, o leitor é convidado a ampliar seus horizontes, a descobrir novos significados e a conectar-se com suas próprias raízes culturais (Than, 2002). A escritora consegue reorganizar nossa capacidade de compreender o mundo e, sua intimidade com as palavras, permite dar vida aos sentimentos humanos, ampliando o

desenvolvimento da capacidade de transformação e comunicação do leitor e também enriquecendo seu repertório linguístico e cultural (Than, 2002).

A obra coralineana é permeada de vivências dos personagens que habitam as páginas e nos confronta com dilemas éticos, conflitos morais e desafios existenciais que ecoam além do tempo e do espaço (Britto; Seda, 2009), ao trazer temas sobre as vivências humanas, o bem, o mal e outros aspectos relacionados ao ser humano, ela se torna envolvente e desperta o interesse do leitor.

Os contos trazem uma certa compreensão crítica das dinâmicas sociais e isso é fundamental na formação do leitor literário, uma vez que o desenvolvimento da competência leitora vai além do mero entretenimento. As narrativas proporcionam estratégias necessárias para desenvolver habilidades de leitura crítica, apreciação estética e estimulam a imaginação, tornando os jovens leitores capazes de interagir com a sociedade de forma consciente.

Dessa forma, os contos de Cora Coralina permitem que o leitor se envolva de forma efetiva com a língua portuguesa e não o limita a uma análise meramente histórica. A cada leitura, o leitor se depara com uma escrita envolvente, que amplia seu vocabulário, seu conhecimento sobre suas origens, sua capacidade de expressão e o faz perceber que a obra não é apenas um reflexo da sociedade da época em que foi produzida. Cora usa jogos de palavras, metáforas que desafiam o leitor a compreender de forma reflexiva e crítica a complexidade do mundo e reconhecer a essência do povo do interior de Goiás com suas tradições, mitos e crenças. E esse papel ativo, a interação entre leitor e texto, oportuniza a reflexão de sua identidade, de sua cultura, permitindo uma maior conexão entre pertencimento e valorização das raízes culturais.

Portanto, os contos de Cora Coralina abrem as portas para a leitura literária enquanto prática social, pois desperta o interesse genuíno do leitor e o estimula a buscar novas experiências, haja vista que a escrita é envolvente e apresenta uma mulher forte e a frente do seu tempo, “[...] quando nasci, meu velho pai agonizava. Logo após morria. Cresci filha sem pai, secundária na turma das irmãs (Coralina, 2006, p. 168). Esse trecho demonstra o quanto Aninha precisou ser forte e sobreviver às dificuldades cotidianas e familiares desde cedo.

Outro aspecto da produção coralineana é o papel fundamental que tem quando dá visibilidade aos excluídos. Por meio de seus textos, Coralina revela as histórias, as lutas e os sentimentos daqueles que eram e são considerados párias da sociedade, como podemos ver no conto “As capas do Diabo”,

[u]m escravo de confiança, de nome Fidêncio, era feitor do terreiro da fazenda e uma escrava de nome Roxa, mulher desse mesmo feitor, era encarregada de reger a casa e feitorizar o serviço caseiro das escravas. Essas faziam de tudo. Da mangueira ao coalho, da farinhada às gomas diversas, dos tachos de refinar aos pesados pilões, onde se socava de três, conjugadamente. Na cozinha enorme, não faltava fogo na fornalha, nem panela cozinhando (Coralina, 2002, p. 62-63).

No trecho acima, o leitor é levado a refletir sobre as condições desumanas a que os personagens estavam expostos e compreender suas ações relacionadas à escolhas, desejos, sonhos, medos e redenção. A autora mostra a realidade da escravização ainda presente nos dias atuais e permite que os personagens sejam ouvidos e conhecidos. A vida no interior de Goiás fez Coralina olhar para a natureza de uma maneira única na época em que viveu, com isso, ela evoca a beleza e a vitalidade de onde residiu em seus textos. Cora elaborou uma obra bastante profunda na reconstrução estética e simbólica do espaço rural e de seus aspectos pertinentes, tais como a terra, o trabalho manual, as plantações, as criações, bem como as práticas cotidianas e corriqueiras, focando na natureza e no seu poder de produção de vida. As narrativas corealianas transmitem não apenas a realidade material dessas localidades, mas também os valores, as crenças e os sentimentos que moldam a identidade do povo goiano. É o que se pode notar no poema “Na Fazenda Paraíso”,

[a]cordávamos cedo e corríamos para o curral. Copos e canecas na mão e o primeiro apoio espumado e morno tinha um gosto renovado e puro. Depois, o mundo do engenho. A garapa de cana serenada, a garapa fervida, o melado com mandioca cozida no respiradouro da fornalha, “forrando o estômago” para o almoço às nove horas, invariavelmente. Aqueles hóspedes ganhavam novas cores, nutrição, nesse regime de fartura e ares puros. Banhos nos ribeirões, passeios pelos campos. Comiam fruta do mato, carne de caça, leite de curral, ovos quentes. Tudo substancial e forte. Voltavam outros para a cidade, carregando ainda lataria de doces e frutas do quintal, ovos, frangos e queijos. Era a regra do tempo (Coralina, 2007, p. 65).

Além disso, Cora rompe com uma sociedade conservadora e torna-se exemplo de resistência, desafiando padrões rígidos de sua época, transgredindo, quebrando concepções e ideologias a respeito do papel feminino na sociedade.

Outro ponto importante da produção coralineana é sua relação com a vida rural, enriquecida pela presença marcante das tradições e dos costumes locais, bem como pela riqueza cultural e humana dessas comunidades, que dão voz e destaque às histórias e experiências das regiões menos exploradas. A escritora resgata mitos, lendas e superstições que fazem parte do folclore goiano, incorporando esses elementos em suas

narrativas e conferindo-lhes um sabor autenticamente regional. Com isso, há uma preservação e valorização da rica herança cultural do interior de Goiás, garantindo que essas tradições sejam transmitidas às gerações futuras. Desse modo, Britto e Santos aderem a Oswaldino Marques quando esse informou que,

[b]eiradeando mais o lado da realidade do que da linguagem, ela ensaia preferentemente a polpa de suas vivências, ou melhor, dito, os dados da sua circunstância concreta. Se não inova, repoeitiza – e com que convincentes poderes! – dilatados espaços brasileiros. (...) é sábio, todavia, o matizamento logrado mediante o uso de considerável cópia de regionalismos que, sobre responderem por esplêndidos efeitos sonoros, estilísticos, robustecem a confiança do leitor na consumada ciência ambiental, ecológica, de quem, como a poetisa, maneja com absoluta perícia o instrumental denotativo da região. Ao lê-la pensamos, não raro, num Guimarães Rosa transposto para a poesia de Goiás (Coralina, 2006, p. 14-15).

A trajetória de Cora é uma inspiração para os que buscam expressar sua criatividade, independentemente da fase da vida em que se encontram. No poema "Todas as vidas", Coralina deixou clara a sua preferência pela expressão lírica.

Vive dentro de mim uma cabocla velha de mau-olhado, [...] Vive dentro de mim a lavadeira do Rio Vermelho. [...] Vive dentro de mim a mulher cozinheira. [...] Vive dentro de mim a mulher do povo. [...] Vive de mim a mulher da vida. [...] Todas as vidas dentro de mim: Na minha vida - a vida mera das obscuras (Coralina, 2006, p. 31-33).

A autora produziu diversos gêneros literários e misturava a prosa com a poesia, elementos que contribuíram para o seu estilo único, que se destacou pela simplicidade e pela beleza poética. No trato literário, não esteve vinculada a nenhuma escola literária, mas fez jus à tradição modernista, devido a utilização do verso livre e a inspiração na vida cotidiana e concreta (Brandino s/d). Para Cora, a escrita era mais do que palavras em papel, mas uma forma de capturar a essência da vida.

### 3. CORA CORALINA EM SALA DE AULA: QUEM CONTA UM CONTO FORMA UM LEITOR?

#### 3.1 Contextualizando a pesquisa

Trabalho<sup>1</sup> há 20 anos com formação de professores na Secretaria Estadual de Educação do Estado de Goiás. Os professores sempre me diziam sobre a resistência dos estudantes à leitura de obras literárias e de suas preferências por dedicar o tempo às redes sociais. Esse é um fato preocupante, visto que a leitura literária desempenha um papel essencial no desenvolvimento do pensamento crítico, da empatia e da criatividade do jovem. Dessa forma, percebi que era importante encontrar maneiras de os alunos se engajarem na leitura literária. Isso me instigou a desenvolver um trabalho de formação leitora com contos literários, pois o universo da narrativa, com a linguagem plurissignificativa, mais tensa, atrai o leitor, dependendo da forma como é construído.

A obra selecionada como *corpus* de análise desta pesquisa foi “Estórias da casa velha da ponte” e outras produções de Cora Coralina. Essa escolha ocorreu devido ao fato da referida escritora goiana ser um dos nomes mais importantes da literatura brasileira; uma das figuras mais emblemáticas do estado; a produção ter uma forte ligação com a cultura goiana e também porque os estudantes teriam a oportunidade de se conectar com a identidade cultural e histórica de Goiás, com o legado literário e as contribuições da autora para a literatura brasileira, “Cora foi uma mulher escritora de seu tempo, uma poeta, uma severa crítica e uma silenciosa – mas nunca silenciada – militante das causas sociais” (Britto; Seda, 2009, p. 6).

A produção da poetisa é permeada da vivência que a doceira experimentou. Ademais, ela ainda é detentora de uma produção consistente, tornando-se uma eloquente poetisa do país.

Dessa maneira, o projeto de leitura, elaborado para os alunos do 8º ano de uma escola pública municipal, teve como objetivo introduzi-los ao conhecimento e leitura da produção da coralineana, assim como da cultura goiana retratada por Cora em seus contos e poemas. A leitura literária ainda representa um desafio no cotidiano da maioria dos jovens e envolvê-los com a obra é uma maneira de aproximá-los e familiarizá-los com ela. Escolhi o gênero conto para ver a maneira como os aprendizes lidariam com ele, pois

---

<sup>1</sup> Neste capítulo, em razão do tom narrativo e mais personalizado que o texto assume, usarei a primeira pessoa do singular.

em muitas vezes tal gênero apresenta situações inusitadas, personagens peculiares e reviravoltas surpreendentes que prendem a atenção e cativam o leitor.

Posto isso, a seleção das obras de Cora Coralina se deu por serem uma fonte de reflexão sobre temas universais, que, mesmo escritos há tempos, ainda estão presentes na sociedade atual e por abordar de uma maneira singular a vida, as relações humanas e as tradições que ainda podem ser vistas no Estado de Goiás. A partir disso, os textos foram selecionados para serem lidos e promover discussões e reflexões sobre aspectos sociais, históricos, como também identidade, cultura e fruição leitora.

As capas abaixo são dos livros utilizados na pesquisa.

**Figura 1** – Capa do livro Estórias da Casa Velha da Ponte



Fonte: Acervo pessoal

**Figura 2** - Capa do livro O Tesouro da Casa Velha



**Figura 3** - Capa do livro “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”



Fonte: Acervo pessoal

O objetivo da escolha de textos de Cora Coralina ocorreu para observar: se eles despertariam no jovem leitor o interesse em ler outros textos do mesmo gênero e da

mesma autora; a promoção e o desenvolvimento de uma sensibilidade mais humanizada; a ampliação da compreensão das dores alheias; a exploração de diversos aspectos da condição humana e da sociedade e o aprimoramento da capacidade de análise, síntese e compreensão por meio dessas leituras, com um texto mais conciso. Além disso, busquei também ajudar os alunos a aprender a ler melhor, e, conseqüentemente, a compreender o texto tanto na oralidade quanto na escrita.

A metodologia da investigação se pautou em uma pesquisa-ação com abordagem qualitativa. Este estudo foi realizado com uma abordagem metodológica na qual o pesquisador e os pesquisados têm um papel de interação com a finalidade de melhorar as condições dentro do contexto estudado, no caso, a fruição literária. De acordo com Thiollent,

[o] método de pesquisa-ação consiste essencialmente em elucidar problemas sociais e técnicos, cientificamente relevantes, por intermédio de grupos que encontram-se reunidos pesquisadores, membros da situação-problema e outros atores e parceiros interessados na resolução dos problemas levantados ou, pelo menos, no avanço a ser dado para que sejam formuladas adequadas respostas sociais, educacionais, técnicas e/ou políticas (Thiollent, 2011, p. 2).

Dessa forma, percebe-se a natureza colaborativa e participativa dos envolvidos na pesquisa-ação. Ao abordar a situação-problema, procurei compreender de forma aprofundada as questões norteadoras, visando soluções eficazes e reconhecendo a importância dos diferentes atores envolvidos, assim como suas contribuições. Por conseguinte, espera-se avançar na formulação e implementação de respostas relevantes no quesito educacional.

Já Chizzoti (2006) explica que na pesquisa-ação são os pressupostos que influenciam as escolhas metodológicas, a interpretação dos resultados e a aplicação prática dos achados da pesquisa,

A realização em organizações mais complexas e grandes empresas supõe um percurso longo que analise, na fase inicial, as condições de exequibilidade, as negociações prévias até um plano provisório da pesquisa; na fase de execução, ela exige a definição clara do que quer resolver, a gestão da participação recolha dos dados, proposição da solução, execução e avaliação da ação[...] (Chizzoti, 2006, p. 86).

E ao levar essa proposta de trabalho com a produção coralineana para a sala de aula, busquei uma abordagem estruturada e abrangente, desde a fase inicial de planejamento até a implementação das soluções propostas e a avaliação dos resultados obtidos.

### **3.2 Imersão no contexto: explorando o ambiente e os participantes da pesquisa**

A instituição de ensino selecionada para a realização desta pesquisa-ação é a Escola Municipal Professora Deushaydes Rodrigues de Oliveira, situada, no Celina Park, no município de Goiânia. A escolha se deu devido à diversidade de experiências e realidades dos discentes, uma vez que a escola acolhe estudantes provenientes de variados contextos socioeconômicos e culturais. Essa instituição tem uma boa estrutura física com salas amplas e arejadas, sala de leitura, sala de informática e desempenha um papel significativo na comunidade, sendo referência no bairro, por oferecer educação para crianças e adolescentes do setor e regiões vizinhas.

Um trabalho direcionado à formação do leitor literário, com a obra de Cora Coralina, em uma escola da rede pública, significa uma importante contribuição para a equidade ao acesso à literatura, mesmo que o colégio não tenha alguns títulos ou exemplares – mas o objetivo é colocar o estudante em contato com a leitura literária. E, dessa forma, quando os indivíduos se engajam na busca do conhecimento, quando a leitura passa a fazer parte do seu dia a dia, estão construindo uma relação com a educação que os liberta, que promove a igualdade de oportunidades, “[o] momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade” (Freire, 1994, p.56). E isso é o que garante que todos tenham oportunidades justas de desenvolvimento intelectual e cultural.

No total, foram 29 alunos que aceitaram participar da pesquisa, mas apenas 22 entregaram os Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE – assinado pelos Pais/Responsáveis (Ver apêndice A). Para os educandos, participar de uma pesquisa como essa foi algo novo, já que era a primeira vez que se dedicavam completamente à leitura, escrita e reescrita. Em relação aos encontros, a professora de LP da turma me cedeu duas aulas por semana, uma na quinta-feira e outra na sexta-feira. No entanto, foram trabalhados 14 dias devido a vários feriados nos meses seguintes e a semana de provas. Registrei todas as aulas num Diário de Campo, anotei as atividades das aulas, destaquei as percepções e aprendizados dos jovens e outros elementos que me ajudaram a descrever as ações e os dados dessa investigação. Além disso, observei o interesse e interação dos jovens nas oficinas.

## As oficinas

As oficinas foram realizadas de 28 novembro a 7 de dezembro de 2023.

No primeiro dia de aula, apresentei aos estudantes: o projeto de pesquisa; o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para participantes menores de idade; os termos de consentimento para os pais e/ou responsáveis legais (TCLE) (ver apêndice A); o questionário inicial (ver apêndice B) e o cronograma das oficinas (ver apêndice C). Esclareci as dúvidas e todos concordaram em participar da pesquisa. As aulas tinham a duração de 50 minutos, sendo que eu tinha apenas uma aula por dia. Portanto, o trabalho com os documentos, a apresentação e os esclarecimentos demandaram dois dias letivos.

No momento inicial da exposição do projeto de pesquisa, “Estórias da Casa Velha da Ponte e Outras Estórias Mais: A Formação do Leitor Literário Nos Anos Finais do Ensino Fundamental”, ocorreu um evento interessante: muitos dos discentes do 8º ano não estavam familiarizados com a poetisa goiana Cora Coralina, nem haviam ouvido falar sobre ela. Neste momento, discutimos sobre a importância da literatura goiana, como parte da cultura do estado, apresentamos as obras “Estórias velhas da casa da ponte” e “O Tesouro da casa velha”, que foram lidas, juntamente com a biografia de Cora. Além disso, exibimos o filme “Museu Casa de Cora”<sup>2</sup> e nenhum aluno havia visitado a cidade de Goiás e a arquitetura histórica dela os impressionou.

No segundo encontro (1 aula), questionei o que os estudantes imaginariam encontrar em um texto intitulado “O Lampião da Rua do Fogo” e eles sugeriram diversas hipóteses. Perguntei qual seria o tipo de narrador, como seriam os personagens e o espaço onde as ações aconteceriam, os aprendizes fizeram suposições e inferências que seriam confirmadas ou não no decorrer da leitura. Uma observação importante é que na biblioteca da escola não tinha os livros de Cora Coralina utilizados nesta pesquisa e, por isso, além de alguns volumes físicos pertencentes à professora pesquisadora, foram utilizadas cópias impressas dos textos e a turma foi organizada em duplas para a leitura dos textos. Orientei que os jovens, durante todas as leituras realizadas em sala, fizessem anotações, registrassem suas reações ou produzissem pequenos textos sobre o que foi lido, para uma leitura mais reflexiva e para ter elementos que seriam usados na produção escrita, nas aulas finais da pesquisa. Assim, as aulas de leitura e a escrita se tornaram

---

<sup>2</sup> Vídeo disponível no link: [https://www.youtube.com/watch?v=xkqA\\_TIPqm4](https://www.youtube.com/watch?v=xkqA_TIPqm4). Acesso em 31 out. 2024.

atividades entrelaçadas, o que promoveu uma compreensão mais profunda e engajada do texto.

A leitura dos textos de Cora Coralina exige um leitor atento, visto que ela usa muitos termos desconhecidos e isso é um fato que dificulta a compreensão, mas não é um impeditivo para que o leitor desista do texto. Por esse motivo, neste primeiro momento, fiz a leitura em voz alta e orientei que os estudantes perguntassem no decorrer da mesma o significado de palavras desconhecidas. Para Morais “[s]e, num texto, houver demasiadas palavras fora do alcance do aluno, isso perturbará a aprendizagem da leitura. Por outro lado, a aprendizagem não poderá progredir se o texto não contiver palavras novas” (Morais, 1999, p. 83), por isso, é importante encontrar um ponto de equilíbrio na seleção de textos para os aprendizes. Ao se contextualizar a obra, por meio de palavras desconhecidas, cria-se um ambiente propício para o desenvolvimento da habilidade de leitura.

Sobre o ato da leitura, Andruetto (2017, p. 83) diz que para apreciar a leitura é primordial nos entregarmos a uma aventura desafiadora, pois ao lermos um livro que tem o objetivo de nos provocar, nossa capacidade de sentir se volta para questionamentos “que buscam na linguagem sua expressão e sua resposta”. A leitura nos leva a nos questionar sobre nós e também sobre o mundo ao nosso redor, ela gera uma aprendizagem cheia de significados.

O ser humano é capaz de acolher todas as experiências e conhecimentos possíveis, desde que esteja em um ambiente com estímulos variados e enriquecedores para ampliar sua capacidade de aprender e explorar o que está ao seu redor. As vivências humanas estão diretamente ligadas à literatura, já que, ao se conectar com espaços, personagens e mundos diversos, o leitor reflete sobre o que foi lido, criando empatia e argumentos, compreendendo a si mesmo e os outros. E a escola é, muitas vezes, o único espaço para se ingressar nesse mundo.

O conto “O Lampião da Rua do Fogo” apresenta um humor sutil, oriundo de uma situação comum, porém, com um desfecho surpreendente que proporciona o efeito cômico à narrativa. A leitura dessa narrativa, neste primeiro momento, conquistou os estudantes que ficaram fascinados com o Sr. Maia e as ações de Dona Placidina e esse ponto foi um divisor de água quanto à aceitação dos textos de Cora Coralina, pois eles ficaram ávidos por mais histórias. Isso mostra como a escritora renasce “[...] a cada dia em seus poemas, crônicas, histórias, em cada palavra que escreveu. Sabia que seria lida

entendida pelas novas gerações, no passado, ela previu esse futuro antes que o tempo passasse tudo a raso” (Britto; Seda, 2009, p.423).

Eis o conto “O Lampião da Rua do Fogo”:

Ali, naquele velho canto onde a Rua de Joaquim Rodrigues faz um recanteio, morava Seu Maia, casado com Dona Placidina, numa casa de beirais, janelas virgens da profanação das tintas, porta da rua e porta do meio. Portão do quintal, abrindo no velho cais do Rio Vermelho. Isso, há muito tempo, antes da rua passar a 13 de Maio e da casa ser fantasiada de platibanda.

Seu Maia era muito conhecido em Goiás e era porteiro da Intendência. Boa pessoa. Serviçal, amigo de todo mundo e companheiro de boas farras. Gostava de uma pinguinha em doses dobradas, dessas antigas que pegavam fogo. Então, se misturava vinho, conhaque e aniseta; só voltava para casa carregado pelos companheiros, que o entregavam aos cuidados da mulher.

Esta, acostumada, embora com a sina ruim, como dizia, não poupava a descalçadeira quando recebia o marido naquele fogo, arrastando a língua, de pernas moles, isto quando não virava valente, quebrando pratos e panelas e disposto a lhe chegar a peia.

Dona Placidina era muito prática, nessas e noutras coisas... Ajeitava logo um café amargo, misturado com frutinhas de jurubeba torrada, que o marido engolia careteando e o empurrava para a rede, onde roncava até pela manhã ou se agitava e falava a noite inteira.

— Coitada de Dona Placidina, comentavam as amigas. Seu Maia é um santo homem sem esse diabo da pinga.

E ensinavam remédios, simpatias, responsos, rezas fortes. Simpatia que dera certo em outros casos, era nada para ele. Remédios? Inofensivos como a água do pote. Os próprios santos se faziam desentendidos dos responsos, velas acesas e jaculatórias recitadas.

Dona Placidina, cansada daquele marido incorrigível, acabou botando o coração ao largo, embora achasse, no íntimo, que melhor seria uma boa hora de morte para ela... ou antes, para o marido, esta parte no subconsciente.

Naquele dia, como a dose da boa fosse mais pesada, Seu Maia, que já vinha se ressentindo do fígado com passamentos e vista escura, se achou pior.

Os amigos o trouxeram para casa mais cedo. Tiveram mesmo de o levar para a cama e o meter entre as cobertas. De nada valeu a chazada caseira.

No dia seguinte, chamaram Seu Foggia que diagnosticou empanchamento e doença do coração. Receitou um purgativo e uma poção. Seu Maia piorou. Dona Placidina se desdobrou em cuidados especiais. Esqueceu o defeito do marido, as desavenças, os pratos quebrados e passou a sentir, antecipadamente, os percalços da viuvez.

Os amigos não arredaram. Faz-se a conferência médica das vizinhas prestativas. Escalda-pés, benzimentos, sinapismo, nada deu jeito. Nem valeu promessa de muito boa cera ao senhor São Sebastião. Seu Maia morreu.

Os companheiros tomaram conta do morto. Levaram o corpo. Vestiram-lhe o fato preto de sarjão, que tinha sido do casamento. Calçaram meias, ajuntaram-lhe as mãos no peito. Pearam as pernas e passaram um lenção branco, bem apertado, no queixo. Chamaram um canapé, largo de palhinha, para o meio da sala, deitaram o cadáver, cobriram com um lençol. Cuidou-se do pucarinho de água benta, com seu ramo de alecrim. Acenderam-se as quatro velas e, nos pés do morto, botou-se um caco de telha com brasa e grãos de incenso. Era assim que se arrumava defunto em Goiás, antigamente.

Os amigos foram chegando, tomando posição e começou o velório. Dona Placidina, entregue aos cuidados das amigas, mal escapava de uma vertigem, caía noutra. Afinal, à força de chás de arruda, de casca de tomba e de Água Florida de Murray, voltou a si e, como era decidida e de espírito prático, botou de parte o abatimento e passou a cuidar do pessoal que fazia sentinela.

Café com biscoito pelas 10 horas. Mais tarde, mexido de lombo de porco e ovos fritos com farofa, comido na cozinha, e requentão quando a noite esfriou mais e os galos passaram amiudar.

Entre a diligência caseira e suspiros puxados, a viúva, de vez em quando, levantava a ponta do lençol que cobria o marido e enxugava umas lágrimas hipotéticas. “Bom marido”, lastimava e, lá consigo, “não fosse a pinga, era a falta que tinha...”

No dia seguinte, veio o caixão com tampa solta, como de costume. Agasalharam ali o defunto. Chegaram mais amigos e mais comadres. Dona Placidina louvava as virtudes

conjugais do finado, em crises nervosas de choro seco — sem lágrimas, o choro mais difícil que existe.

A cada visita que chegava, com seu carinhoso abraço e formalíssimos “meus pêsames”; havia uma exaltação no choro ressecado da viúva.

Pelas duas horas, começou a fazer vento de chuva e um trovão surdo se ouviu ao lado da Santa Bárbara. Como o caixão teria mesmo de ser carregado na força dos braços, os amigos resolveram apressar o saimento, antes que o tempo enfarruscado se decidisse em água. Vento da Santa Bárbara é chuva certa no São Miguel. E enterro debaixo de chuva era a coisa mais estragada que podia acontecer em Goiás.

Dona Placidina se debruçou em cima do morto. Não queria deixar sair Seu Maia, coitado... As amigas com chazadas de alecrim. Os amigos tomaram conta das alçadas e ganharam a rua. Entraram na outra, que era Direita, naquele tempo. Passaram a ponte da Lapa, subiram e entraram no Rosário para encomendação do corpo.

Os sinos das igrejas, todas, dobrando a lamentação de finados. Pela intenção do morto, cada amigo mandava dar um sinal nas igrejas, quanto quisesse. Ainda que os sinos tocam como a gente quer, alegres ou soturnos.

Os sineiros sempre tiveram esmero especial para anjinho ou defunto. Essas duas palavras, em Goiás, delimitavam as circunstâncias da idade, sem mais explicações. Anjinho era criança mesma ou moça virgem e, defunto, gente pecadora.

Ia o cortejo subindo e os homens se revezando nas alças, que o morto estava pesado. Com a doença curta, nem tivera tempo de emagrecer. Iam depressa, que a chuva já tinha posto uma carapuça branca no cocuruto do Canta Galo.

Na frente, um popular, afeito àquele préstimo, carregava a tampa que só ia ser colocada na beira da cova. Outros levavam os dois tamboretas, tradicionais, para o descanso do ataúde, quando se trocavam os que iam carregando. Os músicos, de fardão escuro, tocavam um funeral muito triste. Sendo de notar que não havia enterro em Goiás sem acompanhamento de música, somente os muito pobrezinhos. Na rabeira, a molecada da rua. Queriam ver o caixão descer no buraco, se divertiam com aquilo.

Na esquina da Rua do Fogo com a Rua da Abadia, existiu, durante muito tempo, um poste de lampião antigo, saliente, fora de linha, puxando mesmo para o meio da rua. Era um tropeço. Coisa embaraçosa. Não foram poucos os esbarros, cabeçadas, encontrões verificados ali.

Enterros que subiam, já de longe, começavam a torcer à direita para se desviar do lampião, que não tinha outra consequência senão atrapalhar. Naquele dia, com a aflição da chuva que vinha perto e com o peso do caixão que era demais, ninguém se lembrou do poste. Foi quando o compadre Mendanha, que ia na alça dianteira pela esquerda, pisou de mau jeito num calhau roliço, falseou o pé, fraquejou a perna e... bumba! Lá se foi o caixão bater com toda força no lampião.

Com a violência do baque, o defunto abriu os olhos, desarrumou as mãos e fez força de levantar o corpo.

A essa hora, o pessoal do enterro tinha se desabalado, em doida carreira pela rua abaixo e largado o morto se soltando da laçada das pernas. O dia inda estava claro, não era hora de assombração. Alguns, mais esclarecidos, resolveram voltar e ver de perto o acontecido.

Encontraram Seu Maia de pé, muito amarelo, escorado no poste, com tremuras pelo corpo e olhando, com desânimo o caixão vazio. Reconheceram, então, que o mesmo estava vivo e que era preciso voltar com ele para casa. Guardaram o caixão inútil na igreja da Abadia e desceram a rua, amparando o ex-morto.

Todas as janelas, agora, com gente assombrada ante aquele caso novo na cidade. A meninada na frente, gritava:

— Evém o defunto...

De dentro das casas, os moradores corriam para as portas e só se ouvia:

— Vem ver, Maricota... vem ver, Joanhinha. Óia o defunto que evém voltando...

Amparado pelos amigos, metido naquele sarjão preto, desusado, calçado só de meias, lenço na cara e muito devagarinho vinha Seu Maia de volta.

Um portador foi na frente avisar Dona Placidina, daquela ressurreição e consequente retorno, ao que ela só teve expressão sintomática:

— Seja pelo amor de Deus.

Seu Maia chegou afinal, entrou, recebendo um abraço de boas-vindas mais ou menos calorosas da mulher. Bebeu um cordial. Meteu-se na cama e de novo foram chamar Seu Foggia. Este veio. Examinou, apalpou, auscultou, pediu para ver a língua. Concluiu, com sabedoria, que tinha sido um ataque de catalepsia, muito parecido com a morte, mas que não era morte, não.

A providência tinha sido o lampião do meio da rua, senão teria sido mesmo enterrado vivo.

A cidade comentou o caso por muito tempo. Seu Maia foi entrevistado por todos os sensacionalistas da terra — gente insuportável daquele tempo. Muita língua desocupada levantou a suspeita de que vários fulanos e sicranos daquele tempo tivessem sido enterrados vivos e toda a gente ficou se pelando de catalepsia. Os letrados foram até o Chernoviz e Langard. Conferiram-se diploma no assunto e discorriam de doutor e com muita prosódia, sobre catalepsia ou morte aparente.

Enquanto os comentaristas faziam roda, o doente recuperava a saúde. Dona Placidina, muito prática como sempre, aproveitou o acontecimento para uma pequena homilia doméstica, complicada e cheia de boa dialética feminina, de que “aquilo fora aviso do céu e castigo de Deus...”

E já pelo choque emocional — vá lá que naquele tempo não havia destas coisas não — já pelo medo de novo ataque e de ser mesmo enterrado vivo, o certo é que o homem moderou a bebida.

Dona Placidina, no entanto, já havia, no seu foro íntimo, aceitado a ideia da viuvez e aquela volta inesperada do marido vivo não melhorou de muito os pontos de vista da ex-viúva.

Alguns meses depois, Seu Maia adoecia gravemente. Vieram os amigos da primeira viagem. Apareceram as clássicas e infáveis comadres. Deram-se os remédios. Da botica e extrabotica. Foi bem purgado e lhe aplicaram ventosas e sinapismos. Nada serviu. Seu Maia morreu.

Seu Foggia então declarou que, por via das dúvidas, só levassem o morto quando começasse a feder. Fez-se de novo o velório com todas as regrinhas de costume. Café com biscoito pelas dez horas. Viradinho de feijão e linguiça comidos, com voracidade e discrição na cozinha, e quentão forte de canela e gengibre, quando a noite esfriou e os galos amiudaram.

Contaram-se casos. Louvaram as virtudes do finado, num breve necrológio. Passaram a anedotas discretas. Falou-se da carestia da vida, dos erros do governo e se fez a filosofia da morte.

A viúva chorou, mais ou menos conformada com aquela segunda via. O compadre Mendanha tomou conta de trocar as velas que iam se consumindo, de regradar o pucarinho de água benta com seu raminho de alecrim.

No dia seguinte, quando perceberam que não mais haveria engano, os amigos ajuntaram as alças e levantaram o caixão.

Dona Placidina, muito experiente, despediu-se do morto em soluços alternados. Teimou com as amigas: dessa vez havia de acompanhar, ao menos até a porta.

O compadre Mendanha, muito metódico e apegado aos velhos hábitos de sempre pegar caixão pela alça da frente e da esquerda, tomou posição. Outros pegaram pelos lados, adiante saiu a tampa, carregada por um popular e os tamboretas indispensáveis, renteando o caixão aberto.

Espalhado pelas ruas, o acompanhamento, só de homens. Agrupada com seus instrumentos enlaçados de crepes, a banda do funeral. Arrumado o cortejo, Dona Placidina botou o corpo fora da porta e chamou alto:

— Compadre Mendanha... Escuta, compadre, cuidado com o lampião da Rua do Fogo, viu... não vá acontecer como da outra vez (Coralina, 2008, p. 63-71).

Essa leitura surtiu efeito, haja vista que o desconhecimento da escritora goiana dificilmente oportunizaria um contato com seus textos, mas como diz Ana Maria Machado, “o que se deve procurar propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro” (Machado, 2002, p.12). Esse primeiro contato entre o leitor e o livro deve ser cativante, o que resultará na formação de uma memória duradoura, mesmo que sutil, que estará presente ao longo da vida (Machado, 2002).

No primeiro encontro, eu passei uma atividade para os estudantes pesquisarem a vida e a obra de Cora Coralina e no terceiro (1 aula), formamos uma roda de conversa para que falassem sobre ela. Este foi um momento de muita interação, visto que os jovens

não focaram somente no biografismo, pois eu havia dito a eles, anteriormente, que somente o estudo da biografia não forma leitores e que texto é o elemento principal dessa constituição. Entretanto, a pesquisa sobre a vida da autora oportunizou um conhecimento maior sobre o contexto em que ela vivia e isso aproximou o estudante de uma realidade diferente que chamou a atenção para a obra. Em seguida, os estudantes refletiram sobre a ideia principal do texto, observando o que leram e aprenderam, logo após eles escreveram, em dois grupos, um final alternativo para o conto e por último apresentaram seus trabalhos, defendendo o ponto de vista de cada grupo. Vejamos o final alternativo escritos pelos grupos:

#### Grupo 1

Após o compadre levar o tropeção, seu Maia dá uma sacudida e acorda zozno, sem saber onde estava e o que havia acontecido. As pessoas ficaram com tanto medo do homem ter ressuscitado que fugiram em disparada, deixando o pobre coitado sozinho. Um vizinho, chegou perto e certificou que ele estava realmente vivo e o levou cambaleando para casa. Dona Placidina quase foi a morta da vez ao se deparar com o marido em carne e osso.

Após tudo se acalmar, seu Maia decidiu mudar os hábitos e se tornar um marido melhor: parou de beber, cuidou da saúde e permaneceu ao lado de sua esposa por muitos e muitos anos.

#### Grupo 2

As pessoas da cidade de Goiás já não acreditavam mais que um dia seu Maia passaria desta para melhor. Ele voltou aos antigos hábitos e continuou bebendo nas noitadas, chegando em casa de madrugada e valente como sempre. Mas no dia em que ele morreu de verdade, após a comprovação, a população foi ao enterro fazer as últimas homenagens e dentre as pessoas no velório, uma chamou a atenção: o compadre. Lá estava ele pronto para segurar a alça do caixão. Quando o corpo já estava à caminho do cemitério, dona Placidina chega correndo e diz ao amigo:

- Compadre, muito cuidado para não tropeçar novamente no lampião, pois o coitado já partiu em paz e não precisa de mais um susto. Que ele descansasse em paz.

O momento da escrita e rescrita dos textos permite que o estudante se torne o sujeito ativo de sua própria aprendizagem, já que a participação e a criatividade o retiram da passividade, levando-o a refletir sobre o processo de aprender. Por isso a leitura, segundo Petit (2019, p. 43), “talvez sirva antes de tudo, para elaborar um sentido, dar forma à sua experiência”, ela é importante por ser um processo ativo e significativo, capaz de enriquecer a compreensão e a experiência do leitor.

No quarto encontro, disponibilizei o texto impresso e realizei a leitura do conto “A procissão das almas” de forma expressiva, na sala de computação, e os alunos acompanharam, alguns interromperam para saber o que eram as janelas de rótulas, onde as senhoras da cidade ficavam postadas, dando conta da vida dos outros. No final da

leitura, os participantes pesquisaram o modelo das janelas citadas no conto e disseram que elas eram as redes sociais daquele tempo, pois os moradores interagiam com o que acontecia nas ruas, compartilhando notícias, fofocas e acontecimentos do dia a dia, o que não deixa de ser um fato curioso, já que as redes sociais modernas promovem a conexão e a comunicação entre as pessoas. Os estudantes ficaram surpresos, ao perceber que a narrativa coralineana, ao mesmo tempo em que conta de modo cômico os fatos, denuncia um desajuste entre o comportamento da mulher e a satisfação de viver a vida de outrem.

Nesse sentido, Eco (1994) afirma que o conhecimento do mundo real é necessário para que as histórias literárias possam causar impacto emocional,

[e] assim temos que admitir que, para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover até com o mais impossível dos mundos, contamos com o conhecimento do nosso mundo real. em outras palavras, precisamos adotar o mundo real como pano de fundo (Eco, 1994, p. 89).

Dessa forma, o leitor tem em suas experiências a busca pela compreensão do mundo real para se impressionar, se incomodar, se assustar ou se emocionar com a leitura. E durante este encontro, os aprendizes falaram livremente sobre suas impressões e sensações, se gostaram ou não do texto e essa interação com o texto os levou a perceberem como a literatura tem a capacidade de relacionar estórias ficcionais com suas percepções e vivências.

No quinto encontro, a leitura realizada foi do conto “As capas do diabo”. Vejamos uma síntese do conto:

Havia em Goiás uma senhora dona de escravos que atendia pelo nome de Dona Manoela Maria de Magalhães e Távora de Taborda, “fazendeira das maiores que vivia nos seus feudos roceiros, entre Capelinha e Nazaré, nos fundos de Anicuns, por volta de 1865” (Coralina, 2002, p.62). Manoela tinha escravos que trabalhavam em suas terras, pastos e canaviais e dentre esses, “um escravo de confiança, de nome Fidêncio, era feitor do terreiro da fazenda e uma escrava de nome Roxa, mulher desse mesmo feitor, era encarregada de reger a casa e feitorizar o serviço caseiro das escravas”.

Como dona Manoela era rica, encomendou da Corte uma peça da mais fina holanda, mandou fazer uma camisa e duas saias brancas de baixo. Após a confecção da roupa, mandou que a escrava Roxa guardasse tudo em uma grande arca, ela seria usada pela fazendeira depois de morta.

Nesta época, aconteceria uma festa do Divino em Anicuns e Dona Manoela, por não poder ir, mandou seus escravos e entre eles, a escrava Roxa, que desejava a mortalha

de dona Manoela e chegava a sonhar que estava usando as peças. E assim, às escondidas, a escrava pegou a roupa de sua senhora para usar na festança e a pendurou em um arame dentro da barraca, mas um infeliz buscapé estourou em cima do cordão e abriu um rombo no pano que pegou fogo. Roxa enlouqueceu com medo de ser vendida e cometeu suicídio.

O título já surpreendeu a turma e atraiu o interesse. Eu perguntei a eles por que o título chamou a atenção? O que ele sugeria? Será que tinha como pensar no assunto a partir do título? Que temas eles imaginavam que o texto trataria? Questionei sobre como a leitura pode estimular uma postura crítica em relação aos desafios sociais e capacitar indivíduos a praticar a empatia diante de determinada situação. Deixei que falassem e foram muitas as ideias em relação a narrativa: alguns disseram que poderia ser um texto de terror, outros de mistério. Desta vez, pedi que lessem o conto em silêncio, visto que, dessa forma, desenvolvem habilidades de leitura e criam jeitos diferentes de ler um texto.

Após a leitura, os estudantes comentaram sobre as palavras “difíceis” usadas pela autora e sobre como o texto da escrava Roxa os impressionou, ao ponto de a turma toda permanecer em silêncio por alguns minutos. Estimulei a participação perguntando o que acharam do texto, o sentimento de dor e revolta era perceptível na falas deles. Pedi que citassem um trecho curioso do conto, sobre costumes, falas e eles abordaram a prática de preparar, antecipadamente, uma vestimenta para o enterro de um corpo. O conhecimento sobre o período de escravidão revelou-se limitado, o modo de vida, os costumes e a punição dos escravos eram apenas ideias na cabeça dos jovens, eles não tinham uma dimensão sobre as dificuldades e os sofrimentos vividos pelos escravizados. Nesse momento, os aprendizes ficaram tocados por todas as agruras que a escrava Roxa vivenciou, o que demonstra que “talvez se possa falar de um progresso no sentimento do próximo” (Candido, 2011 p. 174).

Nesse sentido, vale ressaltar que as obras de ficção constituem a criação de novos universos, introduzindo-nos a diferentes tempos e espaços para além da nossa realidade cotidiana (Andruetto, 2017). Dessa maneira, há o potencial transformador da literatura que abre novas perspectivas, promovendo empatia e mostrando como a leitura pode influenciar positivamente a forma como percebemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Outro conto de Cora Coralina trabalhado foi o “Campos Sales”, vejamos a seguir:

## Campos Sales

Cora Coralina

Quem da gente mais antiga da Jabuticabal inda se lembra de Campos Sales? Campos Sales, eu o conheci. Nós, gente da linda cidade de Pinto Ferreira, Terra das Jabuticabas, Cidade das Rosas, velho Patrimônio Foreiro, antiga fábrica de Nossa Senhora do Carmo de Jabuticabal, cidade dos meus filhos, nós o conhecemos pelas ruas. Durante o dia, lavando casas de famílias; de noite, às 10h, lavando os bares do comércio.

Escuro, pequeno, vivo e alegre, trabalhador, dobrado em dois. Sempre encontrado com seus baldes e escovas. Calça arregaçada, camisa arremangada. Muito certo e exato para aquele serviço obscuro e ativo que alguém devia fazer, num tempo em que ainda ninguém encerava casa.

Campos Sales tinha sido escravo da família Campos Sales – contava. Ganhou sua liberdade, sua alforria de negro cativo, vestindo farda de soldado brasileiro e pelejando, com valentia, nos esteros do Paraguai. Mostrava suas velhas cicatrizes. Pontaços de lanças inimigas.

Perdeu ali seu prumo vertical. Passou a andar dobrado e contava que muitos companheiros ficaram deficientes como ele.

Era da companhia do Alferes Tibúrcio – bravo entre os engenheiros – e do comandante...era engenheiro de cabeça. Viu morrer muito soldado...Apertava os olhos, refrangia e entortava a boca, careteando no horror das lembranças.

Quando acabou a guerra, estava forro, sozinho e largado no mundo. Trabalhou para patrões, daqui, dacolá. Nunca arranjou nada. Agora, era aquele serviço até o fim.

Tinha chegado em Jabuticabal a família de Domingos Rede. Vinham de Bebedouros. Ele, renomado perito contador, e ela, Dona Clarinda, professora de grupo escolar, transferida para o “Coronel Juca-Vaz”. Vieram juntos com a mudança. Alugaram casa no fim da Rua São Sebastião, vizinho da família Cassimiro Prates.

Campos Sales foi chamado para a limpeza. Lavou, esfregou, vasculhou, fez serviço bem feito. Recebeu sua paga – 5\$000. A professora, muito boa, deu mais a ele e uma calça velha do marido. Campos Sales recebeu, agradeceu com o “Deus lhe pague” dos humildes e foi-se embora para voltar de novo quando fosse chamado, fazer freguesia de lavação.

Dona Clarinda arrumou a casa. Botou os trens nos lugares, roupas nos armários, nas gavetas da cômoda, do camiseiro.

Enquanto arrumava também procurava por um dinheiro que tinha trazido para despesas urgentes. Não houve jeito de encontrar.

Na afobação da mudança esqueceu completamente onde havia guardado. Virou e revirou caixas e caixinhas, bolsas, bolsos, sacudiu roupas, desdobrou peças. Perdeu o dinheiro, concluiu e por perdido ficou. Aceitou o prejuízo, procurou não mais pensar no caso.

Dias depois batem à porta. Empregada atende. Era o velho Campos Sales. Queria falar com a patroa. A empregada volta:

- Dona Clarinda mandou falar que a casa inda está limpa, que depois, quando precisar, ela manda recado.

O velho lavrador insiste. A professora vem atender.

-Óia, Dona, diz ele, vim aqui pro via da carça que vancê me deu. Hoje fui vesti ela, passei a mão no borso e achei dentro esse manojo de dinheiro que decerto vancê ou seu marido guardou e se esqueceu...

Eram os três contos de réis, perdidos e procurados, que o velho soldado de Tibúrcio vinha trazer, restituir.

Quando veio a reparação do esquecimento e a pátria lembrou dos sobreviventes, o velho guerreiro tinha dado sua baixa da vida e de nada mais precisava. Fazia tempo que seu magro corpo dobrado, descansava numa cova humilde no cemitério da linda cidade (Cora Coralina, 2008, p. 17-19).

Entreguei ao alunos o conto “Campos Sales” para lerem em casa e fazer um levantamento sobre o personagem, o enredo – se narra sobre um fato do cotidiano, um

acontecimento – e perceber se provoca alguma emoção, sobre as palavras mais rebuscadas utilizadas por Cora Coralina e que não fazem parte do vocabulário do estudante. Também foi orientado que conversassem sobre o conto com pessoas mais velhas (os pais, um vizinho), anotando o que ouviram sobre as impressões deixadas pela estória de Campos Sales. Por ser um conto curto, o li em voz alta no sexto encontro (1 aula) e, em uma roda de conversa, discutimos sobre os elementos centrais do texto.

Os aprendizes ficaram sensibilizados com a narrativa sobre a vida de um homem simples, um ex escravizado, que foi soldado na guerra do Paraguai, e que simboliza o drama de milhares de negros libertos no período da escravidão no Brasil. Assim como “As capas do diabo”, o conto “Campo Sales”, com um personagem cuja riqueza está na sua honradez, na moral, na retidão, na boa fé e no respeito humano, provocou uma situação de melancolia. E esse aspecto sobre sua honestidade -mesmo diante de todas as dificuldades que enfrentou na vida e da pobreza em que vivia, tendo a oportunidade de se beneficiar do dinheiro encontrado no bolso da calça que lhe foi dada – mostra a relação que existe entre o personagem e o trapo humano.

A discussão sobre o trapo humano foi um ponto essencial na abordagem dos textos lidos. Entender que a negligência, o esquecimento, a invisibilidade enfrentada por aqueles que são considerados as párias da sociedade mostrou aos estudantes a falta de valorização e atenção às necessidades dessas pessoas durante suas vidas. Muitos jovens chamaram a atenção para o trecho final do texto, “[q]uando veio a reparação do esquecimento e a pátria lembrou dos sobreviventes, o velho guerreiro tinha dado sua baixa da vida e de nada mais precisava. Fazia tempo que seu magro corpo dobrado, descansava numa cova humilde no cemitério da linda cidade (Coralina, 2008, p. 19).

Apesar da quebra da expectativa de que dona Clarinda daria uma compensação à Campos Sales, entenderam o fato de que a literatura nem sempre traz finais felizes, “é importante mostrar logo às crianças [...] que existe alguma forma nova de apreciar um texto, que nem sempre se justifica porque “é divertido” ou porque é “como se você o estivesse vivendo” (Colomer, 2014, p. 69). Esse entendimento produz conhecimento e a literatura atua no sentido de apresentar novas perspectivas sobre a leitura e abordar o texto de uma maneira mais reflexiva, possibilitando que as pessoas enxerguem o coletivo. A leitura do conto e a discussão sobre como os negros foram e ainda são negligenciados não teve um papel altruísta ou se propôs a ditar valores, o intuito era fazer com que o estudante percebesse que a literatura deve aumentar a capacidade (de o leitor) entender o mundo (Colomer, 2014, p. 62).

A estória do humilde escravo fez com que os estudantes participassem de forma mais ativa durante a aula, visto que eles quiseram expor suas opiniões sobre o que foi lido. A partir do momento em que o aluno compreendeu que a literatura humaniza, que ela nos faz olhar o outro com os olhos que gostaríamos de ser vistos, era a hora de fazerem a primeira escrita de um relato em primeira pessoa. O texto deveria trazer o olhar do personagem sobre o que viveu e o que viu, não se atendo apenas aos fatos, mas também aos sentimentos e impressões, ou seja, eles precisariam se colocar na posição de Campos Sales. Essa primeira escrita não teve como preocupação os elementos constitutivos do texto, nem uma revisão linguístico-gramatical, o objetivo era estabelecer contato com os gêneros memória, conto e poema e estruturar os pensamentos dos aprendizes sobre o tema estudado. Destaco, a seguir, textos produzidos pelos estudantes:

#### **Sou Campo Sales**

Eu sou um homem que veio da guerra, de pele negra e com velhas cicatrizes que ganhei ao logo da minha existência. Quando guerra acabou, fui deixado de lado, largado a Deus dará, sem trabalhos, passando fome e fazendo uns bicos ali e aqui.

Até que um dia arrumei trabalho em uma casa de uma professora. Fiz meu trabalho muito bem feito e ela além do valor combinado, me deu uma calça que tinha sido de seu esposo como forma de agradecimento. Dias depois, achei dinheiro nos bolsos da calça e fui até sua casa e devolvi. O dinheiro não era meu e sou um homem pobre, mas honesto. Não queria ficar com o que não era meu. Anos depois morri e meu corpo corcunda e sem vida está em uma cova do cemitério humilde na cidade de Jaboticabal. É triste lembrar que durante minha vida fui sempre sozinho e que nunca tive ninguém para se preocupar comigo. Até a pátria que servi com muito orgulho se lembrou que um dia fui útil a ela.

K. O. S.

#### **Nem saudades deixei**

Eu nasci há muito tempo atrás em uma linda cidade chamada Pinto Ferreira e sempre fui um escravo muito trabalhador. Lutei na guerra do Paraguai e ali fiquei dobrado em dois, corcunda, mas ganhei a minha liberdade. E quando acabou a guerra, fiquei sozinho, largado no mundo.

Hoje vivo fazendo uns trabalhos sem muita remuneração, ganho pouco e me presto para qualquer serviço. Fui chamado para a limpeza de uma casa de uma família que se mudou para minha cidade. Era serviço de limpeza. Lavei, esfreguei e fiz meu serviço bem feito e recebi meu dinheiro e ainda ganhei uma calça usada da professora. Uns dias depois, achei um maço de dinheiro no bolso da calça e vou te dizer, eu precisava muito, mas muito desse dinheiro. Fiquei com aquilo na cabeça e não decidia se entregava o dinheiro para dona Clarinda ou ficava com ele. No certo, eu ficaria, pois achei e então era meu, mas no mesmo tempo eu pensava que não era certo ficar com aquele dinheiro todo. Decerto, o marido esqueceu no bolso. Rapaz, mas eu não aguento e fui lá devolver. Hoje estou aqui deitado para sempre numa cova humilde, sem reconhecimento nenhum.

G.A

Eu, Campo Sales, nas palavras de Cora  
Sou personagem trabalhador  
Na força e também na dor.

Ainda há pessoas em Jaboticabal  
 Das gentes mais antigas  
 Que se lembra de mim  
 Eu Campos Sales

Sou escuro, pequeno, vivo e alegre  
 Mas trabalho dobrado ao meio  
 Por causa de uma certa guerra  
 Em que virei esteio.

Um dia lavei uma casa  
 E uma calça ganhei  
 Nos bolsos muito dinheiro encontrei  
 Mas não era meu  
 Por isso, humilde devolvi  
 Mas nenhuma paga recebi.

Hoje estou enterrado no cemitério  
 Nem a pátria se lembrou de mim  
 E sigo aqui esquecido  
 E sou um desconhecido  
 Para as novas gerações.  
 M. O.

Os textos dos estudantes revelam que eles compreenderam a obra, mas houve um equívoco em relação ao reconhecimento da importância do soldado pela pátria no conto “Campos Sales”. Na narrativa, Cora menciona que a pátria só reconheceu o trabalho do soldado escravizado após sua morte, enquanto no texto dos alunos essa ideia foi interpretada de forma equivocada, eles não perceberam que esse fato era uma crítica e interpretaram como algo positivo. É importante que no momento do trabalho como o texto, o professor leve o aprendiz a perceber essa ironia que Cora traz ao falar sobre o reconhecimento da pátria somente após a morte do personagem.

Apesar disso, de modo geral, ao reescrever o texto na primeira pessoa, os discentes conseguiram se colocar no lugar dos personagens, entendendo suas angústias, dores e preocupações, e imaginando como seriam as experiências vividas por eles, além disso, trouxeram elementos novos que não estavam no texto base, o que contribuiu para uma reescrita mais autônoma, sem focar diretamente nas ideias da autora.

Entreguei aos participantes os textos que iriam ser trabalhados no sétimo encontro, os poemas “A Lavadeira” e “Oração do Milho”, e solicitei que lessem em casa. Organizei a turma em dois grupos para treinarem um jogral para ser apresentado na aula seguinte.

No sétimo encontro (1 aula), continuamos com as estratégias para a apresentação do jogral e a leitura foi feita com o intuito de emocionar o leitor e provocar reflexões. Os

estudantes prestaram atenção e valorizaram a performance dos colegas e depois debateram os textos, em um ambiente de troca e aprendizado em grupo.

**Figura 4** – Jogral dos Poemas



Fonte: Acervo pessoal – Professora Débora Cunha Freire m sala de aula (8º ano), da Escola Professora Deushaydes Rodrigues de Oliveira, Goiânia/GO. Ano 2023.

O poema “A Lavadeira”, presente no livro “Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais”, é uma representação poética da vida cotidiana e do trabalho árduo das lavadeiras. A poetisa retrata a figura da mulher que se dedica ao serviço de lavar roupas, por meio de percepções sensoriais e descrições visuais, mostrando a sua força, resistência e perseverança diante das dificuldades. Os estudantes ficaram impressionados com a quantidade de filhos que a lavadeira tinha e com o desafio de criar 12 filhos sozinha. Compreenderam que os tempos mudaram, visto que hoje em dia é mais raro encontrar alguém com 12 filhos, mas perceberam que as mulheres são, na maioria das vezes, arrimo de família.

Apesar de nem todos os estudantes terem conseguido debater o tema, embora tenham reconhecido a importância do trabalho das mulheres, o texto gerou discussão, com argumentos pertinentes, de que o poema leva a refletir sobre as vidas invisíveis e as histórias silenciadas de indivíduos comuns. Muitos jovens disseram que perceberam que há uma profunda relação entre as personagens e o trapo humano que havia sido discutido na aula anterior. Eis o poema:

**A lavadeira**

Essa Mulher...  
Tosca. Sentada. Alheada...  
Braços cansados  
Descansando nos joelhos...  
olhar parado, vago,  
perdida no seu mundo  
de trouxas e espuma de  
sabão  
– é a lavadeira.

Mãos rudes, deformadas.  
Roupa molhada.  
Dedos curtos.  
Unhas enrugadas.  
Córneas.  
Unheiros doloridos  
passaram, marcaram.  
No anular, um círculo  
metálico  
barato, memorial.

Seu olhar distante,  
parado no tempo.  
À sua volta  
– uma espumarada branca  
de sabão

Inda o dia vem longe  
na casa de Deus Nosso  
Senhor  
o primeiro varal de roupa  
festeja o sol que vai subindo  
vestindo o quaradouro  
de cores multicores.

Essa mulher  
tem quarentanos de  
lavadeira.  
Doze filhos  
crescidos e crescendo.

Viúva, naturalmente.  
Tranquila, exata, corajosa.

Temente dos castigos do céu.  
Enrodilhada no seu mundo  
pobre.

Madrugadeira.  
Salva a aurora.  
Espera pelo sol.  
Abre os portais do dia  
entre trouxas e barrelas.

Sonha calada.

Enquanto a filharada cresce  
trabalham suas mãos  
pesadas.

Seu mundo se resume  
na vasca, no gramado.  
No arame e prendedores.  
Na tina d'água.  
De noite – o ferro de  
engomar.

Vai lavando. Vai levando.  
Levantando doze filhos  
Crescendo devagar,  
enrodilhada no seu mundo  
pobre,  
dentro de uma espumarada  
branca de sabão.

Às lavadeiras do Rio  
Vermelho  
da minha terra,  
faço deste pequeno poema  
meu altar de ofertas.  
(Coralina, 2006, p. 58).

Importante destacar que o poema de Cora Coralina tem por característica o pouco uso de verbos e um vasto uso de adjetivos para fazer a caracterização da figura da lavadeira. Os versos curtos e prosaicos permitem ao leitor acompanhar o passo a passo da vida cotidiana da trabalhadora. Ao trazer para o seu poema essa figura tosca, de mão rudes, socialmente desprezada e marginalizada, Cora mantém a coerência com o seu projeto ético e com o projeto estético do Modernismo brasileiro, como já foi dito anteriormente. Esse é o “altar de ofertas”, é a reverência que a poeta se permite fazer como uma forma de elevar a lavadeira a uma condição mais sublime.

Já no poema “Oração do Milho”, os estudantes acharam interessante a personificação do milho e sua gratidão a Deus e se identificaram com o pé de milho e entenderam o quanto ele é um alimento importante.

Quanto à estrutura do poema, os jovens perceberam a forma como o poema preenche a página, com espaços vazios tanto do lado direito quanto esquerdo do texto, criando uma composição visual no papel, assemelhando-se a uma coluna no centro da página. Ao discutir os elementos constitutivos dos poemas, percebi que muitos têm um repertório poético restrito e,

além disso, foi consenso quase geral de que a rima é um elemento essencial do texto poético – para a maioria - sem rima não há poesia. Entretanto, o diálogo entre os textos e suas características evoluiu e os estudantes compreenderam que os recursos utilizados pela autora mostram que o trabalho da lavadeira, uma mulher sofrida, exige dedicação e persistência e que o poema a “Oração do milho” parece uma oração, devido à forma como é estruturado e ao pedido de ajuda à divindade feito pela poetisa, que usou a própria voz do milho para fazer o apelo celestial, o que dá mais expressividade ao texto dada a personificação do milho. Ao se mostrar humilde em relação à nobreza do trigo, o milho assume uma equivalência com os párias humanos (de que se tem falado nesse trabalho) a quem também não foi consagrada “hierarquia tradicional” e nem lugar “nos altares” da vida. Assim, os alunos foram construindo um novo olhar sobre o texto poético, entendendo suas nuances e seus efeitos de sentido.

### ORAÇÃO DO MILHO

Senhor, nada valho.  
 Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das  
 lavouras pobres.  
 Meu grão, perdido por acaso,  
 nasce e cresce na terra descuidada.  
 Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,  
 mesmo planta de acaso, solitária,  
 dou espigas e devolvo em muitos grãos  
 o grão perdido inicial, salvo por milagre,  
 que a terra fecundou.  
 Sou a planta primária da lavoura.  
 Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo  
 e de mim não se faz o pão alvo universal.  
 O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem  
 lugar me foi dado nos altares.  
 Sou apenas o alimento forte e substancial dos que  
 trabalham a terra, onde não vinga o trigo nobre.  
 Sou de origem obscura e de ascendência pobre,  
 alimento de rústicos e animais do jugo.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,  
 coroados de rosas e de espigas,  
 quando os hebreus iam em longas caravanas  
 buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,  
 quando Rute respigava cantando nas searas de Booz  
 e Jesus abençoava os trigais maduros,  
 eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.  
 Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão  
 do eito.  
 Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.  
 Sou a farinha econômica do proletário.  
 Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a  
 vida em terra estranha.  
 Alimento de porcos e do triste mu de carga.  
 O que me planta não levanta comércio, nem vantagem  
 dinheiro.  
 Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.  
 Sou o cocho abastecido donde ruma o gado.  
 Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que  
 amanhece.  
 Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.  
 Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,

que me fizestes necessário e humilde.  
Sou o milho. (Coralina, 2006, p. 44)

Essa abordagem, com uma leitura aberta e receptiva, permitiu que os estudantes compreendessem plenamente o significado dos textos, abrindo novos caminhos para a aproximação, leitura e apreciação do texto poético. E isso confirma o que diz Cosson (2006, p.29) “a análise literária, ao contrário, toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-las sob os mais variados aspectos”. O leitor se envolve com a obra e passa a explorá-la sob diferentes perspectivas, ou seja, é uma experiência interativa que possibilita uma compreensão do texto de uma forma mais completa.

No oitavo encontro, voltamos à leitura de contos e o escolhido foi “Miquita”. De antemão, os estudantes já imaginavam que Cora Coralina não trataria de um assunto simples e, por isso, o trabalho com as estratégias de leitura foi bastante significativo. Ao trabalhar as hipóteses sobre o tema abordado no conto, a maioria pensou em se tratar novamente de uma questão relacionada à escravidão. Entretanto, para surpresa de todos, o texto trouxe a história sobre a vida de uma mulher marginalizada e rejeitada pela sociedade, mostrando como ela tenta se adaptar e encontrar seu lugar, mesmo diante das dificuldades e preconceitos. Vejamos um resumo do conto.

Miquita era uma moça de origem humilde que, desde cedo, enfrentava dificuldades. Após o casamento, seu marido a abandona e ela passa a trabalhar lavando roupas à margem do rio para sobreviver. Um dia decide trabalhar como mulher dama, mas as dificuldades persistem, o que a leva a trabalhar carregando água na cabeça, um trabalho mal remunerado. Miquita fumava e bebia muito e constantemente sentia saudades do beco e dos homens que a maltratavam. Após ganhar umas roupas, a personagem decide ir a uma gafeira e ao se apresentar como "mulher-dama" é agredida e humilhada pelos frequentadores. No dia seguinte, esconde a verdade sobre o ocorrido com medo dos julgamentos alheios.

O texto aborda questões atuais sobre desigualdade social, discriminação de gêneros e sobre aqueles que não se enquadram nos padrões impostos pela sociedade. Nesse momento, os aprendizes compartilharam opiniões de que mesmo escrito há tanto tempo, o conto trata de tema atual e que o ser humano ainda está preso à preconceitos e ideias preestabelecidas. Cora Coralina consegue emocionar leitores jovens, tocando-os de uma forma profunda, o que demonstra sua capacidade de ultrapassar um tema específico e trazer aspectos humanos dentro desse tema. Isso ocorre, obviamente, pela organização estética do texto. Para Cortázar

esse homem, que num determinado momento escolhe um tema e faz com ele um conto, será um grande contista se sua escolha contiver - às vezes sem que ele saiba conscientemente - essa fabulosa abertura do pequeno para o grande, do individual e circunscrito para a essência mesma da condição humana (Cortázar, 1974, p. 155).

Nesse sentido, a formação literária vai além do hábito de ler livros, pois ela ajuda as novas gerações a se envolverem no debate contínuo sobre cultura, analisando como as ideias e valores que a compõem foram construídos e interpretados (Colomer, 2014, p. 29). Por conseguinte, a formação leitora permite que o leitor tenha uma relação com a leitura que não fica somente na questão de ler por prazer, mas o envolve em uma teia que o leva a ter pensamentos mais críticos e reflexivos sobre a sociedade em que vive.

No final da aula, pedi que os participantes reescrevessem os poemas e o conto “Miquita” em forma de memória literária, não se atendo apenas aos fatos, mas também aos sentimentos e impressões das personagens, para apresentarem na aula posterior.

O encontro seguinte, referente à nona oficina, aconteceu no dia 17/11/2023, na sala de informática. As atividades tiveram início de maneira habitual, fiz uma retomada sobre a importância da leitura e como ela tem um impacto positivo na vida do leitor. Projetei o conto “Casa velha da ponte” e a leitura foi feita pela professora e pelos discentes. O texto lembra mais uma memória literária do que um conto, visto que traz elementos autobiográficos, deixando uma linha tênue entre ficção e relato de lembranças, como por exemplo a descrição da casa, “[c]asa Velha da Ponte...Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã. Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escaras da velhice. Desde quando ficaste assim? Eu era menina e você já era a mesma, de paredes toscas” [...] (Coralina, 2008, p. 7).

Os estudantes estabeleceram conexões entre os textos lidos e suas experiências pessoais, lembrando de casas onde viveram sua infância, das pessoas que passaram por suas vidas e hoje não estão mais presentes e nesse momento, eles dividiram as vivências que tiveram e que deixaram marcas.

#### Segundo Ecléa Bosi

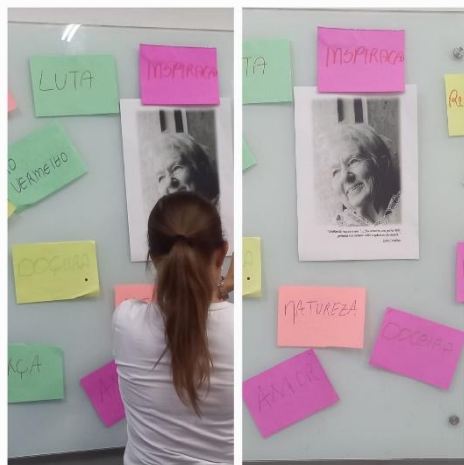
[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência (Bosi, 1979, p. 9).

Dessa forma, houve uma percepção por parte dos estudantes de que suas lembranças podem influenciar a visão do presente e isso pode contribuir na construção da identidade. Os jovens lembraram, por exemplo, como acontecimentos passados e suas lembranças afetaram suas reações a eventos atuais. Ao lerem o trecho em que a autora diz sobre as histórias que a bisavó contava, os alunos disseram que ouviram e ouvem muitas histórias de seus avós e falaram sobre a importância desses momentos em suas vidas.

Envolvidos na busca por mais conhecimento sobre a obra de Cora Coralina, passamos para a etapa de sistematização dos conhecimentos, que consiste na retomada do percurso e no levantamento do que foi aprendido. Neste momento, no décimo encontro (1 aula), fizemos uma tempestade de ideias – entreguei a cada estudante um círculo de papel colorido e pedi que escrevessem uma palavra que lhes

viesses à cabeça sobre os textos lidos. Afixei no quadro uma foto da escritora e aos poucos os jovens foram colando em volta as palavras escolhidas: luta, resistência, amor, Goiás, doceira, doçura, força.

**Figura 5** - Tempestade de Ideias Sobre Cora Coralina



Fonte: Acervo pessoal – Professora Débora Cunha Freire em sala de aula (8º ano), da Escola Professora Deushaydes Rodrigues de Oliveira, Goiânia/GO. Ano 2023.

Assim, os estudantes perceberam o quanto a leitura possibilita chegar a uma maior apropriação crítica dos conhecimentos, visto que foram desafiados a ler uma autora que fala de um tempo que eles não conheceram, não viveram e não experimentaram. Um estudante disse que sempre julgou as mulheres que trabalham com o corpo e que a leitura do conto “Miquita” o levou a pensar diferente e a ter empatia com o sofrimento alheio. Muitos ainda reprovaram o trabalho da personagem, mas concluíram que, em muitos casos, a desigualdade social leva muitas pessoas por esse caminho. Por isso, “aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e se leitor são práticas que medeiam e transformam a relação humana (Cosson, 2006, p.40).

Essa atividade levou os estudantes a entenderem que o ser humano ocupa diversos espaços e que é necessário que haja reflexões sobre o seu percurso, sua história de vida e que a leitura é um meio que os ajudaria a ampliar sua visão de mundo e as facetas do ser humano. Neste momento, um aluno citou as ações de dona Placidina, do conto “O lampião da rua do fogo”, que aguentava as bravuras de seu Maia, mas no fundo já não suportava mais a convivência e que para ela ter paz, era necessário que ele não voltasse mais para casa. Percebe-se então que a leitura é um elemento capaz de ajudar os leitores a compreender variadas situações e a reformular a maneira de pensar e agir de cada um. E que essa subjetividade é construída por meio de uma interpretação pessoal, da empatia com personagens, da identificação com algum tema e que, de alguma forma, se relaciona às vivências do sujeito.

No décimo primeiro encontro (2 aulas), uma professora me cedeu uma aula e, por isso, foi possível o trabalho com os elementos constitutivos do conto, com a memória literária e o esclarecimento

de algumas dúvidas sobre o texto poético. Neste momento, foi feita uma análise de elementos textuais que são importantes tanto para uma compreensão ativa da leitura quanto para uma produção eficaz da escrita. Falei sobre as situações de comunicação, ou seja, para quem escrevo, qual o objetivo, sobre o que é a escrita, onde a produção será publicada e sobre como ela ajuda na capacidade de expressar ideias de maneira clara e coerente ao escrever. Expliquei que deveriam escolher entre os gêneros poema, memória e conto e criar um texto assumindo a perspectiva do personagem, abordando seus sentimentos, percepções e emoções. A professora da turma já havia trabalhado o conto em sala de aula, por esse motivo e pelo tempo disponível, dei mais ênfase no gênero memórias literárias. Entretanto, recordamos o conto e suas características como o foco narrativo, o discurso, os tipos de narradores, descrição de personagens e do espaço.

Em relação à memória literária, os estudantes leram anteriormente, em casa, um trecho do livro “Anarquistas, graças a Deus”, de Zélia Gattai, e foi orientado que eles marcassem palavras e expressões usadas para identificar o passado. O texto era curto e relemos na aula, observando uso de verbos no pretérito imperfeito e perfeito, como a autora compara o tempo passado com o de hoje.

#### **Os automóveis invadem a cidade**

Zélia Gattai

Naqueles tempos, a vida em São Paulo era tranquila. Poderia ser ainda mais, não fosse a invasão cada vez maior dos automóveis importados, circulando pelas ruas da cidade; grossos tubos, situados nas laterais externas dos carros, desprendiam, em violentas explosões, gases e fumaça escura. Estridentes fonfons de buzinas, assustando os distraídos, abriam passagem para alguns deslumbrados motoristas que, em suas desabaladas carreiras, infringiam as regras de trânsito, muitas vezes chegando ao abuso de alcançar mais de 20 quilômetros à hora, velocidade permitida somente nas estradas. Fora esse detalhe, o do trânsito, a cidade crescia mansamente. Não havia surgido ainda a febre dos edifícios altos; nem mesmo o “Prédio Martinelli” – arranha-céu pioneiro em São Paulo, se não me engano do Brasil – fora ainda construído. Não existia rádio, e televisão, nem em sonhos. Não se curtia som em aparelhos de alta-fidelidade. Ouvia-se música em gramofones de tromba e manivela. Havia tempo para tudo, ninguém se afobava, ninguém andava depressa. Não se abreviavam com siglas os nomes completos das pessoas e das coisas em geral. Para que isso? Por que o uso de siglas? Podia-se dizer e ler tranquilamente tudo, por mais longo que fosse o nome por extenso – sem criar equívocos – e ainda sobrava tempo para ênfase, se necessário fosse.

Os divertimentos, existentes então, acessíveis a uma família de poucos recursos como a nossa, eram poucos. Os valores daqueles idos, comparados aos de hoje, no entanto, eram outros; as mais mínimas coisas, os menores acontecimentos, tomavam corpo, adquiriam enorme importância. Nossa vida simples era rica, alegre e sadia. A imaginação voando solta, transformando tudo em festa, nenhuma barreira a impedir meus sonhos, o riso aberto e franco. Os divertimentos, como já disse, eram poucos, porém suficientes para encher o nosso mundo (Gattai, 1986).

Os estudantes deveriam escolher um conto ou poema lido em sala, aquele que mais os havia impressionado, para reler em casa e pensar, também, sobre o gênero que iriam produzir. Nesse momento, eu disse aos jovens que escrever não é um dom, mas uma habilidade que é desenvolvida com muita paciência e trabalho e que, meu papel, assim como o da escola, é contribuir para o desenvolvimento dessas habilidades e abrir suas possibilidades no universo da leitura. De acordo com o Documento Curricular para Goiás (DCGO) as

habilidades estão diretamente relacionadas aos objetos de conhecimento, os quais se organizam em práticas de linguagem. Assim sendo, ao definir um objeto de conhecimento, torna-se necessário que uma habilidade, ou mais, esteja relacionada a ele, visando, por meio dela, assegurar as aprendizagens essenciais aos estudantes em diferentes contextos escolares (DCGO, 2019, p. 265).

Desse modo, a prática de leitura e escrita nas escolas deve conectar habilidades específicas à leitura e interpretação e produção de variados gêneros textuais. Isso implica que, ao ler, os estudantes utilizam habilidades como fazer inferências, identificar informações importantes, reconhecer estruturas textuais e na escrita, é necessário organizar as ideias de forma coerente, entre outras.

A atividade proposta mostrou-se bastante produtiva, pois os participantes demonstraram interesse. As produções dos estudantes trarão a abreviatura do nome, pois nem todos os responsáveis pelo aluno concordaram com a publicação do nome completo. Vejamos a seguir, duas produções dos educandos.

**Prazer, sou o milho!**

Não sou planta bem valorizada.  
 Não sou planta de enfeitar.  
 Muito menos bonita e cheirosa.  
 Sou só uma planta simples e abandonada.  
 Geralmente, eu mesmo me planto  
 Jogado por acaso.  
 Não sou planta de fazendeiro rico  
 Sou só de quintais e lavouras pobres.  
 Sou planta humilde.  
 Primária de lavoura  
 Eu faço muito esforço,  
 Mesmo assim não sou digna  
 Daquele que faz o pão.  
 Mas agradeço ao meu Senhor,  
 Que me fez assim necessária e humilde.  
 Prazer.  
 Sou o milho.

M. S. O.F

**Miquita**

Eu me chamo Miquita e hoje vim aqui contar minha história. Eu era como toda jovem e por tantas decepções, eu deixei de achar alguém que me quisesse. Casei-me de palma e capela, mas um tempo depois meu marido me deixava sem dizer nada e acabou sumindo no mundo. E fui morar mais uma vez com minha mãe, mas eu já estava cansada de viver trabalhando de lavar roupas em pedras. Arrumei um segundo emprego e virei uma mulher do mundo, só que os homens não me aceitavam e acabavam me espancando e nem eu me aceitava e nem aceitava as mulheres que trabalhavam na mesma coisa que eu. Eu fazia isso por necessidade. Hoje, estou velha, não encontrei o amor da minha vida, só encontrei tristezas e decepções. (B. D).

No décimo segundo encontro (2 aulas), outra professora me cedeu uma aula e por isso o tempo para a escrita foi maior. Os estudantes estavam um tanto desanimados para a produção, mas, ao explicar a importância da leitura associada à escrita, eles perceberam que a oportunidade de internalizar e aplicar os conhecimentos adquiridos fortalece habilidades de argumentação e criatividade. Os educandos receberam as orientações sobre a produção do texto, foram retomadas, oralmente, as características de cada gênero, o tema, a importância do emprego da ortografia e da pontuação de maneira correta.

Entreguei um cartão impresso com um poema de Cora Coralina, folhas para o rascunho e para o texto final. Essa atividade teve como objetivo estimular, por meio da leitura e escrita, a apreciação estética e a reflexão sobre os significados e mensagens presentes nas obras da autora estudada, “[a]ssim, ler, escutar, escrever é abrir para nós e para os outros um caminho de liberdade” (Andruetto, 2017, p.105).

O gênero mais recorrente na produção foi a memória, seguido do poema. Nenhum aluno quis produzir um conto, visto que acharam demasiado complexo e, por isso, preferiram

gêneros que se identificaram mais. A atividade teve como foco a orientação para que a escrita abordasse, dentro do gênero textual escolhido, as impressões dos discentes sobre os personagens e os aspectos humanos que, de alguma forma, tocaram seu universo. Como já foi dito, durante as leituras realizadas em sala, houve um trabalho para que os estudantes comentassem suas impressões, seus sentimentos em relação ao que foi lido e eles também fizeram pequenos textos ou anotações.

Ainda há, no contexto escolar, uma desconexão entre as práticas de leitura e escrita, pois a escola ainda trata tais práticas como atividades independentes. Muitas vezes o texto é abordado de forma mecânica e fragmentada, visto como pretexto para a produção, e não há uma integração efetiva entre as habilidades de leitura e escrita, por isso, os encontros buscaram sempre uma integração mais significativa entre essas habilidades, visando uma abordagem mais contextualizada do processo de compreensão e a produção de textos como consequência de todo o procedimento.

A reescrita dos textos em primeira pessoa teve como objetivo familiarizar os estudantes com os gêneros memórias, conto e poesia, além de proporcionar uma reflexão mais humanizada sobre as condições vividas pelos personagens, estimulando a empatia. Essa atividade de reescrita foi planejada como um momento de sistematização dos conhecimentos adquiridos, permitindo aos aprendizes reconhecer e organizar os textos discutidos em sala de aula. Essa abordagem visa promover uma apropriação mais crítica do conhecimento por parte dos educandos.

- Observe a situação de comunicação (quem fala, de que lugar, com que objetivo, quem irá ler);
- Decida a melhor forma de iniciar o texto;
- Releia com atenção cada parágrafo ou estrofe produzida para verificar o encadeamento das ideias. Faça alterações, caso seja necessário;
- Observe se seu texto tem unidade, coesão e coerência;
- Fique atento aos aspectos próprios dos gêneros;
- Verifique o uso correto da pontuação;
- Escolha um título interessante;
- Consulte o texto original sempre que necessário.

**Quadro 1** – Orientação para a produção do texto. Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A seguir, transcrevo alguns textos produzidos no momento da primeira escrita:

Eu sou a Miquita.

Sempre fui muito pobre, mas minha mãe cuidou bem de mim e eu me casei com um homem que me abandonou um tempo depois. Minha condição era muito ruim, pois não sou uma mulher bonita e nem tenho atrativos, mas com as dificuldades que encontrei lavando roupas, decidi ser uma mulher da noite em um beco escuro e feio. Fui muito maltratada pelos homens que cruzaram meu caminho. Não é uma vida fácil ser uma mulher assim.

O que eu ganhava era tão pouco que tive que abandonar tudo e viver de carregar pote de água na cabeça, ali da Carioca para entregar a alguns moradores. Outro emprego ruim que mal dava para achar um lugar para dormir e pagar janta e almoço e também um cigarrinho e uma pinguinha, uma das minhas paixões.

Mas sabe? Eu sentia uma saudade do beco, dos homens, da vida de mulher-dama e por isso, resolvi ir em uma gafeira. Me ajeitei toda e fui para lá. Ah, um homem se encostou em mim e logo avisei quem eu era, mas como todos que passaram no meu caminho, me deu uns tapas, mas eu não sou mulher de apanhar assim não. Bati também, mas apanhei muito e fiquei machucada. O que me restou? Voltar para a vida de carregar água. ( V. D).

A reescrita aconteceu no dia 07/12/2023 (1 aula), era o décimo terceiro encontro e os estudantes já estavam em ritmo de férias. A correção gramatical do texto não foi minuciosa, mas oferecia elementos que direcionassem um trabalho de revisão e reescrita, pois observei se o aluno sabia a diferença entre um texto em prosa e um em verso, se utilizou a cadência e alguns elementos constitutivos do texto poético, se descreve as situações e os personagens de uma forma que cativa o leitor, se usa uma linguagem bem cuidada, tanto a formal como a informal. De modo geral, escrevi um bilhete para os educandos mostrando os principais problemas do texto para que eles pudessem refletir sobre eles. Também foram retomadas algumas características dos elementos constitutivos dos gêneros. Abaixo transcrevo alguns textos após o trabalho com a reescrita:

**Prazer, sou o milho!**

Não sou planta bem valorizada.

Não sou planta de enfeitar.

Muito menos bonita e cheirosa.

Sou só uma planta simples.

Geralmente, eu mesma me planto

Jogada por acaso.

Hoje sou planta de fazendeiro rico

E de quintais e lavouras pobres.

Sou planta humilde.

Primária de lavoura.

Com muito empenho me entrego,  
 Ainda assim, não me vejo  
 Igual aquele que faz o pão.  
 Mas agradeço ao meu Senhor,  
 Por me tornar tão vital e humilde,  
 E por me presentear com tanto amor!  
 Prazer,  
 Sou o milho!

M. S. O.F

### Miquita

Eu me chamo Miquita e hoje vim aqui contar minha história. Naqueles tempos, eu era como toda jovem, mas era muito pobre e tive muitas decepções que vou contar. Um dia, conheci um moço e casei-me de palma e capela, mas um tempo depois meu marido me deixava sem dizer nada e acabou sumindo no mundo. Voltei a morar com minha mãe, já estava cansada de viver trabalhando de lavar roupas nas pedras. Era uma vida muito difícil e triste com a pobreza em volta de nós. Resolvi dar um jeito naquilo e virei uma mulher do mundo, mas a pobreza continuava e não teve jeito, desisti e arrumei um emprego de entrega de água. Como era cansativo carregar potes de água na cabeça para lá e para cá e não tinha um dia de folga. A pobreza nos faz ser nada diante do mundo e eu nem tinha alegria, só o cigarro e a pinga eram meus companheiros.

Aconteceu que um dia uma mulher me deu umas roupas que até gostei. Ganhei também sapatos e batom e um dinheirinho, coisas que eu nem sonhava em ter e aí fui parar na gafeira toda arrumada. Mas como eu já disse, essa vida sempre me maltratou e não me mostrou nada de bom. Lá, encontrei tristeza e muita violência quando me apresentei como mulher da noite. Apanhei sem dó nem piedade e sem motivos também. Fui agredida, humilhada... No outro dia, voltei para os potes de água, toda roxa e machucada e com muita vergonha do que aconteceu. Hoje, o tempo passou, me encontro aqui, diante do espelho vendo meu rosto enrugado, sozinha em um mundo que só me deu tristezas e decepções.

B. D.

### Eu sou a Miquita.

Lembro-me da minha vida sem saudades do que passou. Sempre fui muito pobre, mas minha mãe cuidou bem de mim e eu me casei com um homem que um dia me abandonou. Minha condição era muito ruim e passei a lavar roupas no rio com minha mãe.

Eu nunca fui uma mulher bonita e nem tive atrativos, mas com as dificuldades que encontrei lavando roupas, decidi ser uma mulher da noite em um beco escuro e feio. Fui muito maltratada pelos homens que cruzaram meu caminho! Não é uma vida fácil ser uma mulher assim. As pessoas nos desprezam por causa do nosso jeito de ganhar dinheiro para sobreviver e não sabem o porquê nem as coisas pelas quais passamos.

Naquele tempo, o que eu ganhava era muito pouco e, por isso, que tive que abandonar tudo e viver de carregar pote de água na cabeça, ali da Carioca para entregar a alguns moradores. Outro emprego ruim que mal dava para manter um lugar para dormir e pagar janta e almoço e também um cigarrinho e uma pinguinha, uma das minhas poucas alegrias.

Mas sabe? Eu sentia era uma saudade do beco, dos homens, da vida de mulher-dama e por isso, resolvi ir em uma gafeira quando uma vez fui presenteada com umas roupas e maquiagem, tudo velho, porém novo para mim. Fiquei linda e fui para lá. Aconteceu de um homem se esbarrar em mim e logo avisei que era mulher-dama, mas como todos que passaram no meu caminho, me deu uns tapas. Nunca fui mulher de apanhar assim não e bati também, apanhei muito e fiquei machucada. A dor que senti, além da física, era na alma e isso dói até hoje, mesmo passados muitos anos. A vida foi dura comigo, mesmo eu tentando me adequar a ela. Aos olhos dos outros, ainda sou aquela mulher que não presta, mulher de vida fácil. Acontece que nunca foi e não é fácil. E o que me restou? Voltar para a vida de carregar água.

V.D

### Força e luta - eu Campos Salles

Eu, Campo Sales, nas palavras de Cora  
 Sou personagem trabalhador  
 Na força e também na dor.  
 Nessas dores pela vida afora.

Ainda há pessoas em Jaboticabal  
 Das gentes mais antigas  
 Que sem lembra de mim  
 Eu Campos Sales.

Sou escuro, pequeno, vivo e alegre  
 Mas trabalho dobrado ao meio

Por causa de uma certa guerra  
Em que virei esteio.

Um dia lavei uma casa  
E uma calça ganhei  
Nos bolsos muito dinheiro encontrei  
Mas não era meu  
Por isso, humilde devolvi  
Mas nenhuma paga recebi.

Hoje estou enterrado no cemitério  
Nem a pátria se lembrou de mim  
E sigo aqui esquecido  
E sou um desconhecido  
Para as novas gerações.  
M. V. M. C.

**Figura 6** - Momento da Reescrita



Fonte: Acervo pessoal – Professora Débora Cunha Freire na sala de aula (8º ano), da Escola Professora Deushaydes Rodrigues de Oliveira, Goiânia/GO. Ano 2023.

Os trabalhos foram entregues, no décimo quarto encontro (1 aula), e os estudantes responderam ao último questionário (ver apêndice E), encerrando as atividades. Uma das coisas que contribuiu para a participação dos jovens foi o clima de leveza, embora fosse um trabalho sério e seriedade, que via a leitura como um importante ato de fruição e conhecimento. Ana Maria Machado diz que espera (2002, p. 134) “[...], que essa maior quantidade de leitores, começando desde cedo, possa também se fazer acompanhar por uma melhor qualidade de leitura – a leitura crítica”, e isso reforça a ideia de que o papel do professor e da escola é ser o mediador, o orientador e o facilitador do processo de aprendizagem, desempenhando diversas funções que são essenciais para que os aprendizes se tornem leitores críticos e escritores competentes.

A seção a seguir traz a análise de mais dados da pesquisa realizada na escola.

### **3.3 Um olhar comparativo sobre a leitura na escola: análise dos dados**

Para geração dos dados, durante esta investigação, aplicamos três questionários (inicial, intermediário e final), o primeiro (ver apêndice B), de diagnóstico, tinha como objetivo conhecer a realidade dos estudantes em relação às práticas leitoras e as informações que eles tinham sobre a autora

pesquisada; o segundo (ver apêndice D), de acompanhamento, tinha um caráter de verificação, buscou entender se as práticas leitoras dos textos escolhidos estavam modificando a relação dos educandos com o texto literário e o terceiro (ver apêndice E) foi aplicado para saber se a pesquisa estimulou os alunos a continuar como leitores de contos e poemas, ou seja, se o resultado esperado foi alcançado.

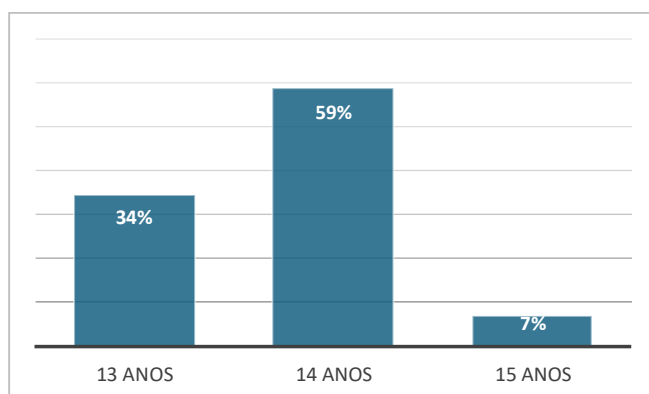
De acordo com Gil (1999, p.128), o questionário pode ser usado “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”, assim o uso de questionários, em diversos momentos da pesquisa, facilita a comparação e análise posterior do trabalho realizado em sala de aula.

Para a aplicação do questionário inicial (ver apêndice B), houve uma intensa conversa com os adolescentes sobre suas práticas de leitura e como elas aconteciam no dia a dia. Este momento permitiu uma maior aproximação com a turma para criar um vínculo e estabelecer um diálogo produtivo. Neste primeiro dia, a docente acompanhou meu primeiro contato com a turma e auxiliou nas explicações sobre a importância da pesquisa.

Para Thiollent (2011, p.75), “no contexto particular da pesquisa-ação, os questionários obedecem a algumas regras dos questionários comuns (clareza das perguntas, perguntas fechadas, escolha múltipla, perguntas abertas”. Seguindo esse pensamento, o questionário inicial (ver apêndice B) apresentou perguntas objetivas e abertas que tinham como objetivo reunir informações detalhadas e aprofundadas sobre as percepções, opiniões, experiências e sugestões dos colaboradores em relação ao tema da pesquisa. Por conseguinte, percebi que os estudantes me forneceram *insights* valiosos para uma melhor atuação.

O questionário inicial (ver apêndice B) foi pensado para 35 participantes, visto que foi a quantidade informada pela professora de LP da turma, mas a escola sofria com a falta constante e apenas 29 deles estavam presentes no dia da aplicação. E isso aconteceu durante toda a pesquisa: em nenhum dia contabilizei a presença de todos.

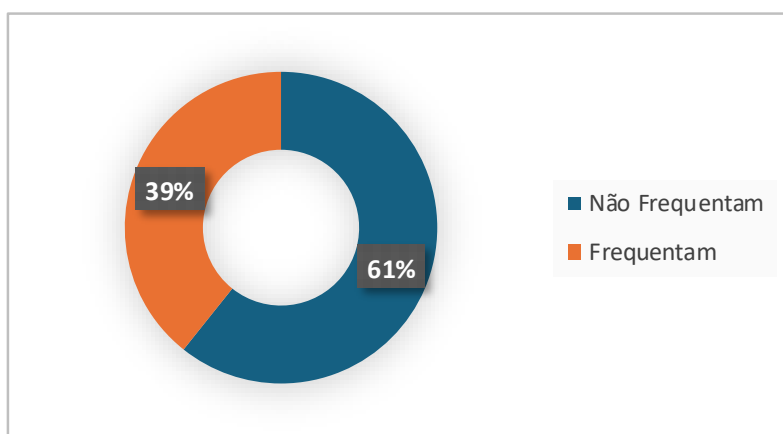
A maioria dos participantes deste estudo tem 14 anos, conforme a figura 7

**Figura 7** - Idade dos alunos em 29 de setembro 2023

Fonte: Elaborado por Vitor Cunha Naves (2024)

Apenas dois alunos estão em defasagem idade/série, pois têm 15 anos, esse dado é relevante em nossa investigação, tendo em vista que a faixa etária pode influenciar as percepções, experiências e opiniões em relação ao tema do estudo. E outro dado importante é saber como essa faixa etária se relaciona com a leitura em seu dia a dia e também reconhecer como a crescente presença de dispositivos eletrônicos, a concorrência com outras formas de entretenimento, a falta de estímulo por parte da família e da escola, bem como a ausência de identificação com os temas abordados nos livros, podem contribuir para a diminuição desse hábito.

Outro dado importante neste momento inicial é perceber a frequência quanto ao uso da “sala de leitura”, já que a escola não tem um espaço apropriado para uma biblioteca, vejamos a figura 8.

**Figura 8** – Hábito de frequentar a biblioteca

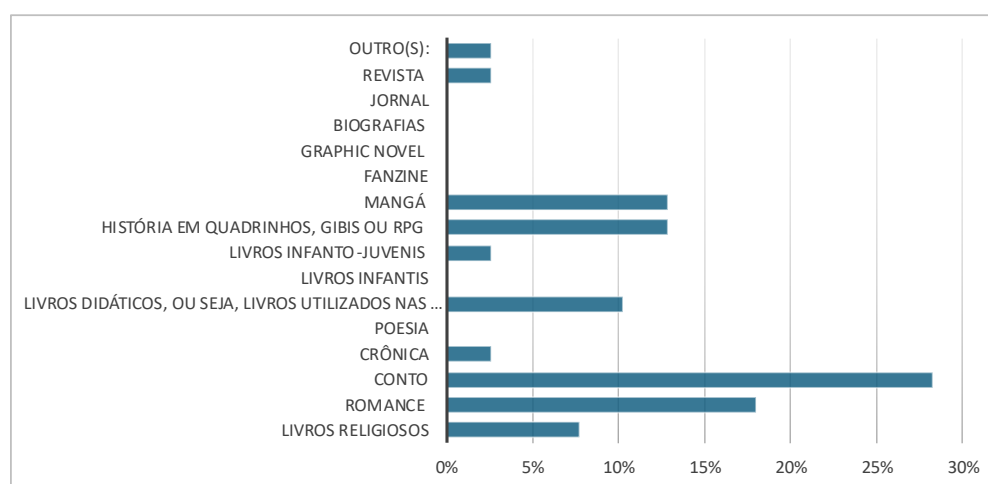
Fonte: Elaborado por Vitor Cunha Naves (2024)

A sala de leitura não é frequentada por 61% dos aprendizes, isso é problemático, pois ela oferece um ambiente propício para o desenvolvimento do hábito de leitura e, muitas vezes, é o local onde o estudante tem a oportunidade de um contato mais direto com uma variedade de livros literários. Considerando a porcentagem daqueles que não frequentam a sala de leitura, há de se analisar o porquê dessa falta de interesse, haja vista que a ausência desse hábito pode limitar o acesso dos alunos a uma

ampla gama de recursos de leitura, impedindo-os de desenvolver o gosto pela busca do conhecimento. Quando indagados sobre isso, as respostas foram as mais variadas possíveis, mas a mais frequente foi a facilidade do uso de dispositivos eletrônicos e redes sociais. Compreender esses motivos é fundamental para que escolas implementem estratégias para promover o acesso à biblioteca, ou neste caso, à sala de leitura.

Em relação aos gêneros textuais que mais leem, o conto, um dos gêneros selecionados para a pesquisa, tem a preferência de aproximadamente 30% da turma, o que não deixa de ser um fato positivo - pois pode promover a leitura de textos mais complexo - conforme demonstra a figura 9, a seguir:

**Figura 9** – Qual seu gênero preferido?



Fonte: Elaborado por Vitor Cunha Neves (2024)

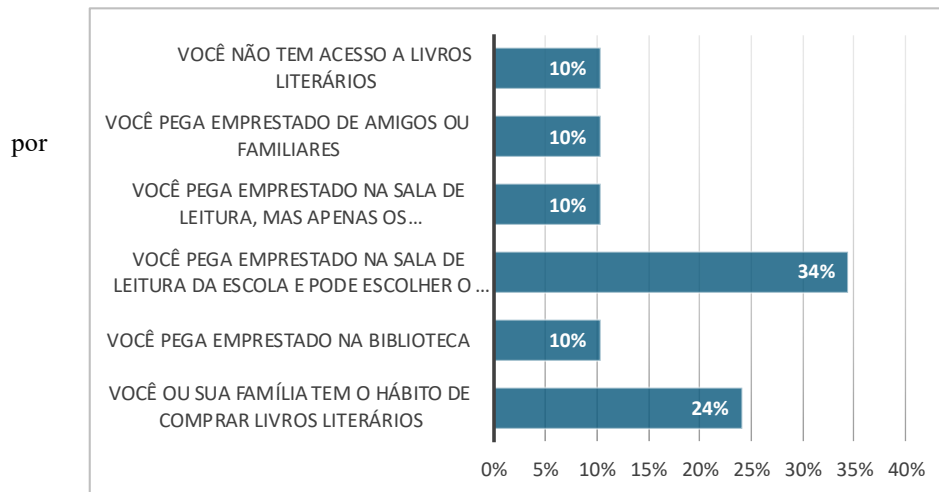
E essa pergunta presente no questionário está relacionada à pergunta posterior sobre o que levam ou não os alunos a lerem contos literário, as respostas se direcionaram para a concisão do mesmo e a rapidez da leitura, o que nos permite afirmar que esse gênero se adequa à capacidade de atenção e imaginação dos estudantes nessa faixa etária. A leitura de romances, que ocorre somente por solicitação da escola de forma esporádica, segundo os participantes da pesquisa, é interessante para 20%.

Já a leitura de mangás, histórias em quadrinho, gibis e RPG chama a atenção para o fato de oferecem narrativas visuais e interativas que estimulam a imaginação, a criatividade e o interesse dos jovens leitores – eles disseram que as histórias são cativantes e é uma leitura mais divertida e descontraída. Assim, o trabalho com esses gêneros podem engajar educandos que não se sentem motivados a ter um estímulo para a leitura, visto que proporcionam um enfoque diferente e complementar à leitura tradicional, permitindo que explorem narrativas de forma visual, interativa e lúdica, “para os efeitos de sentido (temas) e para a análise dos textos da contemporaneidade, seja em termos de forma de composição ou de estilo, a multimodalidade ou multissemiose tem de ser levada em conta” (Rojo, 2015, p. 111). Portanto, o trabalho com textos multimodais, possibilita que os aprendizes desenvolvam habilidades para compreender a leitura de uma forma mais dinâmica, permitindo a

interpretação por meio de diferentes canais sensoriais, e, conseqüentemente, os prepara para lidar com a diversidade de linguagens presentes na sociedade contemporânea.

A figura 10 se refere às respostas à quarta pergunta apresentada no questionário, relacionada ao acesso aos livros literários.

**Figura 10 – Acesso a livros literários**

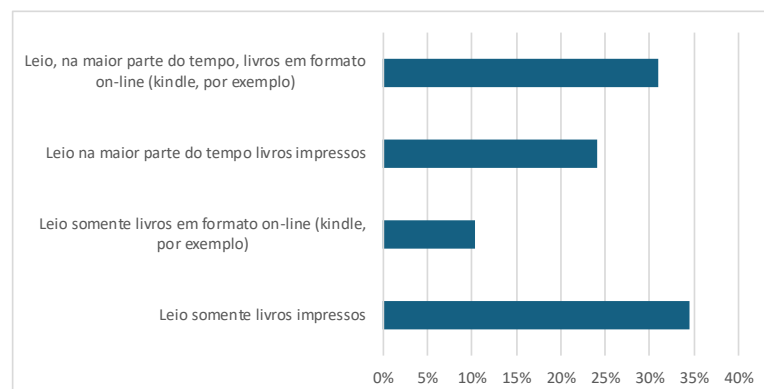


Fonte: Elaborado Vitor Cunha Naves (2024)

Diante das respostas, fica evidente que 34 % dos estudantes realizam o empréstimo de livros na sala de leitura da escola, essa é uma forma de promover a democratização do conhecimento e da cultura, além de contribuir para a formação leitora de forma autônoma fora do ambiente escolar. Entretanto, não se pode restringir à escola a formação do leitor literário e nem somente ao estímulo à leitura, visto que isso não parece ser uma solução eficaz, pois dificulta significativamente o avanço, o pleno desenvolvimento do leitor (Colomer, 2014). A escola possui uma função muito maior do que o simples estímulo, mas é preciso promover um ambiente propício e práticas de leitura significativas, ou seja, “a escola se cria e existe para servir à comunidade na qual está inserida” (Cody; Siqueira, 2000, p. 19).

Em relação ao suporte de leitura, a figura 11 revela que a maioria dos jovens leem em plataformas digitais, todavia o uso do livro impresso ainda é presente para mais de 25%.

**Figura 11 – Suporte de Leitura**



Fonte: Elaborado por Vitor Cunha Naves (2024)

Perante a isso, a escola não pode subjugar o uso das novas tecnologias e deve fazer com que elas sejam aliadas no processo ensino-aprendizagem. As plataformas digitais devem ser vistas como ferramenta para enriquecer a instrução acadêmica, promovendo discussões e atividades interativas. De acordo com Rojo (2015, p.116) o mundo mudou nas últimas décadas “[e] não somente pelo surgimento das novas tecnologias digitais de informação e comunicação, embora com seu “luxuoso” auxílio. Surgem novas formas de ser, de comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Vale ressaltar que os estudantes estão em consonância com essas mudanças que ocorrem no mundo, assim, cabe à escola estar atenta a essas transformações e fazer uso dos avanços das tecnologias digitais para acompanhar as novas formas de aprender que surgiram.

As perguntas abertas do questionário serviram para coletar informações detalhadas sobre a percepção e opiniões dos sujeitos da pesquisa em relação à leitura do gênero conto, se a leitura era uma constante em seu dia a dia e o que os interessava em livros literários. Os jovens expressaram seus pensamentos de uma forma livre, sem se preocupar com alguma restrição. A maioria falou que a leitura demanda esforço e tempo e alguns falaram que preferem outras formas de entretenimento. De acordo com educandos, os textos lidos em sala de aula são, muitas vezes, para atividades e isso os desestimula a continuar a leitura, além de ser uma prática que para eles só serve para a interpretação do texto. Segundo Andruetto (2017, p. 83), “para ler é preciso se lançar a uma aventura e a um desafio”, pois ao abrir um livro estamos nos lançando ao desconhecido, capaz de nos absorver e de nos fazer refletir sobre o novo. Para Todorov,

[a] análise das obras feitas na escola não deveria mais ter por objetivo ilustrar os conceitos recém introduzidos por este ou aquele linguista, este ou aquele teórico da literatura, quando, então, os textos são apresentados como uma aplicação da língua e do discurso; sua tarefa deveria ser a de nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz ao conhecimento do humano, o qual importa a todos (Todorov, 2009, p.89).

A escola ainda precisa rever sua forma de trabalhar a leitura em sala, porque a abordagem que está utilizando não desenvolve o interesse dos estudantes pela leitura de livros literários, pois além da historiografia e do biografismo é preciso considerar as experiências e expectativas deles na formação leitora. Cosson (2006), citando M.A. K. Halliday, afirma que a literatura é uma linguagem que compreende três tipos de aprendizagem,

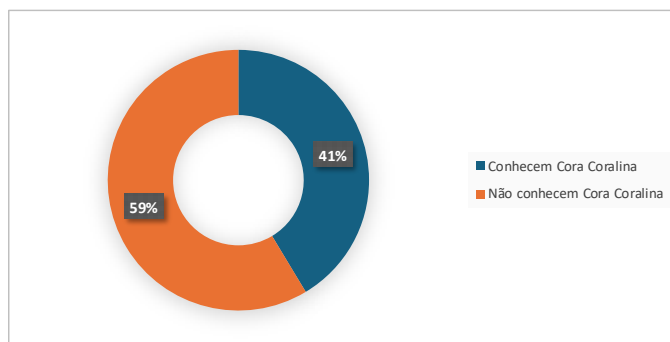
a aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio a literatura, nesse caso, os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários (Cosson, 2006, p. 47).

Cada uma dessas etapas revela uma nuance diferente relacionada à prática da leitura literária: a complexidade e a riqueza desse campo de estudo, a dimensão emocional e imaginativa que a leitura

proporciona, o entendimento do contexto em que as obras foram produzidas e desenvolvimento de habilidades de interpretação de símbolos, de metáforas, além do estímulo à empatia.

Visivelmente, um dado que chamou a atenção foi o número de participantes, 59%, que não conheciam ou nunca ouviram falar da autora Cora Coralina, conforme demonstra a figura 12.

**Figura 12** – Conhecimento sobre Cora Coralina



Fonte: Elaborado por Vitor Cunha Naves (2024)

Por ser uma poetisa goiana, era esperado que as escolas a colocassem em evidência e valorizassem seus textos. Alguns pensavam que Cora era apenas doceira, pois viram alguma coisa em algum lugar. Esse não é um dado positivo e que demonstra que há ainda pessoas no estado de Goiás que não reconhecem que a escritora é uma figura icônica da literatura brasileira, com obras que retratam a cultura e a identidade do estado.

O questionário intermediário (ver apêndice D) foi entregue no nono encontro, contudo, a previsão para a aplicação era para após a leitura do conto “Campos Sales”, mas por motivo do calendário e do pouco tempo durante as aulas, não foi possível. O objetivo deste segundo questionário era saber se esse primeiro contato com Cora Coralina e a leitura dos contos e dos poemas havia ampliado a visão crítica e despertado o interesse por ler outros textos dos mesmos gêneros.

Interessante observar que quase 70% da turma se disse interessada em ler outros contos, mas enfatizaram que gostaram dos temas discutidos em sala de aula, pois esses trazem situações que estão, de alguma forma, presentes no cotidiano e nos lugares onde estão inseridos. Isso faz que os temas se tornem relevantes para os educandos que estão em processo de formação de sua identidade e consciência social, buscando compreender a realidade que vivem. Há uma identificação com os personagens das histórias lidas, como, por exemplo, dona Placidina, personagem do conto “Lampião da Rua do Fogo”, que foi a mais citada devido aos sofrimentos infligidos por seu esposo, o Sr. Maia.

Já outros estudantes disseram que a personagem do conto “As capas do Diabo”, a escrava Roxa, era mais interessante e as situações vividas por ela chamaram a atenção para o sofrimento imposto a essas pessoas. Também falaram que a mulher escravizada tinha sonhos, vontades, chegando a utilizar secretamente uma roupa feita pela sua senhora para o dia do seu funeral. O medo da punição a levou a cometer suicídio quando a vestimenta foi destruída por um incêndio.

Já em relação aos motivos que os levam a ter interesse em um livro literário, os participantes disseram que é um momento de relaxamento e “que eles se distraem” lendo. No entanto, a maioria falou que há outras formas de distração e o livro não é presente em seu dia a dia. Quanto interpelados sobre o que era necessário para uma leitura mais efetiva e constante, uma das respostas foi a falta de acesso ao livro com estórias que chamem a atenção deles. Este é um dado relevante, visto que a escola pode e deve sugerir temas variados, mas o que torna a leitura interessante para essa faixa etária é a forma como ela é trabalhada, que pode ser por meio de contação de estórias, debates sobre livros e projetos de leitura em grupo. A seguir, cito impressões dos estudantes sobre os personagens de alguns contos lidos.

D. Placidina

“O fato de dona Placidina ser submetida a atos violentos quando seu esposo chegava bêbado da rua despertou em mim empatia e sensibilização, porque ninguém merece passar por esse tipo de violência.” (H. R)

Dona Placidina era uma mulher, apesar de sofrer com o comportamento abusivo de seu esposo, ela era esperta e sabia como levar o vício do marido. Por isso o conto é engraçado e chama a atenção. (V.D)

Escrava Roxa

Eu me sensibilizei com a história da escrava Roxa por ela ter roubado o vestido de sua dona e ter ocorrido o inesperado, a queima do vestido. Logo ela se matou para não ficar longe de sua família. (Y. B).

Miquita é explorada e ainda hoje tem muitas mulheres que passam pelas mesmas coisas. Todo dia aparece na televisão reportagem sobre mulheres mortas, assassinadas, espancadas. Isso é muito triste. (M.V)

Milho

Achei bonita a oração do milho e ele é um alimento importante ainda. Ele deve ser respeitado como um produto importante para a alimentação aqui em Goiás. (M. O).

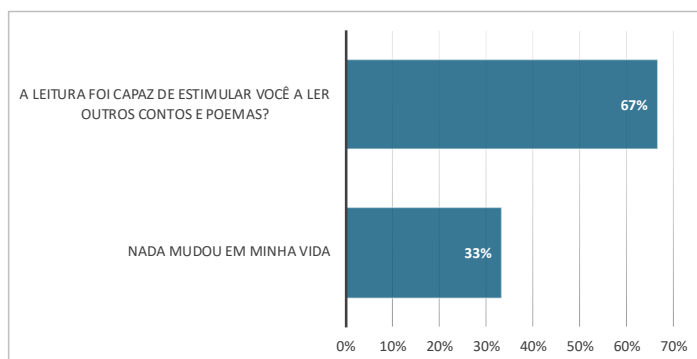
As práticas de leitura, em sala de aula, assim como as de escrita, não são atividades isoladas, como discute Andruetto (2017), mas sim práticas que nos conectam tanto ao nosso mundo interior quanto ao mundo ao nosso redor. Nas palavras da autora,

[q]uando lemos, ensinamos, escrevemos e ajudamos outros a ler, ensinar ou escrever as palavras nos vinculam ao mesmo tempo ao individual e ao social, pois, além daquela prática solitária e extraordinária a que amiúde nos referimos, a leitura é um instrumento de intervenção sobre o mundo que nos permite pensar, tomar distância, refletir; [...] (Andruetto, 2017, p. 103).

Quando lemos, não vivemos apenas um processo individual, mas interagimos com a sociedade e o ambiente em que vivemos. Em minha experiência docente, os alunos gostam de aulas que envolvem uma atividade mais ativa e, de fato, os exercícios mecânicos, sem objetivos claros, os levam a reclamar que estão cansados de escrever.

Voltando ao questionário, a maioria dos participantes disse que a leitura dos contos realizada em sala foi capaz de fazer com que se interessassem mais tanto por outros textos de Cora Coralina como de outros autores, como demonstra a figura 13.

**Figura 13** – A experiência leitora dos contos e poemas de Cora



Fonte: Elaborado por Vitor Cunha Naves (2024)

Os jovens se mostraram interessados pelos temas discutidos nos livros, injustiças, desigualdades sociais e relações humanas, e perceberam que os problemas sociais mostrados pela poeta, muitas vezes, refletem aspectos da realidade que eles podem ter vivenciado direta ou indiretamente. Os resultados da figura 13 mostram que o trabalho direcionado em sala traz resultados positivos, mesmo que alguns alunos não vejam importância nesses momentos de práticas leitoras. Os estudantes que disseram que a leitura em nada mudou a vida deles são aqueles que não quiseram participar de forma efetiva do trabalho realizado em sala: ou faltavam demais ou não tinham interesse nos textos. Esses fatores comprovam que a leitura faz com que os sentidos sobre os textos sejam construídos e que a imersão nas obras literárias contribuiu, de fato, para que houvesse uma maior interação entre leitor e texto. Para Regina Zilbermann, é primordial o resgate da leitura e a recuperação do contato do aprendiz com textos de ficção,

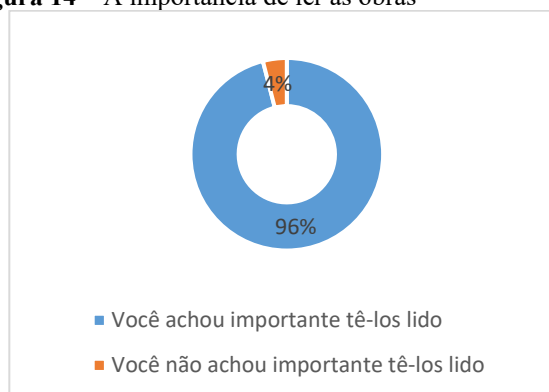
[p]ois é deste intercâmbio, respeitando-se o convívio individualizado que se estabelece entre o texto e o leitor, que emerge a possibilidade de um conhecimento do real, ampliando os limites – até físicos, já que a escola se constrói como um espaço à parte – a que o ensino se submete (Zilbermann 1991, p.21).

Isso reforça que a prática de leitura não deve ser vista apenas como uma atividade acadêmica, mas sim como uma ferramenta essencial para o desenvolvimento intelectual, emocional e social dos educandos. A interação entre o estudante e o texto literário pode ser significativa para a sua formação e aprendizado, já que amplia os limites do ensino e permite que o estudante expanda seus horizontes fora do ambiente escolar (Zilberman, 1991).

Passando para o questionário final, ele foi de suma importância para verificar as opiniões e as experiências dos educandos em relação às intervenções realizadas nas aulas de LP. Assim, como postula Barthes (2008, pg.11), “o prazer de ler vem evidentemente de certas rupturas”, o envolvimento do aprendiz com o texto faz com que ele se abra a novos desafios, novas perspectivas.

Dessa forma, o questionário final (ver apêndice E) foi aplicado no dia 08 de dezembro de 2023 para um total de 25 participantes e a figura 14 revela que 96% deles, mesmo com a leitura obrigatória, achou importante ter lido os textos de Cora Coralina.

**Figura 14** – A importância de ler as obras



Fonte: Elaborado por Vitor Cunha Naves (2024)

Os estudantes justificaram a importância da leitura da obra coralineana porque ela escreve narrativas que, mesmo contadas há tanto tempo, falam sobre temas atuais e sobre o povo goiano e isso despertou o interesse em conhecer mais a História de Goiás. Apenas dois alunos não consideraram importante a leitura, eles alegaram que a linguagem é de difícil compreensão e não se identificaram com nenhuma personagem. Vale ressaltar que esses discentes faltaram muito e, quando presentes, ficavam a maior parte do tempo presos ao celular, mesmo com o incentivo à leitura e às atividades propostas e com as conversas para entender as razões para não quererem ler. Ofereci acompanhamento individualizado, mas não houve interesse. Entretanto, eles leram os textos e participaram das atividades propostas.

Em relação à segunda pergunta, sobre a identificação com as personagens dos textos lidos, 96% dos jovens afirmaram que se identificaram com alguém. Esse é um fato curioso, pois essa mesma pergunta foi feita no questionário intermediário e 85% disseram que havia se identificado. O crescimento de 11% neste dado ocorreu devido às atividades realizadas em sala que possibilitou uma maior compreensão das diferentes culturas e contextos, já que os alunos refletiram sobre os assuntos dos contos e entenderam melhor o ponto de vista de pessoas que vivem com dilemas, conflitos e precariedade social. Dessa maneira, é necessário oportunizar aos estudantes um contato mais profundo com o texto literário, como diz Andruetto (2017, p. 104), “as histórias da literatura e da arte são também histórias da subjetividade humana e das condições materiais e simbólicas que essa subjetividade se desenvolveu”. Essa subjetividade se relaciona com a interioridade, a individualidade e a construção das identidades pessoais e coletivas, e isso nos ajuda a compreender como os textos lidos em sala podem impactar o gosto e a prática de leitura dos jovens do EF. Daí a importância de a escola ser o local privilegiado para que os momentos de leitura não sejam “lembrados como áridos, absurdos e desconectados da vida” (Colomer, 2014, p.18), que esses sejam apresentados como experiências significativas e integradas à

vida cotidiana. Vale lembrar que a escola é o local propício para a mediação pedagógica, ou seja, é o lugar onde professores têm a oportunidade de orientar os alunos na seleção de leituras adequadas aos seus interesses, além de promover atividades que levem ao desenvolvimento da competência leitora.

Voltando aos questionamentos sobre o processo das aulas envolvendo a leitura de contos, as atividades como leitura em voz alta pela professora e pelos estudantes, roda de conversas, interpretação dos personagens, a tempestade de ideias, o reconhecimento da cidade de Goiás e seus costumes foram as atividades que eles mais gostaram durante esse período. Eis alguns comentários feitos pelos participantes:

Falar sobre os textos foi muito bom porque ajudou a entender melhor e aprender mais sobre tema. (E.R).

O que eu mais gostei foi conhecer os contos de Cora Coralina. Não sabia que ela tinha contos divertidos e interessantes. (J. P).

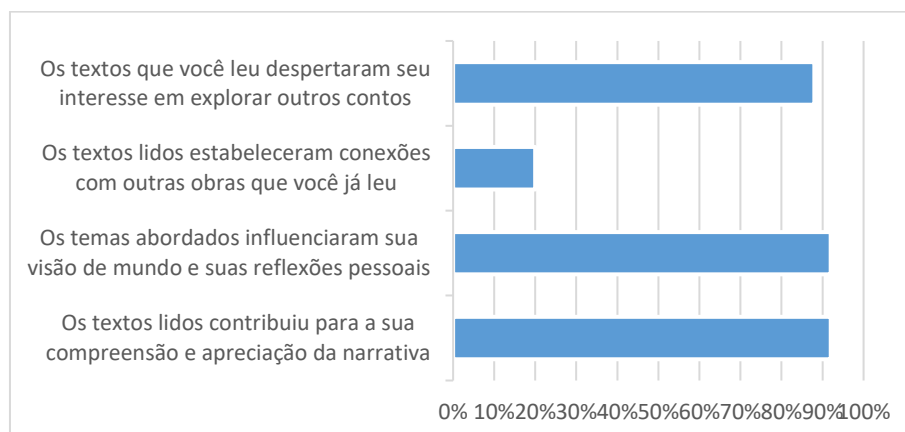
Achei Cora Coralina muito interessante porque ela escreveu muito tempo atrás, mas fala de coisas que acontecem hoje em dia. (G.F).

A melhor parte foi saber das fofoqueiras que ficavam escondidas atrás das janelas e sabia da vida de todo mundo. A gente faz isso hoje em dia, nas redes sociais. (S. E. B).

Dessa forma, é possível refletir que “[a] leitura de obras literárias é um meio quase incomparável de conhecer o Outro por dentro, de se colocar em sua pele, em seus pensamentos, sem temer seu caos, sem medo de ser invadido, sem se assustar demais com a projeção de sua interioridade em nós (Petit, 2019, p. 55). E foi isso o que aconteceu quando os aprendizes reconheceram situações corriqueiras em suas vidas a partir das vidas dos personagens. Uma aluna falou que admirava dona Minguta, do conto “A procissão das Almas”, pois apesar da senhora ser uma fofoqueira, que vigiava pelas frestas da janela a vida dos vizinhos, ela também gostava de saber da vida dos outros, e disse ainda que as redes sociais são as janelas de hoje.

O último questionário (ver apêndice E) teve por objetivo coletar informações para avaliar o impacto das ações realizadas durante nosso estudo e entender o progresso dos alunos em relação à formação leitora, por meio de oficinas de leitura de narrativas de Cora Coralina. Apenas 25 estudantes responderam ao questionário final, porque alguns anteciparam as férias escolares e deixaram de ir à escola no mês de dezembro e esse total equivale a 86.21% do total da turma que respondeu ao questionário inicial. Achei importante repetir algumas perguntas feitas no questionário intermediário para verificar se houve mudanças na postura dos participantes em relação à leitura dos textos. A maioria, como foi dito anteriormente, considerou importante ter lido os textos selecionados e afirmou que a pesquisa foi essencial para se certificarem de que deram um passo importante em relação à prática leitora.

Em relação à segunda pergunta, se textos lidos enriqueceram sua experiência leitora, as respostas foram muito positivas e mostram que 90% dos jovens, conforme figura 15, viram que, de alguma forma, a pesquisa os ajudou a construir uma intimidade maior com a literatura.

**Figura 15** - Os textos lidos enriqueceram sua experiência leitora?

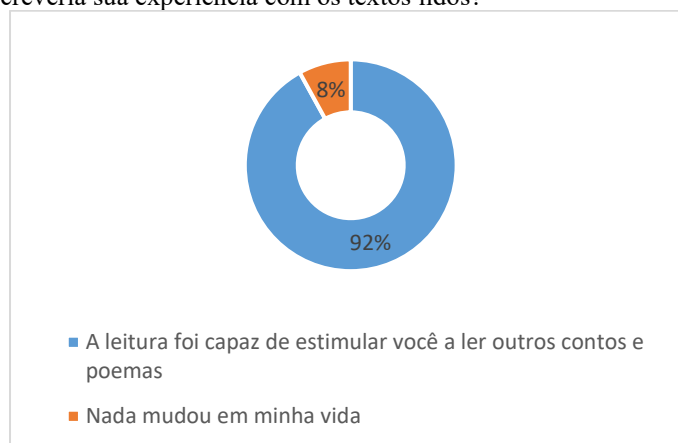
Fonte: Elaborado por Vitor Cunha Naves (2024)

Finalmente, os estudantes responderam que após a leitura dos contos e poemas, eles se sentiram mais conectados com a literatura, visto que ficaram mais inspirados pelas histórias e mensagens transmitidas nos textos da autora. Apenas 8%, que corresponde a dois participantes em um total de 25, disseram que os textos não tiveram efeito sobre eles e sobre o modo como veem a leitura. A formação leitora não é uma tarefa rápida ou fácil, é um processo gradual que exige um esforço significativo (Andruetto, 2017). Para se tornar um leitor e alcançar uma compreensão mais sólida do que foi lido é necessário transpor desafios tanto pessoais como intelectuais. Além disso, a dificuldade de acesso à leitura por classes menos privilegiadas está diretamente relacionada a esse processo. Por isso, a escola deve proporcionar o acesso à leitura, uma vez que a literatura é essencial para promover a igualdade de oportunidades educacionais. De acordo com Andruetto,

[o] caminho para os grandes textos e para as grandes obras, que por séculos transitaram de modo privado e natural nas classes privilegiadas (que não necessitam fazer demasiados esforços para se apropriar dos bens culturais, porque esses bens estão ao alcance da mão), pode-se fazer na escola, por meio de esforço e dificuldade, com crianças e jovens de outros setores menos privilegiados (Andruetto, 2017, p. 95).

A figura 16 mostra a receptividade aos contos lidos, mesmo de maneira obrigatória, em sala de aula:

**Figura 16** - Como você descreveria sua experiência com os textos lidos?



Fonte: Elaborado por Vitor Cunha Naves (2024)

Quando questionados sobre a experiência com o texto lido, 92% dos participantes afirmaram que a leitura foi capaz de estimular a ler outros contos e poemas. Os aspectos que mais chamaram a atenção dos estudantes foram: os temas, os personagens que cativaram e chamaram a atenção por suas histórias tão cheias de significado e também o contexto de produção das obras. Assim, podemos perceber uma valorização da cultura goiana ao saber que em Goiás temos escritores que são destaques na literatura nacional.

De forma geral, os resultados foram satisfatórios e, diante disso, é evidente que um trabalho que se compromete com a formação do leitor literário incentiva a leitura crítica e a discussão sobre os elementos presentes na história. O ato de ler para os estudantes tem que ser vivo, fazer parte da sua realidade, estar em constante transformação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trecho da canção do cantor e compositor goiano Marcelo Barra "Mulher da terra / Ao pé da serra / Velha menina / Voa e me ensina a ser passarinho" dá vida para toda pesquisa, uma vez que vi em Cora Coralina uma figura feminina ligada à natureza, à simplicidade e à sabedoria popular. Uma mulher que fala de estórias antigas, mas tão atuais e que explica como a literatura nos ajuda a viver, como diz Todorov (2007, p.23) “[h]oje, se me pergunto por que amo literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver”.

“Voa e me ensina a ser passarinho”, sim!! Isso é a função social da literatura ao formar leitores: é inspirar o leitor a voar, a buscar a liberdade e a aprender a ver o mundo de forma mais livre, de uma forma que desperte o desejo de explorar novos horizontes. Entretanto, há também uma função política da literatura para além da estética, pois ela, hoje, é fundamental para auxiliar na formação de leitores mais lúcidos sobre as relações de poder às quais estão inseridos.

Candido estabelece a função da literatura quando diz

[p]rimeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual (Candido, 2011, p. 188).

E é a favor dessas funções que devemos afirmar a literatura como algo intrinsecamente ligado à experiência humana, que desenvolve o individual e o coletivo, entretanto a formação do leitor literário enfrenta ainda muitos desafios, como por exemplo, a pouca valorização da leitura, a falta de políticas públicas voltadas ao incentivo e à produção literária, acesso limitado aos livros.

No espaço escolar, mesmo que a BNCC estabeleça diretrizes em que a leitura literária tenha papel primordial em sala de aula, muitas vezes, a leitura de contos fica subjugada a trabalhos apenas com aspectos linguísticos e gramaticais, contemplando pouco a interpretação e a fruição. Provavelmente, esse fato ainda está ocorrendo porque as escolas estão no processo de mudanças e adequações aos preceitos da Base e isso traz desafios e demanda tempo e estudos para que sejam efetivadas.

Afim de possibilitar que a leitura de contos fosse capaz de despertar o interesse do estudante na prática leitora, a pesquisa teve como objetivo geral investigar, por meio de oficinas de leitura, como os alunos dos anos finais do EF materializam a dificuldade e a fruição estética no exercício da leitura literária de narrativas de Cora Coralina. O resultado dos trabalhos realizados mostrou que os participantes conseguiram lidar com os desafios da compreensão e da interpretação das obras literárias escolhidas, ao mesmo tempo em que exploraram e desfrutaram das dimensões estéticas e emocionais presentes nas narrativas da autora.

As práticas utilizadas em sala se mostraram positivas na formação de leitores literários, visto que promoveram um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades de leitura, além de as oficinas de leitura terem proporcionado um espaço interativo, onde os estudantes compartilharam suas interpretações, discutiram suas ideias e expressaram emoções diante das narrativas e poemas de Cora Coralina. E isso foi alcançado com as discussões sobre os contos e poemas lidos, análise de personagens e enredos, e a conexão das histórias com a vida real.

Ao longo desse estudo foi possível verificar que a leitura das narrativas e poemas de Cora foi uma experiência instigante que desenvolveu ainda mais o interesse pela leitura de contos. Essa ressoou nos jovens leitores provocando reflexões a respeito da memória, identidade cultural, resiliência, superação, entre outras temáticas, que os incentivou a explorar novos textos e ampliar o repertório intelectual.

A trajetória dessa pesquisa revelou-se produtiva por ter apresentado os seguintes resultados.

a) Desenvolvimento do gosto pela apreciação literária dos alunos que participaram da pesquisa:

\_\_ conhecer uma escritora de Goiás, famosa por sua sensibilidade poética e profunda conexão com a História do estado, permitiu aos estudantes explorar uma nova perspectiva sobre Goiás.

\_\_ por meio da leitura dos contos e poemas, os jovens puderam mergulhar em um contexto histórico único, fortalecendo um novo vínculo e apreço pela cultura goiana. Houve uma grande identificação dos aprendizes com os personagens e isso fez com que eles relacionassem suas vivências às obras lidas.

b) Estímulo para ler outros textos da autora Cora Coralina:

\_\_ o estímulo para conhecer e ler outros textos da escritora foi perceptível, uma vez que houve uma identificação com as temáticas abordadas e, assim, há uma probabilidade muito grande de descobrirem outros textos dela.

\_\_ as discussões realizadas após a leitura das obras despertaram questionamentos e levaram a maioria dos alunos a refletirem sobre os temas abordados.

c) Motivação para a leitura de outros textos dos mesmos gêneros literários:

\_\_ os questionários realizados em sala apontaram que o gênero mais lido pelos jovens era o conto e as oficinas corroboraram com essa afirmação, quando houve uma boa recepção com os contos explorados em sala. Isso possibilita que alunos desenvolvam uma maior apreciação e queiram descobrir mais obras semelhantes.

\_\_ outro aspecto importante é que a leitura de uma escritora goiana pode despertar curiosidade por outros escritores regionais.

d) Investigação sobre como os estudantes materializam a fruição estética no exercício da leitura literária:

\_\_\_ a obra de Cora Coralina os ajudou a expressarem suas próprias emoções, como escrever poemas, desenhar, entre outros;

\_\_\_ e a ter um olhar mais crítico para apreciar outras obras literárias e participar de eventos que trazem a literatura como foco.

e) Impacto das oficinas de leitura no envolvimento dos estudantes com a literatura:

\_\_\_ as oficinas oportunizaram que os aprendizes tivessem uma participação ativa em um espaço interativo em que puderam compartilhar suas interpretações, experiências pessoais;

\_\_\_ os educandos foram desafiados a analisar de forma profunda os textos da escritora goiana, pois ao discutirem, usaram argumentos consistentes e expressaram suas opiniões

f) Discussões sobre temas relevantes à sociedade como a exclusão, a diversidade cultural e social:

\_\_\_ as discussões tiveram uma grande relevância, visto que foram além dos aspectos textuais e permitiram que os estudantes se posicionassem criticamente, frente a temas ainda atualíssimos, e compartilhassem diferentes pontos de vista relacionados à questões éticas, sociais e culturais presentes na obra de Cora Coralina.

As atividades propostas permitiram que os estudantes explorassem o texto sob um viés diferente, além da mera interpretação. Ao assumirem uma posição mais ativa como interlocutores, os aprendizes puderam adentrar e perceber a conexão que os temas abordados têm com suas experiências de vida e também se sensibilizaram ao conhecer histórias de injustiça e sofrimentos, colocando-se no lugar do outro.

Ainda sobre como os alunos do EF materializam a fruição estética no exercício da leitura literária, há, para eles, um universo de possibilidades emocionais e sensoriais. As leituras permitem que os jovens visualizem os cenários, mesmo sem conhecê-los; ouçam vozes e se sintam emocionados; questionem as histórias lidas, contribuindo para que sejam mais criativos e reflexivos. A fruição estética não fica somente ligada a simples apreciação, mas vai além, podendo moldar a expressão pessoal do educando.

Dessa forma, é nítido que o caminho para a formação de leitores literários precisa se pautar pela busca de abordagens inclusivas, diversificadas e alinhadas aos interesses dos estudantes, e, nesse processo, é crucial considerar tanto o papel do professor quanto o ambiente de aprendizagem. A formação do leitor literário deve ser um pacto entre os envolvidos, com ações que, constantemente, aprimorem as práticas educacionais relacionadas à leitura.

É válido mencionar a importância de que novas investigações e debates sejam levantados sobre a formação de leitores. Essa não pode ser uma obrigação direcionada apenas à escola, é necessário que

haja uma parceria entre escola, família e comunidade, para que haja uma maior possibilidade e oportunidade de incentivo às práticas leitoras. Além disso, o estudo e a pesquisa sobre estratégias eficazes para a formação de leitores literários garante o desenvolvimento de habilidades essenciais para a leitura.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira. **A formação do leitor**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40359/1/01d17t08.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- ALMEIDA, Edina. Faria. **Leitura de poesia e formação do leitor literário na educação básica: a produção poética de Cora Coralina em sala de aula**. 2022. 162 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Jornal do Brasil**, 1980. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-04/marcada-por-memorias-poesia-de-cora-coralina-destaca-vida-simples-e-dura>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia Completa** – volume único. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2003.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A Rosa do Povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução: Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
- AMORIM, Marcel Álvaro de; SOUTO, Victor Alexandre. Garcia. A ressignificação da leitura literária e do leitor-fruidor na BNCC: uma abordagem dialógica. **Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso**, v. 15, n. 4, p.98–121 / Eng. 95, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/47715>. Acesso em: 14 out. 2024.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Anuario Historico, Geographico e Descriptivo do Estado de Goyaz para 1910**. Brasília: SPHAN/8ª DR, 1987.
- AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a Literatural**. Disponível em: <https://ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores1.pdf>. Acesso em: 25 fevereiro 2024.
- BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARBOSA, João Alexandre. **As Ilusões da Modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- BARBOSA, Lohaine Jardim. **Rimbaud: um subalterno híbrido em contexto colonial?** 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências sociais) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 11ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. Editora brasiliense, 1985, São Paulo.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, 1.).
- BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito da história. In: LÖWY, Michael. **Alarme de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BENJAMIN, Walter. O pintor da vida moderna. *In*: BENJAMIN, Walter. **Sobre a modernidade**. Org. Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. P.

BENJAMIN, Walter. **Paris, a capital do século XX e outros escritos sobre cidades**. Porto Alegre: L&PM, 2022.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Org. Willi Bolle. Trad. Irene Aron *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental: Os livros e a Escola do Tempo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BOSI, Alfredo. **O conto contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1978.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade – lembrança dos velhos. São Paulo: T. A. Queiroz Editor LTDA, 1979.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 9 ed., tradução de Mariza Corrêa. Campinas/SP: Papyrus, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Ministério da Educação. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Volume 1. Brasília, 2006a.

BRITTO, Clovis Carvalho. **Economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina**, Hilda Hilst e Ana Cristina César (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

BRITTO. Clovis Carvalho; CURADO. Maria Eugênia. A ironia como projeto: movimentos da narrativa de Cora Coralina no campo literário brasileiro. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 34, p. 95-116, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9637>. Acesso em: 14 out. 2024.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SANTOS, Robson dos. Representações sociais do rural na poética de Cora Coralina. **Hispanista**, v. X, n. 38, 2009. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/286.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução: Nilson Moulin. Companhia das Letras, 2016.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. 3.ed. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antônio. A literatura e a Formação do Homem. *In*. CANDIDO, Antônio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p.77.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: **Vários Escritos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.
- CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP, p. 81-90, 2012.. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635992>. Acesso em: 14 março 2024.
- CARR, Nicholas G. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Agir: 2011.
- CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2006.
- CODY, Frank; SIQUEIRA, Sílvia. **O professor do terceiro milênio**. São Paulo: Íbis, 2000.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 4ª reimpressão. São Paulo: Global, 2014.
- CORALINA, Cora. **Coleção Melhores Poemas**. Seleção, apresentação crítica e biografia de Darcy França Denófrío. São Paulo: Global, 2004.
- CORALINA, Cora. **Cora Coralina, aos 92 anos**: eu sou a própria terra. Correio Brasiliense, Brasília, 20 dez. 1981.
- CORALINA, Cora. **Estórias da Casa Velha da Ponte**. São Paulo: Global, 2008.
- CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9.ed. São Paulo: Global, 2001. p. 62.
- CORALINA, Cora. **O tesouro da velha casa**. 5ª Ed. São Paulo: Gaia: 2002.
- CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. -23ª Ed. – São Paulo: Global, 2006.
- CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 9. ed. São Paulo: Global, 2007.
- CORTÁZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário – teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DE ALMEIDA, Edina Faria. Leitura de poesia e formação do leitor literário na educação básica: a produção poética de Cora Coralina em sala de aula. **Revista Educação em Contexto**, v. 2, n. 1, p. 121-134, 2023. Disponível em: <https://revistaseduc.educacao.gov.br/index.php/rec/article/view/98>. Acesso em 25 de maio 2024.
- DE LEMOS, Igor D.'Aguiar Siqueira. Fruição livre no ensino literário: adequações e contradições educacionais na BNCC. **Caletrosópio**, v. 9, n. 2, p. 278-290, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/caletrosopio/article/view/5088>. Acesso em 30 de maio de 2024.

DO ROSÁRIO ABREU, Danubia *et al.* O papel da literatura infantil no contexto da educação infantil e na formação da criança: uma revisão bibliográfica. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 5, p. e66953078-e66953078, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/340420974>. Acesso em 01 de junho de 2024.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FLECK, Gilmei Francisco. Ensino de literatura e a formação do leitor literário na escola: dos primeiros passos à vida. **Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana**, v. 20, n. 2, p. 85-103, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/article/view/4919>. Acesso em 24 de maio de 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. 23ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 8.ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOIÁS. Secretaria de Estado da Educação. Documento Curricular para Goiás/ DCGO: Goiânia, 2019. Disponível em : <https://cee.go.gov.br/wp-16-content/uploads/2016/02/Doc.-Curricular-para-Goias-Ampliado-Vol.-II.pdf> Acesso em: 27 de março de 2024.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade** - Literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1998.

JUNIOR, Inimar Santos. **Conceição Evaristo**: A leitura de contos no processo de formação do leitor literário. 2024. 154f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

KHALIL, Lucas Martins Gama. A construção identitária em Cora Coralina: relações entre o sujeito e “as coisas de sua terra”. **Horizonte Científico**, v.5, n. 2, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/4467>. Acesso em: 14 out. 2024.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema”. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-249.

MACHADO, Ana Maria. **Como Ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002. p. 12

MARQUES, Helton. Literatura e ensino na BNCC: reflexões críticas. ANAIS DO SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA, [S. l.], v. 5, n. 05, 2023. Disponível em:

<https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/8976>. Acesso em: 28 mar. 2024.

MOLLO, Lúcia Tormin; MATA, Anderson Nunes da. De uma literatura combativa a uma literatura pacificada: a questão do controle sobre a poesia de Cora Coralina. **Language and Culture**, v. 39, n. 3, 2017. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/31860/pdf>. Acesso em 25 de abril de 2024.

MORAIS, José. **Preparar para a leitura: ver e ouvir**. Florianópolis: Perspectiva, 1999.

PAULINO, Graça. **Da leitura ao letramento literário**. Belo Horizonte: Edição do Autor, 2010.

PECHMAN, Robert Moses. Pedra e Discurso: cidade, História e Literatura. **Revista Semear**, Rio de Janeiro, n. 3, 1997. Disponível em: [http://www.letras.pucRio.br/catedra/revista/3Sem\\_06.html](http://www.letras.pucRio.br/catedra/revista/3Sem_06.html). Acesso em: 16 nov. 2023.

PEDRO, Fernanda Sacomori, *et al.* Oficinas literárias temáticas: uma metodologia para a formação do leitor literário e a implementação da interdisciplinaridade no ensino fundamental–anos finais. **Revista Primeira escrita**, v. 9, n. 2, p. 41-53, 2022. Disponível em:

<https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/16444/12523>. Acesso em: 14 out. 2024.

PETIT, Michele. **Ler o mundo - Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

POE, Edgar Allan. O Homem das Multidões. *In: Ficção Completa, Poesia e Ensaios*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965.

QUEIRÓS, Bartolomeu. Campos. Sobre ler, escrever e outros diálogos. *In: ABREU, Júlio. (org.). Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RAMON, Saturnino Pesquero. **Vintém de Cobre – meias confissões de Aninha**. 4ª ed. Goiânia: editora UFG, 1987.

REIMER, Ivoni Richter; SIQUEIRA, Ebe Lima. VIDA E OBRA DE CORA CORALINA. **Caminhos-Revista de Ciências da Religião**, v. 18, p. 930-942, 2020. Disponível em:

<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8549/0>. Acesso em 30 de abril de 2024.

REZENDE, Neide. Apresentação ao leitor brasileiro. *In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de (Org.). Leitura subjetiva e o ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

RIMBAUD, Arthur, **Poesia Completa, organização e tradução de Ivo Barroso**, Editora Topbooks, Rio de Janeiro, 1994.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros do Discurso**. São Paulo: Parábola, 2015.

SOARES, Ivanete Bernardino. O controle da fruição literária na escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 28, p. e280077, 2023. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/kmXjXDvKJqvbc8tkw6vt9NR/>. Acesso em: 25 de maio de 2024.

THAN, Vicência Brêtas. **Cora coragem, Cora poesia**. 4. ed. São Paulo: Global, 2002.

TELES, Gilberto Mendonça. **O conto brasileiro em Goiás**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1969.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 18ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

TOSTA, Antonio Luciano. Andrade de. Uma In(ter)venção da Memória: a universalização do particular na poesia de Cora Coralina. *In*: DENÓFRIO, F. Darcy; CAMARGO, Goiandra Ortiz de. **Cora Coralina Celebração da Volta**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.

## APÊNDICE A

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE - Pais/Responsáveis**

Você, na qualidade de responsável por....., está sendo convidado(a) a consentir que o(a) menor participe, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “*Estórias da Casa Velha da Ponte e Outras Estórias Mais: A Formação do Leitor Literário Nos Anos Finais da Educação Básica*”. Meu nome é Débora Cunha Freire, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Letras. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir a participação do menor sob sua responsabilidade no estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que, em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail: [debora.freire@discente.ufg.br](mailto:debora.freire@discente.ufg.br) e através do seguinte contato telefônico: (62) 81131253, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar.

Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos como participante da pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG), pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino. O CEP-UFG é uma entidade independente, de caráter consultivo, educativo e deliberativo, no âmbito de suas atribuições, criado para proteger o bem-estar dos/das participantes de pesquisa, em sua integridade e dignidade, visando contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos vigentes.

A pesquisa proposta traz o intuito de contribuir para a formação de leitores, por meio da promoção de atividades de leitura, análise e discussão de obras literárias produzidas pela escritora goiana Cora Coralina. O objetivo é investigar como os alunos dos anos finais do ensino fundamental materializam a dificuldade e a fruição estética no exercício da leitura literária, por meio de oficinas de leitura de narrativas de Cora Coralina. Além de participar das atividades de leitura, o(a) menor será convidado(a) a responder um questionário no início e no final da pesquisa, contendo perguntas relacionadas à sua experiência leitora. A pesquisa será desenvolvida durante as aulas de Língua Portuguesa e terá a duração de um bimestre.

A participação do menor sob a sua responsabilidade é importante para a realização da pesquisa que tem o título: “*Estórias da Casa Velha da Ponte e Outras Estórias Mais: A Formação do Leitor Literário Nos Anos Finais da Educação Básica*”. Caso o(a) menor se sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade de recusar a participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma.

A participação na pesquisa será voluntária, portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação, caso haja despesas, elas serão ressarcidas.

Caso ocorra algum dano, o direito a pleitear indenização para reparação imediata ou futura, decorrente da cooperação com a pesquisa, está garantido em Lei.

O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você.

Solicito que rubrique no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

- ( ) Permito a identificação do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.  
 ( ) Não permito a identificação do menor sob minha responsabilidade nos resultados publicados da pesquisa.

Eu ....., abaixo assinado, autorizo ....., a participar do projeto intitulado “*Estórias da Casa Velha da Ponte e Outras Estórias Mais: A Formação do Leitor Literário Nos Anos Finais da Educação Básica*”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado (a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável, Débora Cunha Freire, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação do(a) menor no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a participação do(a) menor no projeto de pesquisa acima descrito.

Goiânia, ..... de ..... de 2023.

---

Assinatura por extenso do(a) responsável pelo(a) menor

---

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável

## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO INICIAL

### PROPOSTA DE QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS – INICIAL

1. Idade:
2. Bairro onde reside:
3. Você costuma frequentar a biblioteca?  
( ) SIM ( ) NÃO
- 4.1 Se sua resposta anterior foi SIM, com que frequência você vai à biblioteca?  
( ) Uma vez por semana ( ) Quinzenalmente  
( ) Uma vez ao mês ( ) Sempre que possível  
( ) Caso tenha respondido não na pergunta anterior, não se aplica.
5. Como você tem acesso aos livros literários?  
( ) Você ou sua família têm o hábito de comprar livros literários.  
( ) Você pega emprestado em uma biblioteca .  
( ) Você pega emprestado na escola e pode escolher o que quiser.  
( ) Você pega emprestado na escola, mas apenas os determinados pelos professores.  
( ) Você pega emprestado de amigos ou familiares.  
( ) Você não tem acesso a livros literários.
6. Os livros que você leu nos últimos três meses:  
( ) Foram de livre escolha.  
( ) Foram solicitados pelos professores como leitura obrigatória.
7. Mesmo tendo sido de leitura obrigatória, os livros que você leu:  
( ) Você achou importante tê-los lido  
( ) Você não achou importante tê-los lido  
( ) Se você não marcou a opção “foram solicitados pelos professores como leitura obrigatória”, não se aplica.
- 7.1 Você se identificou com algum dos personagens dos livros que você leu nesses últimos três meses? ( ) SIM ( ) NÃO
8. Você costuma ler o quê?  
( ) Livros religiosos ( ) Romance ( ) Conto ( ) Crônica  
( ) Poesia ( ) Livros Infantis ( ) Mangá ( ) Fanzine  
( ) Biografias ( ) Jornal ( ) Revista ( ) Livros infanto-juvenis  
( ) Livros Didáticos, ou seja, livros utilizados nas matérias escolares  
( ) História em quadrinhos, gibis ou RPG  
Outro(s): \_\_\_\_\_
9. Você costuma ler contos literários? Explique o motivo de ler ou não ler contos.
10. Ler faz parte do seu dia a dia?
11. Quais os motivos que levam você a ter interesse em um livro literário?
12. Qual suporte você utiliza para ler os livros literários?  
( ) Leio somente livros impressos  
( ) Leio somente livros em formato on-line (*kindle*, por exemplo)  
( ) Leio na maior parte do tempo livros impressos  
( ) Leio, na maior parte do tempo, livros em formato on-line (*kindle*, por exemplo)
13. Você conhece Cora Coralina?  
( ) Sim, é uma escritora brasileira.  
( ) Não, nunca ouvi falar.

Fonte: Adaptado/ Lanne Janaína Batista(2022)

## APÊNDICE C – CRONOGRAMA DAS OFICINAS

<b>Data</b>	<b>Oficinas</b>	<b>Oficinas</b>	<b>Situações Metodológicas</b>
29/09	1º Encontro (1 aula)		Explicações sobre a pesquisa; Informações e entrega do TALE e TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido); Aplicação do Questionário 1/ inicial.
05/10	2º Encontro (1 aula)	Identificação dos conhecimentos prévios	Roda de conversa sobre Cora Coralina (quem conhece, história, obras); Vídeo Museu Casa de Cora; Discussão sobre o título do conto O Lampião da Rua do Fogo – levantamento de hipóteses, inferências; leitura, em voz alta, feita pela professora, esclarecendo dúvidas e recapitulando.
06/10	3º Encontro (1 aula)	Ampliação dos conhecimentos	Discussão sobre o conto O Lampião da Rua do Fogo (identificação da ideia principal, perguntas e respostas); Roda de conversa sobre a vida e obra de Cora Coralina e os elementos constitutivos do texto lido; Escrita sobre finais alternativos e continuação da história; Apresentação do trabalho.
19/10	4º Encontro (1 aula)		Leitura do texto, feita pela professora, “A procissão das almas” com levantamento de hipóteses, inferências e compartilhamento das impressões.
20/10	5º Encontro (1 aula)		Roda de leitura e discussão sobre o título do texto “As capas do diabo” (com levantamento de hipóteses e inferências); Leitura realizada em silêncio pelos estudantes; relato sobre as impressões; questionamentos sobre a temática. Escrita.
26/10	6º Encontro (1 aula)		Roda de leitura, em voz alta por um estudante, e discussão sobre o título “Campos Sales” (com levantamento de hipóteses e inferências); Comentários sobre a leitura; Solicitação para a leitura dos poemas “A lavadeira e Oração do milho” em casa; Orientação para um jogral para ser apresentado no 7º encontro.
09/11	7º Encontro (1 aula)		Audição da música Cora Coralina, de Marcelo Barra; Apresentação do jogral com os poemas A Lavadeira e Oração do milho”.
16/11	8º Encontro (1 aula)	Roda de leitura e discussão sobre o título do texto Miquita (com levantamento de hipóteses e inferências); Leitura em voz alta feita pela professora e acompanhamento dos alunos; Compartilhamento de impressões sobre o conto.	
17/11	9º Encontro (1 aula)		Roda de leitura e discussão sobre o título do texto Casa velha da ponte (com levantamento de hipóteses e inferências); Leitura em voz alta feita pela professora pesquisadora e acompanhamento dos alunos; Compartilhamento de impressões sobre o conto; Entrega do questionário 2/ intermediário.
23/11	10º Encontro (1 aula)		<i>Brainstorm</i> (tempestade cerebral) sobre as obras lidas de Cora Coralina.
30/11	11º Encontro (1 aula)		Discussão sobre os gêneros carta, poema e conto.
01/12	12º Encontro (2 aulas)		1ª produção
07/12	13º Encontro (1 aula)		Discussão sobre a reescrita do texto; Observação dos elementos constituintes do gênero no texto escrito. Reescrita da 1ª produção.
08/12	14º Encontro (1 aula)		Entrega dos textos; Aplicação do questionário 3/ final; conclusão e apreciação do projeto.

**APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO INTERMEDIÁRIO****PROPOSTA DE QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS – ACOMPANHAMENTO**

1. Quais contos você leu até agora?
2. Com qual personagem você mais se identificou nos contos lidos?
3. Por que você se identificou com essa personagem?
4. Você considera importante a leitura de contos e poemas de Cora Coralina na Escola?
5. Após conhecer um pouco mais da obra de Cora Coralina, qual foi a sua experiência em relação aos textos da autora?  
 Nada mudou em minha vida  
 A leitura foi capaz de estimular você a ler outros contos e poemas?
6. Quais os motivos que levam você a ter interesse em um livro literário?

Fonte: Adaptado/ Lanne Janaina Batista (2022)

**APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO FINAL**

1. Mesmo tendo sido de leitura obrigatória, os livros que você leu para o desenvolvimento das atividades em sala no último mês:  
 Você achou importante tê-los lido  
 Você não achou importante tê-los lido  
Justifique sua resposta.
2. Como você avalia o processo das aulas envolvendo a leitura dos contos e a relação com os personagens estudados?
3. Os textos lidos enriqueceram sua experiência leitora?
  - Os textos lidos contribuíram para a sua compreensão e apreciação da narrativa?
  - Os temas abordados influenciaram sua visão de mundo e suas reflexões pessoais?
  - Os textos lidos estabeleceram conexões com outras obras que você já leu?
  - Os textos que você leu despertaram seu interesse em explorar outros contos?
4. Após a leitura dos textos em sala de aula, você já se considera um leitor de textos literários?
5. Depois de se familiarizar mais com a obra de Cora Coralina, como você descreveria sua experiência com os textos da autora?  
 Nada mudou em minha vida  
 A leitura foi capaz de estimular você a ler outros contos e poemas?

## APÊNDICE F – PRODUTO EDUCACIONAL



**DÉBORA CUNHA FREIRE**

***ENTRE PÁGINAS E PONTES:***

***magia das estórias na formação de leitores literários na educação básica***

DÉBORA CUNHA FREIRE

**ENTRE PÁGINAS E PONTES:**

**A magia das estórias na formação de leitores literários na educação básica**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção do título de Mestra em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientadora: Professora. Dra. Célia Sebastiana da Silva

GOIÂNIA  
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Freire, Débora Cunha  
ENTRE PÁGINAS E PONTES: A MAGIA DAS ESTÓRIAS NA  
FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA  
[manuscrito] / Débora Cunha Freire, Célia Sebastiana da Silva. -  
2025.  
LXX, 70 f.

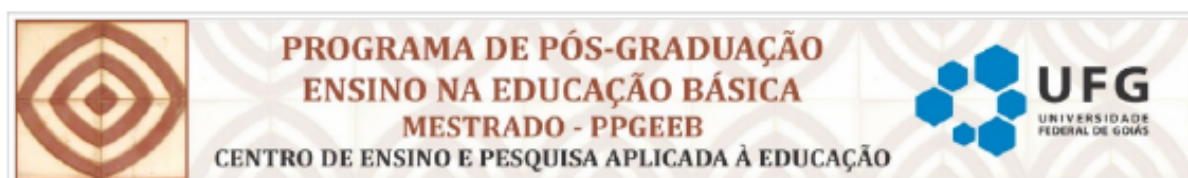
Orientador: Prof. Célia Sebastiana da Silva.  
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de  
Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa  
de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2025.  
Bibliografia.

1. Formação de leitores literários. 2. Ensino. 3. Leitura de Contos  
Literários. 4. Literatura. I. Silva, Célia Sebastiana da . II. Silva, Célia  
Sebastiana da, orient. III. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO  
**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**



**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL**

Aos vinte e dois dias do mês de julho de dois mil e vinte e quatro, às 14 horas, por videoconferência, no CEPAE-UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa da Dissertação intitulada **AS ESTÓRIAS DA CASA VELHA DA PONTE E A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA** e do Produto Educacional intitulado **ENTRE PÁGINAS E PONTES: A MAGIA DAS ESTÓRIAS NA FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA** pela discente **Débora Cunha Freire** como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestra em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica.

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

**Profa. Dra. Célia Sebastiana da Silva (PPGEEB/CEPAE/UFG) - presidente,**

**Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria (PPGEEB/CEPAE/UFG) - membro interno,**

**Prof. Dr. Leosmar Aparecido da Silva (PPGEEB-FL-UFG) - membro externo.**

**TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA**



Documento assinado eletronicamente por **Celia Sebastiana Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 26/08/2024, às 14:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vivianne Fleury De Faria, Professor do Magistério Superior**, em 26/08/2024, às 15:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leosmar Aparecido Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 17/09/2024, às 09:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4690821** e o código CRC **35210A27**.

**TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL**  
(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

**Desenvolvimento de material didático e instrucional** (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicizados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

**Especificação:** E-book contendo experiências e estratégias didáticas na perspectiva da formação de leitores literários envolvendo estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental.

**DIVULGAÇÃO**

- Filme  
 Hipertexto  
 Impresso  
 Meio digital  
 Meio Magnético  
 Outros. Especificar: \_\_\_\_\_

**FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL**

*E-book* abordando referenciais teórico-metodológicos acerca da formação de leitores por meio da obra de Cora Coralina para ser trabalhado na Educação Básica ou em ambientes de formação do leitor literário..

**PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL**

Estudantes da Educação Básica – segunda fase do Ensino Fundamental e Ensino Médio – Professores (as) da Educação Básica e/ou Profissionais mediadores da leitura literária.

**IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL**

**O Produto Educacional apresenta:**

- Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.

<p><b>(X) Médio impacto</b> – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.</p> <p><b>( ) Baixo impacto</b> – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.</p>
<p style="text-align: center;"><b>Área impactada pelo Produto Educacional:</b></p> <p>(X) Ensino  ( ) Aprendizagem  ( ) Econômico  ( ) Saúde  ( ) Social  ( ) Ambiental  ( ) Científico</p>
<p style="text-align: center;"><b>O impacto do Produto Educacional é:</b></p> <p><b>(X) Real</b> - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc.). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.</p> <p><b>( ) Potencial</b> - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.</p>
<p style="text-align: center;"><b>O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores (inicial, continuada, cursos etc.)?</b></p> <p style="text-align: center;"><b>(X) Sim ( ) Não</b></p>
<p style="text-align: center;"><b>Em caso afirmativo, descreva essa situação:</b></p> <p>O Produto Educacional foi aplicado em uma pesquisa de campo com 22 estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Professora Deushaydes Rodrigues de Oliveira, situada, no Celina Park, no município de Goiânia. A vivência ocorreu do dia 29 de setembro de 2023 a 08 de dezembro de 2023, na qual foram efetuados 14 encontros, com duração total de 32 horas.</p>

### REPLICABILIDADE E ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido?

Sim       Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

Local       Regional       Nacional       Internacional

### COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

#### O Produto Educacional possui:

**Alta complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

**Média complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

**Baixa complexidade** - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

**Sem complexidade** - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

### INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

**O Produto Educacional possui:**

- Alto teor inovativo** - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.
- Médio teor inovativo** - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.
- Baixo teor inovativo** - adaptação de conhecimento existente.

**FOMENTO**

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

Sim       Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

- Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB
- Cooperação com outra instituição
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL**

Houve registro de depósito de propriedade intelectual?

Sim       Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

- Licença Creative Commons
- Domínio de Internet
- Patente
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

Informe o código de registro: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

**TRANSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL**

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

Sim       Não

**Em caso afirmativo, descreva essa transferência**

Não se aplica.

### DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

<p>O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc.) ou ministrado em forma de oficina, minicurso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?</p> <p style="text-align: center;"><input checked="" type="checkbox"/> Sim      <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:</p> <p>O Produto Educacional foi apresentado no IX Seminário de Dissertações do PPGEEBCEPAE/UFG, em 14 de fevereiro de 2023.</p>
<p>O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?</p> <p style="text-align: center;"><input checked="" type="checkbox"/> Sim      <input type="checkbox"/> Não</p>
<p>Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação:</p> <p>Anais eletrônicos/digitais</p> <p>Freire, Débora cunha; SILVA, Célia Sebastiana da. As Estórias da Casa Velha da Ponte e a Formação de Leitores Literários na Educação Básica. Comunicação Oral no X Seminário de Dissertações do PPGEEB, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024. P.49. Disponível em <a href="https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/Anais_-_IX_Seminario_PPGEEB_Cepae-UFG_ano_2023_-_diagramado_VF_conferida_em_09-10-23.pdf">https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/480/o/Anais_-_IX_Seminario_PPGEEB_Cepae-UFG_ano_2023_-_diagramado_VF_conferida_em_09-10-23.pdf</a>. Acesso: 12.10.2024</p>

**REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL**

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível no link:  
<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/1000274>

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto,  
na **Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG)**  
(<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/>).

FREIRE, Débora Cunha. **Entre Páginas e Pontes: A Magia das Estórias na Formação de Leitores Literários na Educação Básica**. 2025. 70 f. Produto Educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2024.

## RESUMO

Este produto educacional, em forma de e-book, intitulado “Entre páginas e pontes: a magia das estórias na formação de leitores literários na Educação Básica”, apresenta minha prática pedagógica realizada em sala de aula, com uma turma de 8º ano, durante o mestrado profissional em ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, entre os anos de 2021 a 2024, cujo produto final é a dissertação “As Estórias da Casa Velha da Ponte e a Formação de Leitores Literários na Educação Básica”. O objetivo principal da pesquisa foi o de desenvolver condições didático-metodológicas, por meio de oficinas de leitura, escrita e reescrita dos contos e poemas de Cora Coralina, para a formação do leitor literário. Para tanto, toma-se como *corpus* de estudo os contos da obra “As Estórias da Casa Velha da Ponte” e outras produções, em prosa e verso, da referida autora. Para tecer reflexões sobre o ensino de literatura e a formação de leitores, mobilizou-se, como referencial teórico, os seguintes autores: Antônio Candido (2000, 2002, 2004), Rildo Cosson (2006), Tzvetan Todorov (2007), Maria Teresa Andruetto (2017), Teresa Colomer (2014), Regina Zilberman (1991), Paulo Freire (1994, 1996, 1997), Pierre Bourdieu (1996), Ítalo Calvino (2009), Ana Maria Machado (2002), dentre outros. Esta é uma pesquisa-ação e os instrumentos utilizados para gerar os dados foram os questionários (inicial, intermediário e final), as produções textuais, as reescritas e oficinas. Verificou-se como a leitura das narrativas e poemas de Cora Coralina poderiam ser experiências estéticas instigantes para desenvolver o gosto pela leitura literária; e se essa leitura poderia motivar o aluno para a leitura de outros textos dos mesmos gêneros. Este produto educacional é destinado a professores e profissionais da educação e tem o intuito de promover práticas de leitura mais dinâmicas e contribuir para a formação de sujeitos críticos e conscientes em uma sociedade mais justa e igualitária.

**Palavras-Chave:** Formação de Leitores literários. Ensino. Leitura de contos literários. Literatura.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>137</b>
<b>1 Cora Coralina: considerações sobre a autora e sua obra poética.....</b>	<b>139</b>
<b>1.1 A poetisa, a contista e a vida .....</b>	<b>139</b>
<b>1.2 O contexto histórico e social em que suas obras forma produzidas.....</b>	<b>141</b>
<b>2 A formação do leitor literário.....</b>	<b>144</b>
<b>2.1 A magia do conto: formando leitores literários.....</b>	<b>114</b>
<b>2.2 O potencial transformador do conto na vida do leitor e sua capacidade de gerar reflexão sobre questões sociais.....</b>	<b>149</b>
<b>2.3 O papel do professor na mediação da leitura de contos e no incentivo à formação do leitor literário.....</b>	<b>151</b>
<b>3 O Lampião da Rua do Fogo – O humor.....</b>	<b>155</b>
<b>3.1 Sugestão de Atividades.....</b>	<b>161</b>
<b>4 As capas do diabo – A escravidão e seus horrores.....</b>	<b>163</b>
<b>5 A procissão das almas – A rede social do início do século XX .....</b>	<b>170</b>
<b>6 Campos Sales – O velho guerreiro.....</b>	<b>175</b>
<b>7 Oração do milho e A lavadeira – A fé e a força .....</b>	<b>178</b>
<b>8 Miquita – A desigualdade imposta aos excluídos.....</b>	<b>181</b>
<b>9 Atividades.....</b>	<b>185</b>
<b>9.1 Sugestão de atividade .....</b>	<b>186</b>
<b>9.2 As produções – escrita e reescrita.....</b>	<b>186</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>191</b>
<b>Referências.....</b>	<b>192</b>

## Introdução

Nos últimos anos, a promoção da leitura e o estímulo ao hábito de ler têm se mostrado atos cada vez mais complexos. Nesse sentido, o trabalho com oficinas pedagógicas surge como uma estratégia eficaz para despertar e incluir os estudantes no universo literário. Os contos da autora Cora Coralina não apenas encantam, mas trazem consigo elementos que contribuem de forma significativa para a formação de leitores.

Dessa forma, a preocupação com a formação de leitores tem sido um tema importante no campo da educação, principalmente se considerarmos o declínio do interesse pela leitura, devido ao surgimento de outras formas de entretenimento, ligadas às novas tecnologias. E por isso, é necessário reverter esse quadro com propostas que contribuam para o desenvolvimento de habilidades leitoras e do gosto pela leitura e para ampliação do repertório cultural dos sujeitos. Para isso, é preciso mais do que o acesso a livros literários, é necessária a mediação de vários agentes educacionais (professores, bibliotecários, pais entre outros) com esforços voltados para construir condições propícias para que a leitura se torne uma prática significativa.

Este produto educacional é um *e-book*, intitulado “Entre Páginas e Pontes: A Magia das Estórias na Formação de Leitores Literários na Educação Básica”, que foi desenvolvido durante o mestrado profissional em ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, entre os anos de 2021 e 2024, cujo produto final é a dissertação “As estórias da casa velha da ponte e a formação de leitores na Educação Básica”.

Esta é uma pesquisa-ação, desenvolvida, entre os meses de Setembro a Dezembro de 2023, na Escola Municipal Professora Deushaydes Rodrigues de Oliveira, no município de Goiânia, com estudantes do 8º ano. O objetivo do estudo é despertar nos estudantes a competência e o gosto pela leitura por meio de contos e poemas de Cora Coralina. Além disso, pretende-se contribuir para o desenvolvimento da compreensão crítica dos textos, além da apreciação estética e também a capacidade de reflexão e produção de textos.

O aporte teórico traz contribuições de autores que se dedicam ao estudo da Literatura e da formação de leitores, com perspectivas para o entendimento do papel da leitura no desenvolvimento humano, como, por exemplo, Antonio Candido (2000, 2002, 2004), Rildo Cosson (2006), Tzvetan Todorov (2007), Maria Teresa Andruetto (2017), Teresa Colomer (2014), Regina Zilberman (1991), Paulo Freire (1994, 1996, 1997), Pierre Bourdieu (1996), Ítalo Calvino (2009) e Ana Maria Machado (2002).

Ao longo deste estudo foi possível verificar como os estudantes se relacionaram com os textos, o engajamento e o interesse frente às atividades propostas, a interação com os textos literários, bem como a incorporação dessas experiências em seu mundo. A observação também

revelou as dificuldades enfrentadas pelos estudantes no processo de compreensão e debates, o que forneceu subsídios para estratégias de mediação mais eficazes.

Dessa forma, este *e-book* tem como objetivo apresentar o trabalho realizado em sala com 5 contos e 2 poemas da autora Cora Coralina, que consistiu na leitura, realização de atividades, produção de textos e reescrita. É importante frisar que o trabalho com a formação de leitores literários foi o aspecto mais importante, entretanto isso não diminuiu o trabalho com a produção de textos. A leitura, neste contexto, estabeleceu a base sólida para a formação de leitores competentes.

## 1 Cora Coralina: considerações sobre a autora e sua obra poética

**Figura 1: Foto da escritora Cora Coralina**



Fonte: <https://revistaesmeril.com.br/a-beleza-importa%E4%B8%A8cora-coralina-e-a-docura-do-cotidiano/>. Acesso em 25 abr. 2024.

“Eu sou a menina feia  
da ponte da Lapa.  
Eu sou Aninha.”  
Cora Coralina

### 1. 1 A poetisa, a contista e a vida

Cora Coralina (1889 – 1985), cujo nome verdadeiro é Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas foi uma poetisa e contista brasileira que nasceu, em 20 de agosto de 1889, na Cidade de Goiás, às margens do Rio Vermelho, no Estado de Goiás, onde viveu, por vários anos, em uma casa com muitas janelas perto de um rio e de uma ponte.

Ana Lins dos Guimarães é filha de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador, nomeado por Dom Pedro II, e de Jacinta Luísa do Couto Brandão. Descendente direta do bandeirante Anhanguera, nasceu pouco depois da libertação dos escravos. O pai da menina faleceu quando ela completou um mês de vida. A família dependia da mão de obra escrava e, por isso, enfrentou dificuldades financeiras e também acumulou dívidas e esse foi um período desafiador para a pequena menina.

Aos 11 anos, Cora mudou-se com a família para a fazenda de seu avô na cidade de Mossâmedes e “lá entrou em contato com a vida na gleba e com uma prática que a acompanharia

por toda a vida: a contação de histórias” (Britto; Seda, 2009, p. 51). Com uma vida simples e difícil desde criança, Aninha, como era chamada, era tida pela família como uma menina izeira, como descreve “menina izeira, buliçosa, malina” (Coralina, 1987, p. 114). Foi a bisavó de Ana, Antônia (mãe Yayá), quem a introduziu no mundo das histórias e das lembranças que se tornariam seus contos e poesias. Muito do que a autora escreveu não veio apenas de seu próprio conhecimento, mas das palavras e memórias transmitidas por sua bisavó

Cora Coralina estudou por pouco tempo na escola da mestra Silvina – onde aprendeu a ler e a escrever, mas não se sabe ao certo quantos anos ela frequentou a instituição. No entanto, a escola trouxe um novo mundo para a menina, pois aprender a ler abriu as portas para a palavra escrita e os livros, com isso, ela desenvolveu o gosto pela leitura, um hábito que carregou consigo ao longo da vida. Ainda adolescente, a jovem começou a escrever e, em parceria com Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana, criou um jornal de poemas femininos.

Em 1911, aos 22 anos, Cora partiu para São Paulo, com o advogado divorciado Cantídio Tolentino Bretas, com quem foi casada de 1925 a 1934, e gerou 6 filhos, Vicência Bretas, Paraguaçu Bretas, Eneas Bretas, Ísis Bretas, Jacyntha Bretas e Cantídio Bretas. Ficou viúva em 1934 e passou a fazer doces para sustentar os filhos. Também vendia livros para a Editora José Olympio e, mesmo sem apoio familiar, continuava escrevendo, não deixando a escrita cair no esquecimento. Em 1936, foi viver no interior, na cidade de Penápolis, mudando-se para Andradina e ali abriu uma loja de tecidos. Nesse local, também escreveu para o jornal da cidade. Ademais, candidatou-se a vereadora em 1951. E em 1956, 45 anos depois de sua partida para São Paulo, Cora retornou a Goiás, às suas origens, às suas pedras e à velha casa da ponte, “vestida, de cabelos brancos, voltei sozinha à velha casa, deserta” (Coralina, 1987, p. 247).

Ana estudou até as primeiras séries iniciais, entretanto isso não impediu de ser uma das maiores escritoras Brasileiras. Com quase 76 anos, teve seu primeiro livro publicado em 1965, apesar de escrever desde a adolescência. Todavia, o tempo de Cora exigiu a espera até a publicação de seu primeiro livro e até quando o poeta Carlos Drummond de Andrade a descortinou para o Brasil em 1980 em uma crônica no *Jornal do Brasil*,

[e]ste nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina. Cora Coralina, tão gostoso pronunciar este nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de dona Janaína moderna. Cora Coralina, para mim, a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do estado. Entretanto, uma velhinha sem posse, rica apenas de sua poesia, de sua invenção e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada (Drummond, 1980, p. 7).

Cora Coralina, a poetisa, escreveu “Poemas dos becos de Goiás e estórias mais” (1965), “Meu livro de cordel” (1976/2001), “Vintém de cobre – Meias confissões de Aninha” (1983); a escritora de contos “Estórias da casa velha da ponte” (1985), “Meninos verdes” (1986), “Tesouros da casa velha da ponte” (1989), “A moeda que o pato engoliu” (1997), “Villa Boa de Goyaz” (2001) e “O prato azul pombinho” (2002).

Cora faleceu, em 1985, no dia 10 de abril, com uma pneumonia. Hoje, a casa na cidade de Goiás, onde a poetisa nasceu e viveu quando voltou de São Paulo, é o Museu Cora Coralina. Em 2011, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconheceu a casa na cidade de Goiás como patrimônio histórico da humanidade.

## 1.2 Contexto histórico e social em que as obras de Cora Coralina foram produzidas

**Figura 2 – Cidade Goiás**



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo pessoal

Cora Coralina viveu quase um século de vida e, por isso, presenciou os desafios e as mudanças sociais do seu tempo, inclusive as desigualdades sociais comuns em sua época. Os temas abordados pela escritora em suas obras são reflexos do ambiente em que ela viveu e de suas memórias. Ela retrata as relações humanas e sociais ao invés de abordar acontecimentos históricos de seu tempo, muito embora o particular esteja muito apoiado no universal, uma vez que não vivemos desconectados de um contexto histórico mais amplo. As obras “Estórias da casa velha da ponte” (2008) e “O tesouro da casa velha” (2002), por exemplo, exploram as

experiências cotidianas, as memórias, as tradições e as emoções humanas. Os escritos da autora são marcados por uma imensa conexão entre a vida comum, as pessoas comuns e sobre a própria vida, do nascimento à velhice.

Cora Coralina sempre esteve envolvida em um processo de busca por legitimação e visibilidade no campo literário, ao mesmo tempo em que procurava criar uma conexão entre sua obra e as realidades sociais. Para Candido (2006) as influências socioculturais múltiplas estão atreladas à estrutura social, aos valores e às ideologias e refere-se aos fatores socioculturais na obra de arte como algo que só está acabada no momento em que repercute e atua, por ser um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Nesse sentido, ele afirma: “[e]les [os fatores socioculturais] marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio” (Candido, 2006. p. 30).

Apesar da obra de Cora Coralina ser marcada por suas experiências pessoais, ela também é construída sob as influências socioculturais, haja vista que seu contexto de produção representa a sociedade brasileira entre os séculos XIX e XX. Dessa forma, o estudo da História da sociedade da época e a leitura da obra permitem a compreensão sobre como esses elementos influenciaram seus escritos e se refletem em sua visão de mundo e nas questões sociais que ela aborda.

Em 1956, Cora retorna a Goiás, às suas origens, às suas pedras e à velha casa da Ponte e inicia a organização cuidadosa de todos os seus registros. Essa volta permitiu um compartilhamento profundo de experiências e visões de mundo da poeta que se materializou em sua construção poética.

A criação literária de Cora tem parte de suas raízes na vivência rural e na vida interiorana, tornando-se um elemento essencial em sua obra,

o rural aparece como estrutura de sentimento do vivenciado, como resgate de um *habitus* compreensível no seio da experiência histórica da autora, a qual, sem hierarquias simbólicas, substancia suas criações, vinculadas à experiência da terra e do rural, à experiência de mulher engajada no ofício poético, num espaço masculinizado como o campo literário, reportando-se a um espaço social de dominação masculina, como o rural (Britto; Santos, 2009, p. 7).

Nesse lugar, as pessoas se aproximam da natureza de forma equilibrada, buscando harmonia entre a vida em comunidade e o ambiente ao redor. Há nesse ambiente, o espaço da fartura, vista como a manutenção da vida: “o forno de barro estava sempre aceso / e a copa e a mesa das refeições transbordavam da fartura / e da abundância da casa grande” (Coralina, 2007,

p. 64). Nesse espaço percebe-se a existência de alimento abundante, além do espaço de convivência e purificação da saúde, bem oposto ao da vida urbana. Assim, podemos entrelaçar obra e história de vida da poetisa para atribuir a ela o conceito de artesã e guardiã da memória, pois conseguiu testemunhar e eternizar o passado.

Cora Coralina rompe com as formas tradicionais da escrita ao utilizar uma linguagem próxima da oralidade, dando voz às suas experiências de forma mais autêntica e buscando uma expressão de uma época e de uma identidade de um povo. Por meio das narrativas, conectadas com a sociedade e a cultura, a autora reflete sobre as diferenças, transformações sociais e preocupação com a preservação da natureza, como mostra o poema: “A terra dura contaminada./ Os trigais perdidos.? (...) A erva está envenenada. / As fontes poluídas./ Não há mais verdes,/ nem herói, nem nada./ (...) Um estrondo abala a terra./ A última bomba?/ Não, a explosão demográfica”. (Coralina, 2004, p.269)

Cora Coralina é a mulher que fala de um Goiás que não existe mais, cujos costumes e tradições estão no passado, muitas palavras e expressões utilizadas na escrita não fazem mais parte do nosso dia a dia, mas representam a cultura de um povo. A escritora retrata suas memórias por meio de seus poemas e contos, trazendo à tona a importância da memória e da preservação das raízes culturais. Assim, emergem as vozes dos sujeitos marginalizados, dos párias da sociedade, dos invisíveis. Além disso, há a valorização da identidade regional e da representação da voz feminina na literatura brasileira. Isso nos mostra que os livros são “pontes entre as condições de humanidade de uma cultura e as formas estéticas geradas a partir delas, entre o mundo íntimo de quem escreve e a sociedade à qual pertence” (Andruetto, 2017, p. 28).

Isso nos mostra que os livros são “pontes entre as condições de humanidade de uma cultura e as formas estéticas geradas a partir delas, entre o mundo íntimo de quem escreve e a sociedade à qual pertence” (Andruetto 2017, p. 28). Percebe-se que a obra coralineana conecta a experiência humana com a cultura de uma determinada época, mas que se mostra atual, e a leitura dela permite ao leitor conhecer a realidade local de Goiás, os valores e as tradições.

## 2 A formação do leitor literário

### 2.1 A magia do conto: Formando leitores literários

Procuro minha escola primária e a sombra da velha mestra,  
Com seu imenso saber, infinita sabedora, sua arte de ensinar.  
Cora Coralina

A narrativa é uma manifestação cultural dos povos através do tempo e ao longo da História, uma vez que permite a interação, o compartilhamento de experiências e a construção de significados em diferentes culturas, épocas e sociedades. O hábito de contar histórias sempre fascinou e não se sabe ao certo quando surgiu, mas de acordo com Gotlib (1998), os contos mais antigos, que são chamados de “contos mágicos”, provavelmente, apareceram 4000 anos antes de Cristo.

Nossos ancestrais já contavam suas histórias, seja por meio de desenhos que ficaram registrados em cavernas ou narrativas como as fábulas, os mitos e os contos, com seus heróis. E a narrativa curta é uma forma de despertar o interesse pela leitura desde a infância, pois funciona como uma porta de entrada para o mundo da literatura, permitindo que os leitores explorem gêneros mais complexos à medida que vão expandindo suas experiências e expectativas.

Para Julio Cortázar (1974) e Nádia Gotlib (2004), o conto tem elementos fundamentais que chamam a atenção do leitor literário e isso se deve ao seu caráter conciso. Segundo Júnior (2024, p.46), “em suas variadas formas, o conto costuma ser definido como uma narrativa de ficção curta que pode ser lida de uma só assentada, visto que gira em torno de uma única trama ou conflito, inserida em um certo espaço com poucos personagens e a presença de um narrador”. O conto, por sua essência, é conciso e objetivo, o que o diferencia de formas mais extensas de narrativas como o romance. O conto, por ser uma narrativa condensada, apresenta poucos personagens, um narrador que conduz a história e que pode assumir um caráter subjetivo e outras vezes, objetivo. Cortázar (1974) diz que a brevidade do conto faz com que ele seja diferente do romance, haja vista que mesmo conciso, traz uma leitura intensa. Como o autor coloca,

[o] romance e o conto se deixam comparar analogicamente com o cinema e a fotografia, na medida em que um é em princípio uma 'ordem aberta', romanesca, enquanto uma fotografia bem realizada pressupõe uma limitação prévia, imposta em parte pelo reduzido campo que a câmara abrange e pela forma com que o fotógrafo utiliza esteticamente essa limitação. Não sei se os senhores terão ouvido um fotógrafo profissional falar da sua própria arte; sempre me surpreendeu que se expressasse tal como poderia fazê-lo um contista (Cortázar, 1974, 151).

Já para Nádía Gotlib (2004), o conto é um gênero literário que evoluiu ao longo da História, desde suas raízes na tradição oral até sua consolidação como forma escrita, e embora tenha ganhado destaque na era moderna com autores como Edgar Allan Poe e Julio Cortázar, sua essência permanece ligada à narrativa concisa e à capacidade de provocar uma resposta imediata no leitor. Júnior (2024), citando Gotlib afirma que

Gotlib (2004) admite como angustioso problema a tentativa de responder à pergunta o que é o conto? Destaca que a história do conto pode se esboçar a partir do critério de invenção, que se inicia com a sua criação e transmissão oral. Depois, seu registro escrito. Por fim, a criação por escrito em que o narrador assume múltiplas funções como contador – criador – escritor de contos, afirmando, então, seu caráter literário. Portanto, são os recursos criativos associados à voz de quem fala ou escreve uma narrativa, conferindo a essa um resultado estético, que diferenciam um contista de um contador de estórias (Júnior, 2024, p. 47).

Por sua vez, Gotlib (2004) explica que o conto é um gênero que não apenas entretém, mas também provoca reflexões profundas sobre a condição humana e os dilemas universais. Ao longo dos séculos, o conto tem servido como um meio privilegiado para explorar temas complexos e universais de maneira acessível e envolvente. A autora (2004) explica que

[e]mbora o início do contar estória seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos modos de se contarem estórias. Para alguns, os contos egípcios – os contos dos mágicos – são os mais antigos: devem ter aparecido por volta de 4.000 anos antes de Cristo. Enumerar as fases da evolução do conto seria percorrer a nossa própria história, a história de nossa cultura, detectando os momentos da escrita que a representam (Gotlib, 2004, p.6).

Portanto, tanto Cortázar quanto Gotlib concordam que o conto é uma forma literária multifacetada que desafia categorizações simplistas, sua verdadeira arte reside na capacidade do escritor de criar uma narrativa que seja ao mesmo tempo compacta e profunda, capaz de estimular a imaginação e provocar reflexões sobre a natureza humana. O conto continua a ser um campo fértil para a experimentação e inovação literária, mantendo-se relevante e impactante ao longo do tempo.

Por conseguinte, narrar faz parte de nossa constituição como sociedade e, por esse motivo, esse ato deve estar presente na escola, na sala de aula. A literatura “ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana” (Colomer, 2014, p. 27), pois nos faz refletir e questionar o que vivemos. E é nesse espaço de reconfiguração, a escola, que entra o leitor de contos literários, ou seja, aquele que viverá as práticas sociais da leitura absorvendo toda a função da literatura em seu desenvolvimento educativo e humano.

Dessa forma, é importante destacar que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (Candido, 2004, p. 174). Então, o ser humano, por meio da literatura, pode explorar um mundo com mais significado, conhecer diferentes culturas e experiências humanas.

Outrossim, é imprescindível reforçar a importância da formação de leitores literários na sala de aula, já que a escola é um espaço para desenvolver habilidades de leitura, compreensão, apreciação da literatura e produção de conhecimento. A literatura faz com que o ser humano desperte a capacidade de fabular, de imaginar, ela não apresenta respostas prontas para os problemas que o leitor enfrenta, mas pode fazê-lo questionar e refletir sobre o que é considerado naturalizado, porque a arte tem como função fundamental problematizar o mundo (Andruetto, 2017, p. 79).

Nesse sentido, “formar os alunos como cidadãos da cultura escrita é um dos principais objetivos da escola. Dentro desse propósito geral, a finalidade da educação literária, de acordo com a autora, ‘pode resumir-se à formação do leitor competente’” (Colomer, 2014, p.30). Assim, pode-se dizer que a prática leitora na escola tem como objetivo desenvolver habilidades de compreensão, interpretação, criatividade e também ampliar o repertório cultural dos discentes com a leitura literária, já que contribui para desenvolver o vocabulário e ajuda o estudante a refletir de uma forma mais crítica e consciente. Para Colomer (2014, p. 31), o

objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolivelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos [...]  
Em segundo lugar, o confronto entre textos literários distintos oferece ao aluno a ocasião de enfrentar a diversidade social e cultural [...]. (Colomer, 2014, p. 31, grifos do autor).

Dessa maneira, a leitura literária permite que o indivíduo, que tem o hábito da leitura, esteja sempre em evolução com as reflexões que o texto lhe apresenta, construindo assim seu conhecimento sobre o mundo e suas nuances. A leitura literária contribui para que o estudante compreenda o contexto histórico de produção da obra e se familiarize com costumes e ideologias que o leva a enriquecer sua percepção do mundo. O texto literário precisa nos trazer perguntas, despertar dúvidas e nos apresentar questões. A literatura pode nos fazer questionar nossa existência e nosso papel no mundo, nela

não está a palavra infalível nem a palavra uniforme que suprime a indecisão e a dúvida; muito pelo contrário, em seu mundo vivem a dúvida, as indecisões, as

dificuldades de compreensão, que são todas estratégias necessárias para pensar por nós mesmos, coisa sempre tão difícil. Enfim, a literatura não nos leva à simplificação da vida e, sim à sua complexidade, evitando o pensamento global, uniforme, para ir em busca da construção de um pensamento próprio (Andruetto, 2017, p. 79-80).

Portanto, conforme a estudiosa argentina (2017), a literatura é uma forma de nos fazer refletir sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor. Isso acontece porque a leitura nos transporta para um mundo de novas estórias, com personagens interessantes e situações que nos permitem observar diferentes vivências, nos leva a refletir sobre nosso próprio mundo e o que nos cerca.

Nesse sentido, o trabalho com o texto literário, em sala de aula, é primordial para o desenvolvimento de habilidades de leitura e formação de leitores competentes e críticos. Conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de Língua Portuguesa (LP)

assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (Brasil, 2018, p. 67).

Como se vê, o texto, segundo o documento oficial, é o elemento central no processo ensino-aprendizagem, não apenas por sua estrutura e conteúdo, mas também pelas circunstâncias em que foi produzido com o objetivo de desenvolver habilidades de leitura, entre outras. O gênero textual conto, por ser mais conciso, permite uma experiência literária diferenciada no sentido de que pode ser lido “em uma única sentada”, como diria Edgar Allan Poe, em comparação com gêneros mais extensos. Além disso, o conto proporciona o contato com narrativas curtas que abordam uma variedade de temas universais. Todorov (2007) afirma que o significado de uma obra vai além da opinião pessoal, envolve um esforço de compreensão e conhecimento. Logo, a leitura de contos vai além dos elementos constituintes, já que ela deve proporcionar uma experiência única para o leitor, uma experiência emocional e também intelectual para estimulá-lo a imaginação. Diante disso,

[o] leitor não profissional, tanto hoje quanto ontem, lê essas obras não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre sociedades a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça a sua existência (Todorov 2007, p. 32-33).

Nessa perspectiva, a inserção do estudante no universo do conto é um meio para colocá-lo no exercício da leitura, atraindo-o com uma linguagem que apresenta o gênero como

“incisivo, mordente, sem trégua desde as primeiras frases” (Cortázar, 1974, p. 152). Esse gênero textual pode ser impactante e prender a atenção do leitor logo no início do texto e isso na escola tem um papel de suma importância, pois estimula o interesse pela leitura, desenvolvendo a imaginação e a criatividade. Por isso, o trabalho com o conto deve ser realizado de forma constante, instigando o educando a perceber “os elementos invariáveis que dão ao conto a atmosfera peculiar e a qualidade de obra de arte” (Cortázar, 1974, p. 149) e transmitem significado e emoção ao leitor. Um desses elementos é a concisão que permite o desenvolvimento de competências leitoras que o jovem leitor levará ao longo da vida.

Em consonância com isso, o professor deve levar em conta que o trabalho com o gênero conto exige o conhecimento das especificidades do mesmo, por meio das vivências da leitura, para que possa entender o ofício do contista e apreciar o estilo dele. De acordo com Cortázar (1974, p. 150-151)

se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto, em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal, se me for permitido o termo; e o resultado é o próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo que uma vida sintetizada, algo assim como o tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência (Cortázar, 1974, p. 150 -151).

Com essa afirmação, complementa-se a ideia de que o conto é uma intersecção entre a vida e a escrita e que elas se ligam de maneira profunda e única. Daí a importância do trabalho com o conto em sala de aula, para trazer uma compreensão significativa do mundo e dos homens, estimular a imaginação, promover o desenvolvimento da linguagem e proporcionar reflexões sobre temas diversos de forma concisa e envolvente. Dessa forma, o professor deve ser o elo para conectar o texto literário aos alunos, a prática leitora necessita levar o estudante a ler, conhecer e interpretar o assunto do livro. É responsabilidade do professor organizar o material, esclarecer dúvidas, criar discussões e atividades que envolvam a turma, oportunizando uma aprendizagem mais significativa. Nesse sentido, requer-se que o professor seja, a priori, um leitor (Cosson, 2006).

Para despertar o gosto pela leitura, é necessário trazer o jovem para perto do conto e criar uma certa intimidade com o gênero. Assim, o aprendiz terá um contato com a narrativa curta para explorar a estrutura, o estilo e a temática, e poderá compreender o texto de forma mais profunda. Quando as histórias são bem escritas, elas conseguem envolver os alunos e torna a literatura presente no dia a dia. Esse fato faz com que o leitor, a partir de suas próprias

referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dê um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria (Chartier, 1996).

Diante disso, percebe-se que a presença do conto em sala de aula e o conhecimento prévio dos educandos faz com que a formação do leitor literário seja mais completa e devido a isso, o professor precisa desenvolver um trabalho que tenha como objetivo despertar o interesse e a curiosidade sobre o gênero. O papel do professor na mediação da leitura de contos é essencial, pois apresentar os contos aos estudantes é uma oportunidade de despertar emoções e sentimentos em relação à estória e aos personagens. Isso cria uma conexão entre os alunos e o conto e estimula a curiosidade pelo gênero literário.

Tendo em vista essas considerações, na próxima seção, discuto a importância do professor na mediação entre educando e literatura.

## **2.2 O potencial transformador do conto na vida do leitor e sua capacidade de gerar reflexão sobre questões sociais.**

O conto, ao abordar temas que têm relação com quem está lendo, pode ter um papel fundamental na formação e na vida do leitor, sendo capaz de desenvolver uma certa empatia tanto pelo assunto como pelos personagens. Destarte, segundo Calvino (2010), a Literatura como função existencial proporciona a leveza em relação ao peso que pode ser a vida. Desse modo, a Literatura é uma forma de encontrar equilíbrio e uma forma de escapar da realidade que nos circunda. E isso reforça a importância de o conto estar presente em sala de aula.

Esta pesquisa tem como objeto a prática da leitura e a formação de leitores literários na Educação Básica. Para tanto, toma-se como *corpus* de estudo o livro “As Estórias da Casa Velha da Ponte” e outras produções, em prosa e verso, da poeta Cora Coralina. No conto “Miquita”, por exemplo, a descrição detalhada das características físicas da personagem e da sua vida cotidiana revela um retrato complexo e humano e desperta empatia no leitor.

Miquita foi moça como toda moça.

Contou seus 15 anos como toda jovem. Era parda. Nem preta, nem morena, nem mulata; de pele manchada. Seca, sem ancas; de pernas compridas, canela fina e jeito de boneca de pano malfeita – sem sal e desajeitada.

Nem por tantos negativos da natureza, deixou de achar quem a quisesse. Casou-se mesmo, de palma e capela, que a mãe era lavadeira e caprichava com a filha.

Tempos depois, o marido a largava sem dizer nada, abria pé no mundo e nunca mais deu ligação.

Miquita, nova, sozinha, da beira do rio, onde passara a morar com a mãe, que aquela vida de bater roupa nas pedras não era de gente moça, resvalou para o beco onde abriu a porta.

Sempre de pele sarapintada, corpo andrógino de boneca de pano, sem sal e sem jeito, resvalou ainda mais – que o ofício não dava a ela nem para o aluguel do quarto sujo.

Jogou fora os sapatos cambados. Vestiu uns por cima dos outros, os três vestidos repuxados que possuía. Ajeitou rodinha. Botou pote na cabeça e passou a carregar água, da Carioca para a casa de uns e de outros. Trabalho mal pago, embora sempre lhe dava sobra de almoço e de jantar, canto para dormir e um ou outro cruzeiro para cigarro e pinga – seu maior prazer (Coralina, 2008, p.49).

Ao descrever as dificuldades enfrentadas por Miquita, a autora do conto aborda questões como a desigualdade social, a falta de empatia e o sofrimento enfrentados por pessoas marginalizadas. O texto desperta reflexões sobre as condições socioeconômicas vivenciadas por Miquita, as injustiças sociais, além de provocar discussões sobre solidariedade e meios de vida mais igualitários.

De acordo com Cortázar (1974), um conto pode ser escrito sobre temas corriqueiros da vida e é papel do contista apresentar situações significativas nos momentos simples vivência humana. Dessa forma, o leitor terá uma experiência envolvente que lhe desperta o interesse na leitura, “o tema do qual sairá um bom conto é sempre excepcional, mas não quero dizer com isso que um tema deva ser extraordinário, fora do comum, misterioso ou insólito. Muito pelo contrário, pode tratar-se de uma história perfeitamente trivial e cotidiana” (Cortázar, 1974, p 154).

Paralelo a isso, o conto, por seu caráter de concisão, exige uma linguagem cuidadosamente escolhida, que resulta em histórias envolventes que inspiram o leitor e despertam sentimentos e emoções até então desconhecidos, além de oferecer respostas para questões existenciais de maneira leve (Calvino, 2010). Por isso, o conto nos ajuda no enfrentamento da vida.

Cortázar (1974) explica que é necessário envolver o leitor desde o início da história, mantendo-o preso à narrativa e desconectando-o do mundo real, mas que, ao terminar sua experiência, ele, o leitor, volte com uma nova perspectiva e que olhe a si e ao mundo de uma forma mais intensificada.

Para que isso aconteça, o conto, muitas vezes, foge das narrativas tradicionais ao explorar temas diversos e, por isso, equilibra realismo e fantasia. Com isso, Bosi postula que

[o] conto cumpre ao seu modo o destino da ficção contemporânea. Posto entre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal, ele tem assumido formas de surpreendente variedade. Ora é quase um documento folclórico, ora a quase-crônica da vida urbana, ora o quase-drama do cotidiano burguês, ora o quase-poema do imaginário às soltas, ora, enfim, grafia brilhante e preciosa voltada às festas da linguagem (Bosi, 1978, p. 7).

Considerando essa perspectiva, Bosi destaca a versatilidade do conto, capaz de transitar entre diferentes estilos e perspectivas, conquistando e explorando a diversidade humana e isso é um terreno fértil para a imaginação, visto que cada conto explora vozes e visões diferentes. Sob esse viés, a leitura de contos na escola possibilita ao indivíduo se tornar mais aberto e compreensível à realidade, despertando sua capacidade de se identificar com outra pessoa, de se colocar no lugar do outro, sentindo o que ela sente, vendo o mundo com um olhar de aprendizagem sobre os sentimentos humanos. Isso ocorre porque os autores podem explorar diferentes perspectivas, posto que o texto literário, de acordo com Colomer (2014), é capaz de reconstruir a atividade humana e oferecer ferramentas para sua compreensão, ao criar espaços específicos de construção e negociação dos valores e dos sistemas estéticos de uma cultura.

Portanto, é fundamental valorizar o conto na sala de aula, para que se exerça o direito dos estudantes à Literatura (Candido, 2004). Além disso, o conto, ao explorar diferentes perspectivas, cumpre seu papel humanizador de despertar emoções e possibilitar a compreensão da complexidade da vida humana.

### **2. 3 O papel do professor na mediação da leitura de contos e no incentivo à formação do leitor literário.**

"Os rios não bebem sua própria água;  
as árvores não comem seus próprios  
frutos. O sol não brilha para si mesmo;  
e as flores não espalham sua fragrância  
para si. Viver para os outros é uma  
regra da natureza.

Papa Francisco

É importante ressaltar que o nascimento e evolução do leitor nem sempre ocorre espontaneamente. É indispensável e necessária a ajuda de um leitor mais experiente para auxiliar o leitor principiante e, ainda assim, criar o hábito da leitura não é um processo fácil, pois requer tempo, esforço e interesse pessoal. Ler, hoje em dia, passou a ser um hábito veloz e superficial devido ao uso da tecnologia, uma vez que a “mente linear, calma, focada, sem distrações, está sendo expulsa por um novo tipo de mente que quer e precisa tomar e aquinhoar informação em surtos curtos, desconexos, frequentemente superpostos — quanto mais rapidamente, melhor” (Carr, 2011, p.17). E essas mudanças, além de afastarem os estudantes do livro literário, podem ter consequências negativas, na forma em que absorvemos informações, como falta de concentração e pouco entendimento.

E nesse contexto o papel da escola é primordial, porque, muitas vezes, ela é o único e mais democrático espaço para a formação leitora. É nesse ambiente que o estudante terá contato com o mundo de leituras literárias e com discussões e reflexões sobre o texto lido.

Dessa forma, a escola entende que a prática da leitura literária é benéfica em sala de aula, uma vez que estudantes que leem têm maiores possibilidades de desenvolver atividades linguísticas, e por terem um contato mais específico com a língua escrita, tornam-se leitores com maior autonomia. Entretanto, o trabalho para desenvolver a formação leitora, em muitos casos, ainda é insuficiente ou não atende à demanda da sala de aula. Há ainda professores não leitores ou para os quais a leitura não é constante em seu dia a dia. Ora, para formação de sujeitos leitores é indispensável que o professor seja de fato um leitor.

Diante disso, percebe-se que a formação leitora exige que o estudante tenha um ambiente propício e que haja modelos de leitores na escola, pois, muitas vezes não há em casa ou no ambiente em que ele vive. Segundo Aguiar (2011, p.110) “[v]iver rodeado de material escrito não garante o nascimento de um leitor, no entanto, e exemplo dos pais, avós, irmãos, amigos, professores e bibliotecários é decisivo para aproximar a pessoa dos livros”. A escola deve, como diz Freire (1997), conectar o aprendizado à realidade e contexto dos alunos, evitando dicotomias entre teoria e prática.

Dessa forma, para uma efetiva formação de leitores em sala de aula, o professor deve conhecer tanto os autores como as obras e, também, desenvolver um trabalho em que transmita seu conhecimento com entusiasmo e clareza, caso contrário teremos, ainda, o que se vê na escola em relação ao trabalho com a Literatura, o estudo da biografia dos autores e dos estilos de época, em detrimento da abordagem principal que é o texto literário. Além disso, o texto literário também tem sido utilizado como pretexto para trabalhar conteúdos gramaticais, sob a justificativa de contribuir para melhorar a escrita dos estudantes, “[a] leitura está, em muitos casos, atrelada ao ensino 'da gramática, pois o texto lido motiva a redação e, segundo os projetos, ajuda a escrever melhor” (Zilberman,1991, p. 80). Essas práticas não valorizam a formação de leitores, a leitura em sala de aula deve ser uma prática democrática que permita aos estudantes participar e compartilhar suas aprendizagens e expectativas. Assim, o texto literário

[...] ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria-se um espaço específico no qual se constroem e negociam valores e o sistema estético de uma cultura. Esta ideia básica contribui para a nova argumentação sobre a importância da leitura no processo educativo (Colomer, 2014, p. 27).

Nessa perspectiva, compreender a importância da leitura no processo educativo é reconhecer que os textos literários têm o poder de reconfigurar a atividade humana, transformando a forma como agimos e nos ajudando a compreender a realidade. Ao se tornar leitor o estudante tem consciência de que o ato de ler em si não vai modificar a situação do mundo em que vivemos, como diz Harold Bloom (2001), mas fará com que ele questione e busque respostas para lidar com essas questões e, quem sabe, trazer mudanças para seu espaço.

Outro aspecto importante do trabalho da formação leitora na escola é que ainda há uma função educativa da Literatura em sala de aula, ou seja, o texto é utilizado de forma utilitária, como o exemplo citado anteriormente, para trabalhar conteúdos gramaticais e não como um processo para instigar a criatividade e ampliar o repertório cultural dos alunos.

De acordo com Barthes (2004, p.10) a força da representação, corresponde “a segunda força da literatura, é sua força de representação. Desde os tempos antigos até as tentativas da vanguarda, a literatura se afina na representação de alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real”. A literatura, tem poder de representar o real, ela sempre representou algo (Barthes, 2004). Ela, a literatura, tem o poder de conectar o leitor ao mundo real, e isso possibilita reflexões e a capacidade de fazer com que o pensamento se transforme em ação e até mesmo permitir mudanças pessoais. Por meio da leitura, os estudantes ampliam seus conhecimentos e desenvolvem habilidades de compreensão e interpretação. A escola também desempenha um papel fundamental, pois ao criar um ambiente leitor, incentiva a prática leitora de maneira constante. E, nesse processo, a figura do professor na sala de aula como o mediador da leitura, como aquele que coloca o aluno na relação corpo-a-corpo com o texto literário é primordial para que se efetive com eficácia o trabalho com a leitura na escola. Não se desconsidera, por óbvio, que há toda uma gama de outros mediadores que também podem exercer papel igualmente importante para a formação leitora do jovem.

Dessa forma, para que ocorra a formação do jovem leitor literário, é importante incentivar visitas às bibliotecas e criar um espaço acolhedor de trocas de experiências sobre os livros, “é sobretudo o entusiasmo, o comprometimento demonstrado por meio da leitura conjunta, do diálogo sobre os assuntos lidos, das trocas de livros, dos relatos de experiências leitoras que mobilizam o novo leitor” (Aguiar, 2011, p.110). Assim, é fundamental “ampliar as rotinas de construção compartilhada e da relação entre leitura e escrita nas atividades escolares e de estímulo à leitura” (Colomer 2014, p. 109). Essas práticas são extremamente relevantes para incentivar a leitura e para que o estudante compartilhe suas percepções sobre o que está lendo, que pode ser realizada também por meio da produção textual.

Nessa perspectiva, o leitor literário desempenha um papel fundamental em sua experiência leitora, cabe a ele relacionar o texto com suas expectativas e experiências, dando significado à obra. Por conseguinte, a leitura permite entrar em contato com muitas culturas, épocas históricas além de nos oportunizar conhecer realidades diversas. E nos permite explorar vários temas e textos, oferecendo novas visões e perspectivas de vida. Sob esse viés, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante” (Cândido, 2004, p. 180).

Diante desse cenário, a seleção cuidadosa dos livros de Literatura e a forma como os apresentamos aos estudantes são fundamentais para despertar o interesse e criar um vínculo duradouro com a leitura. Um trabalho voltado para os textos que chamem a atenção do estudante é essencial para despertar o interesse e o envolvimento com a leitura, pois haverá razões que os levarão a escolher obras pertinentes e a desenvolver a vontade de ler. Nesse sentido, é válido enfatizar que “lemos (...) porque, na vida real, não temos condições de “conhecer” tantas pessoas, com tanta intimidade; porque precisamos nos conhecer melhor; porque necessitamos de conhecimento, não apenas de terceiros e de nós mesmos, mas das coisas da vida” (Bloom, 2001, p. 20). Os livros têm a capacidade de desenvolver habilidades de leitura crítica, interpretação de textos e pensamento reflexivo. O leitor sai do papel passivo e passa a ser agente juntamente com o autor e o texto, transformando conhecimentos já adquiridos em outros novos, ampliando seu entendimento e compreensão de mundo.

Nesse contexto, Freire (1996) afirma que o saber ensinar é criar as possibilidades para a produção e/ou construção do conhecimento, ou seja, não se resume ao simples ato de transferi-lo. Por conseguinte, o professor, ao apresentar possibilidades para um estudante construir seu próprio conhecimento, permite que ele seja capaz de se tornar autônomo e protagonista de seu aprendizado. A leitura deve ser constante na vida do ser humano, visto que é uma atividade que além de ser prazerosa, torna o leitor construtor de seu próprio conhecimento. Outro aspecto importante é que essa leitura pode ter um papel que muda, que transforma o pensamento, uma vez que os contos também exploram temas como desigualdade, exclusão, e isso permite que o leitor reflita sobre questões atuais na sociedade na qual está inserido.

### 3 O Lâmpião da Rua do Fogo – O humor

#### O lâmpião da Rua do Fogo

“E nem sequer aflorei o humor de Cora Coralina. Sua ironia e às vezes sacarmos demolidor.”

Oswaldino Marques

**Figura 3 – Cidade de Goiás**



Fonte: Débora Cunha Freire – Arquivo pessoal

Ali, naquele velho canto onde a Rua de Joaquim Rodrigues faz um recanteio, morava Seu Maia, casado com Dona Placidina, numa casa de beirais, janelas virgens da profanação das tintas, porta da rua e porta do meio. Portão do quintal, abrindo no velho cais do Rio Vermelho. Isso, há muito tempo, antes da rua passar a 13 de Maio e da casa ser fantasiada de platibanda.

Seu Maia era muito conhecido em Goiás e era porteiro da Intendência. Boa pessoa. Serviçal, amigo de todo mundo e companheiro de boas farras. Gostava de uma pinguinha em doses dobradas, dessas antigas que pegavam fogo. Então, se misturava vinho, conhaque e aniseta; só voltava para casa carregado pelos companheiros, que o entregavam aos cuidados da mulher.

Esta, acostumada, embora com a sina ruim, como dizia, não poupava a descalçadeira quando recebia o marido naquele fogo, arrastando a língua, de pernas moles, isto quando não virava valente, quebrando pratos e panelas e disposto a lhe chegar a peia.

Dona Placidina era muito prática, nessas e noutras coisas... Ajeitava logo um café amargo, misturado com frutinhas de jurubeba torrada, que o marido engolia careteando e o empurrava para a rede, onde roncava até pela manhã ou se agitava e falava a noite inteira.

— Coitada de Dona Placidina, comentavam as amigas. Seu Maia é um santo homem sem esse diabo da pinga.

E ensinavam remédios, simpatias, responsos, rezas fortes. Simpatia que dera certo em outros casos, era nada para ele. Remédios? Inofensivos como a água do pote. Os próprios santos se faziam desentendidos dos responsos, velas acesas e jaculatórias recitadas.

Dona Placidina, cansada daquele marido incorrigível, acabou botando o coração ao largo, embora achasse, no íntimo, que melhor seria uma boa hora de morte para ela... ou antes, para o marido, esta parte no subconsciente.

Naquele dia, como a dose da boa fosse mais pesada, Seu Maia, que já vinha se ressentindo do fígado com passamentos e vista escura, se achou pior.

Os amigos o trouxeram para casa mais cedo. Tiveram mesmo de o levar para a cama e o meter entre as cobertas. De nada valeu a chazada caseira.

No dia seguinte, chamaram Seu Foggia que diagnosticou empanchamento e doença do coração. Receitou um purgativo e uma poção. Seu Maia piorou. Dona Placidina se desdobrou em cuidados especiais. Esqueceu o defeito do marido, as desavenças, os pratos quebrados e passou a sentir, antecipadamente, os percalços da viuvez.

Os amigos não arredaram. Faz-se a conferência médica das vizinhas prestativas. Escalda-pés, benzimentos, sinapismo, nada deu jeito. Nem valeu promessa de muito boa cera ao senhor São Sebastião. Seu Maia morreu.

Os companheiros tomaram conta do morto. Levaram o corpo. Vestiram-lhe o fato preto de sarjão, que tinha sido do casamento. Calçaram meias, ajuntaram-lhe as mãos no peito. Pearam as pernas e passaram um lençol branco, bem apertado, no queixo. Chamaram um canapé, largo de palhinha, para o meio da sala, deitaram o cadáver, cobriram com um lençol. Cuidou-se do pucarinho de água benta, com seu ramo de alecrim. Acenderam-se as quatro velas e, nos pés do morto, botou-se um caco de telha com brasa e grãos de incenso. Era assim que se arrumava defunto em Goiás, antigamente.

Os amigos foram chegando, tomando posição e começou o velório. Dona Placidina, entregue aos cuidados das amigas, mal escapava de uma vertigem, caía noutra. Afinal, à força de chás de arruda, de casca de tomba e de Água Florida de Murray, voltou a si e, como era decidida e de espírito prático, botou de parte o abatimento e passou a cuidar do pessoal que fazia sentinela.

Café com biscoito pelas 10 horas. Mais tarde, mexido de lombo de porco e ovos fritos com farofa, comido na cozinha, e requentão quando a noite esfriou mais e os galos passaram amiudar. Entre a diligência caseira e suspiros puxados, a viúva, de vez em quando, levantava a ponta do lençol que cobria o marido e enxugava umas lágrimas hipotéticas. “Bom marido”, lastimava e, lá consigo, “não fosse a pinga, era a falta que tinha...”

No dia seguinte, veio o caixão com tampa solta, como de costume. Agasalharam ali o defunto. Chegaram mais amigos e mais comadres. Dona Placidina louvava as virtudes conjugais do finado, em crises nervosas de choro seco — sem lágrimas, o choro mais difícil que existe.

A cada visita que chegava, com seu carinhoso abraço e formalíssimos “meus pêsames”; havia uma exaltação no choro ressecado da viúva.

Pelas duas horas, começou a fazer vento de chuva e um trovão surdo se ouviu ao lado da Santa Bárbara. Como o caixão teria mesmo de ser carregado na força dos braços, os amigos resolveram apressar o saimento, antes que o tempo enfarruscado se decidisse em água. Vento da Santa Bárbara é chuva certa no São Miguel. E enterro debaixo de chuva era a coisa mais estragada que podia acontecer em Goiás.

Dona Placidina se debruçou em cima do morto. Não queria deixar sair Seu Maia, coitado... As amigas com chazadas de alecrim. Os amigos tomaram conta das alçadas e ganharam a rua. Entraram na outra, que era Direita, naquele tempo. Passaram a ponte da Lapa, subiram e entraram no Rosário para encomendação do corpo.

Os sinos das igrejas, todas, dobrando a lamentação de finados. Pela intenção do morto, cada amigo mandava dar um sinal nas igrejas, quanto quisesse. Ainda que os sinos tocam como a gente quer, alegres ou soturnos.

Os sineiros sempre tiveram esmero especial para anjinho ou defunto. Essas duas palavras, em Goiás, delimitavam as circunstâncias da idade, sem mais explicações. Anjinho era criança mesma ou moça virgem e, defunto, gente pecadora.

Ia o cortejo subindo e os homens se revezando nas alças, que o morto estava pesado. Com a doença curta, nem tivera tempo de emagrecer. Iam depressa, que a chuva já tinha posto uma carapuça branca no cocuruto do Canta Galo.

Na frente, um popular, afeito àquele préstimo, carregava a tampa que só ia ser colocada na beira da cova. Outros levavam os dois tamboretas, tradicionais, para o descanso do ataúde, quando se trocavam os que iam carregando. Os músicos, de fardão escuro, tocavam um funeral muito triste. Sendo de notar que não havia enterro em Goiás sem acompanhamento de música, somente os muito pobrezinhos. Na rabeira, a molecada da rua. Queriam ver o caixão descer no buraco, se divertiam com aquilo.

Na esquina da Rua do Fogo com a Rua da Abadia, existiu, durante muito tempo, um poste de lampião antigo, saliente, fora de linha, puxando mesmo para o meio da rua. Era um tropeço. Coisa embaraçosa. Não foram poucos os esbarros, cabeçadas, encontrões verificados ali.

Enterros que subiam, já de longe, começavam a torcer à direita para se desviar do lampião, que não tinha outra conseqüência senão atrapalhar. Naquele dia, com a aflição da chuva que vinha perto e com o peso do caixão que era demais, ninguém se lembrou do poste. Foi quando o compadre Mendanha, que ia na alça dianteira pela esquerda, pisou de mau jeito num calhau roliço, falseou o pé, fraquejou a perna e... bumba! Lá se foi o caixão bater com toda força no lampião.

Com a violência do baque, o defunto abriu os olhos, desarrumou as mãos e fez força de levantar o corpo.

A essa hora, o pessoal do enterro tinha se desabalado, em doida carreira pela rua abaixo e largado o morto se soltando da laçada das pernas. O dia inda estava claro, não era hora de assombração. Alguns, mais esclarecidos, resolveram voltar e ver de perto o acontecido.

Encontraram Seu Maia de pé, muito amarelo, escorado no poste, com tremuras pelo corpo e olhando, com desânimo o caixão vazio. Reconheceram, então, que o mesmo estava vivo e que era preciso voltar com ele para casa. Guardaram o caixão inútil na igreja da Abadia e desceram a rua, amparando o ex-morto.

Todas as janelas, agora, com gente assombrada ante aquele caso novo na cidade. A meninada na frente, gritava:

— Evém o defunto...

De dentro das casas, os moradores corriam para as portas e só se ouvia:

— Vem ver, Maricota... vem ver, Joaquina. Óia o defunto que evém voltando...

Amparado pelos amigos, metido naquele sarjão preto, desusado, calçado só de meias, lenço na cara e muito devagarinho vinha Seu Maia de volta.

Um portador foi na frente avisar Dona Placidina, daquela ressurreição e conseqüente retorno, ao que ela só teve expressão sintomática:

— Seja pelo amor de Deus.

Seu Maia chegou afinal, entrou, recebendo um abraço de boas-vindas mais ou menos calorosas da mulher. Bebeu um cordial. Meteu-se na cama e de novo foram chamar Seu Foggia.

Este veio. Examinou, apalpou, auscultou, pediu para ver a língua. Concluiu, com sabedoria, que tinha sido um ataque de catalepsia, muito parecido com a morte, mas que não era morte, não.

A providência tinha sido o lampião do meio da rua, senão teria sido mesmo enterrado vivo.

A cidade comentou o caso por muito tempo. Seu Maia foi entrevistado por todos os sensacionalistas da terra — gente insuportável daquele tempo. Muita língua desocupada levantou a suspeita de que vários fulanos e sicranos daquele tempo tivessem sido enterrados vivos e toda a gente ficou se pelando de catalepsia. Os letrados foram até o Chernoviz e Langard. Conferiram-se diploma no assunto e discorriam de doutor e com muita prosódia, sobre catalepsia ou morte aparente.

Enquanto os comentaristas faziam roda, o doente recuperava a saúde. Dona Placidina, muito prática como sempre, aproveitou o acontecimento para uma pequena homilia doméstica, complicada e cheia de boa dialética feminina, de que “aquilo fora aviso do céu e castigo de Deus...”

E já pelo choque emocional — vá lá que naquele tempo não havia destas coisas não — já pelo medo de novo ataque e de ser mesmo enterrado vivo, o certo é que o homem moderou a bebida.

Dona Placidina, no entanto, já havia, no seu foro íntimo, aceitado a ideia da viuvez e aquela volta inesperada do marido vivo não melhorou de muito os pontos de vista da ex-viúva.

Alguns meses depois, Seu Maia adoecia gravemente. Vieram os amigos da primeira viagem. Apareceram as clássicas e infáveis comadres. Deram-se os remédios. Da botica e extrabotica. Foi bem purgado e lhe aplicaram ventosas e sinapismos. Nada serviu. Seu Maia morreu.

Seu Foggia então declarou que, por via das dúvidas, só levassem o morto quando começasse a feder. Fez-se de novo o velório com todas as regrinhas de costume. Café com biscoito pelas dez horas. Viradinho de feijão e linguiça comidos, com voracidade e discrição na cozinha, e quentão forte de canela e gengibre, quando a noite esfriou e os galos amiudaram.

Contaram-se casos. Louvaram as virtudes do finado, num breve necrológio. Passaram a anedotas discretas. Falou-se da carestia da vida, dos erros do governo e se fez a filosofia da morte. A viúva chorou, mais ou menos conformada com aquela segunda via. O compadre Mendanha tomou conta de trocar as velas que iam se consumindo, de regrar o pucarinho de água benta com seu raminho de alecrim.

No dia seguinte, quando perceberam que não mais haveria engano, os amigos ajuntaram as alças e levantaram o caixão.

Dona Placidina, muito experiente, despediu-se do morto em soluços alternados. Teimou com as amigas: dessa vez havia de acompanhar, ao menos até a porta.

O compadre Mendanha, muito metódico e apegado aos velhos hábitos de sempre pegar caixão pela alça da frente e da esquerda, tomou posição. Outros pegaram pelos lados, adiante saiu a tampa, carregada por um popular e os tamboretas indispensáveis, renteando o caixão aberto.

Espalhado pelas ruas, o acompanhamento, só de homens. Agrupada com seus instrumentos enlaçados de crepes, a banda do funeral. Arrumado o cortejo, Dona Placidina botou o corpo fora da porta e chamou alto:

— Compadre Mendanha... Escuta, compadre, cuidado com o lampião da Rua do Fogo, viu... Não vá acontecer como da outra vez.

Fonte: CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Editora Gaia, 2008. p. 63-71.

\*\*\*\*\*

O conto, “O lampião da rua do fogo”, mesmo com palavras que não fazem parte do vocabulário dos estudantes, traz uma carga de humor que pode atrair a turma na primeira leitura. O texto nos conta a estória de Seu Maia e Dona Placidina, um casal morador da Cidade de Goiás. Seu Maia gostava de beber e nestes períodos se mostrava uma pessoa um tanto valente em casa. A esposa, Dona Placidina, sofria com as atitudes do marido, que bebia bebidas alcoólicas e prejudicava a saúde, mas as tentativas de fazer com que ele mude de postura se mostram inúteis. Entretanto, dona Placidina era uma mulher prática frente a um marido bebedor e sempre cuidava do esposo nesses momentos. Porém, estava cansada e pensava se não seria melhor morrer, ou que seu Maia fosse primeiro.

Até que um dia, o esperado acontece, seu Maia falece e dona Placidina, mesmo abalada com a morte do marido, toma conta de todo o processo para o sepultamento. Naquela época, os caixões eram levados a pé até o cemitério e contava com a ajuda de velhos conhecidos para

segurar as alças. No cortejo, um compadre, que ajudava a carregar o ataúde, tropeçou e o caixão bateu no poste do lampião. Seu Maia, que não estava morto, acordou com o impacto – o que fez com que várias pessoas presentes na cerimônia do enterro saíssem correndo. Ainda abatido com o falso passamento, seu Maia voltou para casa e aos poucos foi se convalescendo, até que um dia adoeceu e morreu realmente. Quando ia sair o cortejo, dona Placidina grita para o compadre, que mais uma vez estava carregando as alças do caixão, para não tropeçar novamente.

A narrativa de Cora Coralina é leve, o que faz com que os estudantes leiam com entusiasmo o texto, visto que desde o início há um tom de humor. A fala de Dona Placidina no final do texto causa um efeito inesperado, já que cria um contraste entre a tristeza e a seriedade da morte com uma comicidade inesperada. A autora aborda temas como a vida cotidiana, as miudezas dos dias, a fragilidade da vida e as ironias do destino, “a vida na cidade é traduzida pela vida nos becos, nos personagens que ali residem e circulam” (Britto; Seda, (2009). E o conto “O lampião da rua do fogo” faz o leitor refletir sobre as complexidades da existência humana, pois apesar do texto ter esse tom de humor, ele pode suscitar discussões sobre o alcoolismo e suas consequências.

A escolha da primeira leitura de Cora Coralina deve ser um elemento que traga conexão entre o texto e o leitor para que esse perceba a riqueza poética e cultural em suas obras. Dessa forma, o -texto deve cativar o leitor, haja vista que o desconhecimento, em muitos casos, da escritora goiana dificilmente oportunizaria um contato com sua obra, mas como diz Ana Maria Machado, “o que se deve procurar propiciar é a oportunidade de um primeiro encontro” (Machado, 2002, p.12). Esse primeiro contato entre o leitor e o livro deve ser cativante, resultando na formação de uma memória duradoura, mesmo que sutil, mas que esteja presente ao longo da vida (Machado, 2002).

Textos que trazem como temáticas: alcoolismo, violência, resiliência (no caso de dona Placidina) morte e luto suscitam discussões sobre questões sensíveis presentes na sociedade. Os estudantes não estão desconectados dessa realidade e, por isso, podem se posicionar, evocando memórias e acontecimentos que vivenciaram. O debate pode tratar de questões pessoais com perguntas sobre as personagens, como por exemplo: Como a esposa lidava com as bebedeiras do marido? Ela aceitava? Ou apenas se conformou com o que vivia?

### 3.1 Sugestão de Atividade

As oficinas devem ser cuidadosamente planejadas para a leitura dos contos de Cora Coralina, buscando atrair, entreter, emocionar e oferecer uma experiência envolvente para a participação de todos. Cada etapa tem como objetivo determinar a maneira mais eficaz de alcançar os objetivos e implementar as estratégias de ensino.

A finalidade da primeira aula é sensibilizar os estudantes sobre a importância da leitura de contos e como ela pode estimular a imaginação. Em seguida, deve-se instigar as diversas interpretações relacionadas às temáticas presentes no conto “O lampião da rua do fogo”: violência, alcoolismo, relacionamento, entre outros.

Neste primeiro momento, a proposta de produção, realizada na escola campo com a turma de 8º ano, foi a elaboração de um final alternativo para o conto e é possível conferir, na sequência, as produções.

#### Conto: O Lampião da Rua do Fogo

##### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

**Identificação dos conhecimentos prévios:** Em uma roda de conversa, discutir com os estudantes o gênero a ser estudado e a vida e obra da escritora goiana Cora Coralina.

- Vocês gostam de ler, ouvir ou contar histórias?
- Vocês conhecem Cora Coralina?
- Já leram ou ouviram algum poema ou conto da escritora goiana Cora Coralina?
- Conhecem o gênero textual conto?


Neste momento, apresentar a escritora para os estudantes e o vídeo “Museu Casa de Cora Coralina”. Em seguida, pedir que os aprendizes falem alguns títulos de contos que, possivelmente, leram e também contos ou poemas que conhecem de Cora Coralina. É importante promover uma conversa com os jovens para despertar o interesse e a curiosidade sobre o texto que será lido. Logo após o diálogo inicial, dizer aos discentes que irão ler um texto chamado “O Lampião da Rua do Fogo”, motivando-os a levantarem hipóteses do conteúdo a partir do título antes e durante a leitura.

**Leitura:** Feita em voz alta pela professora e, em seguida, fazer uma checagem das hipóteses levantadas antes e no decorrer da leitura.


**Ampliação dos conhecimentos:** Discussão sobre o texto – refletir sobre os diversos aspectos como a linguagem e os recursos utilizada pela autora para emocionar o leitor, a relação entre a história, os personagens e a vida.

**Sistematização do conhecimento:**

1. Dividir a turma em dois grupos para criarem finais alternativos para a estória
2. Em casa, escrever, individualmente, um final alternativo para o conto.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA  
MESTRADO - PPGEED  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**




**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**PRODUÇÃO TEXTUAL**  
Final Alternativo para o conto O Lampião da Rua do Fogo – Cora Coralina


**Grupo 1 - 06/10/2023**

Após o compadre levar o tropeção, seu Maia dá uma sacudida e acorda zozzo, sem saber onde estava e o que havia acontecido. As pessoas ficaram com tanto medo do homem ter ressuscitado que fugiram em disparada, deixando o pobre coitado sozinho. Um vizinho, chegou perto e certificou que ele estava realmente vivo e o levou cambaleando para casa. Dona Placidina quase foi a morta da vez ao se deparar com o marido em carne e osso.

Após tudo se acalmar, seu Maia decidiu mudar os hábitos e se tornar um marido melhor: parou de beber, cuidou da saúde e permaneceu ao lado de sua esposa por muitos e muitos anos.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA  
MESTRADO - PPGEED  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



**ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**PRODUÇÃO TEXTUAL**  
Final Alternativo para o conto O Lampião da Rua do Fogo – Cora Coralina

**Grupo 2 - 06/10/2023**

As pessoas da cidade de Goiás já não acreditavam mais que um dia seu Maia passaria desta para melhor. Ele voltou aos antigos hábitos e continuou bebendo nas noitadas, chegando em casa de madrugada e valente como sempre. Mas no dia em que ele morreu de verdade, após a comprovação, a população foi ao enterro fazer as últimas homenagens e dentre as pessoas no velório, uma chamou a atenção: o compadre. Lá estava ele pronto para segurar a alça do caixão. Quando o corpo já estava a caminho do cemitério, dona Placidina chega correndo e diz ao amigo:

- Compadre, muito cuidado para não tropeçar novamente no lampião, pois o coitado já partiu em paz e não precisa de mais um susto. Que ele descanse em paz.

#### 4 As capas do diabo – A escravidão e seus horrores

Aí, Fidêncio gritou:  
- Divino Espírito Santo...  
O bode deu um estouro e desapareceu.  
Cora Coralina

“Que triste essa história! A gente  
não sabe a realidade que essas  
pessoas viveram.”  
N.S. 8º B

**Figura 4 – Cruz situada no centro histórico da Cidade de Goiás**



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo Pessoal

##### **As capas do diabo**

Monsenhor Chiquinho Xavier era goiano. Estudou no antigo Seminário de Ourofino, no tempo do Senhor Dão Cláudio, Bispo de Goiás, de gloriosa memória. Dão Cláudio, depois de muitos anos do seu múnus apostólico, cansado do pastoreio de um rebanho escasso, espalhado por uma diocese encore e desprovada, entregou seu cajado de pastor, recolheu-se à cela humilde de seu convento e ali morreu como pobre e obscuro lazarista.

Monsenhor Chiquinho viveu longamente. Foi vigário de Corumbá durante 50 anos. Fez suas bodas de ouro sacerdotais e foi um padre digno do seu ministério, todo ele devotado à igreja e aos seus paroquianos. O nome do glorioso lazarista nada tem com esta pequena história.

É aqui lembrando pelos benefícios que praticou em Goiás numa era remota, paupérrima e difícil, descobrindo e incentivando vocações, estudando e ordenando jovens goianos pobres que foram padres excelentes.

O nome de Monsenhor Chiquinho nada tem a ver com esta pequena história, entra aqui pela glória do seu apostolado e porque era sobrinho e afilhado da Senhora Dona Manoela Maria de Magalhães e Távora de Taborda, fazendeira das maiores que vivia nos seus feudos roceiros, entre Capelinha e Nazaré, nos fundos de Anicuns, por volta de 1865.

Tinha essa senhora, Dona Manoela Maria de Magalhães e Távora de Taborda, terras e gado, pastos e canaviais. Escravos e cambembes trabalhavam nos seus eitos, lavravam suas roças. Comiam da sua paçoca e viviam do seu pirão. Recebiam suas pagas, certas, regradas, isso os cambembes e agregados. Já aos escravos, eram dadas, duas vezes por ano, mudas de camisa de baeta vermelha e sungas grossas de tear.

Por graça e regra da nobre senhora, eram-lhes separadas nesgas de roçado, onde plantavam mandiocas e batatas doces. Domingos e dias santos eram relevados. Depois de ouvida a missa na capela, eram livres. Podiam andar nos matos, caçar com seus mundéus, pescar nos corgos e alagados; e de noite, acender fogueira e fazer seus quibungos no terreiro e, ao som dos maracás e dos atabaques, dançar.

Dona Manoela era pontual, metódica, cuidadosa e boa. Guardava os preceitos e tinha caridade.

Um escravo de confiança, de nome Fidêncio, era feitor do terreiro da fazenda e uma escrava de nome Roxa, mulher desse mesmo feitor, era encarregada de reger a casa e feitorizar o serviço caseiro das escravas. Essas faziam de tudo. Da manguieira ao coalho, da farinha às gomas diversas, dos tachos de refinar aos pesados pilões, onde se socava de três, conjugadamente. Na cozinha enorme, não faltava fogo na fornalha, nem panela cozinhando.

O forno ali estava, sempre provido de lenha para assados, merengues, roscas e biscoitos e mulheres para tudo isso.

Da copa para dentro, nos estrados de costura e nas esteiras, eram as mucamas novas e novatas aprendendo e executando serviço fino, compenetradas e atentas, silenciosas, de agulha e dedal, cada hora se movendo para lavar as mãos para não enxovalhar a costura. Eram bordados e crivados, tudo no linho, caprichado, esmerado, perfeito. Vinham peças de bramante da Corte, dentro de grandes caixas envidraçadas. Enormes meadas de linha sedosa, branca e em cores delicadas, eram componentes inseparáveis. Linho diversos, telas finíssimas, outras de larguras inéditas, destinadas aos lençóis, às fronhas e às toalhas. Tudo o bragal da casa, vasta e aparatosa, era trabalhado com perfeição. Toalhas e fronhas tinham coplas bordadas, temas amistosos, versificados.

Dona Manoela tinha mandado pedir ao seu correspondente da Corte que lhe mandasse uma peça da mais fina Holanda que ali fosse encontrada.

Meses depois chegava o pedido. Coisa fina de ver. Dona Manoela mandou cortar, daquele cabedal, uma vasta camisa e duas saias brancas de baixo. Encaminhou aqueles cortes para o estrado com recomendações de maior cuidado e perfeição. Tempos depois, terminados os trabalhos, em costuras, cheios, abertos, barafundas, perfeitamente acabados, Dona Manoela louvou aquele trabalho em curtas falas e mandou que a escrava guardasse tudo, como estava, no escaninho de segredo da grande arca, do canto da sua alcova. Ali aquelas peças deviam permanecer à mão. Eram elas para seu corpo, depois de morta.

Faziam parte de sua mortalha de adamascado de seda roxa que há tempos mandara costurar e que lá estava dobrada, dentro de uma toalha de linho com pedras de cânfora. Que ninguém mexesse naquilo até o dia da sua morte. Foi a palavra final.

Era festa do Senhor Divino Espírito Santo em Anicuns. Festa de pompa e arromba, de imperador, capitão do mastro e alferes da bandeira, cabendo sempre tais honras a gente de prol e recursada do lugar. Festas, novenas, procissão, fogueiras, lanternas e luminárias, levantamentos de mastro, folias, congadas, danças, corridas e fogos.

Gente de toda parte corria para Anicuns a pagar suas promessas, cumprir com os preceitos, batizar os seus pagãos, acertar situações íntimas, crismar seus meninos. Outros iam só festar, não poucos comprar e vender. Pela volta da igreja, barracas trançadas de palma e de ramos. Tudo era colorido e alegre.

Meses antes, ninguém fazia mais negócios. Pagamentos, tratos, cobranças, recebimentos, tudo era adiando para “depois da festa”. Moradores das mais desconhecidas bibocas deixavam seus ranchos, seus sítios e taperas e vinham na caminhada em demanda de Anicuns. A grande romaria veredava, cortando rumos onde houvesse água. Famílias se agrupavam, velhos conhecidos se encontravam.

Uma multidão mesclada, suja, empoeirada, homens, mulheres e crianças. Velhos capengando, cegos. Fazendeiros passavam em cavalgada, mulheres, fazendeiras, montadas em ricos silhões de veludo ou camurça, moças e moços tomavam à frente, joviais, levantando poeira, merendendo, comendo suas matulas pelo caminho.

Passavam antigos banguês de gente idosa, carregadas por escravos. Muitos vinham de longe, sobrecarregados de tanto peso. Traziam doentes em rede, outros arrastavam seus parálíticos em couro de boi. Vinham todos no mesmo sacrifício coletivo, trazer suas ofertas, pedir o milagre da cura, a esperança de melhoras.

Dona Manoela não se sentiu com ânimo de viajar, nem mesmo no seu grande banguê costumeiro, tirado nos ombros de seus escravos. Deixava-se ficar na fazenda com sua água de flor de laranjeira e sua melissa costumeira. Mandou que pela santa devoção, fossem os escravos, ficando alguns poucos no serviço do terreiro e dos currais.

Que o feitor levasse cargas de açúcar, farinha e carne-seca, e vendesse como todos faziam. Tomasse tento nos escravos, aquele que bebesse de cair e fizesse desordem, lá mesmo fosse vendido para gente de longe.

E que Roxa não perdesse de vista as mucamas, moças novas e asseadas; não deviam faltar à missa e todas fossem ouvidas em confissão.

Roxa, ainda aquelas costuras no estrado e ela tentada. Uma turvação na ideia, um pensamento refalsado não se despregava dela, dormindo com ela, acordando com ela. Apalpava, cheirava aquelas prendas. Vestia-se com as brancuras daqueles panos, de noite, acordada, sonhando. Um grande medo de ser vendida e o desejo tentador. Sabia do castigo se fosse apanhada... Ali não era o tronco nem o relho, nem a palmatória. Era a venda para bem longe, para outro dono.

Roxa, escrava de dentro, entrava e saía em todos os quartos. Sorrateira, entrou na grande alcova, abriu a arca pesada, virou o fecho do escaninho, retirou as peças e levou consigo. Saiu disfarçando. Enfiou no quintugo onde levava suas mudas de festa. Tomara a bênção da Sinhá.

Os cargueiros saíam na frente, os escravos tangendo e as escravas no coice da mula. Na vila tudo estava trancado, mas o pedaço do largo que competia à Senhora Manoela Maria de Magalhães e Távora de Taborda estava lá, reservado para sua gente. Fidêncio bateu a barraca de pano grosso, no claro do largo, do lado da sombra. Desceu a carga e abriu as bruacas de mantimentos e tratou de vender o que trazia da fazenda.

Dentro da barraca do feitor, igualada com o travessão, era esticado um cordãozinho de regra, onde as mulheres dependuravam as roupas de trocar. Roxa abriu o quintugo, retirou e estendeu com cuidado a camisa e a vasta saia bordada, franzida em tufos engomados, e que era para vestir a senhora Dona Manoela depois de morta.

Roxa ia vestir aquelas peças depois da novena e nos quibundos do largo, sapatear no jongo, cantando toadas africanas, erguendo a saia de cima e mostrando a saia de baixo, maravilhosa. Nenhuma ali estaria como ela, nem as brancas mais ricas...

No final da novena, vieram os fogos, cruzando e recruzando por cima das barracas. Pipocavam, reventavam, estouravam lágrimas de cores. Buscapés escorraçavam o povo para os lados; as mulheres, homens e meninos corriam às doidas. Ardiam grandes fogueiras.

Pois não é que nesse estourar e repinicar de fogos, vem mesmo um foguetão com o capeta sentado em cima, sobe, desce, cresce, risca e acende, no mesmo lado da barraca onde estava a Roxa e vai estourar em cima do cordão?

Abre um rombo no pano e pega fogo nos linhos de Dona Manoela.

Acode...Acode...apaga...apaga...não foi nada, não foi mesmo quase nada. A barraca nem saiu do lugar e o rombo se consertava, só que as duas peças de linho do Dona Manoela estavam encarvoadas e requeimadas, salpicadas de furos negros. Roxa se desesperou de voltar, arrancava os cabelos, torcia os braços, meio louca, entrouxando a roupa. O parceiro sem entender, as mulheres ressentidas, nem tinham começado a festar.

Mal conseguiram que ela se acomodasse, passasse a noite ali, e saíssem de madrugada. Fidêncio entrou a barraca para outro escravo afiançado. Acompanhou a mulher, sem atinar com a razão daquilo, desconfiado, estranhando a companheira.

Dona Manoela se espantou quando viu o feitor, a mulher e as mucamas de volta. Perguntou. Fidêncio contou o caso do foguetão que estourou em cima da barraca, abrindo o rombo.

Pareceu a Dona Manoela que só aquilo não seria motivo de volta. Não disse nada. Saberia depois...

Enquanto Fidêncio dava conta do sucedido, Roxa entrava e saía pelos quartos, um espanto nos olhos espasmódicos, tremuras pelo corpo e jeito aloucado. Deu uma volta e entrou no quarto dos arreios, tirou um chiqueirador de couro de anta. Com o rabo do olho, Fidêncio acompanhava os passos da mulher. Viu que ela procurava pelo portão e sumia-se pelo quintal.

Bateu atrás. Viu a companheira subir num grosso cajueiro. Escureceu-lhe a vista aso tempo que saía na frente um bode todo preto e Roxa falava:

- O que tem que ser feito, que se faça já... O que tem de ser feito, que se faça já...

E ia rodeando, investindo, as patas levantadas. E Roxa:

- O que tem que ser feito, que se faça já... que se faça já...

Aí, Fidêncio gritou:

- Divino Espírito Santo...

O bode deu um estouro e desapareceu.

Fidêncio correu para o cajueiro. A mulher, já morta, balançava com a ponta do chiqueirador com a língua de fora. Fonte: CORALINA, Cora. **O tesouro da casa velha**. São Paulo: Global, 2002. p. 61-69.

\*\*\*\*\*

O conto “As capas do diabo” aborda de maneira sensível, porém impactante, os horrores da escravidão, apresentados de uma forma comovente e que desperta no leitor um misto de tristeza e revolta ao saber a estória de nossos antepassados. Cora Coralina traz à luz, nesta narrativa, a estória da escravizada Roxa, uma mulher que servia na casa de uma senhora por nome Dona Manoela. Roxa desfrutava de certa confiança da patroa e, por isso, tinha acesso a todos os cômodos e ajudou a fazer a mortalha de sua senhora. A roupa era feita de um tecido fino, vindo de longe, os olhos da escravizada brilharam de vontade de possuir aquela peça de roupa, “[v]estia-se com as brancuras daqueles panos, de noite, acordada, sonhando. Um grande medo de ser vendida e o desejo tentador. Sabia do castigo se fosse apanhada... Ali não era o tronco nem o relho, nem a palmatória. Era a venda para bem longe, para outro dono (Coralina, 2002, p. 66).

Apesar de dona Manoela ser “um tanto caridosa” não permitia que seus escravizados abusassem de sua boa vontade e punia com o rigor da venda aqueles que estavam sob seu domínio. E esse era o medo de Roxa, de ser vendida. Um dia, em uma festa numa cidade vizinha, os escravizados foram enviados para a venda da produção da fazenda e Roxa,

aproveitando a oportunidade, pegou uma peça da mortalha de dona Manoela para usar, mas tinha o intuito de devolver intacta. Ironia do destino e azar da escravizada, alguém soltou um buscapé que, ao rodopiar, entrou na barraca onde estava a peça e a destruiu completamente. No desespero, com medo da pena que iria receber, Roxa suicida.

No conto “As capas do diabo” Cora Coralina mostra as condições desumanas que os escravizados viviam, além de evidenciar as pressões psicológicas e emocionais às quais estavam submetidos. Roxa representa a realidade vivida por milhares de pessoas e a complexidade das relações de poder e a submissão constantes no período escravagista. Aos poucos o texto vai mostrando a personalidade de dona Manoela e sua relação com os escravizados, o que criava um certo pânico, uma vez que o castigo maior era serem vendidos e separados de seus entes.

A leitura e as discussões a serem realizadas em sala de aula devem abordar as injustiças sofridas pelos escravizados e as marcas deixadas pela escravidão. A leitura provoca, nos estudantes, sentimentos de indignação e revolta, levando-os a ter empatia pela personagem e também desperta uma discussão crítica sobre os direitos humanos violados e as atrocidades cometidas no passado.

É importante ressaltar que, antes da leitura, a roda de conversa sobre o texto desperta o interesse e a curiosidade. A discussão após a leitura visa promover a reflexão e a compreensão mais profunda sobre o que foi lido. Assim, é possível que os estudantes expressem suas opiniões, troquem ideias e discutam sobre a natureza humana e os dilemas que permeiam a vida.

Nos encontros realizados na escola, durante a realização da pesquisa - ação, os estudantes teceram comentários como os transcritos abaixo:

O conto é muito triste e eu não esperava que terminasse assim. Como era difícil a vida dos escravizados. V. D (8ºB)

A escrava Roxa tinha muito medo do que podia acontecer se a sua dona descobrisse que ela tinha usado a roupa. É triste ver a realidade deles. B. D. (8ºB)

Engraçado que hoje ainda a gente vê que os negros sofrem muito por ser quem são. M. O. (8ºB).

A história mexeu muito comigo, pois sou negra e meus antepassados viveram assim. Dói saber que isso aconteceu de verdade e que ainda sofremos por causa da escravidão. Não era justo as pessoas serem tratadas dessa forma, todos somos seres humanos e não deveria haver coisas assim. A. (8º B)

Ainda tem gente que tem em suas fazendas pessoas vivendo como no tempo da escravidão. E não é pouca gente não e se for investigar isso de verdade, vai ter coisa demais escondida. N. S. (8º B)

Nesse sentido, vale ressaltar que as obras de ficção constituem a criação de novos universos, introduzindo-nos a diferentes tempos e espaços para além da nossa realidade cotidiana (Andruetto, 2017). Dessa forma, é o potencial transformador da Literatura que abre novas perspectivas, promovendo empatia e mostrando como a leitura pode influenciar positivamente a forma como percebemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

**Identificação dos conhecimentos Prévios:** Em uma roda de conversa, apresentar o título do conto para os estudantes e pedir que levantem hipóteses.

**Leitura:** Em voz alta por um aluno

**Ampliação dos conhecimentos:** Com os estudantes em círculo, realizar uma discussão coletiva, partindo de questionamentos sobre o texto:

- O que vocês sentiram ao ler a estória?
- Vocês acham que o fato ocorreu realmente ou foi uma invenção de Cora Coralina?
- O que a escrava Roxa deve ter sentido ao ver a roupa queimada?
- Por que ela tomou uma atitude desesperada no final da estória?
- Vocês acham que a escravidão ainda está presente nos dias de hoje? Como é a escravidão hoje?
- Vocês já ouviram alguma informação relacionada a esse fato? Qual sua opinião sobre isso?

**Sistematização do conhecimento: Roda de conversa**

Discussão sobre o texto – refletir sobre os diversos aspectos como a linguagem e os recursos utilizados pela autora para emocionar o leitor, a relação entre a história, os personagens e a vida

Escrita de comentários sobre o texto e leitura em sala de aula.

## 5 A procissão das almas – a rede social do início do século XX

“O que dona Minguta fazia antigamente é a mesma coisa que fazemos hoje com as redes sociais: bisbilhotar a vida das outras pessoas.”

I . A. (8º B)

**Figura 5 – Centro histórico da Cidade de Goiás**



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo pessoal

### **A procissão das almas**

Antigamente, as boas casas de Goiás tinham janelas de rótulas, como tiveram todas as cidades coloniais deste imenso Brasil.

Em Goiás, elas sobreviveram por mais de dois séculos. Sobrevivem ainda em velhos costumes domésticos, que vão se diluindo através de gerações, ao tempo que as rótulas se modificam, sem desaparecer de todo.

Nestes últimos tempos, têm sido substituídas por venezianas abrindo-se para dentro. Sim, que as rótulas se abriam para fora, em Goiás e em toda parte. Mesmo desusadas e substituídas, ainda restam algumas em casas não reformadas; noutras foram simplesmente pregadas, enquanto que as restantes continuam se abrindo para o lado da rua.

Foi muito variado no Brasil a esquadria das rótulas. Nem sabemos bem se elas vieram de Portugal ou da Espanha; se eram autenticamente lusas ou mouriscas. Foram elas o documentário mais expressivo da segregação da mulher dentro da casa senhorial.

As de Goiás eram chamadas rótulas de tabuletas, de tabuinhas, de colocação horizontal, grampeadas num pino vertical móvel, com trincos e tramelinhas laterais, para abrir e fechar à vontade.

As paredes onde se encaixavam essas janelas eram de notável espessura como inda se vê em tantas casas. Comportavam, internamente, dos lados, assentos lisos ou com almofadas, onde as mulheres mais comodamente pudessem estar à rótula.

Movendo trincos, pinos e tramelinhas era que a gente da casa via o pequeno mundo da cidade e tomava conhecimento de seus moradores.

No meu tempo de menina pouco se usava a palavra rótula, só as pessoas mais antigas. Dizíamos “tabuleta” – estar na tabuleta já sabia estar alguém por dentro, olhando sem ser vista, hábito esse que perdurou em Goiás até o começo deste século.

Pela tabuleta riçada e graduada, a pessoa, sem se mostrar, via a rua, os passantes, as casas fronteiriças e, dentro de um certo ângulo, observavam os acontecimentos, as passadas de uns tantos vizinhos e, sobretudo, fiscalizava a vida alheia, que sempre nos pareceu mais interessante do que a nossa própria vida. Nesse observatório de tabuletas, sempre permaneciam, sistematicamente, criaturas curiosas e fuxiqueiras dos velhos tempos, com seu espírito aguçado de intrigas e malícias.

A observação mais fina e valiosa era da noite, alta noite, com a cidade escura ou enluarada e adormecida. Viam e diziam coisas de arrepiar.

Minha bisavó, entre outras, contava a estória da procissão das almas, que ela ouviu da própria mesma, com quem o caso se deu e que era pessoa do seu conhecimento. O fato, com todos os menores ouvidos de minha bisavó, inclusive o nome da pessoa, foi aqui passado com Dona Minguta Reginata de Assis Regente, mais conhecida por Dona Minguta e que morava na Rua da Abadia.

À noite era para ficar na rótula, com a casa fechada e às escuras e ela, ali, invisível no seu observatório doméstico, assuntando algum vizinho que entrasse tarde, mulher casada que abrisse a porta, moça donzela que pusesse a cabeça de fora ou mesmo vulto embuçado que, passando, enfiasse bilhetinho pelas tabuletas ou anônimos debaixo das portas.

Era uma vitória e uma sensação de prazer catalogar qualquer um desses passos.

Cada rua tinha sua observadora devotada à tarefa, tecendo sua teia laboriosa de conclusões e que, fora da rótula, era moralista feroz e impiedosa com os pecados do próximo, vizinho ou não.

Se não havia reuniões e clube, era que o tempo não ajudava, mas o grupo era conhecido, ligado e com fervoroso espírito de classe.

Trocavam-se informes desta para aquela rua, dava-se ampliação e relevo a pequenos incidentes, e a vida noturna da cidade era depurada num filtro minucioso de alto rigor, controlado pelas tais.

As tabuletas também tinham seus préstimos inegáveis. Era assim que, muito antes de o fato se dar e do caso acontecer, a cidade já murmurava por antecipação. Muitas vezes até advertências anônimas se fizeram, na base dessa fiscalização maliciosa.

Dona Minguta era certa na tabuleta da noite, e o dia era para as conclusões maledicentes do que anotara nas horas mortas.

Numa sexta-feira da Quaresma, estava ela no seu posto de vista e de escuta. Pouco tinha aproveitado até aquela hora, meia-noite já passada.

Num magote de negros, de sunga e camisa de baeta, ela reconheceu os escravos do Brigadeiro Felipe Antônio Cardoso, que costumavam pular o muro dos senhores e corriam para um batuque que zoava do lado da Rua do Fogo.

Passaram dois embuçados que ela mal reconheceu.

Passou uma cadela uivando e ela fez o sinal-da-cruz, depois uma porca com sua ninhada e um bode bodejando atrás das cabras.

Passaram mais umas machorras de merinaques e basquinas e nomes do homem na boca e que também procuram a zona do bangulê.

Pela uma hora, mais ou menos, ela percebeu uns vultos que vinham vindo do Largo do Rosário com uma luzinhas apaga-não-apaga...

Era uma procissão de Penitência, das muitas que se faziam naquele tempo. A Irmandade da Misericórdia, grupo de pessoas ou famílias se reuniam, encabeçavam com outras e, cumprindo professa feita de difícil graça alcançada, sufrágio de morto deprecante ou mesmo caridade para com algum encarcerado indicado para a forca, organizavam-se uma promessa daquelas, ditas de Penitência.

Saíam do adro de uma igreja ou de um paço de rua. Levavam na frente um cruzeiro pesado, alguns oratórios de casa, paus enormes, pedras, pote d'água na cabeça.

Todos descalços, não poucos rasgados, iam rezando penitentes, num lamento lúgubre e angustioso, até se dissolverem na porta da igreja. Quando o caso era sufrágio de alma penada, então subiam mesmo até o portão do cemitério, continuando a reza, num soturno murmúrio de réquiem.

Era uma procissão dessas que vinha vindo. Homens e mulheres de mantéus, embiocados, à moda do tempo. Dona Minguta riçou bem a tabuleta para ver melhor e não reconheceu ninguém. Foi então que uma embuçada parou na frente da janela, enfiou uma vela pela fresta e segredou: guarda isso para mim até sexta-feira que vem...

Dona Minguta sentiu o frio da mão que lhe entregou a vela. Meio ressabiada nem quis ver o resto da procissão. Tramelou a rótula, fechou os tampos de dentro, meteu a vela na gaveta e foi pra cama.

No dia seguinte, contou das observações da noite.

O principal tinha sido a procissão de Penitência e que uma pessoa, decerto sua conhecida, tinha lhe dado uma vela para guardar até a outra sexta-feira. Acrescentou que não reconheceu ninguém e foi rever a vela para documentar o caso.

Abriu a gaveta e recuou apavorada. O que estava ali dentro era um osso, branco e liso, canela de defunto.

Outros escritores, tratando dessa mesma estória, ficam por aqui. Acontece que esta de Goiás, com foros de realidade e que ouvi de minha bisavó, tem por direito de contado, seu finalzinho, dentro da lógica dos acontecimentos. Quem deu a vela a guardar disse: até sexta-feira que vem... Sinal, portanto, que voltaria para procurar.

Dona Minguta, refeita do assombro, oi se ter com o vigário, que era o Cônego Vicente José Vieira. Contou do acontecido. Fez mesmo uma boa confissão e se acusou do seu gostinho salgado de vigiar a rua da greta da janela e retalhar na pele do próximo.

O Cônego, pensativo, ouviu o contado. Fez ver a ela o castigo de sua bisbilhotice que aquele acontecimento representava. Deu-lhe sábios conselhos e boa penitência. Disse a ela que se pusesse na janela no dia e hora aprazada, mas que tivesse consigo duas velas acesas e um vidrinho de água benta. Que não tivesse medo e entregasse o objeto recebido a quem o procurasse, juntamente com uma das velas.

Aquela semana toda, dona Minguta passou no oratório, em novenas e rosários, sem contar jejuns e penitências duras.

Tremendo e com o coração aos pulos. Dona Minguta se pôs na janela na noite e hora de sexta-feira. Pela uma hora, mais ou menos, percebeu que vinha vindo procissão. Riçou a tabuleta, acendeu as velas, rezou sua jaculatória e esperou. A procissão de embiocados vagarosamente vinha vindo, vinha subindo a rua com seu soturno murmúrio de réquiem. Passava agora por sua casa.

Uma pessoa, embuçada de preto, parou na frente da janela e estendeu a mão. Ela entregou a vela acesas, junto com o que tinha recebido, e chacoalhou o vidro de água benta.

Aí, o vulto se destacou, cresceu, encostou a cara na rótula. O bioco se abriu e ela viu que era uma caveira e falou para ela ouvir na fala das caveiras:

- É o que te vale...

Fonte: CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Editora Gaia, 2008. p. 21-27.

\*\*\*\*\*

Muitos alunos se identificaram com a personagem dona Minguta do conto “A procissão das almas”, uma mulher que ficava observando, pelas frestas da janela, a vida dos vizinhos e suas ações. Esse reconhecimento se deu devido à curiosidade e a busca por aventuras naturais de estudantes do ensino fundamental II, pois a fase da adolescência é caracterizada por um desejo de descoberta e exploração, o que hoje é facilitado pelas redes sociais. Dona Minguta seria chamada, nos dias de hoje, por *stalker*, um termo em inglês que diz respeito a uma pessoa que persegue e vigia a vida alheia. Na época do conto, essa pessoa era aquela que pela janela, às escondidas

via a rua, os passantes, as casas fronteiriças e, dentro de um certo ângulo, observavam os acontecimentos, as passadas de uns tantos vizinhos e, sobretudo, fiscalizava a vida alheia, que sempre nos pareceu mais interessante do que a nossa própria vida. Nesse observatório de tabuletas, sempre permaneciam, sistematicamente, criaturas curiosas e fuxiqueiras dos velhos tempos, com seu espírito aguçado de intrigas e malícias (Coralina, 2008, p.22).

Para os estudantes esse comportamento ainda está presente na sociedade atual e uma aluna disse que essa era as redes sociais da época do conto e que hoje as pessoas agem da mesma forma que antigamente, protegidas pelo anonimato, não mais das janelas, mas da tecnologia.

Os alunos do 8º ano foram solicitados a lembrar-se de alguns títulos de histórias semelhantes àquela que foi lida e eles se recordaram de “causos” e lendas e à medida que os mencionavam, o professor da turma os anotava no quadro. A professora pesquisadora reservou alguns minutos, no final da aula, para os estudantes comentarem suas impressões, sentimentos e conclusões em relação à histórias.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

**Identificação dos conhecimentos Prévios:** Em uma roda de conversa, apresentar o título do conto para os estudantes e pedir que levantem hipóteses antes e durante a leitura.

**Leitura:** Em voz alta feita pela professora.

**Ampliação dos conhecimentos:** Com os estudantes em círculo, realizar uma discussão coletiva, partindo de questionamentos sobre o texto e confirmação ou não das hipóteses levantadas antes e durante a leitura.

**Sistematização do conhecimento:**

Levantamento de histórias semelhantes, recordando causos ou lendas com a temática parecida.

## 6 Campos Sales – O velho guerreiro

**Figura 6 – Igreja matriz Nossa Senhora do Rosário – Cidade de Goiás**



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo pessoal

### **Campos Sales**

Quem da gente mais antiga da Jabuticabal inda se lembra de Campos Sales?... Campos Sales, eu o conheci. Nós, gente da linda cidade de Pinto Ferreira, Terra das Jabuticabas, Cidade das Rosas, velho Patrimônio Foreiro, antiga fábrica de Nossa Senhora do Carmo de Jabuticabal, cidade dos meus filhos, nós o conhecemos pelas ruas. Durante o dia, lavando casas de famílias; de noite, às 10h, lavando os bares do comércio.

Escuro, pequeno, vivo e alegre, trabalhador, dobrado em dois. Sempre encontrado com seus baldes e escovas. Calça arregaçada, camisa arremangada. Muito certo e exato par aquele serviço obscuro e ativo que alguém devia fazer, num tempo em que ainda ninguém encerava casa.

Campos Sales tinha sido escravo da família Campos Sales – contava. Ganhou sua liberdade, sua alforria de negro cativo, vestindo farda de soldado brasileiro e pelejando, com valentia, nos esteros do Paraguai. Mostrava suas velhas cicatrizes. Pontaços de lanças inimigas.

Perdeu ali seu prumo vertical. Passou a andar dobrado e contava que muitos companheiros ficaram deficientes como ele.

Era da companhia do Alferes Tibúrcio – bravo entre os engenheiros – e do comandante...”era engenheiro de cabeça”. Viu morrer muito soldado...Apertava os olhos, refrangia e entortava a boca, careteando no horror das lembranças.

Quando acabou a guerra, estava forro, sozinho e largado no mundo. Trabalhou para patrões, daqui, dacolá. Nunca arranjou nada. Agora, era aquele serviço até o fim.

Tinha chegado em Jabuticabal a família de Domingos Rede. Vinham de Bebedouros. Ele, renomado perito contador, e ela, Dona Clarinda, professora de grupo escolar, transferida para o “Coronel Juca-Vaz”. Vieram juntos com a mudança. Alugaram casa no fim da Rua São Sebastião, vizinho da família Cassimiro Prates.

Campos Sales foi chamado para a limpeza. Lavou, esfregou, vasculhou, fez serviço bem feito. Recebeu sua paga – 5\$000. A professora, muito boa, deu mais a ele e uma calça velha do marido. Campos Sales recebeu, agradeceu com o “Deus lhe pague” dos humildes e foi-se embora para voltar de novo quando fosse chamado, fazer freguesia de lavação.

Dona Clarinda arrumou a casa. Botou os trens nos lugares, roupas nos armários, nas gavetas da cômoda, do camiseiro.

Enquanto arrumava também procurava por um dinheiro que tinha trazido para despesas urgentes. Não houve jeito de encontrar.

Na afobação da mudança esqueceu completamente onde havia guardado. Virou e revirou caixas e caixinhas, bolsas, bolsos, sacudiu roupas, desdobrou peças. Perdeu o dinheiro, concluiu e por perdido ficou. Aceitou o prejuízo, procurou não mais pensar no caso.

Dias depois batem à porta. Empregada atende. Era o velho Campos Sales. Queria falar com a patroa. A empregada volta:

- Dona Clarinda mandou falar que a casa inda está limpa, que depois, quando precisar, ela manda recado.

O velho lavrador insiste. A professora vem atender.

-Óia, Dona, diz ele, vim aqui pro via da carça que vancê me deu. Hoje fui vesti ela, passei a mão no borso e achei dentro esse manajo de dinheiro que decerto vancê ou seu marido guardou e se esqueceu...

Eram os três contos de réis, perdidos e procurados, que o velho soldado de Tibúrcio vinha trazer, restituir.

Quando veio a reparação do esquecimento e a pátria lembrou dos sobreviventes, o velho guerreiro tinha dado sua baixa da vida e de nada mais precisava. Fazia tempo que seu magro corpo dobrado, descansava numa cova humilde no cemitério da linda cidade.

Fonte: CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Editora Gaia, 2008. p. 17-19.

\*\*\*\*\*

Campos Sales é o “trapo humano”, ou seja, aquele que é invisível na sociedade, o excluído, ele era um ex-escravizado, com o corpo corroído pelo tempo, pelas dores, era corcunda e vivia de trabalhos como limpar casas e bares. Campos Sales é um homem humilde, honesto e íntegro, que mesmo passando por condições e experiências de vida difíceis manteve sua dignidade. É importante explorar o reconhecimento desses personagens que vivem em nosso meio ainda nos dias atuais. Os estudantes podem estabelecer uma ligação entre a leitura e suas próprias vivências, com o mundo que os circunda, realizando uma compreensão da obra, a partir da contextualização do conteúdo, identificando-se ou reconhecendo os personagens. E isso traz uma reflexão sobre questões pessoais e sociais, estimulando o pensamento crítico sobre temas importantes que ainda são presentes na atualidade.

Outro aspecto importante na obra da escritora goiana é a variação linguística presente em seus textos e, por isso, é necessário chamar a atenção dos estudantes para palavras e expressões que marcam a cultura da época e do lugar como por exemplo: “ - Óia, Dona, diz ele, vim aqui pro via da carça que vancê me deu. Hoje fui vesti ela, passei a mão no bolso e achei dentro esse manajo de dinheiro que decerto vancê ou seu marido guardou e se esqueceu...” (Coralina, 2008, p. 19).

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

**Identificação dos conhecimentos Prévios:** Em uma roda de conversa, apresentar o título do conto para os estudantes e pedir que levantem hipóteses antes e durante a leitura.

**Leitura:** Realizada por um estudante.

**Ampliação dos conhecimentos:** Em seguida, a turma foi dividida em pequenos grupos para a releitura do conto e verificação das hipóteses levantadas durante a antecipação. Neste momento, é importante orientar os estudantes para fazerem inferências das informações que não estão implícitas no texto, checarem os fatos durante a leitura, identificarem os elementos do conto e os recursos que a escritora usou para emocionar o leitor.

**Sistematização do conhecimento:**

Socialização das conclusões dos grupos, mostrando as percepções críticas e atribuindo sentido ao que foi lido.

## 7 Oração do Milho e A Lavadeira – A fé e a força

### Oração do Milho

Senhor, nada valho.  
 Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das  
 lavouras pobres.  
 Meu grão, perdido por acaso,  
 nasce e cresce na terra descuidada.  
 Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,  
 mesmo planta de acaso, solitária,  
 dou espigas e devolvo em muitos grãos  
 o grão perdido inicial, salvo por milagre,  
 que a terra fecundou.  
 Sou a planta primária da lavoura.  
 Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo  
 e de mim não se faz o pão alvo universal.  
 O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem  
 lugar me foi dado nos altares.  
 Sou apenas o alimento forte e substancial dos que  
 trabalham a terra, onde não vingam o trigo nobre.  
 Sou de origem obscura e de ascendência pobre,  
 alimento de rústicos e animais do jugo.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,  
 coroados de rosas e de espigas,  
 quando os hebreus iam em longas caravanas  
 buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,  
 quando Rute respigava cantando nas searas de Booz  
 e Jesus abençoava os trigais maduros,  
 eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Fui o angu pesado e constante do escravo na exaustão  
 do eito.  
 Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.  
 Sou a farinha econômica do proletário.  
 Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a  
 vida em terra estranha.  
 Alimento de porcos e do triste mu de carga.  
 O que me planta não levanta comércio, nem vantagem  
 dinheiro.  
 Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.  
 Sou o cocho abastecido donde rumina o gado.  
 Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que  
 amanhece.  
 Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.  
 Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,  
 que me fizestes necessário e humilde.  
 Sou o milho.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global – 14ª edição. 1987. p. 39.

\*\*\*\*\*

O poema “Oração do Milho” aborda sobre a humildade e a importância de não ser considerado nobre ou valorizado. Há uma clara relação do poema com os relegados, os invisíveis e que todos têm seu lugar, sua importância, independentemente de sua posição social. O milho, apesar da sua humildade, é essencial para a subsistência daqueles que dependem dele. Por meio do uso de metáforas, a autora mostra a relevância do alimento, contrastando com a grandiosidade de outros alimentos que possuem lugar de destaque.

Já o poema “A Lavadeira” mostra de uma forma sensível a lavadeira, viúva, com as mãos machucadas, que cuida de seus 12 filhos com o suor do seu trabalho. Essa mulher, que muitas vezes é esquecida e marginalizada pela sociedade, representa aquelas que criam os filhos sozinhas em um trabalho árduo.

### **A Lavadeira**

Essa Mulher...  
Tosca. Sentada. Alheada...  
Braços cansados  
Descansando nos joelhos...  
olhar parado, vago,  
perdida no seu mundo  
de trouxas e espuma de sabão  
– é a lavadeira.

Mãos rudes, deformadas.  
Roupa molhada.  
Dedos curtos.  
Unhas enrugadas.  
Córneas.  
Unheiros doloridos  
passaram, marcaram.  
No anular, um círculo metálico  
barato, memorial.

Seu olhar distante,  
parado no tempo.  
À sua volta  
– uma espumarada branca de sabão

Inda o dia vem longe  
na casa de Deus Nosso Senhor  
o primeiro varal de roupa  
festeja o sol que vai subindo.

vestindo o quaradouro  
de cores multicores  
Essa mulher  
tem quarentanos de lavadeira.

Doze filhos  
crescidos e crescendo.  
Viúva, naturalmente.  
Tranquila, exata, corajosa.

Temente dos castigos do céu.  
Enrodilhada no seu mundo pobre.  
Madrugadeira.

Salva a aurora.  
Espera pelo sol.  
Abre os portais do dia  
entre trouxas e barrelas.

Sonha calada.  
Enquanto a filharada cresce  
trabalham suas mãos pesadas.

Seu mundo se resume  
na vasca, no gramado.  
No arame e prendedores.  
Na tina d’água.  
De noite – o ferro de engomar.

Vai lavando. Vai levando.  
Levantando doze filhos  
Crescendo devagar,  
enrodilhada no seu mundo pobre,  
dentro de uma espumarada  
branca de sabão.

Às lavadeiras do Rio Vermelho  
da minha terra,  
faço deste pequeno poema  
meu altar de ofertas.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

**Identificação dos conhecimentos prévios:** Leitura realizada em sala e em casa, com formação de dois grupos para apresentação, em aula, posterior de um jogral.

**Leitura:** leitura compartilhada entre os estudantes.

**Ampliação dos conhecimentos:** formação de dois grupos e cada grupo ficou responsável por um texto. Os ensaios podem ser feitos pelos participantes por vídeo chamada de *Whatsapp*.

Tradicionalmente, o jogral consiste na dramatização de um trecho ou recitação de obras, realizada com os alunos divididos em grupos de vozes. É o correspondente falado do canto oral. O professor selecionará o trecho ou texto inteiro e montará um jogo de vozes, indicando quando e quem deve falar. É preciso não confundir o jogral com a simples leitura coletiva de um texto. Na verdade, ela é uma espécie de dramatização. Por isso convém que o texto seja memorizado[...] (Cosson, 2006, p. 132).

**Sistematização do conhecimento:**

Apresentação com os integrantes dos grupos alternando as falas conforme o combinado, mantendo a coerência do texto. Pode-se recorrer ao texto impresso, mas a memorização torna o trabalho mais lúdico.

**Figura 7 -**



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo Pessoal

## 8 Miquita – a desigualdade imposta aos excluídos

**Figura 8 – Largo da Carioca**



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo Pessoal

### MIQUITA

Miquita foi moça como toda moça.

Contou seus 15 anos como toda jovem. Era parda. Nem preta, nem morena, nem mulata; de pele manchada. Seca, sem ancas; de pernas compridas, canela fina e jeito de boneca de pano malfeita – sem sal e desajeitada.

Nem por tantos negativos da natureza, deixou de achar quem a quisesse. Casou-se mesmo, de palma e capela, que a mãe era lavadeira e caprichava com a filha.

Tempos depois, o marido a largava sem dizer nada, abria pé no mundo e nunca mais deu ligação.

Miquita, nova, sozinha, da beira do rio, onde passara a morar com a mãe, que aquela vida de bater roupa nas pedras não era de gente moça, resvalou para o beco onde abriu a porta.

Sempre de pele sarapintada, corpo andrógino de boneca de pano, sem sal e sem jeito, resvalou ainda mais – que o ofício não dava a ela nem para o aluguel do quarto sujo.

Jogou fora os sapatos cambados. Vestiu uns por cima dos outros, os três vestidos repuxados que possuía. Ajeitou rodinha. Botou pote na cabeça e passou a carregar água, da Carioca para a casa de uns e de outros. Trabalho mal pago, embora sempre lhe dava sobra de almoço e de jantar, canto para dormir e um ou outro cruzeiro para cigarro e pinga – seu maior prazer.

Ia vivendo a Miquita. Pedregulho das ruas não lhe doíam nos pés. Distância da Carioca ao Largo do Chafariz nada era. Sempre seca, sorridente, calada...Era curtinha de prosa e, para dizer verdade, curta era sua pinga, sempre certa. Não caía nem se alterava. Ficava firme e puxava água.

Lata vai, pote vem, coitezinho nadando em cima todo dia...De vez em quando, Miquita suspirava...Tinha uma saudade calado do beco triste, do quarto sujo e dos homens brutais que a espancavam.

Um dia, ganhou de uma dona, de quem vasculhava a casa e arrumava os trens da mudança, um vestido usado de arrasto, de seda ramada, uma bolsa amassada de alça comprida, um par de sapatos deformados de salto Luís XV, muita ramona, um resto de batom e cinco cruzeiros.

Miquita, dona de tanta coisa bonita, pensou numa pinga dobrada. Daí sentiu mais apertada as saudades do beco sujo, da macheza dos homens brutais que a espancavam. Resolveu por uma latinha de pó-de-arroz Lady.

De noite, vestiu o vestido ramado se arrastando por cima dos outros, que sempre trazia no corpo. Calçou umas meias desfiadas, botou os sapatos de salto. Besuntou o beijo e a cara de batom, se branqueou de Lady; atravessou as ramonas na trunfa, deu um jeito no corpo chato e foi se requebrando, num dengo enjoado, ruma à gafeira animada que fazia um zuadão danado, no fundo de um bar suspeito. Foi entrando, se requebrando, toda feliz e sorridente. Uma roda de homens olhava com cinismo o fuzuê do mulherio assanhado. Miquita passou rente. Esbarrou com propósito canalha no primeiro e esclareceu:

- Eu também sou mulher-dama...

Ganhou um safanão que a recambiou para o meio do barulho. E aí foi aquele rodo e taponas. Empurrões, pontapés, xingos, nomes feios...

Miquita perdeu a bolsa, perdeu os sapatos de salto, rasgou o vestido de arrasto e desceu rua abaixo arrastando o canhão das meias soltas.

No dia seguinte, amassada, escoriada, beijo partido, olho machucado, lata d'água na cabeça, caladona...

- que foi que não foi – perguntavam.

- Coitadinha da Miquita... Caiu da escada da Carioca com o pote de água na cabeça... se machucou toda, não foi Miquita?

- Foi não, dona...Caí nada não... É só que muié do bem que nem eu, não pode se misturá com muié-dama.

Fonte: CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Editora Gaia, 2008. p. 49-51.

O conto “Miquita” é uma narrativa que aborda a estória da personagem Miquita, uma mulher que, ao longo da vida, enfrenta as adversidades com coragem. O texto aborda temas sensíveis como questões sociais, de gênero e preconceito, mostrando como a personagem é marginalizada e também maltratada por tentar ir além das limitações impostas pela sociedade. É uma reflexão sobre a desigualdade imposta aos excluídos, a violência e a ausência de empatia. A estória busca mostrar as relações humanas e as injustiças enfrentadas por aqueles que não se adequam aos padrões duramente estabelecidos. De acordo com Britto e Seda (2009, p. 268), Cora Coralina “[o]ptou por cantar não apenas as belezas de sua terra natal. Descreveu o cheiro nojento das baratas, a galinha morta nos becos, a vida mera das mulheres pobres. Efetuou um canto solidário com os excluídos [...]”.

O conto apresenta uma linguagem adequada ao 8º ano e a escolha levou em consideração um tema relevante para a discussão. O trabalho pode ser feito em uma roda de conversa direcionada para perguntas abertas, o que possibilita a expressão das opiniões, interpretações e sentimentos dos participantes em relação ao texto. É importante explorar elementos como enredo, personagens, espaço, conflitos e desfecho, incentivando, assim, os participantes a identificarem e analisarem esses aspectos.

Na aula direcionada ao conto, os estudantes fizeram alguns comentários sobre suas impressões, vejamos alguns:

“A Miquita deveria ser mais comportada e assim não sofreria preconceito.”  
S. E. B.

“A Miquita tinha muitos sonhos e se decepcionou com todos”. B. D.

“Eu acho que ela devia viver do jeito que queria e pronto. Ela não devia satisfação para ninguém”. Y. B.

Fiquei com dó da Miquita. Tudo o que ela fez na vida foi sofrer com a violência dos outros. M. O.

Eu acho que a Miquita não teve oportunidade na vida. Foi abandonada pelo marido, viveu nas ruas e foi agredida. Hoje ainda as mulheres são tratadas dessa forma. E isso é muito triste. Quando é que o povo vai começar a entender que as pessoas são diferentes? A. F. S

O sofrimento e a exploração de Miquita retratados no conto suscitaram uma discussão mais crítica por parte dos estudantes, já que trata de temas complexos como a desigualdade social, de gênero e invisibilidade das mulheres. O conto oferece uma oportunidade de explorar tais questões, além de estimular um pensamento mais crítico e humano sobre essas figuras.

Outro ponto importante, que pode ser abordado, é sobre o respeito à diversidade, a inclusão social e a igualdade por direitos. Esse aspecto é tão relevante, visto que proporciona

aos estudantes um momento de expressarem suas opiniões e sentimentos em relação ao tema tratado.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

**Identificação dos conhecimentos Prévios:** Discussão sobre questões sociais: gênero e exclusão social.

**Leitura:** leitura compartilhada entre os estudantes.

**Ampliação dos conhecimentos:** Debate entre os estudantes sobre o conto e seu tema. Direcionar a atividade com algumas perguntas como:

- Como Miquita emociona o leitor?
- Por quê?
- Quais trechos revelam a carga dramática?
- Qual sua opinião sobre os acontecimentos pelos quais a personagem passou?
- Que reflexão esse texto pode gerar?

**Sistematização do conhecimento:**

Escrita dos comentários sobre as impressões do texto.

## 9 Atividades

**Figura 9 – Casa da escritora Cora Coralina**



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo Pessoal

As atividades aqui sugeridas foram realizadas durante e após a leitura dos contos e tem como objetivo o estímulo à criatividade para a escrita e reescrita dos contos lidos em diferentes gêneros, como: memória, poema e conto. Para isso, as características dos gêneros escolhidos devem ser trabalhadas.

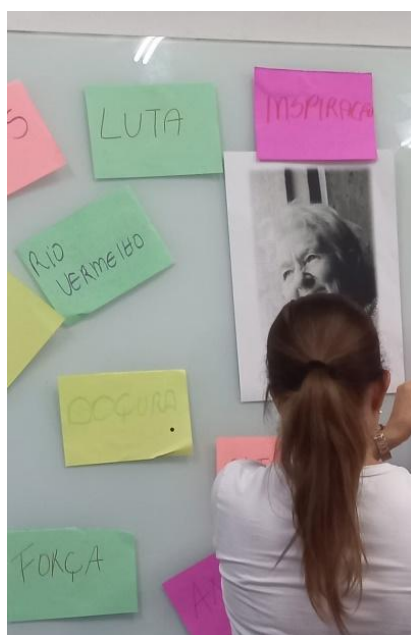
A primeira atividade pode ser uma tempestade cerebral, também conhecida como *brainstorming*, que oportuniza aos estudantes elaborar ideias a respeito da escritora e das obras lidas. É preciso definir o propósito e o que se espera alcançar com essa dinâmica para que haja o engajamento de toda turma. É importante que as regras da tempestade cerebral sejam explicadas e que seja dada a liberdade para o estudante expressar suas ideias.

## 9.1 Sugestão de atividade

### TEMPESTADE DE IDEIAS

1. Primeiramente, definir o assunto, o tema – vida e obras de Cora Coralina.
2. Entregar a cada participante um papel para escrever uma palavra que defina o tema.
3. Cada participante deverá afixar seu papel no quadro.
4. Discutir as palavras escolhidas e esclarecer a escolha.

**Figura 10 – Foto da tempestade de ideias**



Fonte: Débora Cunha Freire – Acervo pessoal

## 9.2 As produções - escritas e reescritas

Para este momento da pesquisa, é necessário retomar com os estudantes os elementos constitutivos dos gêneros memória, poema e conto. Para que os alunos se familiarizem com os gêneros, a serem escolhidos para a produção, o professor deve disponibilizar a leitura deles previamente.

O gênero memórias, por exemplo, pode ser trabalhado a partir da leitura do texto de memórias da escritora Zélia Gattai: “Os automóveis invadem a cidade”. Em sala de aula, deve-se discutir com os estudantes o que são memórias literárias, apresentar as características da narrativa que é narrada em primeira pessoa, o uso dos verbos no pretérito perfeito e imperfeito, ênfase nas emoções e nas lembranças do passado e reflexão sobre as experiências vividas pelos

personagens. Os estudantes também podem compartilhar oralmente breves memórias pessoais ou um acontecimento marcante em sua vida.

Para o estudo com o poema, é necessária a leitura de um poema com levantamentos sobre a abordagem temática. Além disso, é preciso trabalhar a parte estrutural da poesia como os versos e estrofes, as entonações, pausas, rimas, repetições, comparações, para mostrar como ela contribui para a expressividade e o significado do poema.

Ao conhecer as características e especificidades dos gêneros apresentados para a retextualização, os aprendizes terão condições de fazer um reconto dos textos lidos, em primeira pessoa, em sala de aula, de acordo com o gênero escolhido.

As aulas para a produção de texto devem envolver uma preparação a fim de organizar os conhecimentos já adquiridos pelos estudantes, visto que é o momento de produzir individualmente um reconto das obras lidas em um gênero diferente. É necessário retomar as características dos gêneros, a emotividade, o trabalho com a linguagem e as situações de produção, ou seja, para quem escrevemos, quem será o leitor, e qual o objetivo da escrita.

Para que o trabalho tenha um bom resultado, é preciso que haja uma negociação com os estudantes para evitar dispersão e o professor pode contribuir fazendo algumas perguntas sobre o texto trabalhado e orientar a turma a expandir as ideias propostas no texto e até mesmo, alterar o desfecho. Os discentes devem perceber se o texto envolve o leitor, se ele prende a atenção e desperta o interesse e, ao mesmo tempo, precisam se sentir estimulados para a produção textual.

O texto final é a reescrita em primeira pessoa que tem como objetivo familiarizar os estudantes com os gêneros memórias, conto e poesia, além de proporcionar uma reflexão mais humanizada sobre as condições vividas pelos personagens, estimulando a empatia. Essa atividade de reescrita deve ser planejada como um momento de sistematização dos conhecimentos adquiridos, permitindo aos alunos reconhecer e organizar os textos discutidos em sala de aula. Essa abordagem visa promover uma apropriação mais crítica do conhecimento por parte dos estudantes.

A seguir, as orientações para a produção textual e alguns textos produzidos pelos estudantes:

### Orientações Para a Produção

- Observe a situação de comunicação (quem fala, de que lugar, com que objetivo, quem irá ler);
- Decida a melhor forma de iniciar o texto;
- Releia com atenção cada parágrafo ou estrofe produzida para verificar o encadeamento das ideias. Faça alterações, caso seja necessário;
- Observe se seu texto tem unidade, coesão e coerência;
- Fique atento aos aspectos próprios dos gêneros;
- Verifique o uso correto da pontuação;
- Escolha um título interessante;
- Consulte o texto original, sempre que necessário.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA  
MESTRADO - PPGEED  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



#### ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA

#### 1ª PRODUÇÃO TEXTUAL

Eu sou a Miquita.

Sempre fui muito pobre, mas minha mãe cuidou bem de mim e eu me casei com um homem que me abandonou um tempo depois. Minha condição era muito ruim, pois não sou uma mulher bonita e nem tenho atrativos, mas com as dificuldades que encontrei lavando roupas, decidi ser uma mulher da noite em um beco escuro e feio. Fui muito maltratada pelos homens que cruzaram meu caminho. Não é uma vida fácil ser uma mulher assim.

O que eu ganhava era tão pouco que tive que abandonar tudo e viver de carregar pote de água na cabeça, ali da Carioca para entregar a alguns moradores. Outro emprego ruim que mal dava para achar um lugar para dormir e pagar janta e almoço e também um cigarrinho e uma pinguinha, uma das minhas paixões.

Mas sabe? Eu sentia uma saudade do beco, dos homens, da vida de mulher-dama e por isso, resolvi ir em uma gafeira. Me ajeitei toda e fui para lá. Ah, um homem se encostou em mim e logo avisei quem eu era, mas como todos que passaram no meu caminho, me deu uns tapas, mas eu não sou mulher de apanhar assim não. Bati também, mas apanhei muito e fiquei machucada.

O que me restou? Voltar para a vida de carregar água.

V. D



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA  
MESTRADO - PPGEEB  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



## ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA

### REESCRITA

#### **Eu sou a Miquita.**

Lembro-me da minha vida sem saudades do que passou. Sempre fui muito pobre, mas minha mãe cuidou bem de mim e eu me casei com um homem que um dia me abandonou. Minha condição era muito ruim e passei a lavar roupas no rio com minha mãe.

Eu nunca fui uma mulher bonita e nem tive atrativos, mas com as dificuldades que encontrei lavando roupas, decidi ser uma mulher da noite em um beco escuro e feio. Fui muito maltratada pelos homens que cruzaram meu caminho! Não é uma vida fácil ser uma mulher assim. As pessoas nos desprezam por causa do nosso jeito de ganhar dinheiro para sobreviver e não sabem o porquê nem as coisas pelas quais passamos.

Naquele tempo, o que eu ganhava era muito pouco e, por isso, que tive que abandonar tudo e viver de carregar pote de água na cabeça, ali da Carioca para entregar a alguns moradores. Outro emprego ruim que mal dava para manter um lugar para dormir e pagar janta e almoço e também um cigarrinho e uma pinguinha, uma das minhas poucas alegrias.

Mas sabe? Eu sentia era uma saudade do beco, dos homens, da vida de mulher-dama e por isso, resolvi ir em uma gafeira quando uma vez fui presenteada com umas roupas e maquiagem, tudo velho, porém novo para mim. Fiquei linda e fui para lá. Aconteceu de um homem se esbarrar em mim e logo avisei que era mulher-dama, mas como todos que passaram no meu caminho, me deu uns tapas. Nunca fui mulher de apanhar assim não e bati também, apanhei muito e fiquei machucada. A dor que senti, além da física, era na alma e isso dói até hoje, mesmo passados muitos anos. A vida foi dura comigo, mesmo eu tentando me adequar a ela. Aos olhos dos outros, ainda sou aquela mulher que não presta, mulher de vida fácil. Acontece que nunca foi e não é fácil. E o que me restou? Voltar para a vida de carregar água.

V.D



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA  
MESTRADO - PPGEED  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA

### 1ª PRODUÇÃO TEXTUAL

#### **Prazer sou o milho!**

Não sou planta bem valorizada.  
Muito menos bonita e cheirosa.  
Sou só uma planta simples.  
Geralmente, eu mesma me planto  
Jogada por acaso.  
Hoje sou planta de fazendeiro rico  
E de quintais e lavouras pobres.  
Primária de lavoura.  
Com muito empenho me entrego,  
Ainda assim, não me vejo  
Igual aquele que faz o pão.  
Mas agradeço ao meu Senhor,  
Por me tornar tão vital e humilde. ( M. S. O.F)



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA  
MESTRADO - PPGEED  
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA DEUSHAYDES RODRIGUES DE OLIVEIRA  
REESCRITA

#### **Prazer, sou o milho!**

Não sou planta bem valorizada.  
Não sou planta de enfeitar.  
Muito menos bonita e cheirosa.  
Sou só uma planta simples.  
Geralmente, eu mesma me planto  
Jogada por acaso.  
Hoje sou planta de fazendeiro rico  
E de quintais e lavouras pobres.  
Sou planta humilde.  
Primária de lavoura.  
Com muito empenho me entrego,  
Ainda assim, não me vejo  
Igual aquele que faz o pão.  
Mas agradeço ao meu Senhor,  
Por me tornar tão vital e humilde,  
E por me presentear com tanto amor!  
Prazer,  
Sou o milho! ( M. S. O.F)

## Considerações Finais

A leitura em sala de aula é basilar para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e social dos estudantes. Para Andruetto,

[q]uando lemos, ensinamos, escrevemos e ajudamos outros a ler, ensinar, escrever, as palavras nos vinculam ao mesmo tempo ao individual e ao social, pois, além daquela prática solitária e extraordinária a que amiúde nos referimos, a leitura é um instrumento de intervenção sobre o mundo que nos permite pensar, tomar distância, refletir; a leitura também é uma possibilidade esplêndida para dar lugar a perguntas, à discussão, ao intercâmbio de percepções e à construção de um juízo próprio (Andruetto, 2017, p. 104).

O ato de ler vai além da simples decodificação das palavras em um texto, por meio de práticas de leitura, o sujeito é construtor de seu pensamento e de seu conhecimento.

Formar leitores competentes e com um olhar crítico é um dever da escola, especialmente a pública, para contribuir de modo efetivo com a formação integral do ser humano, mostrando possíveis direções de um mundo melhor.

A expectativa é de que as vivências, aqui apresentadas, tenham um papel significativo e despertem o desejo de ler e que o leitor possa escolher suas próprias leituras e se sinta mais motivado e engajado nessa prática. O processo não é fácil e pede que o professor seja um agente ativo que abrace a leitura como uma atividade prazerosa e transformadora. Entretanto, esse compromisso não cabe somente ao professor, mas a outros agentes como a família, a comunidade escolar e a mídia que devem atuar em conjunto para estimular o interesse pelo livro literário.

Para Cora Coralina (1987, p. 62) “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher”. Assim, o ponto de partida para essa caminhada pode ser apenas uma palavra, mas é nessa jornada com os livros que nos enriquecemos.

## Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. A formação do leitor. *In*: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 104-116, v. 11.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Jornal do Brasil**, 1980. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-04/marcada-por-memorias-poesia-de-cora-coralina-destaca-vida-simples-e-dura>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Jornal do Brasil**, 1980.
- ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução**. Tradução: Newton Cunha. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
- AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a Literatura1**. Disponível em: <https://ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores1.pdf>. Acesso em: 25 fevereiro 2024.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 11ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental**: Os livros e a Escola do Tempo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOSI, Alfredo. **O conto contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cultrix, 1978.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9 ed., tradução de Mariza Corrêa. Campinas/SP: Papyrus, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Médio. Ministério da Educação. 2018.
- BRITTO, Clóvis Carvalho; SANTOS, Robson dos. Representações sociais do rural na poética de Cora Coralina. **Hispanista**, v. X, n. 38, 2009. Disponível em: <http://www.hispanista.com.br/artigos%20autores%20e%20pdfs/286.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.
- BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.
- CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. 3.ed. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; 2006.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a Formação do Homem. *In*. CANDIDO, Antônio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p.77.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: **Vários Escritos**. 4 ed. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, Campinas, SP 2012, p. 81- 90. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/86359> 92. Acesso em: 14 março 2024.

CARR, Nicholas **G**. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Agir: 2011.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COLOMER, **T**. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. 4ª reimpressão. São Paulo: Global, 2014.

CORALINA, Cora. **Estórias da Casa Velha da Ponte**. 12ª. ed. São Paulo: Global, 2008.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. -23ª Ed. – São Paulo: Global, 2006.

CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9.ed. São Paulo: Global, 2001. p. 62.

CORALINA, Cora. **O tesouro da velha casa**. 5ª Ed. São Paulo: Gaia: 2002.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 9. ed. São Paulo: Global, 2007.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: meias confissões de Aninha. 4. ed. Goiânia: UFG, 1987.

CORALINA, Cora. **Cora Coralina, aos 92 anos**: eu sou a própria terra. Correio Brasiliense, Brasília, 20 dez. 1987.

CORTÁZAR, Júlio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

COSSON, Rildo. **Letramento literário – teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. 23ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 8.ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1998.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1991.